



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

LAVÍNIA RODRIGUES DE JESUS

O USO DO VERBO *TOMAR* NO PORTUGUÊS ESCRITO
DOS SÉCULOS XIV, XVII E XX.

FORTALEZA

2014

LAVÍNIA RODRIGUES DE JESUS

**O USO DO VERBO *TOMAR* NO PORTUGUÊS ESCRITO
DOS SÉCULOS XIV, XVII E XX.**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, da Universidade Federal do Ceará, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor em Linguística. Área de concentração: Descrição e Análise Linguística. Orientadora: Profa. Dra. Márcia Teixeira Nogueira.

FORTALEZA

2014

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca de Ciências Humanas

-
- J56u Jesus, Lavinia Rodrigues de.
O uso do verbo tomar no português escrito dos séculos XIV, XVII e XX / Lavinia Rodrigues de Jesus. – 2014.
239 f. : il. color., enc. ; 30 cm.
- Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Departamento de Letras Vernáculas, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza, 2014.
Área de Concentração: Descrição e análise linguística.
Orientação: Profa. Dra. Márcia Teixeira Nogueira.
- 1.Verbo tomar. 2.Funcionalismo(Linguística). 3.Língua portuguesa – Gramaticalização. 4.Língua portuguesa – Português escrito – Brasil. 5.Língua portuguesa – Português escrito – Portugal. 6.Língua portuguesa – Brasil – Verbos – Séc. XVII. 7.Língua portuguesa – Brasil – Verbos – Séc. XX. 8.Língua portuguesa – Portugal – Verbos – XIV. 9.Língua portuguesa – Portugal – Verbos – XVII. 10.Língua portuguesa – Portugal – Verbos – XX. I.Título.

LAVÍNIA RODRIGUES DE JESUS

O uso do verbo *tomar* no português escrito dos séculos XIV, XVII e XX.

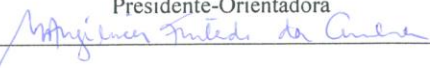
Tese apresentada ao Doutorado em Linguística do Programa de Pós-Graduação em Linguística do Departamento de Letras Vernáculas da Universidade Federal do Ceará, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Doutor em Linguística. Área de concentração: Descrição e Análise Linguística.

Aprovada em 26 de setembro de 2014.

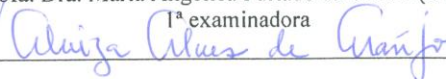
BANCA EXAMINADORA



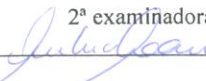
Profa. Dra. Márcia Teixeira Nogueira (UFC)
Presidente-Orientadora



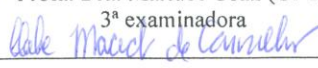
Profa. Dra. Maria Angélica Furtado da Cunha (UFRN)
1ª examinadora



Profa. Dra. Aluiza Alves de Araújo (UECE)

2ª examinadora


Profa. Dra. Márluce Coan (UFC)

3ª examinadora


Profa. Dra. Hebe Macedo de Carvalho (UFC)
4ª examinadora

A Deus.

Aos meus filhos, Eduardo e Ester.

AGRADECIMENTOS

A Deus.

À minha orientadora, Profa. Dra. Márcia Teixeira Nogueira, por todo o período de orientação e investimento no meu trabalho.

Aos professores do PPGL (Márcia Teixeira Nogueira, Márluce Coan, Ricardo Lopes Leite, Ana Célia Clementino, Aurea Suely Zavam, Mônica Magalhães Cavalcante, Eulália Vera Lúcia Fraga Leurquin, Livia Maria Tiba Rádis Baptista, Maria Margarete Fernandes Sousa, Júlio César Rosa de Araújo, Maria Elias Soares) com quem cursei disciplinas.

À Profa. Dra. Amália Mendes, pelos ensinamentos no estágio de doutorado na Universidade de Lisboa.

À Profa. Dra. Hebe Macêdo de Carvalho e à Profa. Dra. Márluce Coan pelas contribuições na minha Qualificação.

À Profa. Dra. Márluce Coan pelas contribuições na tese em andamento na disciplina Seminários de Pesquisa II.

Ao secretário Eduardo Xavier e às assistentes de administração Vanessa e Antônia, pela atenção.

Ao meu pai e à minha mãe, pelo amor.

Ao meu esposo, Ailton Xavier de Sá, pelo apoio.

Meus filhos, Eduardo e Ester pela paciência.

À minha querida amiga Elisângela Soares Borges, pela presença constante em minha vida, pela compreensão nos momentos em que estive ausente e pelo carinho de uma amizade que dura 25 anos.

A todos os amigos, pelo companheirismo e torcida.

À FUNCAP, pelo apoio financeiro durante os quatro anos do curso de doutorado.

À CAPES, pelo apoio financeiro durante os quatro meses de estágio de doutorado.

“O conhecimento nos faz responsáveis”.

(Che Guevara)

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo principal descrever e analisar o uso do verbo *tomar*, esclarecendo sobre sua natureza, funções e restrições. Para a descrição e análise dos dados, adotamos a perspectiva funcionalista da linguagem, cujo pressuposto principal é a concepção da língua como um instrumento de comunicação, adaptativo às necessidades comunicativas do falante. O *corpus* de estudo foi composto pelas seguintes instâncias discursivas: acadêmico, jornalístico e literário, nos séculos XIV, XVII e XX do português europeu, e nos séculos XVII e XX, do português brasileiro, retirados do *Corpus do Português*, de Davies e Ferreira (2006). Acreditamos que *tomar* é usado em configurações distintas da que ele tem originalmente como verbo pleno, ou seja, quando ele é núcleo da predicação e designa uma ação concreta de *pegar*, ao apresentar extensões de sentido, ao atuar como verbo-suporte e em expressões cristalizadas. Com base nos pressupostos do Funcionalismo linguístico, em especial as teorias sobre Gramaticalização, explicamos o processo de mudança pelo qual esse verbo passa, descrevendo e analisando seus usos. Os resultados da análise de 1.228 dados mostraram que: (1) o verbo *tomar* é produtivo nos séculos XIV, XVII e XX; (2) nos contextos em que atua como verbo pleno, o verbo *tomar* significa *pegar*; nos contextos em que atua como verbo estendido, *tomar* apresenta extensões de sentido; nos contextos em que atua em expressões cristalizadas, é suporte de categorias gramaticais do verbo, mas é semanticamente opaco; nos contextos em que atua como verbo-suporte, o verbo *tomar* não constitui sozinho o núcleo do predicado, já que se acompanha de um sintagma nominal com o qual constitui um núcleo predicativo e de que depende o sentido da construção; (3) o estudo revela que, no século XIV, o verbo pleno é mais frequente e que, nos séculos XVII e XX, começa a haver o aumento no uso de construções com verbo-suporte e declínio do uso do verbo pleno, o que indica uma possível gramaticalização: a substituição do verbo pleno (ex.: *banhar-se*) pelo uso de construções com verbo-suporte correspondentes (*tomar banho*); e (4) várias razões motivaram tal substituição, como uma maior versatilidade sintática, redução da valência do verbo, maior adequação comunicativa, maior precisão semântica e efeito na configuração textual.

PALAVRAS-CHAVE: Funcionalismo - Gramaticalização – Verbo-suporte – Verbo *Tomar*

ABSTRACT

This paper aims to describe and analyze the use of the verb *tomar*, explaining on their nature, functions and constraints. For a description and analysis of the data, we adopt the functionalist perspective of language, the main assumption is the language of design as a tool for communication, adaptive to the speaker's communicative needs. The corpus was composed of the following discursive levels: academic, journalistic and literary, in the centuries XIV, XVII and XX of the European Portuguese, and in the seventeenth and twentieth centuries, Brazilian Portuguese, taken from the Portuguese Corpus, Davies and Ferreira (2006). We believe that taking is used in different settings he has originally as a full verb, that is, when it is core of predication and designates concrete action to take when presenting extensions of meaning, to act as verb-support and candied expressions. Based on the assumptions of linguistic functionalism, especially theories of Grammaticalization, explained the change process by which this verb passes, describing and analyzing their uses. The results of the 1228 data analysis showed that: (1) the verb take is productive in the centuries XIV, XVII and XX; (2) in the contexts in which it operates as a full verb, the verb take means taking; in the contexts in which it operates as extended verb, take presents extensions of meaning; in the contexts in which it operates in crystallized expressions, is support of grammatical categories of the verb, but is semantically opaque; in the contexts in which it operates as a verb-support, the verb is not alone take the core of the predicate, as is followed by a noun phrase with which is a predicative core and to which the sense of building; (3) the study reveals that in the fourteenth century, the full verb is more frequent and that, in the XVII and XX, begins to be the increased use of constructions with verb-support and decline of the full verb use, which indicates a possible grammaticalization: the replacement of the full verb (ex .: bathing) for the use of buildings with corresponding verb-support; and (4) various reasons motivated this replacement, such as greater syntactic versatility, reduced valence of the verb, more communication adequacy, greater semantic precision and effect in the textual configuration.

KEYWORDS: Functionalism - Grammaticalization - Word-support – Verb Tomar.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Escalas das teorias segundo Butler (2008)	31
Figura 2 - Fases da gramaticalização.....	45

LISTRA DE QUADROS

Quadro 1 - Tópicos contrastivos entre os paradigmas formal e funcional segundo Dik (1987)	29
Quadro 2 - Tópicos contrastivos entre as gramáticas formal e funcional segundo Halliday (1985)	31
Quadro 3 – Parâmetros de gramaticalização de Lehmann: eixo paradigmático	46
Quadro 4 – Parâmetros de gramaticalização de Lehmann: eixo sintagmático	46
Quadro 5 - Definição de verbo-suporte	65
Quadro 6 - Delimitação das unidades lexicais segundo Neves (2002)	79
Quadro 7 - Distribuição dos dados obtidos no <i>corpus</i> do português.....	102
Quadro 8 - Constituição e delimitação do <i>corpus</i>	104
Quadro 9 - Descrição das características do Nível de integração 1[-integradas]	109
Quadro 10 - Descrição das características do Nível de integração 2 [- integradas]	109
Quadro 11 - Descrição das características do Nível de integração 3 [- integradas]	110
Quadro 12 – Descrição das características do Nível de integração 4 [- integradas]	110
Quadro 13 – Descrição das características do Nível de integração 5 [+ integradas]	110
Quadro 14 - Algumas acepções e construções com o verbo <i>tomar</i> encontradas ao longo do verbete de Caldas Aulete (1925).	126
Quadro 15 - Sequências e exemplos com o verbo <i>tomar</i> encontrados ao longo do verbete de BUSSE (1994).	127
Quadro 16 - Algumas acepções e construções do verbo <i>tomar</i> encontradas ao longo do verbete de Houaiss et al (2001).	129
Quadro 17 - Algumas acepções e construções do verbo <i>tomar</i> encontradas ao longo do verbete de Borba (1990)	130
Quadro 18 - Algumas acepções e construções do verbo <i>tomar</i> encontradas ao longo do verbete de Michaelis (1998).	133
Quadro 19 – Acepções do verbo pleno <i>tomar</i> na amostra do português arcaico	148
Quadro 20 - Acepções do verbo estendido na amostra do português arcaico	150
Quadro 21 - Expressões cristalizadas com verbo <i>tomar</i> na amostra do português arcaico....	152
Quadro 22 - Construções com verbo-suporte <i>tomar</i> na amostra do português arcaico.....	154
Quadro 23 – Confronto dos usos do verbo <i>tomar</i> no <i>corpus</i> do português arcaico com as acepções do VHCP (1997) e do DVPM (1999)	162

Quadro 24 – Acepções do verbo pleno <i>tomar</i> na amostra do português moderno.....	169
Quadro 25 - Acepções do verbo estendido na amostra do português moderno	170
Quadro 26 - Expressões cristalizadas com verbo <i>tomar</i> na amostra do português moderno ...	173
Quadro 27 - Construções com verbo-suporte <i>tomar</i> na amostra do português moderno	175
Quadro 28 - Acepções com verbo pleno <i>tomar</i> na amostra do português contemporâneo	179
Quadro 29 – Acepções com verbo estendido na amostra do português contemporâneo	181
Quadro 30 – Expressões cristalizadas com verbo <i>tomar</i> na amostra do português contemporâneo.....	185
Quadro 31 - Construções com verbo-suporte <i>tomar</i> na amostra do português contemporâneo	189
Quadro 32 – Confronto dos usos do verbo <i>tomar</i> na amostra do português contemporâneo com as acepções de Michaelis (1998) e Borba (1990)	199
Quadro 33 - Graus de integração que envolvem as construções com verbo-suporte <i>tomar</i> ..	220
Quadro 34 - Descrição das características do Nível de integração 1[-integradas]	220
Quadro 35 - Descrição das características do Nível de integração 2 [- integradas]	221
Quadro 36 - Descrição das características do Nível de integração 3 [- integradas]	222
Quadro 37 – Descrição das características do Nível de integração 4 [- integradas]	223
Quadro 38 – Descrição das características do Nível de integração 5 [+ integradas]	224

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Análise comparativa da frequência de <i>tomar</i> por período	201
---	-----

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Distribuição da quantidade de palavras no <i>Corpus</i> do Português nos séculos XIV, XVII e XX	100
Tabela 2 - Frequência do verbo <i>tomar</i> na amostra do português arcaico.....	146
Tabela 3 - Acepções de verbo estendido mais frequentes no português arcaico.....	150
Tabela 4 - Expressões cristalizadas mais frequentes no português arcaico.....	152
Tabela 5 – Construções com verbo-suporte <i>tomar</i> mais frequentes no português arcaico	155
Tabela 6 - Frequência do verbo <i>tomar</i> no português moderno	167
Tabela 7 – Acepções do verbo estendido mais frequentes no português moderno	171
Tabela 8 – Acepções das expressões cristalizadas mais fequentes no português moderno ...	174
Tabela 9 – Construções com verbo-suporte <i>tomar</i> mais frequentes na amostra no português moderno.....	176
Tabela 10 - Frequência do verbo <i>tomar</i> na amostra do português contemporâneo.....	178
Tabela 11 – Acepções do verbo estendido mais frequentes no português contemporâneo....	182
Tabela 12 – Frequência de expressão cristalizada com verbo <i>tomar</i> mais frequentes no português contemporâneo.....	186
Tabela 13 – Construções com verbo-suporte <i>tomar</i> mais frequentes no português contemporâneo.....	190
Tabela 14 – Construções com verbo <i>tomar</i> por variedades nacionais	191
Tabela 15 – Estruturas que se formam com o verbo-suporte <i>tomar</i> nos períodos selecionados	194
Tabela 16 - Mobilidade do elemento não-verbal.....	208
Tabela 17 – Presença de elemento entre verbo-suporte e N.....	210
Tabela 18 - Substituição do verbo por outro com sentido próximo	213
Tabela 19 - Substituição do elemento não-verbal por outro semelhante.....	215
Tabela 20 - Possibilidade de substituição da construção com verbo-suporte por uma forma simples cognata do nome.....	218

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	16
1.1 Apresentação do tema.....	16
1.2 Sobre os dados.....	19
1.3 Objetivos, problemas e hipóteses.....	21
1.4 Organização da tese.....	25
2 CONSIDERAÇÕES SOBRE O FUNCIONALISMO NA TEORIA LINGUÍSTICA.....	26
2.1 Gramaticalização na teoria funcionalista.....	35
2.1.1 Conceito de gramaticalização.....	35
2.1.2 Breve histórico dos estudos sobre gramaticalização.....	40
2.1.3 Estágios/fases e princípios/parâmetros de gramaticalização.....	43
2.1.3.1 Estágios da Gramaticalização.....	44
2.1.3.2 Parâmetros de Lehmann.....	46
2.1.3.3 Princípios de Hopper.....	49
2.1.3.4 Princípios de Castilho.....	51
2.1.3.5 O papel da frequência: a proposta de Bybee.....	53
2.2 Gramaticalização e mudança linguística.....	54
2.3 Síntese conclusiva.....	59
3 AS CONSTRUÇÕES COM VERBO-SUPORTE EM LÍNGUA PORTUGUESA.....	61
3.1 Verbo-suporte: aspectos conceituais e funcionais.....	61
3.1.1 O verbo-suporte em gramáticas históricas, tradicionais e descritivas da língua portuguesa.....	68
3.1.2 Características das construções com verbos-suporte.....	78
3.2 A pesquisa sobre verbo-suporte na Língua Portuguesa.....	90
3.3 Síntese conclusiva.....	97
4 METODOLOGIA.....	99
4.1 O <i>corpus</i>	99
4.2 Procedimentos metodológicos.....	104
4.3 Definição dos critérios de análise.....	106
4.3.1 Tipos de usos de <i>tomar</i>	107
4.3.2 Aspectos sintáticos e semânticos.....	108
4.3.3 Graus de integração entre o verbo e o elemento nominal.....	109

4.4 Síntese conclusiva	111
5 USOS DO VERBO <i>TOMAR</i>	112
5.1 Verbo pleno	112
5.2 Verbo estendido	114
5.3 Expressões cristalizadas	115
5.4 Verbo-suporte	118
5.5 Tratamento/significado do verbo <i>tomar</i> em dicionários do português arcaico ao contemporâneo.....	120
5.6 Testes com as construções com o verbo <i>tomar</i>	133
5.7 Síntese conclusiva	144
6. ANÁLISE DOS DADOS	145
6.1 Análise do uso do verbo <i>tomar</i> no século XIV	145
6.2 Análise dos usos do verbo <i>tomar</i> no Século XVII	167
6.3 Análise dos usos do verbo <i>tomar</i> no Século XX.....	177
6.4 Distribuição dos dados por variedade nacional	190
6. 5 Tipos de estrutura com verbo-suporte	194
6.6 Análise comparativa das frequências totais.....	200
6.7 Analisando os usos de <i>tomar</i> com base nos princípios de Hopper (1991).....	202
6.8 Aspectos que podem interferir nos níveis de integração entre verbo-suporte e sintagma nominal	207
6.9 Graus de integração	219
6.10 Síntese conclusiva	226
7. CONCLUSÃO.....	228
REFERÊNCIAS	231

1 INTRODUÇÃO

1.1 Apresentação do tema

O presente trabalho investiga as construções com o verbo *tomar* em português brasileiro e europeu à luz dos pressupostos teóricos do Funcionalismo e das teorias sobre o fenômeno da gramaticalização (HOPPER, 1991; HEINE et al, 1991; HOPPER e TRAUGOTT, 1993; BYBEE, 2003), a partir da análise do uso desse verbo em um *corpus* de língua escrita extraído do *Corpus do Português*¹, de Davies e Ferreira (2006).

O paradigma funcionalista concebe a língua como instrumento de interação social entre os seres humanos, usado com o propósito de estabelecer interações comunicativas. Esse paradigma tem como foco principal a língua em uso por seus usuários. Não só o caráter funcional da língua é importante, mas também a sua dinamicidade. Sabemos que a língua é um instrumento de uso que se adapta às necessidades de seus usuários pela maleabilidade e mutabilidade que a caracteriza e, por isso, é sensível às pressões de uso. Assim, a língua é considerada dinâmica e sujeita a variações e mudanças.

A gramaticalização está inserida na proposta funcionalista e é um dos meios para se explicar o fenômeno da mudança linguística. Entendemos que gramaticalização é um processo de mudança linguística que afeta o conteúdo semântico de uma palavra ou expressão no sentido de seu significado lexical dar lugar a um significado gramatical. O significado gramatical é adquirido com o processo de gramaticalização, que deixa de ser uma situação inovadora para se transformar em uma estratégia comum.

Estudos sincrônicos, diacrônicos e pancrônicos discutem o processo de gramaticalização de verbos no português do Brasil (cf. MACHADO VIEIRA, 2001; SCHER, 2004; FORTUNATO, 2009, entre outros). O estudo da gramaticalização de verbos também é tema de pesquisa no GEF (Grupo de Estudos em Funcionalismo) da UFC (Universidade Federal do Ceará). Ferreira (2007) investigou a gramaticalização do verbo *chegar* em um *corpus* pancrônico (século XIII-XX), para identificar os diferentes usos desse verbo e sua ampliação funcional, em especial, como se manifesta o processo de auxiliarização na mudança de seu estatuto categorial. Araújo (2010) analisou o uso das construções com o verbo *botar* + SN/SP em língua portuguesa nos séculos XIX e XX e definiu as propriedades morfossintáticas e semânticas que esse verbo assume ao se vincular à categoria de verbo-

¹ *Corpus* disponível em <http://www.corpusdoportuguês.org>

suporte. Nesse cenário, nossa pesquisa descreve o comportamento semântico-sintático dos usos do verbo *tomar*, apresentando as categorias funcionais em que ele pode ser inserido. Esse trabalho também se abriga no projeto integrado do GEF: “Gramática, Discurso e Cognição: projeto integrado de descrição e análise linguística”, coordenado pela Profa. Dra. Márcia Teixeira Nogueira.

As construções com verbo-suporte têm sido mencionadas em apenas algumas gramáticas (NEVES, 2000; MATEUS et al, 2003; CASTILHO, 2010) e dicionários (BORBA, 1990; HOUAISS; 2001). As obras parecem não levar em conta as diferenças do comportamento sintático-semântico desse tipo de verbo em exemplos como: “fazer afirmações” (afirmar), “dar pulos” (pular) e “tomar nota” (anotar), apresentando-o somente como um elemento da categoria mais geral de verbo. No entanto, observamos que as construções com verbo-suporte vêm-se tornando muito produtivas no português do Brasil. Os falantes têm necessidades de uso da língua, que não são supridas pelas formas linguísticas existentes. Nem sempre os verbos plenos servem a todos os objetivos comunicativos dos falantes, sendo necessária a criação de novos mecanismos de expressão. É nesse contexto que se encontram as construções com verbo-suporte.

Os estudos funcionalistas têm demonstrado o uso cada vez mais acentuado das construções com verbo-suporte no lugar de construções com verbo pleno, já que aquelas permitem uma maior versatilidade sintática e semântica através da quantificação e da qualificação, contribuindo também para uma maior adequação comunicativa, sobretudo na linguagem cotidiana (cf. NEVES, 1999). Isso justifica o uso dessas construções, já que o falante parece evitar sentenças sintéticas como “Toda vez que eu penso na prova, *me amedronto*” preferindo as sentenças expandidas como “Toda vez que eu penso na prova, *me dá medo.*”²

A discussão que, em particular, nos interessa diz respeito à hipótese apresentada por Castilho (1997, p. 35). Para o autor, que adota a perspectiva funcionalista, o verbo pode sofrer algumas alterações, como mostra a escala:

Verbo pleno > verbo funcional > verbo auxiliar > clítico > afixo

Um verbo pode mudar de categoria sintática de verbo pleno para categoria de verbo funcional, um verbo funcional pode transformar-se em verbo auxiliar, e este em afixo.

² O exemplo foi extraído de uma conversa entre alunos.

A motivação para esses processos está nas necessidades comunicativas do usuário da língua. Para dar conta de necessidades comunicativas, o usuário da língua tem a sua disposição formas alternativas e satisfatórias, assim como a possibilidade de maleabilidade e mutabilidade da língua.

Para Castilho (1997), o fenômeno mais interessante do ponto de vista da gramaticalização é a transformação de um verbo pleno em um verbo funcional. Castilho (1997) cita, a título de exemplo do que seria gramaticalização, o caso do verbo *ir*, que perde o sentido original de movimento de afastamento referido ao falante e opõe-se ao verbo *vir*, que tem significado de movimento em direção ao falante. Assim, construções como *vou ir* e *vai ir*, que seriam contraditórias caso o sentido original desses verbos fosse mantido, passam a ser possíveis. Castilho (1997), que comunga do ponto de vista de Lehmann (1982) e Heine et al. (1991), para quem o processo de gramaticalização é unidirecional, considera que a atribuição de propriedades funcionais acentua o caráter dinâmico da gramaticalização.

Assim, adotamos a concepção de que gramaticalização é como bem pontua Castilho (1997, p.31),

“[...] o trajeto empreendido por um item lexical, ao longo do qual ele muda de categoria sintática (= recategorização), recebe propriedades funcionais na sentença, sofre alterações morfológicas, fonológicas e semânticas, deixa de ser uma forma livre, estágio em que pode até mesmo desaparecer, como consequência de uma cristalização extrema.” (CASTILHO, 1997, p.31)

Para a construção dos objetivos propostos para o presente estudo, foi necessário fazer, inicialmente, uma pesquisa bibliográfica cuja intenção foi construir um referencial teórico acerca do fenômeno da gramaticalização, a qual sustenta a análise a ser empreendida posteriormente. Para isso, apoiamos-nos em textos clássicos, como o de Meillet (1912), e em estudos, como o de Hopper (1991), Lehmann (2002), Heine et al (1991), Hopper e Traugott (1993) e Castilho (1997); e autores que se dedicaram à investigação da língua portuguesa em uso, como Neves (1997, 2000, 2002, 2006) e Borba (1996, 2002). Também, para a realização dessa pesquisa, foi necessário o estudo de gramáticas históricas e contemporâneas, e dicionários etimológicos.

1.2 Sobre os dados

Pesquisas mostram que as construções com verbo-suporte têm sido muito frequentes no Português do Brasil e de Portugal, seja na modalidade escrita ou falada (SCHER, 2004; CHACOTO, 2005; ESTEVES, 2008, entre outros).

Uma observação assistemática do uso de *tomar* em diversos contextos interacionais indica a multifuncionalidade desse verbo no Português Brasileiro. Assumimos, com base em Araújo (2010), que os usos do verbo *tomar* podem se realizar, basicamente, de quatro maneiras, o que gera quatro tipos distintos, quais sejam: (1) os usos em que *tomar* corresponde a um verbo pleno³; (2) os usos em que *tomar* corresponde a um verbo estendido⁴; (3) os usos em que *tomar* é parte de uma expressão cristalizada; e (4) as construções em que *tomar* corresponde a um verbo-suporte. Todos esses usos apresentam a seguinte configuração sintática:

[Arg1 verbo *tomar* Arg2]

As ocorrências (1), (2), (3) e (4) são representativas das quatro categorias as quais nos propomos analisar:

(1) “Apuana **tomou a criança** pelos braços e fitou-lhe os olhos.” [*tomou a criança* = pegou a criança]⁵

(2) “Morar em quarto de hotel não é mole, além de ter que acordar relativamente cedo se quiser **tomar café**, vc pode ser acordada ainda mais cedo por hospedes barulhento do quarto ao lado!” [*tomar café* = Beber café]⁶

(3) “Petista convoca colegas a **tomar pé** da situação de Aristides Maltez.” [*tomar pé* = alguém tem conhecimento de algo]⁷

(4) “As crianças devem **tomar banho** antes de dormir.” [*tomar banho* = banhar-se]

³ O termo “pleno” se refere ao sentido tomado como original do verbo predicador, isto é, sozinho é núcleo da predicação.

⁴ O verbo estendido é núcleo da predicação, mas tem sentido estendido em relação ao sentido básico do verbo pleno.

⁵ Exemplo extraído do Conto Andirá. Disponível em <http://www.memoriasdoeu.blogspot.com>

⁶ Os exemplos (2) e (4) são do português contemporâneo, extraídos de conversas espontâneas.

⁷ Exemplo extraído de uma notícia. Disponível em <http://www.jusbrasil.com.br>

Em (1), *tomar* se apresenta como verbo pleno, que indica ação de *segurar*. Em (2), o verbo *tomar* constitui uma extensão de sentido, já que deixa de ter o significado pleno de *segurar* e passa a ter o sentido de *ingerir*; no exemplo (3), *tomar* se apresenta em um bloco cristalizado e com significado global unitário de *tomar conhecimento* e o exemplo (4) mostra uma construção com verbo-suporte *tomar*. Podemos argumentar que se trata de um caso, bastante interessante, de polissemia (lexical) pela extensão de sentido de “tomar”, já que, na frase (2), *tomar* pode ser substituído por *beber*, e, no exemplo (4), temos a forma alternativa que corresponde ao verbo pleno *banhar-se*.

Quando o significado de um item linguístico torna-se flexível, esse elemento deixa de exercer apenas uma função e passa a exercer outras, como mostram os exemplos acima. O que se observa nas construções com o verbo *tomar* é que, em alguns contextos morfossintáticos, ele não funciona mais como verbo predicador, mas assume uma diversidade de funções, como, por exemplo, a de verbo-suporte. Nessas outras funções, ele se distancia de suas propriedades de verbo núcleo da predicação – mais lexical – e assume propriedades mais gramaticais. Isso mostra que o estudo do verbo *tomar* vai além do movimento semântico e sintático, visto que envolve mudanças categoriais.

Esses fatos observáveis nos conduziram à revisão da literatura dedicada ao fenômeno da gramaticalização, sobre o qual alguns questionamentos têm sido feitos com a aplicação de uma série de testes sintáticos e semânticos (NEVES, 2002). A partir de inúmeras observações teóricas e práticas, fomos levados a inferir, como fundamental para nossa análise, a hipótese de que o verbo *tomar* está se gramaticalizando com a função de verbo-suporte. Relacionada a essa questão, podemos formular uma segunda questão, agora se referindo à história do verbo *tomar* no Português Brasileiro (PB) e Português Europeu (PE): a partir de quando tem início a gramaticalização desse verbo?

Fundamentados na perspectiva teórica de natureza funcionalista, que prioriza o estudo da língua em situação comunicativa e descreve os fenômenos linguísticos conjugando componentes sintáticos, semânticos e pragmáticos, procuramos possíveis respostas para essas questões. Neves (2002) comenta que o uso das construções com verbo-suporte está relacionado às necessidades funcionais e a sua escolha evidencia a busca por sentidos particulares. Assim, a opção de um falante pelo uso de uma construção com verbo-suporte, em vez de uma construção com um verbo pleno, pode ocorrer pela necessidade ou ganhos funcionais.

Sabendo-se dos estudos sobre o verbo-suporte *tomar* realizados por Ortega (2010) em documentos dos séculos XIII ao XVI e por Pante (2012) em textos dos séculos XV e XVI,

a originalidade deste trabalho constitui-se na ampliação do universo pesquisado sobre o tema, através da análise dos usos desse verbo na língua escrita dos séculos XIV, XVII e XX e na comparação entre os usos das variedades nacionais. Para esse estudo, utilizamos o *Corpus* do Português. Foram selecionados textos ficcionais, jornalísticos e acadêmicos do PE, dos séculos XIV, XVII e XX; e do PB dos séculos XVII e XX. Assim, dedicamo-nos à análise dos usos do verbo *tomar* ao longo da história da Língua Portuguesa para verificar se desde o século XIV ocorre o processo de gramaticalização pelo qual o verbo *tomar* foi destituindo-se do significado pleno e assumindo outros significados para expressar funções gramaticais, constituindo as denominadas “construções com verbo-suporte”.

A análise dessas sincronias se torna importante porque pode esclarecer se ocorre mudança, como ela ocorre e qual o motivo. Optamos por um estudo pancrônico que abrange os três períodos da língua, séculos XIV, XVII e XX, visto que as mudanças linguísticas da língua portuguesa ocorridas nessas sincronias poderão nos mostrar alguns fatores relevantes sobre as construções com verbo-suporte para a história de nossa língua.

As razões que nos levaram à escolha das sincronias anteriores são: o período arcaico é o primeiro momento no qual a língua portuguesa é reconhecida; o período arcaico da língua portuguesa apresenta muitas características que a diferenciam do português moderno e contemporâneo; os textos do período arcaico apresentam uma rica fonte de exemplos de como a língua mudou desse período para o período contemporâneo (COUTINHO, 2005, p. 67). Outro aspecto que justifica a escolha das sincronias anteriores é o fato de grande parte das pesquisas até então desenvolvidas centrarem sua atenção na análise de construções com verbo-suporte no português contemporâneo.

1.3 Objetivos, problemas e hipóteses

O objetivo geral deste trabalho é traçar os usos do verbo *tomar*, de verbo pleno a verbo-suporte, esclarecendo sobre sua natureza, restrições e usos em textos da modalidade escrita do PB, dos séculos XVII e XX; e do PE dos séculos XIV, XVII e XX.

Tendo em vista o objetivo geral desta pesquisa, destacamos os seguintes objetivos específicos:

- 1) Pesquisar os significados do verbo *tomar* registrados em dicionários do português arcaico ao contemporâneo, editados no Brasil e em Portugal.

- 2) Pesquisar como as gramáticas históricas, tradicionais e descritivas, editadas no Brasil e em Portugal, descrevem as construções com verbo-suporte.
- 3) Identificar e analisar o emprego do verbo *tomar* nas diversas situações em que ele funciona nos *corpora* selecionados.
- 4) Confrontar os resultados da análise dos usos do verbo *tomar* encontrados nos *corpora* com o que determinam os dicionários e as gramáticas históricas, tradicionais e descritivas.
- 5) Identificar propriedades que indiciam que o percurso de mudança do verbo *tomar* constitui um *continuum* de gramaticalização.
- 6) Identificar a trajetória de mudança pela qual passa o verbo-suporte *tomar*.
- 7) Analisar a funcionalidade das construções com verbo-suporte *tomar*.
- 8) Analisar os aspectos sintáticos e semânticos das construções com verbo-suporte de um modo geral, e em particular, do verbo *tomar* (cf. capítulo 4).
- 9) Comparar as diferenças semânticas entre os usos das construções com verbo-suporte *tomar* no português do Brasil e de Portugal.
- 10) Comparar os usos das construções com verbo-suporte *tomar* nas fases arcaica, moderna e contemporânea da língua portuguesa.

Paralelamente aos objetivos específicos traçados, buscamos responder algumas questões norteadoras, são elas:

- 1) Quais os significados do verbo *tomar* registrados em dicionários do português arcaico ao contemporâneo, no Brasil e em Portugal?
- 2) Como as gramáticas históricas, tradicionais e descritivas, no Brasil e em Portugal, descrevem as construções com verbo-suporte?
- 3) Como se caracteriza o emprego do verbo *tomar* nas diversas situações em que ele funciona nos *corpora* selecionados?
- 4) Que usos do verbo *tomar* encontrados nos *corpora* não se encontram registrados nos dicionários e nas gramáticas históricas e tradicionais?
- 5) Que propriedades indiciam que o percurso de mudança do verbo *tomar* constitui uma trajetória (*continuum*) de gramaticalização?
- 6) Qual a trajetória de mudança pela qual passa o verbo-suporte *tomar*?
- 7) Que funcionalidades caracterizam as construções com verbo-suporte *tomar*?

- 8) Que aspectos sintáticos e semânticos caracterizam as construções-suporte de um modo geral e, em particular, do verbo *tomar*?
- 9) Quais as diferenças semânticas entre os usos das construções com verbo-suporte *tomar* no português do Brasil e de Portugal?
- 10) Quais os usos das construções com verbo-suporte *tomar* nas fases arcaica e contemporânea?

Tendo o Funcionalismo como apoio teórico, em especial os postulados sobre gramaticalização e mudança linguística, avançamos com o estudo dos usos do verbo *tomar*. Nesse contexto de análise, formulamos a hipótese de que o verbo *tomar*, ao sofrer o processo de gramaticalização, não denota mais o sentido pleno de *segurar*, mas parece adquirir outras características. Supomos que o verbo que integra esse tipo de construção pode ser identificado, a depender do contexto linguístico, em categorias de verbo pleno, verbo estendido, parte de expressão cristalizada e verbo-suporte e, em alguns casos, pode oscilar entre essas categorias. Salientamos que, ao gramaticalizar-se, um item não apresenta apenas perda de aspectos semânticos, mas também apresenta ganho de noções gramaticais, como tempo, aspecto e modo.

Levando-se em conta os objetivos traçados, coletamos e analisamos os dados de maneira a testar as seguintes hipóteses.

- 1) O verbo *tomar*, em dicionários do português contemporâneo do Brasil, apresenta os significados de *empunhar*, *agarrar*, *segurar*, *apoderar-se*, *apossar-se*, *assenhorar-se*, entre outros. Em dicionários do português arcaico, o verbo *tomar*, em seu uso como verbo pleno, tem acepções semelhantes a essas.
- 2) Enquanto as gramáticas históricas e tradicionais, editadas no Brasil e em Portugal, pouco descrevem as construções com verbo-suporte, as gramáticas descritivas apresentam informações relativas aos aspectos formais e funcionais desse fenômeno no português contemporâneo.
- 3) O emprego do verbo *tomar* nas diversas situações em que ele funciona nos *corpora* selecionados pode ser: como verbo pleno, verbo estendido, verbo-suporte e como parte de uma expressão cristalizada.
- 4) Os dicionários e as gramáticas históricas e tradicionais registram, mais frequentemente, os usos do verbo *tomar* como verbo pleno, mas pouco registram os usos como predicador estendido, expressão cristalizada e verbo-suporte.

- 5) O percurso de mudança do verbo *tomar* constitui uma trajetória (*continuum*) de gramaticalização, o que pode ser comprovado pelas seguintes propriedades empiricamente observáveis: a) aumento de frequência; b) impossibilidade de substituição do N; c) impossibilidade de anteposição do N; d) extensão semântica ou dessemantização do verbo, passando a ser o N o núcleo semântico da construção (V + SN); e) impossibilidade de inserção de elementos entre o verbo e o sintagma nominal.
- 6) A trajetória de mudança pela qual passa o verbo-suporte *tomar* se caracteriza pelo seguinte percurso: verbo pleno > verbo-suporte.
- 7) As construções com verbo-suporte *tomar* apresentam as seguintes funções que condicionam a escolha delas em oposição ao uso de um verbo pleno, como afirma Neves (2002): a) versatilidade sintática, b) adequação comunicativa, c) maior precisão semântica, d) efeitos na configuração textual (cf. Capítulo 3).
- 8) No aspecto sintático, o verbo-suporte perde sua natureza predicante e essa função passa a ser exercida pela construção verbo-suporte + elemento nominal. No aspecto semântico, o verbo-suporte sofre graus de esvaziamento.
- 9) Há diferenças semânticas na formação de construções com verbos-suporte e expressões cristalizadas entre falantes do português do Brasil e de Portugal. Silva (2009) mostra que, embora os processos de formação indicados pela gramática comum sejam os mesmos, as expressões apresentam, semanticamente, diferenças entre falantes de culturas distintas.⁸
- 10) Com relação aos períodos arcaico e contemporâneo da Língua Portuguesa, algumas diferenças podem ser observadas quanto à estrutura sintática das construções com verbo-suporte (inversão entre verbo-suporte e o sintagma nominal que o complementa) e a diferença no inventário dos verbos plenos e construções-suporte, visto que muitos sintagmas nominais não estão mais disponíveis na língua. (cf. PANTE E ORTEGA, 2009, p.145).

⁸ Para Vilela (1995, p.16), “há uma língua histórica no Brasil em comum com Portugal, mas o léxico se adapta ao linguajar de cada comunidade linguística, pois existem especializações, por exemplo, os verbos *mudar*, *trocar* e *cambiar*, apresentam uma delimitação de áreas: *mudar* situa-se mais no ‘mundo físico’ (mudar de roupa, mudar de campo, mudar de banco – onde depositamos o dinheiro), *trocar* é o termo mais genérico. No português do Brasil, tanto dizemos *mudar a roupa* como *trocar a roupa*, mas o verbo *cambiar*, usado em Portugal no sentido bancário/monetário, não é empregado no português do Brasil, visto que usamos *trocar de banco*, *mudar de banco*, *trocar dinheiro* e não usamos *cambiar dinheiro*, *cambiar de banco*. (cf. SILVA, 2009).

1.4 Organização da tese

Esta tese está dividida em: Capítulo 1 – Introdução; Capítulo 2 - Considerações sobre o Funcionalismo na Teoria Linguística; Capítulo 3 – As construções com verbo-suporte em Língua Portuguesa; Capítulo 4 – Metodologia; Capítulo 5 – Usos do verbo *tomar*; Capítulo 6 – Análise de dados; Capítulo 7 – Conclusão, e Referência bibliográfica.

O capítulo 2 expõe a fundamentação teórica a que se vincula a pesquisa, apresentando as razões da escolha do suporte teórico, tecendo considerações que norteiam o estudo das construções com o verbo *tomar*. Apresentaremos uma base teórica funcionalista, com destaque para o fenômeno da gramaticalização, explicitando sua articulação com a teoria da variação e mudança linguística. Primeiramente, discutiremos a fundamentação teórica referente ao Funcionalismo e sua relação com a Gramaticalização, que busca, no contexto discursivo, descrever os fatos linguísticos a partir de uma mudança gradual. Em seguida, ainda dentro da perspectiva da gramática funcional, explicaremos as concepções do fenômeno da gramaticalização, para, assim, explicar os estágios e princípios da Gramaticalização propostos por diversos autores que se debruçam sobre esse paradigma. O capítulo 3 apresenta uma revisão da literatura sobre o tema da pesquisa. Apresentamos um panorama da pesquisa na área, a partir da análise de teses, dissertações e artigos, apontando as principais tendências sobre o tema. No capítulo 4, descreveremos a metodologia utilizada para a coleta e análise de dados. O capítulo 5 apresenta as diferentes categorias às quais *tomar* pode vir a pertencer e testes com as construções com o verbo *tomar*. O capítulo 6 expõe a análise e discussão dos dados, tendo como respaldo os pressupostos teóricos mencionados. Finalizamos com a conclusão, no capítulo 7, apontando os principais resultados deste estudo e as referências.

2 CONSIDERAÇÕES SOBRE O FUNCIONALISMO NA TEORIA LINGUÍSTICA

Nessa seção, procuramos caracterizar o Funcionalismo linguístico. Refletiremos sobre esse paradigma, destacando seus pressupostos teóricos, temas, características básicas, histórico, vertentes e principais representantes. Para tal, tomamos como base os textos de Nichols (1984), Dik (1987), Halliday (1985), Givón (1995) e Neves (1997).

O Funcionalismo linguístico estuda a relação entre a estrutura gramatical das línguas e os diferentes contextos comunicativos. Como corrente linguística, seu interesse na investigação linguística vai além da estrutura gramatical, uma vez que busca na situação comunicativa a motivação para os fatos da língua. É ilusório pensar que o funcionalismo constitui uma corrente monolítica do pensamento linguístico. O que chamamos de funcionalismo constitui uma corrente heteróclita e multifacetada.

Neves (1997, p.1) expressou suas considerações sobre o funcionalismo:

Caracterizar o funcionalismo é uma tarefa difícil, já que os rótulos que se conferem aos estudos ditos “funcionalistas” mais representativos geralmente se ligam diretamente aos nomes dos estudiosos que os desenvolveram, não a características definidoras da corrente teórica em que eles se colocam. Prideaux (1994) afirma que provavelmente existem tantas versões do funcionalismo quanto linguistas que se chamam funcionalistas, denominação que abrange desde os que simplesmente rejeitaram o formalismo até os que criam uma teoria. A verdade é que, dentro do que vem sendo denominado – ou autodenominado – “funcionalismo”, existem modelos muito diferentes. (NEVES, 1997, p.1)

Para a autora existem diferentes modelos no interior do que vem sendo denominado *funcionalismo*, além de peculiaridades distintas que caracterizam esses modelos. Apesar dessas peculiaridades, Neves (1997) admite que há uma série de similaridades que unem os modelos e caracterizam a visão funcionalista da linguagem, configurando um denominador comum entre eles, o que permite a caracterização básica de uma teoria funcionalista da linguagem, como o postulado de que a língua não pode ser descrita como um sistema autônomo (Givón, 1995). Neves (1997) destaca que as ideias do funcionalista Martinet (1994, p.14) sintetizam o pensamento fundamental das teorias funcionalistas, pois é ele quem diz que a “competência comunicativa” deve guiar, constantemente, o linguista e que o objeto da verdadeira linguística é a determinação do modo como as pessoas conseguem comunicar-se eficientemente pela língua.

Os estudos funcionalistas assentam na concepção de que a língua é um instrumento de interação social, e ao linguista compete a tarefa de investigar o modo como os

falantes se comunicam pela língua. A competência comunicativa norteia a investigação linguística, visto que ela é fundamental para construir e interpretar as expressões linguísticas e o seu uso. Isso implica considerar as estruturas das expressões linguísticas como configurações de funções, sendo cada uma das funções vistas como um diferente modo de significação na oração. (NEVES, 1997, p.2)

Quanto aos diferentes “funcionalismos”, são expressivas as palavras de Bates (1987), que, ciente da diversidade de linhas de investigação presentes no interior do funcionalismo linguístico, sintetiza a situação teórica dessa corrente linguística: “o funcionalismo é como o Protestantismo: um grupo de seitas antagônicas que concordam somente na rejeição à autoridade do Papa”. Essa analogia parece um pouco excessiva, já que podemos reconhecer vários aspectos comuns aos chamados funcionalismos:

- 1) A concepção de linguagem como um instrumento de comunicação e de interação social;
- 2) O estabelecimento de um objeto de estudos baseado no uso real;
- 3) A impossível separação entre sistema e uso.

Bechara (1991) observa que a denominação “funcionalista” tem sido aplicada a “várias modalidades de descrição linguística e de aplicação pedagógica no estudo e ensino de línguas”. Segundo o autor, a isso se deve a difícil tarefa de definir esse campo de estudos.

Segundo Nichols (1984), as teorias da gramática podem ser divididas em três tipos: estrutural, formal e funcional. A gramática estrutural descreve as estruturas gramaticais como fonemas, morfemas, relações sintáticas, relações entre cláusulas, constituintes, dependências e sentenças. A gramática formal analisa o mesmo conjunto de fenômenos da gramática estrutural, buscando construir um modelo formal de linguagem, sendo que o modelo em si é o objeto da descrição, e os fenômenos linguísticos correspondem ao material no qual os argumentos são baseados. A gramática funcional amplia seus propósitos para além dos fenômenos estruturais e sua perspectiva teórica é distinta das demais teorias, visto que analisa a estrutura gramatical, como as gramáticas estrutural e formal, mas também toda a situação comunicativa: o propósito do evento de fala, seus participantes, e o contexto do discurso. Para Nichols (1984, p. 97) os funcionalistas sustentam que a situação motiva, restringe, explica ou, pelo menos, determina a estrutura gramatical⁹. O que caracteriza o Funcionalismo, para a autora, é que a língua tem um fim comunicativo e “o que é comunicado não é somente o conteúdo, referência e predicação ou o lado intelectual ou cognitivo da

⁹ “Functionalists maintain that the communicative situation motivates, constrains, or otherwise determines grammatical structure ...” (NICHOLS, 1984, p.97).

linguagem, mas também a natureza e o propósito do evento de fala como um fenômeno cultural e cognitivo (NICHOLS, 1984, p.102).”¹⁰ Na nossa pesquisa, fizemos a opção pela visão funcional da linguagem.

Nichols (1984) observa que o rótulo “funcionalismo”, em geral, é aplicado a três vertentes: uma conservadora, uma radical e uma moderada. O funcionalismo conservador limita-se a enfatizar a inadequação do modelo formalista (o qual compreende tanto o estruturalismo quanto o gerativismo), sem propor uma análise própria e, supostamente, mais adequada. O funcionalismo moderado aponta a inadequação do modelo formalista (tendência comum no modelo funcionalista), mas suscita uma análise da estrutura linguística. O funcionalismo extremado rejeita o conceito de estrutura e defende que as regras assentam na função e não há restrições sintáticas. Esse último tipo de funcionalismo não valida a concepção saussuriana da língua, segundo a qual a língua é um sistema de signos que se relacionam reciprocamente (“a língua é um sistema”) e defende que a gramática se reduz ao discurso.

Os estudos atuais dividem as perspectivas de análise linguística em duas teorias: o formalismo e o funcionalismo. Nossa discussão tentará, a partir desse ponto, percorrer essas bases teóricas, em especial a perspectiva funcionalista, na qual ancoramos a nossa pesquisa. Tanto a teoria formalista quanto a teoria funcionalista estudam o mesmo fenômeno, a língua, no entanto alguns linguistas vêem esse fenômeno de maneira distinta, apresentando diferentes pressupostos, objetivos e metodologias, e ainda há quem negue a dicotomia formalismo/funcionalismo e defenda que os estudos abordados por ambos são complementares e igualmente necessários (DILLINGER, 1991). Vejamos as semelhanças e divergências entre as duas correntes apresentadas por Dik (1987) e Halliday (1995).

Diferentemente das abordagens formais, o funcionalismo que tem Dik (op.cit.) e Halliday (op.cit.) como principais teóricos, faz uma crítica ao modelo formal por entender que os formalistas estudam a língua como um sistema autônomo, preocupando-se apenas com suas características internas. Já a vertente formal censura os funcionalistas por estudarem a língua relacionando-a com o extralinguístico.

Dik (1987, p.81-82) resume esquematicamente o que caracteriza o paradigma funcionalista em suas diversas vertentes e o coteja com o paradigma formalista. Vejamos o quadro a seguir.

¹⁰ “What is communicated is not only what is variously called content, denotation, reference-and-redication, or the intellectual or cognitive side of language, but also the nature and purpose of the speech event as a cultural and cognitive phenomenon” (NICHOLS, 1984, p.102)

Quadro 1 - Tópicos contrastivos entre os paradigmas formal e funcional segundo Dik (1987)

	PARADIGMA FORMAL	PARADIGMA FUNCIONAL
Como definir a língua	Conjunto de orações	Instrumento de interação social
Principal função da língua	Expressão dos pensamentos	Comunicação
Correlato psicológico	Competência: capacidade de produzir, interpretar e julgar orações.	Competência comunicativa: habilidade de interagir socialmente com a língua.
O sistema e seu uso	O estudo da competência tem prioridade sobre o da atuação.	O estudo do sistema deve fazer-se dentro do quadro do uso.
Língua e contexto/situação	As orações da língua devem descrever-se independentemente do contexto/situação.	A descrição das expressões deve fornecer dados para a descrição de seu funcionamento num dado contexto.
Aquisição da linguagem	Faz-se com uso de propriedades inatas, com base em um input restrito e não estruturado de dados.	Faz-se com a ajuda de um input extenso e estruturado de dados apresentado no contexto natural.
Universais linguísticos	Propriedades inatas do organismo.	Explicados em função de restrições: comunicativas, biológicas ou psicológicas; contextuais.
Relação entre a sintaxe, a semântica e a pragmática	A sintaxe é autônoma em relação à semântica; as duas são autônomas em relação à pragmática; as prioridades vão da sintaxe à pragmática, via semântica.	A pragmática é o quadro dentro do qual a semântica e a sintaxe devem ser estudadas; as prioridades vão pragmática à sintaxe, via semântica.

Fonte: Dik (1987, p.81-82)

O quadro 1 apresenta uma visão bastante abrangente dos pressupostos teóricos básicos do funcionalismo linguístico, a partir de um cotejo entre os dois grandes paradigmas, o paradigma formal e o paradigma funcional.

Segundo Dik (1987), no paradigma formal, a língua é vista como um objeto abstrato, isto é, um conjunto de orações, enquanto a gramática é vista como uma tentativa de definir a língua através de regras sintáticas. Nesse paradigma, a criança constrói a gramática da língua usando suas propriedades inatas: herança genética (gerativismo). Quanto à função da língua, esta serve para expressar os pensamentos. Outro aspecto do paradigma formal é que a sintaxe e a semântica são autônomas em relação à pragmática.

Já no paradigma funcional, a língua é, segundo Dik (1987), um instrumento de interação social. Não é abstrata, pois existe em função de seu uso. A função da língua é estabelecer comunicação entre os usuários. Por isso, a aquisição da linguagem se desenvolve na interação comunicativa, e a sintaxe e a semântica devem ser estudadas dentro de uma proposta pragmática.

Dik (1987) considera que, no paradigma formal, uma linguagem natural é vista como um sistema abstrato autônomo em relação aos modos de uso, enquanto, no paradigma funcional, considera-se que as expressões linguísticas não são objetos funcionais arbitrários, mas têm propriedades sensíveis, e co-determinadas por condicionamentos pragmáticos da interação verbal humana.

Alguns linguistas insistem em separar as duas abordagens, outros as vêem como complementares. Desde que os estudos linguísticos se dividiram nessas duas abordagens, muitos linguistas passaram a fazer comparações entre elas, como mostra o quadro 1, e a debater o tema, como fazem os linguistas Votre e Naro (1989) e Nascimento (1990).

Enquanto Votre e Naro (1989) distinguem as duas abordagens como diferentes e excludentes, Nascimento (1990) não considera a distinção válida, já que as abordagens estudam objetos diferentes. Outro trabalho que trata desse tema é o de Dillinger (1991), que está entre os linguistas que apresentam um ponto de contato entre as duas abordagens e que acreditam numa complementaridade nos estudos funcionais e formais.

Dillinger (1991, p.400) define os paradigmas formal e funcional: os formalistas estudam a língua como objeto descontextualizado e preocupam-se com suas características internas. Uma gramática funcional analisa a relação sistemática entre as formas e as funções em uma língua; se preocupa com a língua como um todo e com as diversas modalidades de interação social, frisando a importância do contexto, em especial do contexto social na compreensão da natureza linguística; considera as funções das estruturas como “descrição gramatical” de modo que auxiliem em uma descrição semântica, pragmática e estilística e faz atribuições ao uso da língua.

Halliday (1995), também, analisa as duas grandes correntes, contrapondo o paradigma formal ao paradigma funcional e reconhece que ambas estão ligadas à natureza da linguagem.

As diferenças entre essas duas correntes da gramática são apontadas no Quadro 2.

Quadro 2 - Tópicos contrastivos entre as gramáticas formal e funcional segundo Halliday (1985)

Gramática formal	Gramática funcional
Orientação primariamente sintagmática	Orientação primariamente paradigmática
Interpretação da língua como um conjunto de estruturas entre as quais podem ser estabelecidas relações regulares.	Interpretação da língua como uma rede de relações: as estruturas como interpretação das relações.
Ênfase nos traços universais da língua (sintaxe como base: organização em torno da frase).	Ênfase nas variações entre línguas diferentes (semântica como base: organização em torno do texto ou discurso).

Fonte: Halliday (1985)

De acordo com Halliday (1985), a gramática formal se opõe à gramática funcional, já que aquela tem uma orientação sintagmática e esta uma orientação paradigmática.

No ponto de vista de Butler (2008), as abordagens formal e funcional estão situadas em uma escala de teorias que vão do extremo formal ao extremo funcional. O autor considera que, em um extremo, estão as teorias formais, como a Linguística de Chomsky, e, no outro extremo, as teorias funcionais, a Gramática emergente de Hopper (1987, 1992). Entre esses dois extremos, encontramos outras teorias, como a Gramática do papel e da referência, Gramática discursivo-funcional, Gramática sistêmico-funcional e o Funcionalismo da Costa-Oeste. A figura 1, abaixo, ilustra a escala das teorias, segundo Butler (2008).

Figura 1- Escalas das teorias segundo Butler (2008)

Modelo de Gramática do Gramática Gramática Funcionalismo Gramática	Chomsky	papel e da	(discursivo)	sistêmico-	da Costa-	emergente
		referência	funcional	funcional	Oeste (Givón,	(Hopper,
	(Van Valin	(Dik, 1997;	(Halliday,	1989, 1993,	1987, 1992)	
	& Lapolla,	Hengeveld &	1985, 1994:	1995, 2001)		
	1997)	Mackenzie,	Halliday &			
		2008)	Mattiessen,			
			1999, 2004)			

Fonte: BUTLER (2008, p.149)

Segundo Butler (2003), o termo *funcional* é oposto ao termo *formal*, e a escala de teorias apresenta teorias que: (i) podem compartilhar boa parte dos objetivos e hipóteses, e (ii) encontram-se fechadas em um espaço multidimensional definido por um conjunto complexo de características.

O Funcionalismo, como defende Neves (1997, p.15), constitui “uma teoria da organização gramatical das línguas naturais que procura integrar-se em uma teoria global da interação social”. A vertente funcionalista considera, assim, a função no processo de comunicação, em que a língua corresponde essencialmente a um instrumento de interação e não deve ser interpretada de forma autônoma, tendo em vista que está sujeita às pressões advindas do uso, o que determina a sua estrutura gramatical. Nesse sentido, ressaltamos que o Funcionalismo analisa a capacidade que os interlocutores apresentam não apenas de codificar ou decodificar, mas também de usar e interpretar as expressões de uma maneira interacionalmente satisfatória (NEVES, 1997).

A gramática funcional não só se ocupa da análise da estrutura interna da língua, mas, também, da análise da situação comunicativa, a qual encerra o propósito do evento de fala, os participantes desse evento e o contexto discursivo. Os funcionalistas investigam regularidades na mudança da língua, levando em consideração fatores comunicativos e cognitivos que o falante desenvolve na comunicação e sempre consideram o uso das expressões linguísticas na interação verbal, o que pressupõe certa pragmatização do componente sintático-semântico do modelo linguístico, uma vez que procura trabalhar com dados reais de fala e escrita extraídos de contextos de comunicação, evitando o uso de frases dissociadas de sua função na comunicação.

Segundo Neves (2007), são pontos centrais de uma gramática funcional: o uso em relação ao sistema; o significado em relação à forma e o social em relação ao individual. No que diz respeito à relação estrutura (forma) e função, essa teoria reconhece a instabilidade da língua e seu dinamismo. Para Givón (1995), o modelo funcionalista entende a estruturação interna da gramática como a unificação da sintaxe, que codifica os domínios funcionais que são a semântica e a pragmática. Givón (op.cit.) cita algumas premissas sobre a língua, linguagem, gramática e mudança para a visão funcionalista. São elas:

- a linguagem é uma atividade sociocultural;¹¹
- a estrutura serve a funções cognitivas e comunicativas;
- a estrutura é não-arbitrária, motivada, icônica;
- mudança e variação estão sempre presentes;
- o sentido é contextualizado dependente e não atômico;
- as categorias não são discretas;
- a estrutura é maleável e não rígida;
- as gramáticas são emergentes;
- as regras de gramática permitem algumas exceções.

Como se pode observar, os princípios acima transcritos estão todos relacionados à língua e à gramática da língua. Trata-se de uma postura que tem como foco a estrutura gramatical da língua e suas funções. Para Givón (1995), a gramática não pode ser entendida de forma isolada, sem referência a parâmetros como cognição e comunicação, processamento mental, interação social e cultura, mudança e variação, aquisição e evolução. A referência a esses parâmetros é feita porque tais parâmetros condicionam as estruturas da língua.

A flexibilidade dos sistemas gramaticais constitui uma base adotada pelos modelos teóricos funcionalistas. A conhecida proposta de “gramática emergente”, de Hopper (1987), pode ser vista como um exemplo da força desse pressuposto. Conforme propõe o autor, a estrutura dos sistemas gramaticais é sempre resultado de negociação dos falantes em situações de interação, de modo que as formas gramaticais, em vez de imutáveis e inflexíveis, são sempre “emergentes”, resultantes de um processo inacabado, sempre em andamento.

Ao tratar das características básicas das teorias funcionalistas, Neves (2007, p.16) lista os seguintes pressupostos:

- a linguagem não é um fenômeno isolado, mas pelo contrário, serve a uma variedade de propósitos (Prideaux, 1987)
- a língua (e a gramática) não pode ser descrita nem explicada como um sistema autônomo (Givón, 1995);

¹¹ “Functionalists in linguistics recite, vigorously and often, a set of cherished premises: language is a social-cultural activity; structure serves cognitive or communicative function; structure is non-arbitrary, motivated, iconic; change and variation are ever-present; meaning is context-dependent na non- atomic; categories are less-than-discrete; structure is malleable, not rigid; grammars are emergent; rules of Grammar allow some leakage.” (GIVÓN, 1995, p.9)

- as formas da língua são meios para um fim, não um fim em si mesmas (Halliday, 1985);
- na gramática estão integrados os componentes sintático, semântico e pragmático (DiK, 1978, 1980, 1989, 1997; Givón, 1984; Hengeveld, 1997);
- a gramática inclui o embasamento cognitivo das unidades linguísticas no conhecimento que a comunidade tem a respeito da organização dos eventos e de seus participantes (Beaugrande, 1993)
- existe uma relação não-arbitrária entre a instrumentalidade do uso da língua (o funcional) e a sistematicidade da estrutura da língua (o gramatical) (Mackenzie, 1992);
- o falante procede a escolhas, e a gramática organiza as opções em alguns conjuntos dentro dos quais o falante faz seleções simultâneas (Halliday, 1973, 1985);
- a gramática é susceptível às pressões do uso (Du Bois, 1993), ou seja, às determinações do discurso (Givón, 1976), visto o discurso como a rede total de eventos comunicativos relevantes (Beaugrande, 1993);
- a gramática resolve-se no equilíbrio entre forças internas e forças externas ao sistema (Du Bois, 1985);
- o objeto da gramática é a competência comunicativa (Martinet, 1994).

Neves (2007) assume que, a gramaticalização está inserida no centro das investigações funcionalistas, visto que “a atividade do discurso pressiona o sistema, chegando a reorganizar o quadro das estruturas linguísticas, embora dentro de regularidades previsíveis”.

Como vimos, as asserções acima encerram ideias sobre a teoria funcional. Assim, podemos reconhecer que o funcionalismo caracteriza-se por uma concepção dinâmica do funcionamento das línguas e busca, no contexto discursivo, motivação para compreender o seu funcionamento. Isso significa que língua é um fenômeno social, e o desenvolvimento comunicativo é visto como habilidade necessária à sociedade. A língua tem função social e deve ser estudada no uso. Para tanto, o ensino-aprendizagem deve envolver principalmente aspectos semânticos e pragmáticos. Ou seja, a língua não constitui um conhecimento autônomo, ao contrário, reflete uma adaptação, pelo falante, às diferentes situações comunicativas.

Conforme Furtado da Cunha et al (2003), o funcionalismo linguístico contemporâneo concebe a linguagem como um instrumento de interação social, seu interesse de investigação linguística vai além da estrutura gramatical e procura explicar as

regularidades observadas no uso interativo da língua analisando as condições discursivas nas quais se busca motivação para os fatos da língua. De acordo com essa perspectiva, a gramática é vista como um organismo maleável, que se adapta às necessidades comunicativas e cognitivas dos falantes em suas interações discursivas.

O presente trabalho fundamenta-se na visão funcionalista segundo a qual a linguagem é um instrumento de comunicação social. Acreditamos que uma característica dessa teoria seja investigar a língua em uso e suas funções comunicativas. Portanto, o uso da língua deve ser analisado em um contexto social, ou seja, no discurso. Desta forma, levamos em conta os participantes da situação comunicativa e suas intenções ao utilizarem as formas linguísticas, que se ajustam às regras pragmáticas, sintáticas, semânticas e morfológicas.

2.1 Gramaticalização na teoria funcionalista

O processo de gramaticalização está inserido entre os temas do paradigma funcionalista e é um dos meios para se explicarem os fenômenos de mudança linguística. A gramaticalização é um processo de criação da gramática que surge com as necessidades comunicativas do falante. As formas linguísticas passam por esse processo de acordo com as necessidades de uso da língua; por isso, é possível vincular o estudo da gramaticalização à concepção funcionalista de linguagem. Ao estudar a gramaticalização, devemos enfatizar os seguintes tópicos: conceito, histórico, processos e princípios. A seguir, discutiremos alguns conceitos de gramaticalização na perspectiva do paradigma funcionalista da gramaticalização, apresentaremos um breve histórico dos estudos sobre gramaticalização, seus processos e princípios, sua relação com a unidirecionalidade, com a mudança linguística e algumas considerações sobre a relação entre os processos de gramaticalização e lexicalização.

2.1.1 Conceito de gramaticalização

O conceito de gramaticalização será discutido a partir das definições de autores distintos. São eles: Meillet (1912), Dubois (1973), Heine, Claudi e Hunnemeyer (1991), Givón (1991), Hopper e Traugott (1993), Martelotta, Votre e Cezario (1996), Castilho (1997) e Bybee (2001).

A gramaticalização pode ser entendida em termos diacrônicos e/ou sincrônicos. No Dicionário de Linguística, Dubois (1973) define a perspectiva diacrônica, “fala-se de gramaticalização quando um morfema lexical, durante a evolução de uma língua em outra, tornou-se um morfema gramatical”. Os estudos diacrônicos investigam a origem das formas gramaticais e o caminho que essas percorrem no sentido da mudança, numa trajetória em que itens lexicais se tornam gramaticais e itens gramaticais se tornam mais gramaticais. É o caso, por exemplo, de *mens*, *mentis*, palavra latina do ablativo *mente*, que se tornou em português um sufixo de advérbio de modo, como *docemente*, *violentamente*, *bobamente*, etc.

Na perspectiva sincrônica, a gramaticalização é vista como um fenômeno primariamente sintático-discursivo-pragmático (HOPPER E TRAUGOTT, 1993, p. 2). Para Hopper e Traugott (1993), a gramaticalização é o processo por meio do qual itens e construções lexicais, em um determinado contexto linguístico, desempenham funções gramaticais, e uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais.

Os autores usam o termo *gramaticalização* quando o processo é analisado numa perspectiva diacrônica e *gramaticização* quando é estudado dentro de uma perspectiva sincrônica. O termo *pancronia* é usado para designar uma abordagem do fenômeno da mudança de um determinado elemento linguístico na sua trajetória através do tempo. Tal termo é considerado uma combinação das duas perspectivas: a diacrônica, já que envolve mudança, e a sincrônica, já que implica variação.

Nas abordagens mais recentes, tem sido significativa a quantidade de estudos que aliam a diacronia e a sincronia, numa visão pancrônica. Furtado da Cunha et al. (2003) propõem a adoção de uma visão pancrônica do fenômeno, uma vez que as mudanças, ao longo do tempo, explicam alterações sincrônicas; envolvem o sistema e o uso. A adoção de apenas uma das abordagens não permite a observação da “natureza sistemática e estável das relações polissêmicas, dos usos e das construções em que se encontram os itens focalizados” (FURTADO DA CUNHA et al., 2003, p. 73). Nessa perspectiva, se detectam processos de mudança de um determinado elemento linguístico na sua trajetória através do tempo, isto é, através de várias sincronias, e se observam, na atual, os sentidos e usos adquiridos sem perda dos antigos.

Neves (1997), discorrendo sobre as divergências nos estudos da gramaticalização, diz que a primeira delas relaciona-se justamente à avaliação do campo primário no qual o fenômeno se enquadra: “diacronia ou sincronia?”. E introduz, na discussão, a posição pancrônica:

Uma posição pancrônica, como diz Burridge (1993), referindo-se a Lichtenberk (1991), acentua a interdependência entre o sistema linguístico e o uso, e entre a natureza fluida da gramática e a importância da história para a compreensão da gramática sincrônica; ou, como ainda diz Burridge (*op. cit.*) em referência a Nichols e Timberlake (1991), enfatiza “a natureza interativa das forças inovativas e idiomatizantes” (p. 144), rejeitando a noção de gramaticalização como um processo que vai para ossificação, ou idiomatização. (NEVES, 1997, p. 118)

Mais adiante, a autora avalia que a questão “diacronia” *versus* “sincronia” está ligada à questão “caráter gradual” *versus* “caráter instantâneo” da gramaticalização. Sobre o caráter gradual, ela diz o seguinte:

Se considerado do ponto de vista histórico, o processo é gradual: o que ocorre é que, embora se possa encontrar, num determinado momento, uma estrutura substituindo completamente outra, por um considerável período de tempo coexistem a forma nova e a velha, que entram em variação, sob diversas condições; e essa variação encontrada nada mais é do que o reflexo do caráter gradual da mudança linguística. (NEVES, 1997, p. 118)

Tendo em vista o modo gradual pelo qual as mudanças sofridas pelos itens em processo de gramaticalização ocorrem, associamos o processo a estudos diacrônicos que estejam preocupados em observar o desenvolvimento das formas gramaticais desde a sua origem e a processos sincrônicos que estejam preocupados em observar um fenômeno em um determinado período.

Para se referir ao “caráter instantâneo” da gramaticalização, a autora se apoia em Givón (1991):

Explicando a gramaticalização vista na diacronia, Givón (1991, p. 122) mostra que uma construção pode desenvolver-se gradualmente no tempo: por exemplo, no caso dos verbos seriais, que ele estuda, orações independentes finitas podem chegar a uma gramaticalização plena, com passagem por estágios diversos. Do ponto de vista cognitivo, entretanto, segundo Givón (que se concentra, em particular, nas correlações entre “empacotamento” temporal e processamento da informação nessas construções com verbos seriais), a gramaticalização é um processo instantâneo, envolvendo um ato mental pelo qual uma relação de similaridade é reconhecida e explorada: por exemplo, pode-se dar a um item primitivamente lexical um uso gramatical, em um novo contexto; e no momento mesmo em que, num determinado esquema, um item lexical está sendo usado como marca gramatical, ele se gramaticaliza. (NEVES, 1997, p. 119)

A partir dos estudos feitos, compreendemos de modo mais efetivo o fenômeno da gramaticalização. Elencamos diferentes concepções de gramaticalização, ancoradas em alguns pesquisadores, a fim de caracterizar esse termo. Vejamos algumas delas:

Hopper e Traugott (1993, p. 14) consideram a gramaticalização como o processo por meio do qual itens e construções lexicais em certo contexto linguístico desempenham

funções gramaticais, e uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais.

O conceito de Hopper e Traugott (1993) inclui a noção de “processo”, não incluída no conceito de Traugott (2001) que considera gramaticalização um tipo de mudança na qual, itens lexicais e construções desempenham, em determinados contextos linguísticos, funções gramaticais, ou itens gramaticais desenvolvem novas funções gramaticais.

Hopper (1991), ao caracterizar o fenômeno da gramaticalização, apresenta algumas noções básicas para a concepção de gramática. Segundo ele, a gramática de uma dada língua é emergente. O termo “emergente” da designação “gramática emergente” traz a noção de caráter provisório, transitório, fluído da estrutura da língua, algo adiado, negociável na interação real, cujo processo de formação nunca está concluído. Para essa concepção a gramática emerge a partir do discurso e da produtividade dos falantes. Seu propósito contraria o pressuposto de que as línguas residem em estruturas organizadas em regras sistemáticas e completas. Hopper (op. cit.) nega a imagem da língua como um sistema abstrato, fixo, pré-discursivo, sustentado por um conjunto fechado de regras. A visão de gramática emergente de Hopper (op. cit.) considera que a construção da gramática dá-se apenas pelo discurso, e o aparecimento de novos itens gramaticais não obedece a determinadas “leis” da língua, dependendo apenas da criatividade do falante.

O conceito de Heine, Claudi e Hünemeyer (1991, p. 2) expõe um grande problema, que é definir o que é “mais gramatical”. Para Heine, Claudi e Hunnemeyer (1991) existe gramaticalização quando uma unidade lexical assume uma função gramatical, ou quando uma unidade gramatical assume uma função mais gramatical. Tal definição é vista como clássica e aceita por muitos linguistas.

Gramaticalização consiste na ampliação dos limites de um morfema que avança de um *status* lexical para um gramatical ou de um menos gramatical para um mais gramatical, isto é, de um formante derivacional para um flexional. (HEINE, CLAUDI e HUNNEMEYER (1991, p. 3)¹²

Martelotta, Votre e Cezario (1996) designam gramaticalização um processo unidirecional segundo o qual itens lexicais e construções sintáticas, em determinados contextos, passam a assumir funções gramaticais e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais.

¹² “Grammaticalization consists in the increase of the range of a morpheme advancing from a lexical to a grammatical or from a less grammatical to a more grammatical status.” (HEINE, CLAUDI e HUNNEMEYER 1991, p.3)

Traugott e Heine (1991) entendem que a gramaticalização é um tipo de mudança linguística sujeita a certos processos gerais e mecanismos de mudanças, caracterizada por certas consequências, como, por exemplo, a mudança na gramática.

De acordo com Bybee e Hopper (2001, p. 13) a gramaticalização é o mecanismo pelo qual as estruturas emergem a partir da língua em uso. Bybee (2001) caracteriza a gramaticalização pelo aumento da frequência de uso de uma palavra ou construção que aumenta a possibilidade/probabilidade de expansão do seu sentido, com decorrências morfossintáticas e morfofonêmicas.

Castilho (1997) entende por gramaticalização:

O trajeto empreendido por um item lexical, ao longo do qual ele muda de categoria sintática (= recategorização), recebe propriedades funcionais na sentença, sofre alterações morfológicas, fonológicas e semânticas, deixa de ser uma forma livre, estágio em que pode até mesmo desaparecer, como consequência de uma cristalização extrema (CASTILHO, 1997, p.7)

Para Neves (2006, p. 20) a gramaticalização é:

um processo que tem encontrado abrigo privilegiado no funcionalismo (...) exatamente porque reflete a relação entre o sistema gramatical e o funcionamento discursivo, ou seja, porque se explica pela interação entre as motivações internas ao sistema e as motivações externas a ele. (NEVES, 2006, p.20)

Outros termos são usados como sinônimos de gramaticalização, mas, em geral, não são aceitos como termos adequados para descrever o processo em si, por se referirem apenas a certas características semânticas ou sintáticas da gramaticalização: “reanálise”, “sintaticização” (GIVÓN, 1979), “esmaecimento semântico”, “enfraquecimento semântico” (GUIMIER, 1985), “condensação” (LEHMANN, 1982), “redução” (LANGACKER, 1977).

Vimos que existem várias definições e formas de nomear esse processo, como “Gramaticização (GIVÓN, 1975) e “Gramatização” (HEINE, CLAUDI E HÜNNEMEYER, 1991), sendo que “Gramaticalização” é o termo mais usado. Também existem características que são comuns a muitas definições de gramaticalização. São elas: 1) A gramaticalização é concebida como um processo: diacrônico, sincrônico e pancrônico; 2) A gramaticalização é aplicada em toda espécie de domínio, incluindo o fonológico, mas muitos estudiosos tratam a gramaticalização como uma noção morfológica, isto é, que diz respeito apenas ao desenvolvimento de uma dada palavra ou morfema; 3) A unidirecionalidade da mudança, tanto sintática como semântica, é apontada como uma propriedade caracterizadora de gramaticalização. A ideia de unidirecionalidade perpassa todas as definições e está implícito

em muitas definições que a unidirecionalidade do processo é devido ao fato de a mudança partir de uma unidade menos gramatical para uma unidade mais gramatical e não ao contrário.

De acordo com as definições de gramaticalização apresentadas, podemos dizer que o processo de gramaticalização pode ser encontrado em todas as línguas e pode envolver qualquer tipo de função gramatical. Um item lexical ou uma construção sintática se gramaticaliza quando, ao ser empregado em nova função, passa a assumir um novo *status* como elemento gramatical, tendendo a se tornar mais regular e mais previsível, de acordo com motivações pragmáticas e de repetição de uso. Através desse processo, itens lexicais e construções sintáticas passam a assumir funções referentes à organização interna do discurso ou a estratégias comunicativas. É um processo unidirecional através do qual esses elementos, em determinados contextos, assumem funções gramaticais e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver outras funções gramaticais.

São atribuídos ao paradigma da gramaticalização os seguintes fenômenos (MARTELOTTA, VOTRE e CEZARIO, 1996):

- a trajetória de itens lexicais de valor semântico X para valor semântico Y;
- a trajetória de itens lexicais de uma categoria léxica X para uma categoria léxica Y;
- a trajetória de elementos linguísticos em condição menos gramatical para uma condição mais gramatical;
- a trajetória de elementos linguísticos do léxico à gramática;
- a trajetória de elementos linguísticos de uma condição mais referencial para uma condição menos referencial.

Todas essas propostas de trajetória se apresentam de um ponto de chegada a um ponto de partida e surgem de constatações empíricas, não podendo prevêê-las enquanto o elemento em análise não entrou no processo.

2.1.2 Breve histórico dos estudos sobre gramaticalização

Os estudos iniciais sobre gramaticalização remetem à China do século X. Estudos posteriores, no século XVII, foram realizados na França (Condillac, Rousseau) e na Inglaterra (Tooke). No século XIX, foram desenvolvidas pesquisas na Alemanha (Bopp, Schelegel, Humboldt, Gabelenz) e nos Estados Unidos (Whitny) (cf. NEVES, 1997, p.113). Em 1912, Meillet, um linguista indoeuropeísta francês e discípulo de Saussure, considerado a figura

central dos estudos sobre Gramaticalização, emprega o termo pela primeira vez para designar “a atribuição de um caráter gramatical a uma forma autônomo”¹³. Meillet (1912), em seu artigo *L'évolution des formes grammaticales*, descreve dois processos de mudança gramatical: a analogia e a gramaticalização. O autor entende por analogia o processo pelo qual novos paradigmas originam-se por meio de semelhança formal de paradigmas já estabelecidos e, por gramaticalização, a passagem de uma palavra autônoma para o papel de um elemento gramatical.

Segundo o autor:

Estes dois processos, a inovação analógica e a atribuição do caráter gramatical a uma palavra autônoma, são apenas alguns pelos quais as novas formas gramaticais são constituídas. Os detalhes podem ser complexos em algum caso individual, mas os princípios são sempre os mesmos. (MEILLET, 1912. p.131)¹⁴

Ele propõe a existência de três classes de palavras: as *palavras principais*, as *palavras acessórias* e as *palavras gramaticais*, alertando para o fato de que entre elas há uma transição gradual que resulta na gramaticalização. Esse autor utiliza os diferentes usos do verbo francês *être* para exemplificar a possibilidade de conceber a gramaticalização como um processo sincrônico e diacrônico: como palavra principal (verbo estar + adjunto de lugar: *Je suis chez moi*/eu estou em casa), como palavras acessórias (verbo de ligação ser + adjetivo: *Je suis malade*/eu estou doente), como palavras gramaticais (verbo auxiliar estar + verbo: *Je suis parti*/eu estou partindo). Essa exemplificação permite compreender a gramaticalização como processo diacrônico em que palavras acessórias e palavras gramaticais podem se desenvolver de palavras principais e como processo sincrônico em que palavras acessórias e palavras gramaticais podem conviver num mesmo recorte de tempo.

Sobre a transformação de palavras autônomas em elementos gramaticais, Meillet (1912) afirma que “a gramaticalização de certas palavras cria novas formas e introduz categorias que não têm expressão linguística.” Diante da concepção de Meillet (op. cit.), podemos verificar que gramaticalização é vista como um processo que afeta palavras autônomas, mas também pode ser um processo extensivo a frases.

O termo “gramaticalização” tem sido usado com vários sentidos por diversos estudiosos, que se dedicaram a descrever e analisar esse fenômeno: De acordo com Poggio

¹³ “l’attribution du caractère grammatical à un mot jadis autonome” (MEILLET, 1912, p.131)

¹⁴ Ces deux procédés, l’innovation analogique et l’attribution du caractère grammatical à un mot jadis autonome, sont les seuls par lesquels se constituent des formes grammaticales nouvelles. Les faits de détail peuvent être compliqués dans chaque cas particulier; mais les principes sont toujours les mêmes. (MEILLET, 1912, p.131)

(2002), existem três grupos de conceitos de gramaticalização, que se distinguem pela época e perspectivas adotadas: (i) 1º grupo: léxico e gramática (até 1970); (ii) 2º grupo: discurso e a gramática (a partir do meado de 1970); (iii) 3º grupo: cognitivistas.

O primeiro grupo operou com o léxico e a gramática e predominou até 1970. Nesse período, alguns estudiosos, entre eles, J. Kurylowicz, G. Sankoff e J. Bybee conceberam o conceito de gramaticalização como sendo um processo através do qual uma unidade léxica ou uma estrutura léxica assume uma função gramatical. O item lexical vai de uma classe aberta, com unidades independentes, para uma classe fechada, composta por estruturas dependentes, como clíticos, partículas, verbos auxiliares, construções aglutinativas e flexões. Nesse caso, a gramaticalização é decorrente de alterações morfológicas. O segundo grupo, entre eles, T. Givón e J. Dubois operou com o discurso e a gramática e predominou a partir de 1970. E o terceiro grupo corresponde a mais nova linha de pesquisa, a cognição. Nas décadas de 80 e 90, a cognição tornou-se o centro das pesquisas de alguns linguistas, como E. Sweetser (1988), Heine, Claudi e Hünemeyer (1991), S. Svorou (1993), entre outros. Nesse caso, a gramaticalização passa a ser estudada privilegiando-se as alterações semânticas.

Diante de tantas definições para o fenômeno da gramaticalização, nesta pesquisa, interessa-nos o sentido em que designa um processo gradual e contínuo que consiste na passagem de itens lexicais para itens gramaticais, ou de uma classe menos gramatical para uma mais gramatical e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais (HOPPER E TRAUGOTT, 1993, p.2). Para compreender a noção de gramaticalização, é preciso distinguir os termos “lexical” e “gramatical”. Entendemos por item lexical o que denota uma coisa, uma ação/processo ou uma qualidade, consiste na classe dos nomes, dos verbos e dos adjetivos. Os itens gramaticais servem para indicar uma relação entre nomes ou entre partes do discurso, constituem as preposições, as conjunções e os verbos auxiliares e semiauxiliares.

Outros termos, também, têm sido utilizados para distinguir esse fenômeno. A gramaticalização pode ser entendida *stricto sensu* e *lato sensu*. Furtado da Cunha, Costa e Cezario (2003) estabelecem que:

[...] a gramaticalização *stricto sensu* ocupa-se da mudança que atinge as formas que migram do léxico para a gramática; a gramaticalização *lato sensu* busca explicar as mudanças que se dão no interior da própria gramática, compreendendo aí os processos sintáticos e/ou discursivos de fixação da ordem vocabular. (FURTADO DA CUNHA, COSTA e CESARIO, 2003, p. 51)

Segundo a definição apresentada, há duas trajetórias de mudança, que podem ser assim caracterizadas: a Gramaticalização *stricto sensu* (trajetória de elementos linguísticos do léxico para a gramática) e a Gramaticalização *lato sensu* (trajetória de categorias menos gramaticais para categorias mais gramaticais, como o de categorias invariáveis para categorias variáveis). Essa definição apresenta uma relação com os dois primeiros grupos de conceitos de gramaticalização definidos por Poggio (2002). Notamos que enquanto a gramaticalização *stricto sensu* refere-se à ampliação dos limites de um morfema, ao avançar do léxico para a gramática, a gramaticalização *lato sensu* compreende os processos discursivos, que foram considerados como um parâmetro para o entendimento da estrutura linguística e para o desenvolvimento de estruturas sintáticas e categorias gramaticais.

2.1.3 Estágios/fases e princípios/parâmetros de gramaticalização

Na bibliografia referente ao tema, encontramos diferentes tipologias para explicar a trajetória percorrida pelos itens no processo de gramaticalização: são os estágios/fases e princípios/parâmetros. Esses termos são capazes de apontar se um elemento está mais ou menos gramaticalizado.

Os trabalhos de Heine et al (1991) constituem as primeiras referências sobre gramaticalização no que diz respeito ao estabelecimento de “princípios”. A obra dos autores apresenta sete desses princípios, os quais, segundo os linguistas, são comuns a qualquer processo. São eles:

- a) quanto mais uma unidade linguística sofre gramaticalização, mais ela perde em complexidade semântica, significância funcional, e/ou valor expressivo;
- b) quanto mais uma unidade linguística sofre gramaticalização, mais ela perde em pragmática e ganha em significância sintática;
- c) quanto mais uma unidade linguística sofre gramaticalização, mais reduzido é o número de membros que pertencem ao mesmo paradigma morfossintático;
- d) quanto mais uma unidade linguística sofre gramaticalização, mais sua variabilidade decresce, isto é, sua posição se torna fixa na oração;
- e) quanto mais uma unidade linguística sofre gramaticalização, mais seu uso se torna obrigatório em alguns contextos e agramatical em outros;
- f) quanto mais uma unidade linguística sofre gramaticalização, mais ela se funde semântica, morfossintática e foneticamente com outras unidades;

g) quanto mais uma unidade linguística sofre gramaticalização, mais ela perde na substância fonética.

Lehmann (1982), numa perspectiva diacrônica mais forte, visa à identificação de mudanças percebidas em formas que já estão num estágio avançado de mudança por gramaticalização, enquanto Hopper (1991) preocupou-se em estabelecer princípios que atuassem em qualquer fase da mudança,

Lehmann (1982) apresenta cinco princípios: paradigmaticização, obrigatoriedade, condensação, coalescência, fixação. Hopper (1991) também elenca cinco princípios: estratificação (= *layering*), divergência, especialização, persistência e decategorização. Entretanto, apesar da diversidade terminológica, percebemos que as propostas se complementam e convergem para princípios mais gerais.

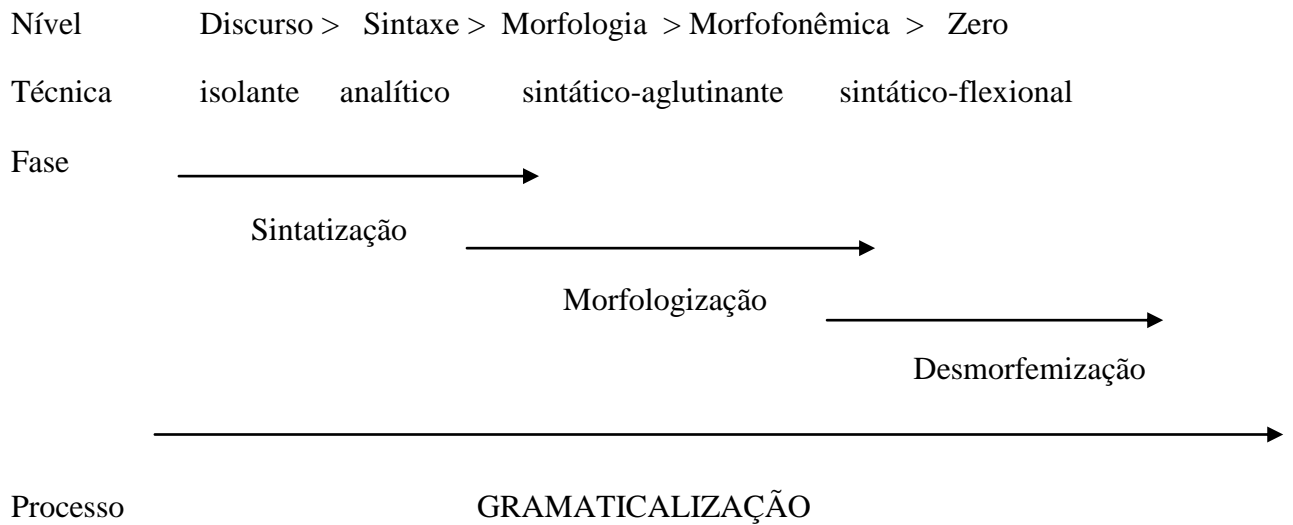
Também abordaremos os princípios da gramaticalização propostos por Castilho (1997) e a proposta de Bybee (2003)

2.1.3.1 Estágios da Gramaticalização

Ao assumir que a gramaticalização é um processo, há de se admitir também que, como tal, não acontece abruptamente, mas compreende fases. Na tentativa de estabelecer limites para o começo e o fim da gramaticalização, Lehmann (1982) afirma que, na passagem de um item lexical para um gramatical, ocorrem três fases de mudança: a sintaticização, a morfologização e a desmorfemização.

A figura a seguir ilustra os estágios de gramaticalização propostos por Lehmann (1982).

Figura 2 - Fases da gramaticalização



Fonte: Lehmann (1982)

Para o autor, o processo de gramaticalização tem início quando um item lexical livre do discurso passa a funcionar como uma construção sintática, o que se dá na fase de sintaticização, tornando-se uma forma analítica. Em seguida, o item analítico é aglutinado (sintetizado), tornando-se um afixo durante a fase de morfologização, e a seguir é compactado e muda de forma aglutinada a forma flexional. Por último, a forma pode deixar de expressar qualquer conteúdo gramatical, chegando a zero.

A sintaticização consiste na recategorização sintática e categorização funcional (estudo da atribuição de propriedades funcionais). Verificamos a recategorização quando ocorre alteração na classe da palavra, como ocorre, por exemplo, com a expressão *a gente* (substantivo), que passou a ser usada como pronome (*nós*). A morfologização configura-se na criação de formas presas, sejam afixos flexionais, sejam afixos derivacionais. A desmorfemização refere-se à fusão de formas livres, transformando-se em formas presas, como por exemplo, a formação do futuro das línguas românicas. No estágio zero, há desaparecimento de um morfema e reinício do processo de gramaticalização por meio do uso de expressões perifrásticas para representar o conceito cuja forma desaparecera.

2.1.3.2 Parâmetros de Lehmann

Os parâmetros de gramaticalização sintagmáticos e paradigmáticos de Lehmann (1995 [1982]), os quais permitem aferir o grau de autonomia de formas em estágios mais avançados de gramaticalização, são voltados para o estudo dos verbos, razão pela qual podem nos servir para a compreensão da mudança observada no verbo *tomar*. Os quadros a seguir mostram os parâmetros de gramaticalização propostos por Lehmann (1982). O autor propõe seis parâmetros para medir o grau de gramaticalização de uma determinada construção, com base em três aspectos que são relevantes para determinar a autonomia ou não de elementos linguísticos, a saber: peso, coesão e variabilidade avaliados paradigmática e sintagmaticamente, podendo ser em uma perspectiva sincrônica ou diacrônica.

Quadro 3 – Parâmetros de gramaticalização de Lehmann: eixo paradigmático

Eixo paradigmático			
Parâmetros	GR incipiente	Processo	GR avançada
Integridade (peso)	Conjunto de traços semânticos	Atrição	Poucos traços semânticos
Paradigmaticidade (coesão)	Participação “frouxa” em um campo semântico	Paradigmaticização	Paradigma pequeno, altamente integrado
Variabilidade (variabilidade)	Escolha livre dos itens, segundo as necessidades comunicativas	Obrigatoriedade	Escolhas sintaticamente restritas, uso obrigatório

Fonte: adaptado de (LEHMANN, 1995 [1982], p.164)

Quadro 4 – Parâmetros de gramaticalização de Lehmann: eixo sintagmático

Eixo sintagmático			
Parâmetros	GR incipiente	Processo	GR avançada
Escopo (peso)	Item relaciona-se a constituintes de complexidade arbitrária	Condensação	Item modifica palavra ou raiz
Conexidade	O item é justaposto	Coalescência	O item é afixo ou traço

Eixo sintagmático			
(coesão)	independentemente		fonológico
Variabilidade sintagmática (variabilidade)	Liberdade de movimento do item	Fixação	O item ocupa uma posição fixa

Fonte: adaptado de (LEHMANN, 1995 [1982], p.164)

Castilho (1997, p. 51) chama a atenção para o fato de que o mérito desses parâmetros é o de mostrar que a gramaticalização está sujeita a graduação forte/fraca, aspecto que é focalizado pelo princípio da continuidade e do gradualismo. Castilho (1997, p.49) analisa que os princípios de Lehmann (1995[1982]) dizem respeito à autonomia do signo. Quanto mais autônomo o signo, menos gramaticalizado e, quanto menos autônomo, mais gramaticalizado.

Os aspectos que permitem medir o grau de autonomia de um signo são:

- peso: para ser autônomo, um signo deve ter certo peso, propriedade que o distingue dos demais membros de sua classe, proporcionando proeminência no paradigma.
- coesão: quanto mais relações com outros signos, tanto menos autônomo se tornou o signo.
- variabilidade: quanto maior a mobilidade do signo, tanto maior será sua autonomia.

O decréscimo no peso e na variabilidade e o aumento da coesão se constituem, portanto, nos três aspectos da gramaticalização. Relacionando-se com os dois aspectos linguísticos fundamentais, o paradigmático e o sintagmático, tem-se: o peso paradigmático de um signo que é sua integridade, seu tamanho substancial, tanto semântico, quanto fonológico. O peso sintagmático é seu escopo, a saber, o número de construções nas quais ele entra e que ajuda a formar.

A coesão paradigmática de um signo será chamada de paradigmaticidade, isto é, o grau de integração de um signo no paradigma. A coesão sintagmática de um signo será denominada conexidade, isto é o grau de sua adesão a outros signos.

A variabilidade paradigmática de um signo é a possibilidade de usar outros signos no seu lugar, ou mesmo a possibilidade de omiti-lo. A variabilidade sintagmática de um signo é a possibilidade de substituí-lo em sua construção.

No eixo paradigmático, o parâmetro da integridade relativo ao peso refere-se ao tamanho substancial de um signo, em relação a sua matriz semântica e fonológica. O peso

paradigmático trata-se, na verdade, de uma propriedade que diferencia um signo dos demais membros de sua classe e que lhe confere uma determinada proeminência no contraste dele com os outros signos.

O parâmetro da paradigmaticidade, relativo à coesão, diz respeito ao grau de ligação de um item determinado com outros dentro de um paradigma, ou seja, a integração formal e semântica de um paradigma como um todo e a integração formal e semântica do item, propriamente dito, dentro desse paradigma. Verifica-se, também, o tamanho e a homogeneidade do paradigma, ou seja, a quantidade de similaridades entre seus membros integrantes e a regularidade das diferenças existentes entre eles. Para Lehmann (1995), o ponto problemático é precisar o tamanho do paradigma que o item em gramaticalização passa a integrar. Paradigmas altamente gramaticalizados tendem a ser menores do que os menos gramaticalizados. Como exemplo disso, temos a classe relativamente aberta de verbos plenos, onde nem todos podem servir para expressar as atitudes do falante, o que torna necessário o uso dos modalizadores. O número de verbos que participam desse paradigma, portanto, é restrito e, conseqüentemente, seus membros podem ser considerados mais gramaticalizados, quando comparados, por exemplo, ao paradigma dos verbos plenos.

Por fim, o parâmetro da variabilidade paradigmática refere-se a uma alternância paradigmática. Ou seja, em termos pragmáticos, há uma liberdade com a qual o usuário da língua ou escolhe um signo dentre aqueles que pertencem a um determinado paradigma ou não escolhe nenhum deles, deixando, então, em seu lugar, uma categoria genérica, ou mesmo não-marcada, disponível para aquele contexto de uso.

Por sua vez, o objetivo dos Parâmetros Sintagmáticos é captar as relações que um determinado item mantém com outros constituintes, nas diferentes construções em que ele participa, e a sua colocação e mobilidade dentro dessas construções, ou seja, dentro das cadeias sintagmáticas.

O parâmetro escopo, relativo ao peso, diz respeito à extensão do item/construção sobre a construção que ajuda a formar, isso porque, com o aumento do grau de gramaticalização de um item, seu escopo diminui. Para melhor explicar essa questão, podemos dizer que, na mudança, via “condensação”, de um estado da língua para outro, o item passa da relação com constituintes de complexidade arbitrária para a relação com palavra ou com radical, mudanças essas muito bem ilustradas por casos de morfologização.

O princípio da conexidade, relativo à coesão, refere-se ao grau de relacionamento de um item com outro, ou melhor, ao grau de ligação ou dependência desse item com outros.

Por fim, o princípio da variabilidade sintagmática se refere à possibilidade de mobilidade do item na construção em que ocorre. Lehmann (1995) afirma que a posição fixa do item dentro de um sintagma evidencia-se quando ele atinge um alto grau de morfologização.

2.1.3.3 Princípios de Hopper

Hopper (1991) se preocupou com dados sincrônicos e com a forma de analisar a gramaticalização como um processo. Hopper (1991, p.22-23) propõe cinco princípios de gramaticalização para a caracterização de um processo inicial de gramaticalização: Estratificação, Divergência, Especialização, Persistência, Decategorização. Os princípios de Hopper (1991) sugerem que, com o surgimento de novas camadas dentro de um domínio funcional, as camadas (ou formas) velhas não são necessariamente descartadas, podem coexistir e interagir com as camadas novas, que retêm vestígios de um sentido lexical antigo. A forma lexical original permanece autônoma e sofre as mesmas mudanças que outros itens lexicais. E o morfema ou a construção que sofre gramaticalização migra de uma categoria menos gramatical para outra, mais gramatical. Hopper (op.cit.) ressalta que esses princípios são gerais e aplicáveis a qualquer processo de mudança.

Esses princípios auxiliam a identificação de tendências de gramaticalização, ativadas nas situações de uso e servem para diagnosticar diferentes graus de gramaticalização, já que conferem aos elementos analisados o grau de “mais” ou “menos” gramaticalizados, partindo do pressuposto de que o processo já ocorre. Ao aplicar tais princípios, o pesquisador será capaz de dizer se uma forma está mais gramaticalizada ou não. Utilizamos como ilustração os mesmos exemplos apontados por Hopper (1991) para descrever cada um desses princípios.

a) **Estratificação:** dentro de um domínio funcional amplo, novas formas estão continuamente surgindo. Quando uma nova forma surge, as antigas não são necessariamente descartadas, podendo permanecer e co-existir com as mais recentes. Hopper (1991, p.23) exemplifica a estratificação com as formas de marcação de tempo passado em inglês, por alternância vocálica em *drive/ drove – take/took*. Outros exemplos de estratificação são *mistress, mrs, miss* e *ms*, que constituem as camadas de termos de tratamento.

b) **Divergência:** quando uma forma lexical se gramaticaliza, a forma fonte original pode permanecer como um elemento autônomo e pode sofrer as mesmas mudanças a que estão submetidos os itens lexicais que integram sua classe. Hopper (1991, p. 25) exemplifica a divergência com o verbo lexical no latim, *habere*, que continua como verbo lexical no francês e no português (*J'ai/Eu tenho*), passando também a auxiliar do particípio nas duas línguas (*J'avais chanté/Eu tinha cantado*), e o verbo *habere* da construção latina *cantare habeo*, que se tornou um afixo (*Je chanterai/-ai; Eu cantarei*). Hopper (1991, p.32) identifica a divergência como um caso particular de estratificação, já que implica coexistência de formas como, por exemplo, as formas *mrs*, *miss* e *ms* que se separam do substantivo original *mistress*, mas o nome permanece, com significado semelhante ao original.

c) **Especialização:** refere-se ao estreitamento das opções para se codificar uma determinada categoria, à medida que uma dessas opções começa a ocupar mais espaço porque é mais gramaticalizada. Uma consequência, indício desta especialização, é o aumento na frequência de uso da forma mais adiantada no processo de gramaticalização. Hopper (1991, p.26) exemplifica a especialização com o caso da negação em francês moderno (*Il ne boit pas de vin/Ele não bebe vinho*). A forma negativa em francês era constituída pelas partículas *ne* e *pas*, “passo” em francês. No século XVI, apenas *pas* e *point* predominaram. Depois, somente *pas* se tornou uma partícula negativa. Esse verbo foi selecionado para especializar-se como partícula negativa. Hopper (1991, p.32) exemplifica por meio da forma *mistress* que, em algum tempo, foi apenas uma dentro de um conjunto de denominações possíveis para mulheres; outras formas incluíam termos de parentesco como *mother*, termos de status como *widow* e termos familiares como *gossip*.

d) **Persistência:** diz respeito à manutenção, por parte da forma em processo de gramaticalização, de alguns traços semânticos da forma fonte. A preservação dos traços, perceptível nos estágios iniciais e intermediários da gramaticalização, pode se diluir nas etapas mais avançadas. Todavia, mesmo imperceptível aos olhos leigos em linguística, é a persistência que, em muitos casos, explica certas restrições experimentadas por um dos estratos. Hopper (1991, p.29) explica a persistência com um exemplo de Bybee e Pagliuca (*I think the bulk of this year's students will go into industry/Eu acho que a maioria dos estudantes deste ano entrará no mercado de trabalho*). A forma *will* comportava o significado modal de disposição ou intenção. Tornou-se um futuro quando inanimados passaram a ser usados como sujeitos. Hopper (1991, p.33) cita que a restrição da denominação *mrs* a

mulheres adultas reflete a história do substantivo *mistress*, como uma forma feminina da designação *mister*.

e) **Decategorização:** remete à perda por parte da forma em processo de gramaticalização dos marcadores opcionais de categorialidade e de autonomia discursiva. Os nomes deixam de identificar participantes no discurso e os verbos, de reportar novos eventos. Hopper (1991, p.31) explica a decategorização com os exemplos: *Ils se sont éloignés de trente pas/Eles afastaram-se trinta passos; Ils ne fument pas/Eles não fumam; *Ils ne fument un pas*. Como se vê, a forma *pas* perde marca morfológica e privilégios sintáticos característicos da categoria lexical de nome e assume atributos característicos da categoria secundária de advérbio, como no esquema nome > advérbio. Para Hopper (1991, p.33) *miss*, *mrs* e *ms* são nomes descategorizados. Eles não têm a capacidade de receber acessórios morfossintáticos opcionais como artigos, demonstrativos e possessivos e não podem referir-se sozinhos a um participante do discurso.

Os princípios de Hopper, dada sua natureza de combinação entre aspectos sincrônicos e diacrônicos, podem auxiliar a compreensão da evolução do verbo *tomar* no português e controlar o processo de modo mais eficiente.

2.1.3.4 Princípios de Castilho

Castilho (1997) menciona que apenas quatro princípios são suficientes para dar conta dos estágios da gramaticalização: analogia, reanálise, continuidade e unidirecionalidade:

A analogia consiste na aproximação entre categorias paradigmáticas, estendendo regras a itens que não foram atingidos por elas. A analogia não dá surgimento a expressões novas, ela simplesmente estende regras a itens ainda não atingidos, “uniformizando” as formas da língua. Esse processo é verificado na mudança fonética da forma latina *sic* em *sim* do português contemporâneo, dada sua relação por antonímia com não (< *nom*).

Jakobson e Halle (1956) já haviam reconhecido que a analogia opera no eixo paradigmático, em contraste com a reanálise, que opera no eixo sintagmático. O processo da analogia também foi identificado pelos neogramáticos que o aplicaram à mudança fonológica.

Meillet (1975), ao mencionar a analogia como processo de criação de formas, retoma Hermann Paul (1889). O neogramático considera que a forma existente não desaparece com o surgimento de uma nova forma. O que frequentemente acontece é a conservação da antiga forma por alguns indivíduos, enquanto que outros indivíduos fazem

uso da nova forma. “Assim, ambas as formas tornam-se correntes para um número maior ou menor de indivíduos. Só depois de longa luta entre as formas é que o neologismo pode reinar sozinho.” (PAUL, 1889, p. 125-126)

Outro princípio é a reanálise que se configura na mudança ocorrida no eixo sintagmático, o que a difere da analogia. Hopper e Trougott (1993) admitem a existência do desenvolvimento de novas estruturas a partir de estruturas antigas.

Castilho (1997, p. 53) apresenta a seguinte definição para reanálise: “É um processo por meio do qual os falantes mudam sua percepção de como os constituintes de sua língua estão coordenados no eixo sintagmático”.

Para exemplificar esse processo, Castilho (1997) aponta a formação do futuro e o surgimento do pretérito perfeito românico. A expressão *haec habeo dicere* (‘tenho algumas coisas a dizer’) foi inicialmente reanalisada como [*haec dicere*] *habeo* (‘tenho que dizer essas coisas’), em que *haec dicere* passava a objeto direto de *habeo* e, posteriormente, como *haec [dicere habeo]* (‘tenho de dizer algo’), o que deu origem à fusão fonológica dos dois verbos, e ao novo morfema do futuro – *re*.

O pretérito perfeito composto das línguas românicas é resultado da reanálise de construções do tipo *habeo litteras scriptas*, em que o constituinte *litteras* analisado como objeto direto de *Habeo*, seguido de um predicativo do objeto, *scriptas*, passou a ser objeto direto de *habeo scriptum*, uma vez que *habeo* passou a significar o resultado presente de uma posse no passado e *scriptum* se deslocou tornando-se invariável, vindo a se constituir em um tempo verbal composto.

O futuro do presente apresenta formação semelhante, já que se formou por reanálise, e a atual perífrase de futuro, constituída pelo verbo *ir* + infinitivo, também se explica por meio desse processo, uma vez que a ideia de movimento de *ir* foi reanalisada como auxiliar de futuridade, possibilitando construções aparentemente contraditórias, tais como *Vou ficar*.

Na continuidade há inovação na estrutura das línguas, muitas vezes motivadas por necessidades sociais. Esse princípio reitera a Gramática Emergente a que Hopper (1987) se refere. Há um consenso entre os linguistas ao afirmarem que a gramaticalização não se constitui num processo que se possa extinguir, tornando-se difícil identificar suas fases.

A unidirecionalidade refere-se ao caráter cíclico da gramaticalização, em que as mudanças seguem uma “direção”, constituindo um processo linear e irreversível.

2.1.3.5 O papel da frequência: a proposta de Bybee

Bybee (2003) define gramaticalização como um processo pelo qual um item lexical torna-se um morfema gramatical dentro de construções particulares e observa características referentes ao processo de gramaticalização:

(1) Palavras e sintagmas são foneticamente reduzidos por meio de reduções, assimilações e apagamentos de consoantes e vogais, produzindo sequências processualmente econômicas.

(2) Significados concretos e mais específicos tornam-se mais abstratos e, por isso, generalizados, já que se tornam apropriados a um maior número de contextos.

(3) A frequência de uso dos itens ou construções aumenta radicalmente conforme a gramaticalização e se desenvolve graças ao aumento dos tipos de contexto nos quais o novo item ou construção se torna apropriado.

(4) As mudanças em gramaticalização são graduais e acompanhadas por muita variação, tanto em relação à forma, como em relação à função.

Para Bybee (2003), a frequência representa um papel importante no processo de gramaticalização, pois contribui para o processo de mudança. Essa perspectiva, leva em consideração o aumento da frequência de uma construção/expressão e não apenas o fato de um item lexical isolado tornar-se mais gramatical. Assim, a repetição tem um papel crucial nos processos de gramaticalização e é vista como um processo pelo qual sequências de palavras ou morfemas, frequentemente usados, se tornam automáticos como uma única unidade de processamento.

Sobre a frequência, Bybee (2003) elenca que:

(1) leva ao enfraquecimento da força semântica pelo hábito: com o hábito o organismo para de responder o estímulo repetido da mesma forma;

(2) interfere na redução e na fusão fonológica com a repetição, condicionadas pelo uso da construção em sentenças contendo informação velha ou de fundo;

(3) condiciona uma autonomia maior para a construção, ou seja, seus componentes individuais perdem ou enfraquecem suas associações com outros usos dos mesmos itens;

(4) gera a perda de transparência semântica que, por sua vez, leva ao uso da construção em novos contextos, com novas associações, estabelecendo mudança semântica;

(5) faz com que o sintagma frequente e autônomo passe a ser mais “penetrado” (*entrenched*) na língua, preservando características morfossintáticas antigas.

Além de notar que os morfemas que sofrem o processo de gramaticalização são caracterizados por um uso muito frequente e geral, Bybee (2003) também percebe que o uso favorece o aumento de ocorrências, uma vez que eles sofrem esse processo. Para Bybee (2003), a gramaticalização consiste na criação de novas construções. Assim, a gramaticalização é a fixação de padrões, observando-se que o que mais se usa é o que se regulariza. Segundo a visão da autora, frequência e gramaticalização estão intimamente ligadas.

2.2 Gramaticalização e mudança linguística

A mudança linguística trata de um fenômeno marcado na língua por expressões que só podem ser compreendidas quando relacionadas às evoluções de uma língua ao longo do tempo. Essa seção tem como objetivo mostrar as abordagens teóricas da mudança e como a literatura linguística tem discutido esse tema, fenômeno fundamental na linguagem.

Como já mencionado na seção 2.1.1 e retomado aqui, os fenômenos de mudança linguística que ocorrem dentro do processo de gramaticalização são identificados por Martelotta, Votre e Cezario (1996), como:

- a) trajetória de elemento linguístico do léxico à gramática;
- b) trajetória de vocábulo a morfema;
- c) trajetória de elemento linguístico da condição de menos gramatical (ou menos regular) para mais gramatical, ou mais regular;
- d) trajetória de elemento linguístico de mais referencial a menos referencial;
- e) trajetória que leva uma construção sintática a se especializar em expressar função gramatical;
- f) trajetória dos processos de repetição do discurso, no âmbito da criação e da intenção, em direção à gramática, através de sua regularização e sistematização;

g) trajetória que leva construções negativas relativamente livres a se tornarem mais fixas em função de estratégias discursivas determinadas.

Desses fenômenos, o que está relacionado com o processo de gramaticalização do verbo *tomar* é o ponto a: trajetória de elementos linguísticos do léxico à gramática, que compreende, por exemplo, a passagem de verbo pleno a verbo-suporte.

Uma revisão histórica sobre as abordagens teóricas relativas à mudança pode ser observada em Martelotta (2011), que faz uma síntese da natureza da mudança linguística sob o viés funcional. A sua obra distribuída em três capítulos (“A natureza dinâmica das línguas”, “Linguística centrada no uso e mudança” e “Gramaticalização e lexicalização”) faz algumas reflexões acerca da natureza da mudança que as línguas naturais sofrem com o passar do tempo, dos mecanismos pelos quais ela se processa, bem como suas possíveis motivações.

O autor apresenta os pressupostos funcionais para o estudo da mudança e adota os pressupostos da Linguística Centrada no Uso (LCU)¹⁵. Martelotta (2011) define esse termo como uma abordagem que apresenta uma “relação estreita entre a estrutura das línguas e o uso que os falantes fazem dela nos contextos reais de comunicação.” A LCU aborda não apenas os aspectos formais ou da difusão das formas pela estrutura social, como também leva em conta dados semânticos, pragmáticos, discursivos e cognitivos (experiência, compreensão e armazenamento na memória).

Para compreender melhor essa abordagem teórica, Martelotta (2011) apresenta algumas características básicas da LCU, a saber:

1. A relação biologia e cultura (p. 57- 64) – para a Linguística Gerativa o essencial na linguagem está nos princípios inatos, ou seja, em uma base biológica, enquanto a Linguística centrada no uso considera que os aspectos culturais são mais importantes. A LCU aceita que os humanos possuem estruturas e habilidades inatas, porém elas não se limitam à linguagem, pois estão relacionadas a outras formas de pensamento ou a outras habilidades cognitivas. Não defendem uma gramática autônoma de base biológica, pois considera que a sintaxe está relacionada a fenômenos de natureza semântica ou discursivo-pragmática.

¹⁵ Lêmos em inglês *usage-based model*. Esse termo foi utilizado inicialmente por Langacker (1987) para designar modelos teóricos que privilegiam o uso da língua. Alguns autores como, Givón, Hopper, Traugott, e Bybee, entre outros, têm usado esse termo para se referir às análises das línguas que refletem uma junção das tradições desenvolvidas pelas pesquisas da Linguística Funcional.

2. O papel da interação (p.64 – 67) – a gramática é um fenômeno sociocultural, o que sugere que sua estrutura e sua regularidade vêm do discurso, sendo moldadas em um processo contínuo.

3. O papel da cognição (p. 67- 73) – ao processar o discurso, o usuário da língua processa mecanismos cognitivos, como simbolização, transferência entre domínios, armazenamento de informação na memória, processamento e interpretação da informação, entre outras.

A mudança não ocorre aleatoriamente, ao contrário, existe uma regularidade em relação aos mecanismos através dos quais ela ocorre, “a mudança tem uma fortíssima propensão para a unidirecionalidade, no sentido de que os elementos tendem a desenvolver, com o tempo, valores mais subjetivos e abstratos, além de se tornarem internamente menos composicionais” (MARTELOTTA, 2011, p.73). Tal regularidade se manifesta em tipos prototípicos de mudança que se repetem através dos tempos e em diferentes línguas; não como processos absolutos, mas como tendências possíveis. Segundo Martelotta (2011), nossas habilidades cognitivas não atuam de modo absoluto, assim não podemos fazer previsões absolutas de mudanças futuras. Essas habilidades só se concretizam em situações reais de uso, o que a caracteriza como “um caráter localizado e criativo, típico de situações de improviso”.

Um exemplo de mudança por gramaticalização pode ser observada nas expressões *Against my will* (contra a minha vontade) > *I will go* (Eu irei), em que o termo *will* que apresenta valor lexical (substantivo), passa a ser utilizado com valor gramatical (verbo auxiliar marcador de futuro).

Além da questão relacionada à possibilidade ou à impossibilidade de uma determinada mudança ocorrer, o autor ressalta uma questão importante que diz respeito ao nível de extensão da mudança. Há mudanças que não chegam a se estender para outros contextos muito distantes daqueles em que os usos originais são vistos. (MARTELOTTA, 2011, p.76)

Para exemplificar utilizaremos o verbo *querer*, que desenvolveu um valor aspectual proximativo (Exemplo: Ele *está querendo* ficar gripado ou O tempo *está querendo* mudar). Esse exemplo mostra um caso de mudança, visto que o verbo *querer* perde o sentido de vontade ou desejo e passa a funcionar como auxiliar indicador de aspecto. Nota-se que, o uso do verbo *querer*, em português, parece se restringir a casos de sujeito não humanos (Exemplo: *O tempo* está querendo mudar, *A casa* está querendo cair etc.) ou a possibilidade

associada a doenças (Exemplo: Ele está querendo ficar *gripado*). Nesses casos o verbo *querer* não pode ser interpretado como portador de sentido volitivo. Os exemplos “O soldado *está querendo* morrer” ou “Maria *está querendo* ir embora” não podem ser interpretados com valor proximativo. Isso mostra que a perífrase *querer* + *gerúndio* não se gramaticalizou definitivamente.

Outra questão que se refere à regularidade da mudança é a unidirecionalidade. Para Neves (1997, p.121), “a unidirecionalidade da gramaticalização é tida como uma característica básica do processo, partindo-se do princípio de que uma mudança que se dá numa direção específica não pode ser revertida”

Uma vez que consideramos que a unidirecionalidade é uma característica básica do processo de gramaticalização, como situar a concepção da unidirecionalidade nesse processo?

Um dos exemplos propostos por Hopper & Traugott (1993, p.7) especifica uma escala para a unidirecionalidade da gramaticalização, a saber: item de significado pleno > palavra gramatical > clítico > afixo flexional.

A unidirecionalidade tem sido aceita como princípio pela maioria dos trabalhos sobre gramaticalização. É o que observamos em Lehmann (1982), Hopper (1991), Heine, Claudi e Hunnemeyer (1991).

Traugott e Heine (1991), Heine *et al.* (1991) e Heine (1991), entre outros, também consideram a gramaticalização como um processo de mudança unidirecional. Heine *et al.* (1991) chegam a propor uma escala para explicitar o rumo desse processo que se movimenta em direção a uma abstração crescente:

PESSOA > OBJETO > ATIVIDADE > ESPAÇO > TEMPO > QUALIDADE

A unidirecionalidade prevê que as mudanças linguísticas no escopo da gramaticalização ocorrem num *continuum*, do “menos gramatical” para o “mais gramatical” e não vice-versa. Os contra-exemplos (KAHR, 1976; JEFFERS; ZWICKY, 1980; CAMPBELL, 1991) são incipientes se comparados à enorme gama de exemplos que atestam a unidirecionalidade.

Alguns autores têm dado atenção a como a gramaticalização pode ser diferenciada em relação a outro processo chamado de lexicalização. Martelotta (2011) trata os dois fenômenos específicos de mudança.

Para o autor, entende-se por gramaticalização:

“um processo de mudança linguística unidirecional, segundo o qual itens lexicais e construções sintáticas, em determinados contextos, passam a assumir funções gramaticais e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais.” (MARTELOTTA, 2011, p. 92)

São alguns exemplos clássicos de gramaticalização: passagem de vocábulo livre para afixo, passagem de verbo pleno para auxiliar, passagem de advérbio para conjunção, passagem de advérbios de modo para modalizador ou marcador discursivo.

Quando à lexicalização, o autor a define como “processo criador de novos elementos lexicais, modificando ou combinando elementos já existentes”.

No livro *Lexicalization and Language Change*, Brinton e Traugott (2005) apresentam diferentes concepções de gramaticalização e de lexicalização disponíveis na literatura, explicando suas semelhanças e diferenças.

Brinton e Traugott (2005) propõem as seguintes definições:

Lexicalização é a mudança pela qual, em certos contextos linguísticos, os falantes usam uma construção sintática ou uma forma de palavras como uma nova forma de conteúdo, com propriedades formais e semânticas, que não são complementares deriváveis ou previsíveis, de constituintes de construção ou formação de palavras padrões. No decorrer do tempo, pode haver uma nova perda da constituição interna e o item pode tornar-se mais lexical. (BRINTON e TRAUGOTT, 2005, p.96)¹⁶

e

Gramaticalização é a mudança pela qual, em certos contextos linguísticos, os falantes usam partes de uma construção com uma função gramatical. No decorrer do tempo o item gramatical resultante pode tornar-se mais gramatical por adquirir mais funções gramaticais e estender sua classe. (BRINTON e TRAUGOTT, 2005, p.99)¹⁷

Os autores concluem que lexicalização e gramaticalização são processos contínuos e apresentam semelhanças quanto aos processos de gradualidade (mudança por pequenos passos estruturais, havendo período de convivência entre formas antigas e inovadoras), unidirecionalidade (mudança em direção a significados mais abstratos, na gramaticalização e mais concretos na lexicalização), fusão (perda de fronteira vocabular), coalescência (perda de elementos fonológicos), desmotivação (perda da composicionalidade semântica), metaforização/metonimização (mudança fortemente vinculada ao contexto,

¹⁶ Lexicalization is the change whereby in certain linguistic contexts speakers use a syntactic construction or word formation as a new contentful form with formal and semantic properties that are not completely derivable or predictable from the constituents of the construction or the word formation pattern. Over time there may be further loss of internal constituency and the item may become more lexical. (BRINTON e TRAUGOTT, 2005, p.96)

¹⁷ Grammaticalization is the change whereby in certain linguistic contexts speakers use parts of a construction with a grammatical function. Over time the resulting grammatical item may become more grammatical by acquiring more grammatical functions and expanding its host-classes. (BRINTON e TRAUGOTT, 2005, p.99)

derivada de implicaturas, na situação comunicativa entre falante e ouvinte). As diferenças podem ser observadas em relação aos traços de decategorização (mudança de uma categoria plena para secundária), dessemantização (enfraquecimento de significado) subjectificação (ancoragem do significado na percepção da situação do falante), produtividade (ocorrência de um número progressivamente amplo de categoria), frequência (aumento de frequência) e tipologia (recrutamento a partir de fontes similares em diversas línguas), característicos do processo de gramaticalização.

2.3 Síntese conclusiva

Apresentamos, neste capítulo, os conceitos teóricos do Funcionalismo, bem como os pressupostos da Gramaticalização pertinentes à análise das construções com o verbo *tomar*. Diante do que foi exposto acerca do Funcionalismo linguístico, percebemos que essa corrente difere das abordagens formalistas, uma vez que concebe a linguagem como um instrumento de interação social, além de buscar, no contexto discursivo, a motivação para os fatos da língua. Embora as correntes formalistas se ocupem do mesmo objeto de estudo do funcionalismo - a língua, e possuam entre si pontos convergentes, apresentam divergências quanto à forma de abordagem dos referidos fenômenos, o que implica no uso de metodologias distintas no estudo dos fenômenos linguísticos. A principal diferença é que para o funcionalismo a língua é analisada no uso, nas situações comunicativas e como função que desempenha na frase, e não como estrutura estável e pressuposta e muito menos como aquisição inata, já que para os funcionalistas aprendemos o sistema linguístico subjacente ao uso. Entendemos que a perspectiva funcionalista concebe a língua como um instrumento de comunicação, e como tal, “deve ser analisada como uma estrutura maleável sujeita às pressões oriundas das diferentes situações comunicativas que ajudam a determinar sua estrutura” (MARTELOTTA e AREAS, 2003, p. 20).

Sobre os pressupostos do funcionalismo, destacamos que a estrutura linguística não pode ser descrita satisfatoriamente sem a consideração do evento comunicativo, uma vez que é a partir do uso e interação social que as estruturas da língua emergem. Por considerá-la um conjunto de atividades comunicativas e sociais, essa vertente teórica permite a investigação de aspectos interacionais envolvidos nos fenômenos linguísticos. A situação comunicativa e a interação social, em situações reais de uso, determinam, pressionam e explicam a estrutura gramatical.

Como exposto, a concepção de gramática defendida pelos funcionalistas está amparada numa visão de linguagem como instrumento de interação social e, por consequência, na concepção de que a língua é um sistema cuja estrutura é maleável (emergente) e dinâmica (heterogênea), e que esse sistema é autônomo e motivado por pressões externas. Em virtude dessa condição de gramática em construção, além da denominação atribuída por Hopper (1987) de “gramática emergente”, surge um novo conceito relacionado à noção processual de gramática – o de gramaticalização. Trata-se de um fenômeno associado ao processo de mudança por que passam os elementos linguísticos, de modo que novas formas ou combinações sintáticas são criadas e passam a conviver ao lado daquelas já existentes, sem que necessariamente estas caiam em desuso, pondo em relevo o caráter polissêmico da língua. Mostramos, nesse capítulo, os mecanismos envolvidos no processo de gramaticalização, bem como as discussões sobre o caráter gradual, unidirecional e contínuo desse processo de mudança linguística.

Na análise dos dados (cf. Capítulo 6), faremos a aplicação dos cinco princípios de gramaticalização elaborados por Hopper (1991), úteis para análise do fenômeno da gramaticalização em sua fase processual, enfocando seu caráter eminentemente gradual. De forma resumida, temos: o princípio de estratificação, que considera a coexistência entre as formas fonte e as formas gramaticalizadas; o princípio de divergência, em cuja concepção assume-se que a forma que deu origem ao item gramaticalizado, além de continuar a existir, pode sofrer outras mudanças; a especialização, princípio pelo qual há um estreitamento nas nuances semânticas do item em gramaticalização, levando à sua especialização em determinados contextos e não em outros; o princípio da persistência, que é a capacidade de se depreender alguns traços de significado da forma fonte na forma gramaticalizada (alvo) que se perpetuaram; e, por fim, o princípio de descategorização, que remete à perda de traços categoriais primários que assumem características de itens ditos secundários.

3 AS CONSTRUÇÕES COM VERBO-SUORTE EM LÍNGUA PORTUGUESA

As informações essenciais que servem de base para este capítulo têm a função de revelar as reflexões sobre as construções com verbo-suporte no âmbito da investigação linguística e também situar a interpretação que norteará esta pesquisa.

Em primeiro lugar, as construções com verbo-suporte têm sido objeto de estudo de pesquisadores e são muitos os trabalhos sobre a matéria. Podemos citar alguns deles: no Brasil, as pesquisas de Vieira (2001), Neves (2002), Scher (2004), Esteves (2008), Conejo (2008), Assis (2009) e, em Portugal, são relevantes as pesquisas de Ranchhod (1988), Baptista (2001), Chacoto (2005), dentre outros, que analisam os verbos-suporte sob diferentes orientações: funcionalista, sociofuncionalista, gerativista ou estruturalista. Julgamos importante apresentar e discutir algumas dessas contribuições, sobretudo por estudarem o processo de gramaticalização de verbo-suporte e mostrarem a presença dessas construções no português do Brasil e de Portugal (cf. seção 3.2). Pesquisamos estudos específicos e investigamos as referências fornecidas pelos autores em suas reflexões acerca das construções com verbo-suporte. Assim, este capítulo terá uma abordagem específica da problemática das construções com verbo-suporte, a partir dos estudos linguísticos mais relevantes.

As referências ao termo “verbo-suporte” se encontram em trabalhos de natureza distinta. São gramáticas históricas, tradicionais e descritivas; dicionários e estudos sobre as diversas características dessas construções.

A organização deste capítulo compreende a apresentação do conceito de verbo-suporte na literatura; o tratamento específico sobre o verbo *tomar* nos dicionários e nas gramáticas históricas, tradicionais e descritivas, editadas no Brasil e em Portugal; apresentação e discussão das características do verbo-suporte, apresentadas por Neves (2002) no capítulo “A delimitação das unidades lexicais: o caso das construções com verbo-suporte”; uma reflexão sobre as propriedades da construção Verbo leve + N deverbal, de acordo com Duarte et al (2006) e finalizamos com uma resenha de alguns trabalhos que investigam as construções com verbo-suporte de um modo geral e, em especial, com o verbo *tomar*.

3.1 Verbo-suporte: aspectos conceituais e funcionais

O objetivo desta seção é apresentar e discutir o conceito de verbos-suporte a partir de algumas definições, visto que o conceito de verbo-suporte na literatura não é consensual, pois

os autores o definem de diferentes perspectivas. Essas definições também servirão para discutir se os verbos-suporte são, de fato, semanticamente vazios, como apresentam algumas delas, e a identificação de critérios linguísticos. Seleccionamos as definições de Daladier (1978), Neves (2000), Borba (1996) e Houaiss e Villar (2001).

Daladier (1978 *apud* Gross e Vivés 1996, p.14) os definiu como “verbos semanticamente vazios que permitem construir um SN¹⁸ com V-n¹⁹ em relação de paráfrase com um SV²⁰: ‘*gifler / donner une gifle*’ (estapear/dar um tapa)”, ou seja, esses verbos precedem sempre um SN, são esvaziados de carga semântica, mas é sobre eles que incidem as marcas de pessoa, tempo e modo verbal. Neves (2000, p. 53) adota posição semelhante, explicando que os verbos-suporte “são bastante esvaziados do ponto de vista semântico e formam com o seu complemento (objeto direto) um significado global, geralmente correspondente ao que tem um outro verbo pleno da língua.”.

Note que Daladier (1978) enfatiza o fato de serem os verbos-suporte *semanticamente vazios*, isto é, destituídos de qualquer significação léxica, e Neves (2000) não afirma que os verbos-suporte são destituídos de significação léxica, já que utiliza a expressão *significado bastante esvaziado* e admite que o verbo junto com o complemento contribuem semanticamente para o significado global da construção. Além disso, essas definições apontam um critério de identificação de tais verbos, que é a possibilidade de substituição das perífrases por verbos plenos em paráfrase com tais estruturas como em “Odete *deu um grito*, alguém acendeu a luz” (NEVES, 2000, p.53) que corresponde a “Odete *gritou*, alguém acendeu a luz”; “Severino *faz um aceno* para o Cangaceiro” que corresponde a “Severino *acena* para o Cangaceiro” (NEVES, 2000. p.53). Sobre a relação de paráfrase entre o verbo em construção com verbo-suporte e o verbo pleno, a autora esclarece que o critério da equivalência não é absoluto, uma vez que não é uma condição imprescindível para definir esse tipo de verbo e “não se pode desconhecer que há construções desse tipo que não possuem correlatos semânticos constituídos por verbos simples” como em “eu até gostaria de *fazer ginástica*...nas férias geralmente eu *faço ginástica* pra evitar...” (NEVES, 2002, p.210).

¹⁸ Sintagma Nominal

¹⁹ Nome relacionado a um verbo

²⁰ Sintagma Verbal

Outra definição de verbos-suporte pode ser encontrada em Borba (1996):

Os verbalizadores ou verbos-suporte são verbos que, tornando-se vazios de sua significação léxica, compõem sintagmas verbais complexos introduzindo predicados cujo núcleo é um nome/adjetivo. Chamam-se verbalizadores por apontarem para a função verbal (= predicativa) do nome/adjetivo que introduzem e verbo-suporte por suportarem ou expressarem categorias verbais como tempo, modo, número e pessoa. (Borba, 1996)

Essa definição também chama a atenção para o aspecto da dessemantização dos verbos-suporte, uma vez que o autor comenta que são “vazios de sua significação léxica”. Borba (1996) explica a razão das duas nomenclaturas “verbalizadores” e “verbos-suporte”: os verbalizadores apontam para a função verbal, e os verbos-suporte suportam as noções verbais de tempo, modo, número e pessoa.

Houaiss e Villar (2001), a propósito do verbo-suporte, fazem a seguinte definição:

Verbo-suporte s.m. Ling Verbo que é usado com um complemento com o qual forma uma unidade semântica, perdendo neste emprego parte da sua significação como verbo pleno, mas mantendo alguns traços gerais do seu sentido, entre os quais de ação (fazer ginástica, fazer uma viagem), processo (tomar impulso), estado (ter conhecimento). [Este tipo de noção também se pode alterar; p.ex.: com levar verbo pleno, o sujeito pratica a ação (levar um presente para alguém), mas com levar verbo-suporte, o sujeito sofre-a: levar um soco, levar um susto.] (Houaiss e Villar, 2001)

Houaiss e Villar (op. cit.) mencionam que os verbos-suporte perdem *parte* de sua significação como verbo pleno, já que passam a formar uma unidade semântica com o nome integrante da perífrase. No entanto, os autores exemplificam e admitem que esses verbos mantêm traços de ação (fazer ginástica), processo (tomar impulso) e estado (ter conhecimento).

Uma análise das definições mencionadas revela algumas semelhanças quanto ao tratamento do verbo-suporte. Em primeiro lugar, no que diz respeito ao esvaziamento do verbo-suporte, é possível notar que Deladier (1978) define os verbos-suporte como “semanticamente vazios”, Neves (2000) os define como tendo “significado bastante esvaziado”, Borba (1996) entende que são “vazios de sua significação léxica” e Houaiss e Villar (2001) afirmam que “perdem parte de sua significação léxica”.

Sobre o sentido, as definições sugerem que os autores em causa também apresentam posições semelhantes. Para Neves (2002), a expressão com verbo-suporte corresponde a um significado único, já que o verbo e o complemento formam um significado global. Borba (1996) entende que o significado total da expressão está relacionado à paráfrase

correspondente a um verbo pleno. Para Houaiss e Villar (2001), o significado primitivo do verbo pleno é perdido, mas alguns traços gerais do seu sentido são mantidos.

Essas semelhanças de opiniões quanto ao esvaziamento do verbo-suporte e quanto à conservação ou não de traços significado dos elementos formadores do sintagma nominal podem ser esclarecidas quando analisamos alguns exemplos em Língua Portuguesa. No caso da construção *fazer serenata*, observamos que seu significado total não apresenta correlação semântica constituída com um verbo pleno. Um fenômeno diferenciado, relacionado ao seu significado, ocorre com a construção *fazer compras*, cujo significado total decorre da correlação com o verbo pleno *comprar*.

Há casos concretos na língua que nos permitem dizer que o sintagma nominal formador da construção com verbo-suporte determina o sentido, enquanto há outros casos em que o significado não está diretamente relacionado com a correlação semântica relativa a um verbo pleno. Por meio da análise da conceituação apresentada pelos autores sobre as construções com verbo-suporte, fica evidente que o foco de suas definições reside no esvaziamento lexical do verbo e no significado da expressão.

Podemos concluir que o esvaziamento semântico do verbo-suporte não é absoluto, já que ele pode apresentar noções como ação (1), processo (2) e estado (3).

(1) “...as vias de acesso prá lá atualmente é uma barbaridade é quase que você...*fazer uma viagem*...você (como) é que você vai chegar...estrada de terra...ruim...”²¹

(2) “qual a melhor técnica na sua opinião para poder se divulgar uma peça de tea:./uma peça, né? para que o público *tome conhecimento* da existência dela?”

(3) “...eu *tenho a impressão* de que inclusive aquilo é importado...”

Neves (2002, p. 218) acrescenta que “a combinação semântica do verbo-suporte com o nome complemento resulta numa predicação de tipo semântico diferente daquele que o verbo obtém nas construções em que é suporte.” O exemplo (4) mostra uma predicação de estado com o verbo *fazer*, e o exemplo (5), uma predicação de ação com o verbo *tomar*.

(4) “...que agora *faz parte* da Universidade Católica.”

(5) “Vamos *tomar banho*.”

²¹ Os exemplos de (1) a (5) foram extraídos de Neves (2002, p.218)

Comentaremos a seguir alguns critérios identificados nessas definições. A utilização dos critérios morfológico, semântico e sintático para a definição e classificação dos fenômenos linguísticos tem sido causa de incompreensões e divergências nas exposições teóricas. Uma observação mais cuidadosa de como os critérios morfológico, semântico e sintático estão inter-relacionados com o conceito de verbo-suporte pode nos revelar definições mais precisas, claras e coerentes sobre seu funcionamento.

Observamos que os critérios morfológico, semântico e sintático estão presentes na maioria das definições apresentadas sobre verbo-suporte. Repetiremos abaixo, para conveniência do leitor, algumas definições de verbo-suporte e identificaremos tais critérios.

Quadro 5 - Definição de verbo-suporte

Critérios	Definição
Semântico	“usado com um complemento com o qual forma uma unidade semântica, perdendo neste emprego parte da sua significação como verbo pleno, mas mantendo alguns traços gerais do seu sentido, entre os quais de ação (fazer ginástica, fazer uma viagem), processo (tomar impulso), estado (ter conhecimento)”. (HOUAISS & VILLAR, 2001)
Sintático	“Os verbos-suporte são verbos de significado bastante esvaziado que formam, com seu complemento (objeto direto), um significado global, geralmente correspondente ao que tem um outro verbo pleno da língua.” (NEVES, 2000)
Mórfico	“...suportam ou expressam categorias verbais como tempo, modo, número e pessoa (grifo nosso).” (BORBA, 1996)

Fonte: Houaiss & Villar (2001), Neves (2000) e Borba (1996)

O critério semântico mostra que os verbos-suporte sofrem graus de esvaziamento, o critério sintático mostra que os verbos-suporte perdem sua natureza predicante e a sua função é exercida pela construção verbo-suporte + elemento nominal; e o critério mórfico indica que o verbo-suporte “suporta” categorias verbais de tempo, modo, número e pessoa.

Com o intuito de traçar um quadro mais amplo sobre as construções com verbo-suporte, analisaremos com mais rigor o posicionamento de alguns gramáticos (cf. 3.1.1) e também as contribuições de pesquisadores sobre tais construções (cf. 3.2).

Neves (2000, p.54) assim descreve a forma das construções com verbo-suporte:

a) um verbo com determinada natureza semântica básica, que funciona como instrumento morfológico e sintático na construção do predicado;

b) um sintagma nominal que entra em composição com o verbo para configurar o sentido do todo, bem como para determinar os papéis temáticos da predicação.

Segundo Neves (2000), essa caracterização se aplica a um conjunto variado de construções, algumas das quais se podem incluir entre as construções prototípicas, que, por sua vez, incluem um sintagma nominal não-referencial; quanto ao complemento típico do verbo-suporte, ele é representado por um substantivo desacompanhado de determinante, como nos exemplos (6) e (7).

(6) “O patrão mais a patroa **tomam banho** de banheira.”²²

(7) “Já **fiz uso** da música em algumas peças.”

Os verbos-suporte mais comuns são “dar”, “fazer”, “levar”, “tomar”, “pôr”, “ter” e “soltar”. Esses verbos podem funcionar como “verbos plenos”, isto é, verbos de alta carga de significação (NEVES, 2000, p. 55), quando seu complemento é um sintagma nominal referencial, como mostram os exemplos (8) e (9).

(8) “Sem temer represália das facções feministas mais exaltadas, Juca de Oliveira **faz uma declaração**, no mínimo, muito polêmica: Quando há amor, há posse.”

(9) “Eu não lhe **dera a cacetada** pelas costas.”

Reiterando e sistematizando parte do que dizem os estudos linguísticos, Baptista (2001, p.28) reflete sobre questões importantes do foro teórico-metodológico das construções com verbo-suporte. O autor lembra-nos que, embora as frases com verbo-suporte e nome predicativo apresentem propriedades formais muito gerais²³, distinguem-se de outras combinações verbo-nome por apresentarem um conjunto de propriedades particulares que lhes são próprias:

(i) observa-se uma relação particular entre o sujeito da construção e o nome predicativo, que é da mesma natureza da que liga um sujeito a um verbo pleno (Exemplo: O *Zé fez um comentário depreciativo acerca dessa decisão*)²⁴;

(ii) como consequência dessa relação, observam-se fortes restrições sobre o determinante do nome predicativo; por exemplo, não é possível modificá-lo por um complemento de N não-correferente ao sujeito nem inserir um determinante que o coloque

²² Os exemplos de (6) a (9) foram extraídos de Neves (2000).

²³ As mesmas propriedades são discutidas nas teses de Ranchhod (1988), Baptista (2001) e Chacoto (2005). As pesquisas de Ranchhod (1988) e Baptista (2001) utilizam os alicerces teóricos de Z. S. Harris.

²⁴ Os exemplos apresentados nos itens de (i) a (v) foram retirados de Baptista (2001).

fora da esfera da referência do sujeito (Exemplo: O Zé fez (um + *²⁵o meu + *o teu) comentário depreciativo acerca dessa decisão.);

(iii) os complementos preposicionais do nome predicativo permitem frequentemente uma dupla análise como complemento do nome e do verbo-suporte (Exemplo: O Zé fez um comentário a essa decisão. Foi a essa decisão que o Zé fez um comentário. Foi um comentário a essa decisão que o Zé fez.);

(iv) a frase nominal pode frequentemente ser reduzida, sem perda de informação, a um grupo nominal cujo núcleo é o nome predicativo acompanhado de todos os seus argumentos; esta operação reduz o verbo-suporte e coloca o sujeito da construção na posição de complemento de N do nome predicativo (Exemplo: *O comentário do Zé acerca dessa decisão* foi muito apreciado./ Não gostei nada do *comentário do Zé acerca dessa decisão*.)

(v) os verbos-suporte podem ser substituídos por variantes lexicais, que não alteram as propriedades sintáticas da construção nem modificam as relações que se estabelecem entre o nome predicativo e os seus argumentos, limitando-se a introduzir na frase diferentes valores aspectuais (Exemplo: O Zé (fez + teceu) um comentário malicioso a essa decisão.)

As características apresentadas mostram que os verbos-suporte pertencem a uma classe especial dos verbos. Essas construções são usadas com função predicativa substituindo, algumas vezes, um verbo de mesmo significado, por exemplo, *fazer uma comentário* (comentar). Nota-se, também, que a sua estrutura apresenta algumas restrições, como em * *Zé fez o meu comentário* e podem ser substituídos por variantes lexicais em *Zé (fez + teceu) um comentário*.

²⁵ O código (*) representa uma sequência inaceitável em consonância com sentido da construção com verbo-suporte em relação às restrições impostas por ela.

3.1.1 O verbo-suporte em gramáticas históricas, tradicionais e descritivas da língua portuguesa²⁶

a) Gramáticas editadas em Portugal

Dias (1970) utiliza a expressão *Tomar o caminho*²⁷ de para explicar a frase *Partiram caminho de Roma*, quando comenta sobre a “Composição da oração”, mas não identifica a expressão como verbo-suporte, nem faz correspondência com um verbo equivalente, embora use o termo *locução*, que indica a noção de fixidez.

§41. a) Em outras determinações sem preposição há propriamente, ou ellipse, ou anacoluthia. Obs. Nas expressões como: *Partiram caminho de Roma*, parece que o compl. *caminho* é devido à influencia das locuções: *tomar o caminho de*, *seguir o caminho de*: quando ssora [=ss'ora] foy as vya (Fernão Roiz de Callheiros, Vat., 234). Antes de chegar a Santiago, N. Coelho apartou-se de V. da gama e foi-se caminho de Portugal (Cast., I, 29) (DIAS, 1970)

E acrescenta que:

b) Não são fáceis de explicar as expressões descriptivas constituídas por um substantivo seguido ou precedido de uma expressão predicativa: Encostado ao seu cajado | há (a) çapata na outra mão (Ber. Ribeiro, écloga, 2). Cego o vêdes pintar, | menino, e arco na mão (Prestes, 423). com penitencia de assistirem certos Domingos á porta de suas Igrejas, pés descalços, e cabeças descobertas e velas acesas nas mãos em uqnto se cantasse a Missa do dia (Sousa, Vida do Archeb., 1, 322). E ambos a pé suas capas ás costas e bordões nas mãos a uso monástico *põe-se em caminho* (Sousa, Vida do Archeb., 1, 466). Chaves na mão, melena desgrenhada, | Batendo o pé na casa, a Mãe ordena (N. Tolentino, Obras, 1, 1801, 57). Olhos em brasa, á turba pavorosa | Charonte acena (A. J. Viale, Canto 3. Do Inferno de Dante). (DIAS, 1970)

Observamos que a expressão *põe-se em caminho* corresponde a uma estrutura com verbo-suporte + SP, visto que constitui com o substantivo que lhe segue um todo semântico, correspondente a *caminhar*²⁸. No entanto, não encontramos explicação para o tema na referida gramática.

Vilela (1999), no capítulo da sua gramática intitulado “Verbos plenos e verbos auxiliares”, diz que os verbos “suporte” são os verbos que servem de “suporte” verbal ao

²⁶ As obras consultadas foram: as gramáticas brasileiras Bechara (2001), Borba (1996), Cunha e Cintra (2001), Neves (2000), Rocha Lima (1998), Castilho (2010); e as portuguesas Dias (1970), Vilela (1999), Mateus et al (2003). Optamos por identificar a gramática de Cunha e Cintra como uma obra brasileira, mas vale comentar que a referida gramática também foi editada em Portugal: Cunha e Cintra (1986). *Nova gramática do Português Contemporâneo*. 3ª edição - Edições João Sá da Costa.

²⁷ O *Novo dicionário crítico e etimológico da língua portuguesa* define a expressão *Tomar caminho de*, que significa *seguir*.

²⁸ Há um valor aspectual em “põe-se em caminho” que não há em “caminhar”.

autêntico predicado, um nome, geralmente deverbal, ou expressão equivalente e apresenta os exemplos: *dar beijos a* = “beijar”, *fazer a apresentação de* = “apresentar”, *ter em consideração* = “considerar”, *pôr em risco* = “arriscar”.

Segundo o autor, os verbos-suporte resultam da deslexicalização e correspondente gramaticalização de verbos plenos. Esses verbos transportam valores relativamente aos verbos correspondentes ao nome, como valores aspectuais (decurso, modo ou intensificação da ação), pontualizando o processo, como: *fotografar* vs. *tirar fotografias*, *considerar* vs. *ter consideração por*, *pressionar* vs. *fazer pressão sobre*, etc. Também podem servir como paráfrase da passiva, como: *A máquina foi reparada* vs. *A máquina sofreu uma reparação*.

Vilela (1999) comenta que a construção “verbo-suporte” + nome/expressão nominal atribui ao nome função predicativa e chama a atenção para as semelhanças e diferenças entre o verbo simples e a construção resultante do verbo suporte + nome, como nos exemplos a seguir: *O assunto desenvolveu-se bem* VS, *O assunto teve um bom desenvolvimento*, etc.

Duarte et al (2003), no capítulo “Entre verbos principais e verbos auxiliares: verbos leves e semiauxiliares”, utilizam o termo “verbos leves” para referir-se ao verbo-suporte. São apresentados exemplos em que os verbos *dar*, *fazer* e *ter* ocorrem como verbos plenos, como: “O João *deu* um livro à Maria”; “A Maria *fez* um bolo para os amigos.”; “Eles *têm* uma casa em Sintra.” Em que encontramos a sequência: verbo + objeto; e verbos leves, como: “O João *deu uma contribuição* decisiva para o debate.”; “A Maria *fez imensas queixas* aos amigos.”; “Eles *têm bastante influência* na comissão.” (Os verbos sofreram um processo de esvaziamento lexical. Os verbos principais *contribuiu*, *queixar-se* e *influenciar* correspondem ao significado do predicado composto formado pelo verbo leve e pela expressão principal).

Duarte et al (2003) comentam que o processo de esvaziamento lexical por que passam os verbos leves é chamado de “gramaticalização”, que permite que o centro semântico da frase se desloque para a expressão nominal. Nota-se a existência de verbos principais com um significado equivalente ao do predicado complexo formado pelo verbo leve e pela expressão nominal, como em: “O João *contribuiu* decisivamente para o debate.”; “A Maria *queixou-se* imenso aos amigos.”; “Eles *influenciam* bastante a comissão.”

No entanto, as autoras admitem que “o processo de esvaziamento lexical dos verbos leves não é total e que eles preservam a grelha argumental que têm como verbo pleno”. Afirmam, também, que, ao manter a sua grelha argumental, os verbos leves definem o tipo de situação que a frase descreve, como por exemplo: uma situação eventiva de tipo transferencial

(Exemplo: “O João *deu uma contribuição* decisiva para o debate.”), uma situação eventiva causativa (Exemplo: “A Maria *fez imensas queixas* aos amigos.”), uma situação estativa de posse (Exemplo: “Eles *têm bastante influência* na comissão.”).

Segundo as autoras, embora sua “grelha argumental” seja mantida, a predicação desloca-se para o sintagma nominal. Os sintagmas “uma contribuição”, “imensas queixas” e “bastante influência” fazem parte da grelha argumental dos verbos *dar*, *fazer* e *ter*, respectivamente, e não podem ser suprimidos. Esses elementos são essenciais para a estrutura do verbo e ocupam a posição de argumentos. Assim, não concordamos que haja esvaziamento lexical, mas um abrandamento do significado reforçado pelo nome que lhe serve de complemento sintático e semântico.

Quanto à preposição que introduz o complemento preposicionado, deve respeitar as propriedades de subcategorização do nome, ou seja, o núcleo da expressão nominal deve combinar com o verbo leve, como em: “O João *deu uma contribuição* decisiva para o debate.” / * “O João *deu uma contribuição* decisiva do debate.”

As autoras chamam a atenção para as construções com verbos leves apresentadas em seu texto. Nelas, o predicado complexo é constituído por um verbo leve e um argumento nominal, mas existem construções com verbos leves em que o predicado complexo é formado por um verbo leve que se combina com um predicado secundário, como em “Esta administração *fez a empresa rentável*.”²⁹ e “As miúdas *fizeram o mealheiro em cacos*.”³⁰. E concluem que a sintaxe e a semântica dos verbos leves *fazer* e *pôr* são distintas das dos verbos principais correspondentes: o componente de significado do verbo principal *fazer* não está presente no verbo leve correspondente; e o componente de significado locativo do verbo principal *pôr* está ausente no verbo leve.

Na gramática de valências de Vilela e Busse (1986), encontramos uma referência aos verbos funcionais. Segundo os autores, na tradição alemã da gramática de valências, designa-se por verbos funcionais os verbos que fazem parte de uma forma ampliada com um substantivo deverbal equivalente de modo mais ou menos aproximado ao de um verbo simples. Os autores afirmam que, em outras correntes linguísticas, encontraremos o termo *verbos operadores* (Harris, Gross) e ilustram com o exemplo: dar (a) permissão a = permitir.

Os autores comentam que as formas ampliadas podem substituir os verbos simples em muitos contextos, como nos exemplos: “O dono da casa *deu autorização* aos

²⁹ Exemplo extraído de Duarte et al (2003).

³⁰ Exemplo extraído de Duarte et al (2003).

empregados para irem ver o eclipse./ O dono da casa *autorizou* os empregados a irem ver o eclipse. /O dono da casa *autorizou a saída* a todos os empregados.”³¹

E acrescentam que estes verbos pertencem evidentemente ao grupo dos auxiliares, pois apresentam uma significação nitidamente gramaticalizada, perdendo uma parte do seu significado lexical, e apresenta os verbos funcionais mais frequentes, tais como *fazer*, *ter*, *pôr*, *dar*.

Quanto ao caráter perifrástico da construção, os gramáticos mostram as seguintes formas: “estudar um assunto = fazer o estudo do assunto”; “perguntar alguma coisa a alguém = fazer uma pergunta a alguém”; “aludir a algo = fazer alusão a algo”.

Para exemplificar algumas restrições sintáticas dos verbos, Vilela e Busse (1996) selecionam construções com os verbos funcionais *dar*, *ter* e *pôr*. Segundo os autores, o verbo *dar* pode ser classificado segundo as seguintes restrições sintáticas: substantivo sem artigo: a) “*Dar autorização* a alguém para algo.”, “*Dar apoio* a alguém/alguma coisa.”; b) substantivo sem ou com artigo: “*Dar (a) permissão* a alguém de/para fazer algo.”; c) substantivo com artigo e adjetivo possessivo: “*Dar o seu apoio* a alguém.”, “*Dar a sua adesão* a alguém/a algo.; d) substantivo com o sufixo –*ela*: “*Dar uma varridela* a uma sala.”, “*Dar uma telefonadela* a alguém.”, “*Dar uma apitadela* a alguém (= telefonar).”

O verbo *ter*, como verbo funcional, aparece em construções como: “*Ter em consideração*”, “*ter em conta*”, “*ter dúvidas* acerca de”. E, para o verbo *pôr*, apresentam as seguintes construções: “*Pôr alguma coisa* à venda”, “*Pôr alguma coisa* em dúvida/em questão”, “*Pôr uma pergunta* a alguém”, “*Pôr dúvidas* acerca de algo”

b) Gramáticas editadas no Brasil

Selecionamos três gramáticas tradicionais contemporâneas: Rocha Lima (1998), Bechara (2001) e Cunha e Cintra (2001).

Cunha e Cintra (2001) definem apenas três tipos de verbos quanto à função: (i) verbo principal – “um verbo de significação plena, nuclear de uma oração” (CUNHA e CINTRA, p. 387), (ii) verbos de ligação – “servem para estabelecer a união entre duas palavras ou expressões de caráter nominal (...) um elo entre este (o sujeito) e o predicativo” (*Ibidem*, p. 133), e (iii) verbo auxiliar – “desprovido total ou parcialmente da aceção própria, se junta a formas nominais de um verbo principal, constituindo com elas locuções que

³¹ Exemplos extraídos de Vilela e Busse (1986, p.81)

apresentam matizes significativos especiais.” (op. cit, p. 387). De acordo com essa classificação, o verbo *tomar* nas construções do tipo *tomar+SN* (*tomar banho*) teria de ser classificado como “verbo auxiliar”.

Bechara (2001, p.209) entende por verbo “a unidade de significado categorial que se caracteriza por ser um molde pelo qual organiza o falar seu significado lexical”. O autor distingue duas subclasses de verbos: os verbos nocionais (que formam o predicado verbal) e os verbos relacionais (que formam o predicado nominal). Segundo o autor, esta distinção é válida sob certos aspectos semânticos, mas não no que se refere à sintaxe, pois admite que o núcleo da oração é sempre o verbo, mesmo que se trate de um verbo de significado léxico muito amplo ou vago. Bechara (2001) considera as duas subclasses verbais: verbos nocionais e verbos relacionais, mas não considera em sua classificação a noção de verbo-suporte.

Rocha Lima (1988, p. 250) não caracteriza, nem define as construções com verbo-suporte, mas faz menção às construções *verbo + SN* ao tratá-las como “conglomerados”. O autor afirma que esses conglomerados regiam o dativo em latim e equivalem muitas vezes a verbos simples: *ter medo a* (= *temer*), *ter amor a* (= *amar*), *fazer guerra a* (= *guerrear*), *pôr freio a* (= *refrear*), etc. Rocha Lima (1988) apresenta um exemplo com esse tipo de construção, embora não trate especificamente a existência de verbos-suporte formados por verbo + SN.: “Não *tenho medo* ao tormento.” (Rocha Lima, 1988). Nesse exemplo, a construção *tenho medo* equivale ao verbo simples *temer*.

Enquanto as gramáticas tradicionais contemporâneas do português brasileiro, tais como as de Rocha Lima (1998), Bechara (2001) e Cunha e Cintra (2001), não abordam especificamente o tema, podemos destacar algumas gramáticas descritivas que apresentam definições e exemplos sobre o comportamento da categoria de verbo-suporte. São elas: a Nova Gramática do Português Brasileiro, de Castilho (2010), a Gramática Houaiss da Língua Portuguesa (s/d), de Houaiss; a Gramática de Usos do Português, de Neves (2000); e a Gramática do Português Falado, de Koch (2002).

Castilho (2010, p.410) faz as seguintes observações sobre o verbo-suporte:

- 1) Os verbos-suporte apresentam uma forte solidariedade sintática com o substantivo que se segue, ao qual não atribuem caso. Observe que esse substantivo dispõe de uma baixa referencialidade, não vem antecedido de especificadores, não funciona como argumento interno do verbo, e por isso não é proporcional a um pronome.
- 2) O sentido do sintagma verbal complexo deriva do conjunto formado pelo verbo-suporte + substantivo, tornando impossível a substituição do verbo suporte por um sinônimo. (CASTILHO, p. 410)

O exemplo (10a), extraído de Castilho (2010), mostra que o verbo e o substantivo operam integradamente como o núcleo do sintagma verbal e que não existe fronteira sintática entre o verbo *dar* e o substantivo *conta*.

- (10) (a) “Os aposentados já se *deram conta* da inutilidade de suas reclamações.”
 (b) ^{SV} [[*deram conta*] ^{Núcleo} da inutilidade de suas reclamações ^{complementador}] ^{SV}

E corrobora com Neves (1996), quando menciona que o verbo-suporte supre certas faltas no léxico da língua, como mostram as sentenças extraídas de Neves (1996):

- (11) (a) Eu até gostaria de *fazer ginástica* (cf. **ginastigar*).³²
 (b) Esperemos que o público *tome conhecimento* de tudo (cf. ? *conhecer de tudo*).
 (c) Ele *tem nojo* de marisco (cf. ? *ele se enjoa de marisco*).

Castilho (2010) utiliza os exemplos a seguir, para mostrar que ocorre construção com verbo-suporte quando um especificador antecede o sintagma nominal encaixado num sintagma verbal complexo.

- (12)(a) Esse menino só [*faz perguntas*].
 (b) Esse menino só faz [*as perguntas que os outros evitam*].
 (c) Esse menino faz só [*as perguntas que os outros evitam*].

Em (12a), temos uma construção com verbo-suporte constituída por um sintagma verbal complexo (verbo + substantivo), em que o substantivo não tem especificador; em (12b), o verbo *faz* é um verbo pleno e o seu complemento é um substantivo, núcleo do sintagma nominal, com especificador e complementador; e, em (12c), o substantivo é focalizado, encaixado em um sintagma verbal simples.

Esse autor comenta sobre a polifuncionalidade dos verbos *ser*, *estar*, *ter* e *haver*, que podem funcionar como verbos plenos ou verbos-suporte. Para exemplificar esse fenômeno, apresenta exemplos com o verbo *dar* em (13) e (14).

- (13) “Ele não *deu certo* naquela profissão (= “não acertou”)

³² Os exemplos (11), (12) e (13) foram extraídos de Castilho (2010).

(14) - Ele não achou o endereço.

- Será que você *deu* \emptyset certo? (em que \emptyset = o endereço)

Em (13), o verbo *dar* funciona como verbo-suporte e, em (14), como verbo pleno.

Essas gramáticas, geralmente, são fontes de pesquisa de estudantes em cursos de Graduação em Letras, mas pouco usadas no ensino básico. Apesar de conterem mais informações sobre a categoria de verbo-suporte do que as gramáticas tradicionais, ainda necessitam de descrições mais específicas sobre o processo de gramaticalização de verbos, no que concerne às motivações semântico-discursivas que levam os falantes a empregar predicadores complexos e aos diferentes contextos discursivos que favorecem o seu uso.

Para Neves (1996), as construções com verbo-suporte se encontram no intermédio de dois extremos:

a) a “expressão verbal”, “locução verbal”, “perífrase verbal”, que funciona em conjunto na atribuição de papéis temáticos e se apresenta como um bloco cristalizado em que existe um significado global unitário;

b) as construções de verbo pleno + nome objeto direto, que exercem papéis independentes na estrutura argumental (predicado e argumento, respectivamente), e que guardam, um e outro, total individualidade semântica.

Neves (2002) comenta que o funcionamento das construções com verbo-suporte está relacionado às necessidades funcionais de seu uso. Assim, a escolha de um falante pelo uso de uma construção com verbo-suporte, em vez de uma construção com um verbo pleno, pode ocorrer pela necessidade ou ganhos funcionais. O falante pretende obter um efeito especial. Para explicar, a autora apresenta cinco efeitos de natureza distinta.

a) uma maior versatilidade sintática: verifica-se que se obtém maior versatilidade sintática com o uso de uma construção com verbo-suporte, comparando-se com uso de um possível verbo simples, pois o uso da construção sintática “verbo-suporte + objeto” ora qualifica (Exemplo: “*tomar atitudes* mais ou menos **autoritárias**”), ora classifica (Exemplo: “nessa situação aqui, vocês não podem *dar a opinião* **pessoal**”), além também de se obter uma melhor condição de possessivização reflexiva (Exemplo: “...então passei meus anos naquele colégio NE?...fiz **minhas** amigas conheci os professores o ambiente escolar...”), quantificação (Exemplo: “eu *tenho* **pouca** noção”) e condição de restrição de nome (Exemplo: “alguns *fazem pesquisas* **que gostam**”). Os exemplos, extraídos de Neves (1996),

mostram que as construções com verbo-suporte permitem uma caracterização do SN que o sucede, fato que nem sempre possível com o verbo pleno (Exemplo: *fazer análise profunda* – analisar profundamente). De acordo com o posicionamento de Castilho (2010, p.410), nas construções com verbo-suporte, o verbo e o substantivo operam integradamente como núcleo do sintagma verbal, inexistindo fronteira sintática entre eles.

A maior versatilidade sintática diz respeito à redução da valência de um predicado (detransitivização). Isso ocorre quando o uso da construção verbo-suporte + SN permite a omissão de um ou mais argumentos do verbo. Essa definição não corrobora Duarte et al (2006), que defendem a preservação da estrutura argumental. No artigo “Propriedades predicativas dos verbos leves *dar*, *ter* e *fazer*: estrutura argumental e eventiva” as autoras apresentam argumentos a favor do estatuto predicativo dos verbos leves. Segundo elas, os verbos leves preservam a estrutura argumental do verbo pleno correspondente. Os exemplos a seguir, extraídos de Duarte et al (2006), mostram a estrutura dos verbos *dar*, *fazer* e *ter*, funcionando como verbo-suporte em (15b), (16b) e (17b) e verbo pleno em (15a), (16a) e (17a).

- (15) a. O Pedro deu **uma gravata ao pai**.
- b. O Pedro deu **uma leitura ao texto**.
- (16) a. O Pedro fez **uma casa enorme**.
- b. O Pedro fez **um sorriso triste**.
- (17) a. O Pedro teve **um acidente**.
- b. O Pedro teve **um sonho interessante**.

Os exemplos (15) a (17) mostram que os verbos *dar*, *fazer* e *ter* preservam a mesma estrutura, seja como verbo-suporte ou verbo pleno. Em (15), o verbo *dar* tem três argumentos, em (16), o verbo *fazer* tem dois argumentos e, em (17), o verbo *ter* tem dois argumentos.

b) a redução da valência do verbo (detransitivização): ao empregarmos o verbo-suporte + SN, podemos omitir um ou mais argumentos do verbo, no entanto, mantém-se o status gramatical da construção, embora possa haver mudança semântica (Exemplo: “o indivíduo tem que ter conhecimento, compreensão, análise e síntese ele não pode *fazer uma síntese*, sem *fazer* antes *uma análise...*”). O exemplo mostra que a construção com verbo-suporte + nome dispensa um complemento de especificação. Mas, se for uma construção com

verbo pleno, como em “ficava nervoso depois preocupado em *fazer o diagnóstico do doente*”, haveria pouca possibilidade de dispensar o complemento especificador.

c) uma maior adequação comunicativa: as construções com verbos plenos e construções com verbo-suporte podem distinguir-se quanto à aplicabilidade em diferentes situações comunicativas (Exemplo: “então...num tumor maligno...é que se *faz a retirada* do testículo.”). O exemplo mostra que o uso da construção com verbo-suporte é imprescindível para a obtenção dos efeitos da comunicação, pois a expressão se adequa ao jargão técnico.

d) uma maior precisão semântica: com a escolha por construções com verbo-suporte, pode-se definir melhor a natureza semântica do predicado (ação, processo ou estado) (Exemplo: “Eu *fiz força* pras minhas aprende(r) a nada(r), mas foi só também, né...”), acentuar um determinado papel semântico de argumento (Exemplo: “há uma preocupação modernamente em *dar* melhor *tratamento* possível à ***sinalização vertical*** sem abusar...”), configurar um aspecto verbal particular (Exemplo: “Não eu *dei* u::ma *rápida* olhada sabe?”). É possível comparar “dei uma rápida olhada” com “olhei rapidamente”. A segunda frase seria pontual, enquanto que a primeira prevê uma certa duração, embora rápida, configurando um valor aspectual particular. Também é possível obter uma construção de significado oposto à construção com verbo pleno (Exemplos: “*toma conta*³³ do pessoal”, “todas as coisas que *fazem parte*³⁴ do café”) e obter uma circunscrição da expressão, pela possibilidade de focalização do nome envolvido na construção (Exemplo: “eu imagino isso....agora a televisão eu estou *fazendo assim* um....uma ...uma *comparação* porque à televisão eu tenho ido....”).

e) efeitos na configuração textual: a função textual dos sintagmas nominais complementos de verbo-suporte implica em fazer remissão textual, com o emprego de determinantes fóricos no SN complemento (Exemplo: “e o social o aspecto social não podemos levar em consideração. Já *fizeram essa pergunta* a Bernadete.”) e instruir referente textual para posterior retomada (Exemplo: “quando ele *dá uma definição*, depende se ***essa definição*** é uma...”).

Machado Vieira (2003, p. 90) também apresenta alguns efeitos decorrentes da opção do falante pelo emprego do verbo-suporte.

³³ Neves (2002) comenta que *toma conta* é diferente de *cuida*.

³⁴ Neves (2002) comenta que *fazem parte* é diferente de *participam*.

A opção por predicado complexo possibilita a codificação de um sentido muitas vezes não obtido com uma forma verbal simples (*o rapaz fez uma soldazinha e cobrou uma nota preta*); permite ao falante fazer remissão textual (*fez duas previsões*), prescindir de complementação (*vou fazer compras mais tarde*); evitar clíticos (*os pais se queixam/ fazem queixa da professora*); intensificar o nome predicante em vez da ação/atividade (*o barco fica sempre fazendo muito movimento/movimentando-se muito na água*); ou atribuir valor reiterativo ao predicado por meio da pluralização do nome (*fazendo consultas*), entre outros efeitos discursivos. (MACHADO VIEIRA, 2003, p. 90)

Além dos fatores apresentados, Assis (2009, p. 44) afirma que existem outros fatores semânticos e discursivo-pragmáticos que podem ser considerados:

1. O uso do diminutivo pode explicitar três efeitos discursivo-pragmáticos: a) Comunica maior afetividade (Ele gosta de *dar beijinho* no filho). b) Explicita uma admoestação (Eu preciso *ter uma conversinha* com você, rapaz!). c) Denota brevidade da ação expressa (Você não quer *dar uma olhadinha* na bolsa pra mim?).
2. A pluralização do nome integrante da perífrase pode atenuar a carga semântica expressa pelo verbo pleno, tornando o enunciado menos incisivo (Infelizmente, você só sabe *fazer gastos/ Eu tenho dúvidas* da sua lealdade).
3. A topicalização do nome que compõe a perífrase permite a sua ênfase no enunciado (Uma *sugestão* que eu *dou* no meu trabalho e ser objetivo/ *Medo* eu não *tenho*, mas fico sempre alerta).
4. Obtenção de versatilidade semântica (Eu não *tenho a pretensão* de me opor as suas ideias, mestre).
5. Alcance de uma modalização discursiva, não explicitada pelo verbo pleno (O universitário *fez uma análise do partido comunista*).
6. Utilização da perífrase como recurso de ênfase, com redundância discursiva, alcançando maior subjetividade (Eu vou *fazer minha análise* dos dados/ Eu *tenho meu próprio interesse* nesse assunto específico).
7. Especificação e intensificação do nome integrante da perífrase, por meio de uma entonação adequada (Ontem, ele me *deu aquele beijo!*.../Eu *tenho um medo* de obra!...) (ASSIS, 2009, p. 44)

Essas listas mostram que o emprego das construções com verbo-suporte revela mais do que uma alternativa de paráfrase ou de versatilidade sintática. Essas construções revelam intenções comunicativas e têm um forte componente discursivo e pragmático.

Na gramática de valências de Borba (1996), os verbalizadores ou verbos-suporte são definidos como verbos que, tornando-se vazios de sua significação léxica, compõem sintagmas verbais complexos introduzindo predicados nominais cujo núcleo é o nome/adjetivo. Chamam-se verbalizadores por apontarem para a função verbal (= predicativa) do nome/adjetivo que introduzem; e verbo-suporte por suportarem ou expressarem categorias verbais como tempo, modo, número e pessoa. Ex: *ter medo* (= temer); *abrir falência* (=falir); *ficar triste* (=entristecer); *ser alegre*; *parecer feliz*, etc.

Além de expressar categorias gramaticais, há verbos-suporte que se associam a um sujeito *paciente* (ou experimentador) ou a sujeito *causativo*. São os verbos-suporte processivos (Exemplo: “Lana *ficou alegre*.” (= alegrou-se) e causativos (Exemplo: “Tempestades *dão medo*.” (= amedrontam).

Os verbos-suporte processivos são *ficar* e *tornar-se*, que introduzem predicativo expresso por sintagma adjetival e sintagma nominal, e *virar* com predicativo expresso por sintagma, como mostram os exemplos: “A blusa *ficou toda manchada*.”, “Leo *ficou com medo*.”, “Lagartixa não *vira jacaré*.”

Os verbos-suporte causativos são *causar* e seus equivalentes (*ocasionar*, *acarretar*, etc.); e também *dar*, *fazer*, *pôr* (meter, botar) precedendo nomes abstratos designativos de sensações que os seres animados experimentam e que se ligam a alguma causa. Exemplos: “Aquela caratonha *causava* (dava, metia, fazia) medo (pavor, espanto, repulsa).”, “Certas músicas *dão* alegria (tristeza, angústia, entusiasmo).”, “A escuridão *mete* (põe, bota) medo (susto) nas crianças.”

De acordo com Borba (1996), os verbos-suporte constituem esquemas estruturais como os seguintes:

A. V sup + Det/Quant/poss/Mod³⁵ + Na³⁶: abrir (uma) denúncia; fazer (um, o) estudo; passar (uma) (severa) repreensão; dar (muitos) gritos; dar (sua) permissão; abrir falência.

B. Vsup + Prep + Na: ter em mente; pôr a salvo; pôr em questão; estar com apetite; estar em greve.

C. Vsup + Adj/N/Sadj/SN: ser feliz; permanecer em silêncio; ser útil aos amigos; ser homem, estar (um) homem; ficar uma fera; virar um elefante.

Na prática, o que se observa é que as estruturas com verbo-suporte formam uma vasta rede de equivalências e superposições parciais.

3.1.2 Características das construções com verbos-suporte

Esta seção tem como objetivo caracterizar as construções com verbos-suporte na língua portuguesa, considerando a discussão de Neves (2002), uma das principais representantes do funcionalismo no Brasil. As razões para a escolha desse trabalho devem-se ao fato de que a autora:

1. adota critérios para diferenciar as construções com verbo-suporte das construções que apresentam um verbo pleno e seu objeto;

³⁵ Mod corresponde a abreviatura de *modificador*.

³⁶ Na corresponde a abreviatura de Nome abstrato.

2. utiliza testes para diferenciar as construções com verbo-suporte das expressões cristalizadas;
3. fornece elementos importantes para a análise das construções com verbos-suporte desta pesquisa;
4. utiliza como fonte de análise dados empíricos em contextos reais de uso.

Segundo Neves (2002), o verbo-suporte, também conhecido como *verbo funcional*, *verbo geral*, *verbo operador*³⁷, *verbo leve*³⁸, *verbóide*, *verbalizador*³⁹ e *verbo neutro*⁴⁰, comporta as categorias de modo, tempo, número e pessoa. Neves (2002) considera que as construções com verbo-suporte, por seu lado, se situam no intermédio entre as construções com verbos plenos e as expressões cristalizadas, ora mais próximas de um, ora mais próximas do outro extremo, conforme o grau de “gramaticalização” a que tenham chegado. O quadro a seguir ilustra a definição de Neves (2002).

Quadro 6 - Delimitação das unidades lexicais segundo Neves (2002)

- Unidade lexical	+ Unidade lexical	
Construções Livres	Construções com verbo-suporte	Expressões cristalizadas

Fonte: Neves (2002)

O quadro mostra que, em um extremo, encontram-se as expressões cristalizadas ou fossilizadas, como em (18). No outro extremo, encontram-se as construções com verbo pleno, como em (19). Nessas construções, o predicado e o argumento exercem papéis independentes na estrutura argumental. E, entre os dois extremos, estão as construções com verbo-suporte, como em (20).

³⁷ Harris, 1970.

³⁸ Scher (2003, p.205) e Duarte (2003, 2006) empregam a expressão “verbo leve” para referir-se ao verbo-suporte. O termo “verbo leve” foi introduzido na Linguística por Jespersen (1954).

³⁹ Borba, 1991.

⁴⁰ Na Gramática de João de Barros (1540) são chamados de “verbos neutros”.

(18) Valéria *tomou partido* da tia.⁴¹

(19) Uma melodia *sublinha a fala de Joana*.

(20) O povo começou a *ter confiança* em que o voto era sua arma.

A autora faz considerações sobre a estrutura *V+ Obj*, concentrando-se nas construções com verbo-suporte. Os verbos-suporte compõem-se de:

1. um verbo com determinada natureza semântica básica, que funciona como instrumento morfológico e sintático na construção do predicado;
2. um sintagma nominal que entra em composição com o verbo para configurar o sentido do todo, bem como para determinar os papéis temáticos da predicação.

Neves (2002) desenvolve uma análise que visa distinguir as construções com verbos-suporte das construções com verbos plenos. São três os critérios por ela apontados que diferenciam as construções com verbo-suporte das construções que apresentam um verbo pleno e seu objeto.

O primeiro critério explicita as restrições para o determinante do nome objeto que acompanha o verbo-suporte. A autora afirma que é impossível acrescentar um complemento do tipo *de + nome humano ou possessivo* ao SN que serve de complemento do verbo-suporte, por exemplo: *O falante *deu um riso do falante*. Isso mostra que o N que acompanha o verbo-suporte não tem referente próprio.

O segundo critério diz que é possível a dupla análise do complemento de verbo-suporte que apresenta a estrutura *SN + preposição + SN*. Pode-se, então, ter a dupla possibilidade de extração, ou clivagem, na estrutura *é....que*, como no exemplo *É uma olhada no jornal* que Tenório dá.

O terceiro critério menciona que a oração com verbo-suporte reproduz um sintagma nominal por apagamento do verbo-suporte e colocação de seu complemento na forma *de + SN*, como no exemplo da autora citada: *Olhada de Tenório no jornal*. Esse critério permite afirmar que as construções com verbo-suporte são fonte das nominalizações.

Esses critérios verificam que as construções com verbo-suporte têm:

⁴¹ Os exemplos de (18) a (39) encontram-se em Neves (2002)

1. como complemento um nome não-referencial;
2. coincidência de estrutura argumental entre nome objeto e conjunto de verbo-suporte + nome objeto;
3. correspondência com apagamento do verbo-suporte a uma nominalização com estrutura argumental preenchida.

Neves (2002) propõe uma série de testes de constituintes, baseados nas propostas de Gross & Vivès (1986) e nas propostas do gerativista Radford (1988) para distinguir as construções com verbo-suporte das construções cristalizadas. Esses testes baseiam-se nas seguintes operações sintáticas: (i) a distribuição; (ii) a anteposição ou a posposição do constituinte da sentença; (iii) fragmento da oração; (iv) coordenação com outra cadeia de elementos; (v) constituinte compartilhado; (vi) pronominalização e (vii) elipse.

Esses testes serão úteis no desenvolvimento desta pesquisa, pois servirão para determinar a estrutura de constituintes de uma construção e auxiliar na identificação e caracterização da natureza das construções com verbo-suporte.

O primeiro teste verifica se o elemento tem a mesma distribuição, ou seja, se pode ser substituído por outro elemento do mesmo tipo. Se isso ocorre, o elemento é um sintagma relevante. Neves (2002) mostra que há construções propostas como de verbo-suporte que são passíveis de substituição, como o exemplo (21) a seguir.

(21) Aí então resolvi dar **uma investida** [**uma pesquisada**] de leve.

No entanto, as expressões cristalizadas não permitem tal substituição.

(22) Valéria tomou **partido** [tomou...?...] da tia.

Assim, a aplicação desse teste mostra que o elemento que atua como objeto de um verbo-suporte é um SN, o mesmo não ocorre com o elemento nominal de uma expressão cristalizada em que há mais composicionalidade.

A autora aplica o mesmo teste em toda a expressão e verifica que tanto as ações com verbo-suporte + objeto quanto as expressões cristalizadas + objeto podem corresponder a verbos simples e compõem conjuntos para os quais os dois elementos contribuem sintática e semanticamente. Observe os exemplos em (23).

- (23) (a) Aí então resolvi **dar uma investida** [**investir**] de leve.
 (b) Valéria **tomou partido** da [**concordou com**] a tia.

O segundo teste verifica se o elemento nominal admite movimento, ou seja, se pode ser anteposto ou posposto. Se isso ocorre, o elemento é um sintagma de algum tipo. Os resultados da aplicação desse teste mostram que o elemento nominal que acompanha o verbo-suporte é um SN, pois admite anteposição. A construção dessas frases não é usual e causa estranheza, mas elas são aceitáveis do ponto de vista gramatical. Se, por um lado, o verbo-suporte admite anteposição, por outro lado, as expressões cristalizadas não admitem anteposição do elemento nominal. Vejamos alguns exemplos de verbo-suporte e expressão cristalizada, respectivamente.

- (24) ? O povo começou a **confiança ter** em que o voto era sua arma.
 (25) *Valéria **partido tomou** da tia.

O mesmo teste é aplicado em toda a expressão *verbo + objeto*, e a autora verifica que tanto as construções com verbo-suporte quanto as expressões cristalizadas permitem possíveis deslocamentos, como mostram os exemplos (26a) e (27a).

- (26) O povo começou a **ter confiança** em que o voto era sua arma.
 (26a) Começou a **ter confiança** em que o voto era sua arma o povo.
 (27) Valéria **tomou partido** da tia.
 (27a) **Tomou partido** da tia, Valéria.

O terceiro teste verifica se o elemento nominal pode servir como fragmento de oração. Se isso ocorre, ele é um constituinte sintagmático. Novamente, a autora verifica que o elemento nominal que acompanha o verbo-suporte admite essa possibilidade, mas não o elemento nominal da expressão cristalizada. Vejamos alguns exemplos:

- (28) Deu **um riso**?
 Não, *um sorriso*.
 (29) Tomou **partido**?
 Não, [...?....]

O teste aplicado em toda a expressão mostrou resultados diferentes. Quando toda a expressão é substituída por um verbo simples, o resultado é gramatical nos dois casos, ou seja, as expressões cristalizadas e construções com verbo-suporte se comportam da mesma maneira.

(30) **Deu um riso?**

Não, **chorou.**

(31) **Tomou partido?**

Não, **alheou-se.**

O quarto teste verifica se o elemento nominal admite coordenação com outra cadeia. Se isso ocorre, as cadeias coordenadas são da mesma natureza sintática. O elemento nominal que acompanha o verbo-suporte é um SN e admite coordenação, como em:

(32) E então o falante **deu um riso** e **um olhar** e soltou a injúria suprema.

O mesmo não é possível com elemento nominal que forma a expressão cristalizada.

(33) Valéria **tomou partido** e [...?.....] da tia.

O quinto teste verifica se o elemento nominal pode servir como constituinte compartilhado, como em (34).

(34) **deu** – e não **recebeu** – **um sorriso.**

Observe que, no exemplo (34), o compartilhamento ocorre com o verbo de maior densidade semântica (receber), o que atesta o caráter de constituinte do verbo-suporte. O mesmo não ocorre com expressões cristalizadas, tal como em (35).

(35) Valéria **tomou** – e não [...?.....]- **partido** da tia.

O sexto teste verifica se o elemento nominal pode ser substituído por uma proforma⁴². Se isso ocorre, ele é um sintagma do mesmo tipo que a proforma. Neves (2002) verifica a impossibilidade de pronominalização do elemento nominal, tanto em construções com verbo-suporte, exemplo em (36), quanto em expressões cristalizadas, exemplo (37).

(36) **deu um riso** → * deu-o

(37) **tomou partido** → * tomou-o

O último teste verifica se o elemento nominal admite elipse. Se isso ocorre, ele é um sintagma do tipo verbal. Neves (2002) verifica que essa é uma possibilidade apropriada em (38), mas não se verifica para o exemplo (39).

(38) O falante **deu um riso** e o ouvinte [um sorriso].

(39) Valeria **tomou partido** e Pedro [.....?...]

Não é possível a aplicação do teste em toda a expressão *verbo + objeto*, visto que se trata de sintagmas verbais.

Neves (2002) chega às seguintes conclusões sobre as construções analisadas: para o elemento nominal objeto do verbo, o comportamento nas construções analisadas foi oposto (nas construções suporte trata-se de um SN; nas expressões cristalizadas, o elemento nominal apresenta soldadura com o verbo, não podendo ser considerado um SN). Enquanto, nas expressões cristalizadas, esse elemento não é um constituinte, ou seja, não tem autonomia, mas compõe um todo com o verbo, nas construções com verbo-suporte, tal elemento se comporta como SN, isto é, como constituinte da oração. Por outro lado, os resultados da observação de tais construções, como um todo, mostraram-se idênticos: tanto as expressões cristalizadas quanto as construções com verbo-suporte são constituintes da oração enquanto predicadores complexos. Além disso, compartilham a condição de equivalência semântica com um verbo pleno, ou seja, podem ser substituídas por um verbo simples, pois têm unicidade semântica, corroborada pelo fato de que a soma dos significados das partes não corresponde ao significado do todo da construção.

Os verbos-suporte têm um valor semântico, embora reduzido, e apresentam alguns tipos semânticos, conforme propõe Neves (1996, 2000):

⁴² Radford (1988) acredita que é mais apropriado o termo “proforma” em detrimento de pronome por estarmos tratando de sintagmas completos.

Ação: por exemplo, *dar um chute, fazer uma viagem*.

Processo: por exemplo, *tomar conhecimento, tomar impulso*.

Estado: por exemplo, *ter conhecimento, ter noção*.

Duarte et al (2006), no artigo “Verbos leves com nomes deverbais no português europeu”, mostram que os verbos leves não são elementos funcionais nem itens num processo de gramaticalização que possa conduzir à sua auxiliarização; defendem que o verbo leve forma um predicado complexo com o nome deverbal, por atuação de operações temáticas pré-sintáticas e propõe uma derivação sintática que distingue as construções com verbos leves das em que ocorre o verbo pleno cognato.

Duarte et al (2006) defendem que o verbo leve (cf. exemplo 41) pode manter o número de argumentos do verbo pleno (cf. exemplo 40), sendo possível operar sobre os argumentos internos. Não é um núcleo meramente funcional, pois apresentam propriedades idênticas às de um verbo pleno e diferenciam-se dos verbos auxiliares (cf. exemplo 42), pois impõem restrições à classe semântica de predicados com que se combinam e mantêm as propriedades de seleção semântica do verbo principal para o verbo leve (cf. exemplo 43).

(40) (a) O Pedro deu o livro a Maria.⁴³

(b) Foi à *Maria* que o Pedro deu o livro.

(c) Foi *o livro* que o Pedro deu à Maria.

(41) (a) A Marta deu uma varredela rápida.

(b) Gostei da tua varredela do chão.

(c) */? Gostei da tua varredela ao chão.

(42) (a) As bailarinas têm pressionado o diretor da Gulbenkian.

(b) As bailarinas fazem pressão sobre o diretor da Gulbenkian.

(pressionar = processo)

(43) (a) O João deu uma queda.

(b) *A casa deu uma queda.

⁴³ Os exemplos de (40) a (54) encontram-se em Duarte (2006)

De acordo com as autoras, a sequência verbo leve + nome deverbal apresenta um conjunto de propriedades que contribuem para a construção de um predicado complexo. As propriedades são:

(i) A sequência Verbo leve + N deverbal tem a possibilidade de ser parafraseada com o verbo principal, que constitui a base derivante do nome como mostram os exemplos em (44) e (45).

(44) (a) O primeiro-ministro *fez um discurso* na ONU.

(b) O primeiro ministro *discursou* na ONU.

(45) (a) O João deu uma escovadela ao/no fato.

(b) O João *escovou* o fato.

(ii) O verbo leve preserva a estrutura argumental do verbo principal de que é cognato nos exemplos em (46) e (47).

(46) (a) O Pedro *deu uma gravata* ao pai.

(b) O Pedro *deu uma olhadela* ao texto.

(47) (a) O Pedro *fez uma casa* enorme.

(b) O Pedro *fez um sorriso* triste.

(iii) Os verbos leves preservam parte do significado do verbo principal de que são cognatos.

(48) O João_x deu uma gravata_y ao pai_z.

(49) O João_x deu um abraço_y ao pai_z.

Duarte et al (2006) explicam que, em (48), o verbo principal *dar* exprime uma mudança de localização de y, que estava na posse de x e que passou para a posse de z, por ação intencional de x. Logo admite que o verbo pleno possui elementos de significado (controlador, mudança de localização e transferência), que são preservados pelo verbo leve, como mostra o exemplo em (49).

(iv) O verbo leve é sensível à estrutura argumental do nome deverbal.

- (50) (a) O João deu uma olhadela ao livro.
 (b) O João fez uma promessa à Maria.
- (51) (a) O João deu um assobio.
 (b) O João fez um sorriso triste.
- (52) (a) * O João deu um desmaio ligeiro.
 (b) * O João fez um desmaio ligeiro.

Os exemplos (50) a (52) mostram que os nomes derivados de verbos que requerem um argumento que denote fonte se combinam preferencialmente com os verbos leves *dar* e *fazer*. No entanto, o verbo leve *ter* combina-se preferencialmente com nomes derivados de verbos que não seleccionam argumento fonte, como em (53).

- (53) (a) O João teve um *desmaio*. (ligeiro/prolongado).
 (b) *O João teve uma *promessa* à Maria.

(v) O sintagma que contém o nome deverbal é interpretado como argumento interno do verbo leve, preservando propriedades predicativas.

O constituinte de que o nome deverbal é núcleo se comporta como um argumento do verbo leve, e este argumento apresenta propriedades predicativas.

- (54) (a) A Marta *deu uma varredela rápida ao chão*.
 (b) Gostei da tua varredela *do chão*.
 (c) * Gostei da tua varredela *ao chão*.

(vi) Os verbos leves seleccionam Temas⁴⁴ que denotam eventos, mas não indivíduos.

Os verbos leves seleccionam Temas cujo núcleo denota eventos e não admitem Temas que denotem indivíduos. Alguns argumentos dessa afirmação são: (i) o Tema dos verbos leves admitem adjetivos com valor aspectual (Exemplo: O João fez uma intervenção *interminável/rápida* no debate. (ii) se os nomes derivam de um verbo com argumentos

⁴⁴Corresponde ao objeto direto que contém o nome deverbal.

internos, é obrigatória a presença de um argumento interno desse verbo (Exemplo: *O João fez uma intervenção interminável.), podendo este, nas condições discursivas adequadas, ser apagado (Exemplo: Assististe ao debate? Não, mas sei que o João fez uma intervenção interminável).

Quanto à derivação sintática do predicado complexo Vleve + N deverbal, Duarte et al (2006) propõem que:

1. Os verbos leves como principais projetam argumentos;
2. O verbo leve seleciona como argumento interno direto uma projeção funcional, cujo núcleo tem como complemento a projeção encabeçada pelo nome deverbal; a presença da projeção funcional justifica-se pelo fato do nome deverbal nestas construções não ter uma leitura de indivíduo. (cf. BRITO & OLIVEIRA, 1997)

Acreditamos que os verbos-suporte têm um papel relevante na predicação. Os verbos-suporte não constituem o núcleo do predicado para o preenchimento da estrutura argumental na construção de orações, porque dividem a responsabilidade da predicação com o nome que com ele compõe a construção. A grande importância do nome que acompanha o verbo é a de expressar o significado da construção, além de configurar determinados tipos de estrutura que o discurso exige (determinante, quantificador e qualificador).

Quanto à contribuição dos verbos-suporte para as construções, percebe-se que esses verbos aparentam ter alguma carga semântica, mas, não se pode negar, são verbos de significado mais esvaziado ou leve (por isso, verbos leves ou *light verbs*) que formam com a expressão nominal um significado global, geralmente correspondente ao significado de um verbo pleno, como é o caso de *dar um grito* (= gritar), *fazer um aceno* (=acenar), *tomar banho* (banhar-se). No entanto, ocasionalmente, algumas construções com verbo-suporte não são correspondentes a verbos plenos, como, por exemplo, *dar um pontapé* e *fazer uma experiência*.

Duarte (2003) aponta que os verbos-suporte sofrem um processo de esvaziamento lexical e reforço do componente gramatical também chamado *gramaticalização*, que permite que o centro semântico da frase se desloque do verbo leve para a expressão nominal que o acompanha.

As estruturas com verbo-suporte distribuem-se em dois tipos, representadas em (55) e em (56).

(55) VERBO + N:

dar atenção, dar informação, dar explicação, dar prosseguimento, dar razão, dar tempo

*fazer crítica, fazer reclamação, fazer viagem, fazer ginástica
ter conhecimento, ter coragem, ter medo, ter tempo, ter paciência
tomar conhecimento, tomar cuidado*

(56) VERBO + (determinante, preposição) N:

dar um exemplo, dar uma prova, dar um aumento, dar um grito, dar uma ajuda, dar uma facada

*fazer uma transferência, fazer uma palestra, fazer uma compra, fazer uma viagem
ter um enfarte, ter uma impressão
tomar uma atitude, tomar uma decisão*

Essas expressões apresentam fortes restrições quanto à variação em número ou quanto à ocorrência de determinação. Por exemplo, em (55), o nome, com a configuração com que se apresenta, não é susceptível de determinação (dar *o prosseguimento, *fazer a ginástica, *fazer a viagem), de variação de número (*dar razões, *dar tempos, *ter paciências), até porque, em muitos casos, se trata de um nome [-contável]. Algumas estruturas com verbo-suporte só ocorrem no plural (*ter dúvidas, ter compromissos, ter alucinações, prestar declarações*), e outras admitem as duas formatações (*prestar esclarecimentos(s), tomar atitudes(s)*).

Em alguns casos, o nome pode admitir quantificação (*fazer muitas transferências*) ou intensificação/atenuação (*fazer grande/pouca pressão, ter bastante tempo, ter muito/pouco medo, ter muita paciência, ter pouca vergonha*). Há casos em que a expressão não admite nenhuma dessas propriedades (*fazer parte de, tomar conhecimento*) e há casos em que o nome é tipicamente precedido de determinante, como os exemplos em (56), assim se explica a inaceitabilidade de (57).

(57) **dar grito, *dar facada, *dar beliscão, *fazer pergunta, *ter enfarte, *tomar atitude, *tomar decisão*

Há casos em que o nome é susceptível de determinação (*tomar a atitude/decisão certa, tomar esta atitude, dar algumas facadas*), e admite variação de número (*dar gritos,*

saltos, facadas, fazer perguntas, tomar decisões), e quantificação (*dar quatro saltos, dar cinco facadas, fazer sete perguntas, tomar duas decisões*), denotando os traços de [+contável] e [+discreta].

Outra propriedade evidenciada é a adjetivação, muitas vezes simultaneamente com a quantificação, que pode ser antes ou após o nome (*ter um grande/terrível enfarte, ter dois grandes/terríveis enfartes; dar quatro gritos surpreendentes; dar duas facadas mortais; dar duas fortes cotoveladas*).

Se compararmos alguns dos exemplos apresentados em (55) e (56) com os verbos plenos correspondentes (*dar um grito e gritar; dar uma ajuda e ajudar; fazer crítica e criticar; tomar conhecimento e conhecer, tomar uma decisão e decidir*), as estruturas com verbo-suporte revelam maior riqueza informativa (cf. NEVES, 1996) que os verbos plenos correspondentes, já que diferem da noção semântica do verbo-suporte e das estruturas de especificação e de modificação que essas construções podem admitir.

3.2 A pesquisa sobre verbo-suporte na Língua Portuguesa

Nesta seção, apresentamos uma breve revisão dos estudos linguísticos que analisam as construções com verbo-suporte em língua portuguesa. Selecionamos as pesquisas de Scher (2004), Esteves (2008) e Assis (2009) no Brasil, e as pesquisas de Ranchhod (1988) e Chacoto (2005), em Portugal. Selecionamos, também, algumas pesquisas que tiveram como objeto de análise o verbo *tomar*. São elas: Ortega (2010), Santos (2011), Pante (2012) e Batoréo (1996). Observamos que os pressupostos teóricos utilizados por esses pesquisadores, para a descrição e explicação das construções com verbos-suporte, vão além da teoria da gramaticalização. Organizamos esta seção com os verbos que têm sido investigados em seu uso como verbo-suporte. Como são muitos os verbos que admitem essa possibilidade, selecionamos alguns deles: os verbos *estar, ter, ser, dar, tomar e fazer*. Os exemplos, a seguir, ilustram seus usos:

- (1) A empresa *está em crise*.⁴⁵
- (2) O Zé *tem uma paixão* enorme pela Ana.

⁴⁵ Os exemplos de (1) a (6) foram extraídos de Chacoto (2005).

(3) O Zé *é de uma enorme coragem*.

(4) O Tó *deu um berro*.

(5) A Ana *tomou medidas preventivas* para impedir a entrada de pessoas indesejáveis na festa.

(6) O Tó *fez a promessa* de deixar de fumar.

Os exemplos de (1) a (6) mostram que esses verbos pertencem à categoria de verbos-suporte quando ocorrem com nomes predicativos. Vejamos o que os pesquisadores apresentam sobre seus usos.

Verbo *estar*

Ranchhod (1988) analisa os predicados nominais que se constroem com o verbo-suporte *estar*, a fim de averiguar quais os nomes predicativos que se formam com esse verbo-suporte e quais as características sintáticas dessas construções. A noção teórica de verbo-suporte desempenhou um papel fundamental na compreensão e análise das construções nominais. Essas construções apresentam características peculiares (cf. seção 3.1) que permitem a identificação do Vsup e do nome predicativo. Assim, a autora admite que, para caracterizar um verbo como suporte, deve-se observar as propriedades da combinação de pelo menos dois elementos: verbo, nome. Ranchhod (1988) aborda vários aspectos dessas construções, seja de sua constituição argumental, seja de seu valor semântico, retomando também estudos feitos sobre essas construções.

Ao delinear a diferença entre os elementos da classe dos verbos plenos e verbos-suporte, a autora admite que os verbos plenos podem representar o predicado semântico de uma construção e ter uma distribuição característica e semântica previsível (por exemplo, é provável que o primeiro argumento do verbo *ler* seja da classe de nomes humanos e o segundo da classe dos nomes legíveis), enquanto que os verbos-suporte são fundamentalmente um material morfêmico e não têm uma distribuição característica. É difícil prever a classe semântica dos nomes que se constroem com Vsup.

A questão dos determinantes mereceu atenção especial, pois ela não é específica das construções com verbo-suporte. Vejamos alguns exemplos extraídos de Ranchhod (1988):

(7) O Zé *está com* (0, *um, um grande) *azar*.

(8) A Ana *está em* (0, *uma, uma extraordinária) *maré de azar*.

Nos exemplos acima, podemos observar que existem restrições (correlações) entre os determinantes do N predicativo e os modificadores.

Ranchhod (1988) também estabeleceu relações sintáticas entre *estar* e outros verbos-suporte (*ter*, *haver* e *fazer*), revelando a riqueza sintática das construções nominais: O *Zé está com medo* de = O *Zé tem medo* de; eles *estão em greve* de zelo = eles *fazem uma greve* de zelo.

Verbo *dar*, *fazer* e *ter*

Assis (2009) desenvolveu um estudo diacrônico, em dados do português contemporâneo, dos verbos *dar*, *fazer* e *ter*. Nesse estudo, as referidas formas foram analisadas como um caso típico de gramaticalização, em que as formas plenas (*planejar*, *brigar*, *beijar*) coocorrem como construções perifrásticas (*fazer planos*, *ter uma briga* e *dar um beijo*). Assim, tendo como base os pressupostos da Sociolinguística Quantitativa Laboviana, Assis (*op. cit.*) investiga a alternância entre as construções perifrásticas e verbos plenos. Sobre a alternância entre as construções perifrásticas e os verbos plenos correspondentes, a autora observa que essas estruturas são apresentadas como construções “*semanticamente equivalentes*”, “*de aceção similar*”, “*de mesmo significado básico*”, “*com correspondência perfeita*”, e que a equivalência semântica entre essas construções é reconhecida por linguistas, como por exemplo, Neves (2000), que admite a correspondência entre essas formas e acredita que o falante obtém efeitos especiais a partir da escolha de uma ou outra forma.

Essa pesquisa está fundamentada em dois tipos de evidência empírica: (i) dados de uso coletados de *corpus* oral e escrito do PB e PE e (ii) dados de percepção, por meio de relatos de atitudes em relação aos usos linguísticos, obtidos por meio da aplicação de testes de atitudes.

Segundo a autora, os usos desses verbos podem ser sistematizados da seguinte forma. A partir dos dados de uso, a autora constatou que, além de fatores como versatilidade semântica e sintática, o modo de organização do discurso também influencia na opção por uma construção perifrástica. As perífrases se mostraram mais recorrentes em fragmentos narrativos nas monografias. O verbo-suporte *ter* apresentou um alto índice na formação de perífrases, se comparado aos verbos *dar* e *fazer*. Não houve diferença significativa de uso de perífrases no PE (38%) e no PB (32%), e os verbos plenos são a estrutura mais recorrente.

No que se refere aos resultados dos dados de percepção, coletados a partir da aplicação de testes de atitudes, verificou-se que os informantes são capazes de detectar pequenas nuances semânticas diferenciadas entre verbos plenos e perífrases, como em *ter essa necessidade/ necessitar, dar a opinião/ opinar, fazer queixas/ queixar-se*. A opção pelo uso de uma perífrase pode acarretar efeitos semânticos, discursivos e pragmáticos, fato que foi confirmado por professores de português, quando inquiridos em testes de atitudes que forneciam situações de uso de formas perifrásticas.

Scher (2004) analisa as propriedades sintáticas e semânticas das construções com verbos-suporte no português do Brasil, formadas com o verbo *dar* e uma nominalização em –*Ada*, como nos exemplos a seguir: O Pedro *deu uma incrementada* na receita. A Maria *deu uma empurrada* no carrinho; A Maria *deu uma garrafada* na cabeça do ladrão; A Maria *deu uma escaneada* em alguns textos.

Scher (2004, p.23) emprega a expressão “verbo leve” para referir-se ao verbo-suporte e, segundo a autora, “o termo *verbo leve*, que em inglês significa *light verb*, foi introduzido na Linguística por Jespersen (1949)”, cuja intenção era remeter a uma tendência geral, do inglês moderno, de fazer uso de um verbo tematicamente vazio, ao qual se associam marcas de pessoa e tempo, antes da ideia realmente importante da sentença que vem expressa pelo nome seguinte.

Segundo Scher (2004), os verbos-leves são aqueles semanticamente vazios, que, em geral, se associam a um elemento nominal, responsável pelo significado principal da sentença.

Scher (2004) observa algumas propriedades das construções com verbos-leves já mencionadas anteriormente por Neves (1996; 2002): a) podem ser parafraseadas por um verbo de mesma raiz da nominalização que acompanha o verbo-suporte; e b) o elemento nominal que acompanha o verbo pode ter a mesma raiz de um verbo ou de uma outra forma nominal, ou seja, as construções com verbos leves *dar + nominalização em -ada* têm a forma geral *dar uma Xada em Y₁*, que corresponde a forma V X PP₂, e admitem paráfrases com a forma verbal correspondente à nominalização que se associa a *dar*, como mostram os exemplos: O Pedro *deu uma incrementada* na receita. O Pedro *incrementou* a receita.

As estruturas com verbos leves apresentam um complemento nominal que tem como núcleo um nome de ação, em geral deverbal, que realmente predica sobre os eventos. A partir desta característica, podemos concluir que o elemento nominal dessas construções é responsável pela denotação da eventualidade (eventos, estados e atividades) relevantes da oração como em *dar uma emagrecida* em detrimento de *emagrecer*.

Esteves (2008) investiga as construções *dar + SN* ora à luz da teoria funcionalista, ora com base na articulação entre pressupostos fundamentais das teorias funcionalista e da Sociolinguística (Sociofuncionalismo). Com o arcabouço teórico sociofuncionalista, a autora investiga a alternância entre perífrases com *dar + SN* (*dar pulo, dar tiros*) e verbos plenos cognatos aos SNs das perífrases (*pular, atirar*).

Nossa pesquisa corrobora com Esteves (2008) quando reconhece a necessidade de uma visão mais ampla que abarque o comportamento multifuncional que o item verbal *tomar* pode apresentar em todos os tipos de usos documentadas no *corpus*: o estudo de *tomar* como verbo pleno, a alternância entre construções com verbo-suporte (*tomar conhecimento, tomar cuidado*) e verbos plenos (*conhecer, cuidar*), bem como a observação do comportamento sintático-semântico do item *tomar*, com o objetivo de descobrir diferentes categorias gramaticais as quais pode vir a pertencer.

Verbo *tomar*

Muitos usos do verbo que constitui o objeto de estudo desta investigação já foram analisados em outras pesquisas, tais como Batóreo (1996), Ortega (2010), Santos (2011) e Pante (2012). As pesquisas diacrônicas (cf. ORTEGA, 2010 e PANTE, 2012) sobre a evolução histórica do verbo *tomar* revelam que essa forma passou por um processo de gramaticalização ao longo da história da língua portuguesa, pois, de verbo com sentido pleno, pode ser usado como verbo-suporte, e registram a coexistência das duas formas.

Ortega (2010) discute as ocorrências do verbo *tomar* como verbo-suporte na língua escrita, tomando como *corpus* de análise os séculos XIII a XVI. A pesquisa tem como objetivo investigar a Estrutura Argumental Preferida (EAP)⁴⁶. Com relação à EAP, observou-se, especialmente, a transitividade do verbo *tomar*, quais os argumentos exigidos por e quais desses argumentos se encontram lexicalizados. A respeito do verbo-suporte, esse estudo observou características próprias: a detransitivização do verbo ou redução da valência verbal (quando ocorre ausência de um complemento), a relativização, a caracterização do sintagma nominal (SN) e a ordem inversa. Ortega (2010) apresenta um exemplo que mostra todas essas características:

⁴⁶ Segundo Du Bois (1987) a EAP corresponde a estruturas argumentais mais usadas pelos falantes. O autor esclarece que não se trata de uma estrutura do discurso, mas uma preferência por uma estrutura sintática.

(9) E por em, amtre aquelles que viviam naquella esperamca de tornar a cobrar a cidade, se ajuntarao allgũs & fallarao amtre sy sobre **aquella demamda que queriam tomaar...** (E por isso, entre aqueles que viviam naquela esperanca de tornar a cobrar a cidade, ajuntaram-se alguns e falaram entre si sobre aquela **demanda que queriam tomar...**) (ORTEGA,2010)

Nesse exemplo, não há complementos para o verbo, o SN é caracterizado por *aquella*, há uma relativização e a ordem encontra-se invertida.

Esse estudo interessa-nos uma vez que apresenta alguns objetivos em comum com a nossa pesquisa, em especial o estudo do fenômeno linguístico da gramaticalização e a escolha do verbo *tomar* para análise.

Observamos que Ortega (2010) seleciona apenas os casos com o verbo *tomar* em construções do tipo *tomar* + SN, que também apresentam os verbos plenos correspondentes a essas construções, como por exemplo: *toma prazer e alegria* (tomar prazer e alegria) = comprazer-se e alegrar-se; *tomar conta* = cuidar; *tomando grande impressom* (tomar grande impressão) = impressionar-se; *tomar exempro* (tomar exemplo) = exemplificar; *tomar esta prática* = praticar e outros. No entanto, não descartamos a possibilidade de que, em outros *corpora*, haja essas e outras formas de uso desse verbo. Por isso, é imprescindível, averiguar outros *corpora* de análise para, de forma ampla, ilustrar essa possível correspondência.

Santos (2011) desenvolveu um estudo da polissemia do verbo *tomar* em textos escritos com base na análise experiencialista da linguagem e nos pressupostos teóricos da Linguística Cognitiva. O objetivo da pesquisa de Santos (2011) não é discutir o tema verbo-suporte, mas a análise da polissemia do verbo *tomar*. Por isso, a autora apresenta apenas alguns exemplos que julga significativos dessas construções e como integrantes de fraseologia. Algumas construções de *tomar* como verbo-suporte são: *tomar parte* e *tomar nota*. Já as construções de *tomar* como integrantes de fraseologias são: *tomar conta*, *tomar em guarda alguém*, *tomar guerra com alguém*, *tomar (a) figura de (algo ou de alguém)*, *tomar pé*, *tomar voz*. Santos (2011) apresenta alguns exemplos em que *tomar* vem acompanhado de preposição *por* e *pelo* e de objetos lexicalizados por seres animados seguidos de um nome ou adjetivo que os qualificam, como *tomar alguém por* (*tomou por filhos*, *tomar por 'poso*). Além desses usos, apresenta também as expressões *tomar em conta* (*tomando em conta que o museo*), *tomar em consideração* (*tomem em consideração as necessidades*) e *tomar como* (*tomando como referência*). Para a autora as construções formadas por *tomar em*, *tomar por* e *tomar como* têm sentidos próprios, distintos.

Pante (2012) estudou construções com verbo-suporte *tomar* na fase arcaica do português. A autora apresenta a análise das ocorrências do verbo *tomar* em duas crônicas dos séculos XV e XIX e atesta que: a) as construções eram frequentes na fase arcaica, mas diminuíram nos séculos posteriores; b) na fase arcaica, assim como na atual, são usadas para qualificar o nome predicativo, detransitivar o verbo e dar valor aspectual ao evento. As construções *tomar vingança*, *tomar ousio*, *tomar temor*, *tomar rreçeio* e *tomar medo* apresentam construções correspondentes com o verbo pleno (vingar, ousar, temer, receiar) no *corpus* de análise. Essa análise permite que a autora confirme que existe um modelo morfossintático formado pela construção *verbo-suporte* + *nome* que está em relação de nominalização com um verbo pleno.

Batoréo (1996), que investiga os verbos *tomar*, *pegar*, *apanhar* e outros, em especial, a construção *TOMAR e V*, em que o verbo de movimento pode aparecer deslexicalizado, faz algumas observações sobre essas construções no português europeu. A autora comenta que o verbo *tomar* apresenta significado reduzido, limitando-se a expressões sinônimas de “ingerir alimento ou medicamento” e que a maioria das construções em que *tomar* ocorre tem valor abstrato, em que se observa o grau de abstração e fixidez formal, como por exemplo as expressões *ser tomado de pânico* e *tomar conta de alguém*. Outros exemplos são apresentados pela autora, para caracterizar a parcial deslexicalização do verbo e identificá-lo como verbo-suporte: *tomar banho* = banhar-se, lavar-se, *tomar interesse* = interessar-se, *tomar consciência* = aperceber-se, *tomar uma decisão* = decidir-se ou *tomar uma medida drástica* = adotar, assumir uma medida drástica. A gramaticalização do verbo *tomar* para Batoréo (1996) “leva à ocorrência de uma mudança do significado proposicional para um mais expressivo, garantindo a coexistência de uma perspectiva objetiva com a perspectiva subjetiva, fortemente Agentiva, resultante da identificação ocorrida entre a Figura (o Agente) e o Fundo”. Batoréo (1996) nota que ocorre diferenciação do papel desempenhado por cada uma das componentes quando se trata do esquema imagético do verbo *tomar* nos casos de gramaticalização parcial.

Esperamos que, com essa breve abordagem de alguns estudos sobre as construções com verbo-suporte em português, em especial o verbo *tomar*, tenhamos mostrado alguns fatos básicos no estudo da gramaticalização de verbos, como os tipos de valores, usos e funções que os verbos em gramaticalização assumem.

É fato que os estudos das construções com verbos-suporte têm despertado o interesse de muitos pesquisadores. Corroboramos com as duas razões básicas apontados por Travalia (2003) sobre a importância da pesquisa sobre a gramaticalização de verbos.

Como se pode perceber, a pesquisa sobre a gramaticalização de verbos é algo importante por duas razões básicas: 1ª: é preciso saber que nem todos os verbos têm os valores, usos e funções próprios da classe dos verbos e dos itens lexicais; 2ª: em consequência, a atenção aos verbos gramaticais e em processo de gramaticalização e a pesquisa sobre os mesmos é muito importante, quando se quer realizar estudos sobre o funcionamento textual-discursivo dos verbos, pois, certamente, tais verbos têm papéis bastante diversos daqueles verbos que chamamos de lexicais. (TRAVAGLIA, 2003, p. 321)

Diante de uma quantidade significativa de trabalhos sobre verbo-suporte e sobre o verbo em questão, uma das justificativas para a realização desta pesquisa é o fato de selecionarmos como *corpus* dados da língua escrita em três períodos distintos da Língua Portuguesa, que é bastante estudada nos períodos moderno e contemporâneo e que, todavia, ainda é pouco examinada no português arcaico. Pretendemos encontrar usos de *tomar* característicos da língua escrita no período contemporâneo e períodos anteriores, descrever seus principais aspectos semânticos e sintáticos, bem como suas principais funções discursivo-pragmáticas.

3.3 Síntese conclusiva

A revisão da literatura sobre as construções com verbos-suporte foi feita em diversas fontes: manuais de gramáticas históricas, tradicionais e descritivas, dicionários, livros de linguística, artigos, teses, dissertações. Essa revisão mostrou-nos que são muitos os estudos específicos sobre construções com verbo-suporte.

Observamos que esses estudos têm se ocupado em analisar e descrever as diversas ocorrências que estão, direta ou indiretamente, relacionadas aos aspectos sintáticos e semânticos de verbos que recebem a denominação de verbos-suporte.

Por meio dessas leituras, obtivemos um conhecimento básico das hipóteses, dos critérios, dos testes/exemplos propostos por autores consultados, e pudemos verificar sua aplicabilidade (ou não), testar critérios/exemplos/hipóteses e, posteriormente, verificar na prática, se há ocorrências que os confirmem pela busca de dados no *corpus*.

Tendo em vista o pressuposto de que os verbos podem ter seu comportamento explicado por um processo de transferência de uma categoria lexical para uma categoria funcional, procuramos, com base no *corpus* investigado, configurar algumas características que podem distinguir a categoria de *Verbo pleno* ([+ lexical]) de *Verbo funcional* ([+ gramatical]), bem como perceber relações entre tais categorias.

Para essa tese, adotamos a teoria funcionalista como base teórica e utilizamos como instrumento de análise de dados os critérios e testes propostos por Radford (1988) e adaptados por Neves (1999; 2002), que identifica as construções com verbo-suporte.

Diante de todas as discussões apresentadas neste capítulo, podemos sintetizar, a seguir, algumas características das construções com verbo-suporte e outras categorias.

1. Os verbos-suporte apresentam a seguinte estrutura: Verbo-suporte + Nome
2. Os verbos-suporte apresentam natureza semântica e funcionam como instrumento gramatical (morfológico e sintático) na construção do predicado.
3. A formação dos predicados complexos Verbo-suporte + Nome parte do nome núcleo semântico do predicado que ocupa a posição de objeto direto dos verbos-suporte.
4. Têm comportamento “gramatical”: por um lado, contribuem em algum grau, para a formação semântica do predicado verbo-nominal, apesar de o elemento nominal ser o principal responsável pelas propriedades semânticas do predicado; por outro lado, como apresentam esvaziamento semântico, atuam na lexia verbo-nominal, principalmente, para codificar as categorias gramaticais do verbo e, assim, dar suporte gramatical ao elemento nominal ao qual se alia.
5. Partilham com o SN/SAdj/SP a função de atribuir papel temático aos argumentos.
6. Há restrições quanto à estrutura morfossintática do sintagma com que se combina no âmbito do SV: o elemento nominal que se incorpora a esse verbo é, prototipicamente, não-flexionado, não-determinado e não modificado, haja vista o fato de que, quanto mais referencial, menor sua contribuição para a composição do predicado derivado.

As características das construções com verbo pleno são as seguintes:

1. Os verbos plenos apresentam a seguinte estrutura: [Arg1verboArg2]
2. Têm comportamento lexical.
3. São os principais responsáveis pela atribuição de papel temático aos seus argumentos.
4. Não há restrições quanto à estrutura morfossintática do sintagma com que se combina no âmbito do SV: o constituinte que complementa esse verbo pode apresentar-se em qualquer de suas formas (flexionado, determinado ou modificado).

Nesse sentido, o verbo estendido apresenta estrutura semelhante a do verbo pleno, no entanto, sua diferença consiste em apresentar extensão de sentido. As expressões cristalizadas têm um significado diferente do significado dos seus constituintes, e a sua forma linguística foi convencionalizada por tradição cultural.

4 METODOLOGIA

“Em qualquer estudo que se volte para uma análise de manifestações linguísticas em uso, o *corpus* sob análise, em geral, é constituído pelo linguista de acordo com os objetivos de sua pesquisa.”

Mattos e Silva (1984)

Neste capítulo, apresentamos, na seção 4.1, os aspectos gerais que caracterizam o *Corpus do Português*, banco de textos que serviu de base para a constituição e a delimitação de nossa amostra textual. Na seção 4.2, apresentamos os procedimentos metodológicos gerais da pesquisa e, na seção 4.3, apresentamos as categorias de análise consideradas para a investigação.

4.1 O *corpus*⁴⁷

O *corpus* utilizado constitui-se de textos produzidos na modalidade escrita das variedades do Português Brasileiro e do Português Europeu. As amostras contempladas nesse *corpus* são provenientes do *Corpus do Português*,⁴⁸ de Davies e Ferreira (2006). A escolha desse banco de dados se explica não somente pela facilidade de acesso ao material, mas principalmente por sua constituição.

O *Corpus do Português* é um vasto banco de dados nas duas modalidades, oral e escrita. Além da busca dos dados, o *corpus* permite realizar a comparação de frequência e de distribuição de palavras, frases e construções gramaticais entre os séculos, entre as variedades do português (PB e PE) e entre os registros (oral, ficção, jornalístico e acadêmico). Ao todo são 45 milhões de palavras, contudo, nesta tese, somente serão considerados os dados que compreendem textos da modalidade escrita.

⁴⁷ Na nossa pesquisa utilizaremos três termos “corpus”, “amostra” e “banco de dados”. Entendemos que “corpus” é o conjunto de amostras utilizadas na pesquisa, “amostra” corresponde a um conjunto de textos para cada período ou variedade e “banco de dados” são as fontes de onde coletamos as amostras.

⁴⁸ Lehmann (2008) faz críticas a esse *corpus*: “Alguns textos estão contidos no *corpus* mais de uma vez; há discrepâncias, quanto ao tamanho dos subcorpora de cada século, entre os números indicados em páginas diferentes; muitas palavras corridas estão categorizadas erroneamente; há erros na reprodução da ortografia. Contudo, este *corpus* eletrônico é um primeiro passo valioso e útil para pesquisas históricas. A consciência das suas várias insuficiências não nos impedirá de nos servirmos dele como representativo da história da língua portuguesa.” Concordamos com as críticas feitas pelo autor e acreditamos que as suas limitações não comprometerão a realização desta pesquisa.

Davies e Ferreira (2006) informam que, nos séculos XIV, XVII e XX, períodos que nos interessam para a realização da nossa pesquisa, encontram-se 23.322.845 milhões de palavras em português. A tabela a seguir apresenta a distribuição do número de palavras por século, levando-se em conta a variedade nacional do português.

Tabela 1 - Distribuição da quantidade de palavras no *Corpus* do Português nos séculos XIV, XVII e XX

NUMERO DE PALAVRAS	SÉCULO	PAÍS	INSTÂNCIA DISCURSIVA
1,316,268	XIV	Portugal	Acadêmico, Jornalístico e Literário
3,407,741	XVII	Portugal / Brasil	Acadêmico, Jornalístico e Literário
3,087,052	XX	Portugal	Acadêmico Jornalístico Literário
3,271,328	XX	Portugal	
3,048,020	XX	Portugal	
2,816,802	XX	Brasil	Acadêmico Jornalístico Literário
3,346,988	XX	Brasil	
3,028,646	XX	Brasil	

Fonte: Mark Davies e Ferreira (2006).

O *Corpus do Português* disponibiliza uma ferramenta de busca própria. Para que a busca se efetive, é preciso escrever a palavra em sua forma não-finita entre colchetes, por exemplo [tomar], assim todas as formas desse verbo são identificadas pelo sistema e apresentadas na tela principal. A busca pode ser ainda mais específica, à medida que selecionamos aspectos relevantes para a pesquisa, como século, variedade nacional do português e tipo de registro.

Os *corpora* selecionados para análise são constituídos pelas seguintes instâncias discursivas: acadêmico, jornalístico e literário⁴⁹. Estas são de uso frequente na sociedade das

⁴⁹ Acadêmico, jornalístico e literário são instâncias discursivas que abrangem diferentes gêneros. Essa classificação está ancorada em Adam (1992) e Bakhtin (1992). Adam (1992) apresenta as formações discursivas (domínios discursivos) religiosa, jornalísticas, política, literária ou cotidiana nas quais se produzem os gêneros do discurso. O domínio discursivo, na visão bakhtiniana, constitui uma esfera da atividade humana, pois indica instâncias discursivas, tais como: discurso jurídico, discurso jornalístico, discurso religioso, etc. Constituem o

diferentes épocas – em Portugal e no Brasil, nos séculos XIV, XVII e XX. A diversidade dos gêneros possibilitou a análise das ocorrências de *tomar* em diferentes contextos. Os textos selecionados serão caracterizados e identificados de acordo com as seguintes siglas: acadêmicos (ACA), jornalísticos (JOR) e literários (LIT).

Não analisaremos a influência que o gênero textual exerce no uso do verbo. Essa questão merece maior atenção e um estudo mais aprofundado para que se possa chegar a outras conclusões que não as apresentadas neste estudo, bem como os usos mais comuns em cada gênero. Nosso propósito ao utilizar textos dessas três instâncias é diversificar o *corpus*, aumentando a probabilidade de flagrar os diferentes usos do verbo *tomar*.

Uma vez coletadas as ocorrências do verbo *tomar*, submetemos os dados a um tratamento qualitativo, que se fundamenta na observação/investigação de alguns parâmetros para o estudo da multifuncionalidade desse verbo, e também quantitativo, no que se refere a alguns aspectos, como aos tipos de usos de *tomar* e as características sintáticas e semânticas em cada contexto. Para o tratamento qualitativo, verificamos a multifuncionalidade do verbo em questão, os contextos em que ele está mais gramaticalizado e as propriedades que permitem estabelecer um *continuum* entre os usos funcionais de *tomar*. Para o tratamento quantitativo, utilizamos o programa SPSS (*Statistical Program for Social Science*), que, adaptado às nossas necessidades, foi essencial para se trabalhar com estatística e análise de dados. Com esse programa, foi possível fazer vários testes e análises, bem como apresentar os resultados em forma de gráficos.

Optamos, no presente estudo, pela periodização proposta por Mattos e Silva (1989). Os três períodos ficaram assim delimitados: (a) período arcaico: representado pelo intervalo de tempo que vai do século XIV ao século XVI; (b) período moderno: intervalo de tempo que compreende os séculos XVII e XVIII; e (c) período contemporâneo: representado pelos séculos XX e XXI.⁵⁰

É comum os linguistas afirmarem que a delimitação desse período relaciona-se com diversos fatores linguísticos e extralinguísticos. Essa periodização é uma tentativa de

domínio discursivo práticas discursivas nas quais podemos identificar um conjunto de gêneros textuais próprios de sua rotina comunicativa. Para se ter uma melhor visão de conjunto e sem esgotar a diversidade e a heterogeneidade dos gêneros existentes, Costa (2009) organiza os tipos de gêneros: jornalístico (notícia, reportagem, editorial, crônica, tirinha, breves/curtas, artigo jornalístico, carta de leitor, entrevista, debate, manchete, etc.); acadêmico (dissertação, tese, ensaio, resumo, resenha, artigo científico, paper, sumário, hand-out, abstrato, palestra, conferência, etc); literário (conto, romance, novela, poema, tragédia, comédia, folhetim, dedicatória, crônica, diário, fábula, epopéia, lenda, biografia autobiografia, etc). Nesta tese, preferimos utilizar o termo “instância discursiva”.

⁵⁰ Na nossa pesquisa, utilizamos uma sincronia de cada período.

marcar, para fins didáticos, o início de um período, e, quando se marca o início de um período, o anterior não se encerra de imediato. Acreditamos que eles coexistam até que as ocorrências diminuam e sejam superadas pelas do período atual. Levando-se em conta essas evidências, a proposta de periodização de Mattos e Silva (1989) mostra-se mais pertinente por manter uma distância temporal de cento e cinquenta anos para cada período. Nesse intervalo de tempo, pode-se aumentar as chances de se flagrar uma mudança linguística. Esse cuidado metodológico não garante que a mudança se efetive neste intervalo, no entanto, acreditamos que, quanto maior for a distância diacrônica percorrida, maiores são as chances de se identificar um processo de gramaticalização.

Para Ilari e Basso (2009), os textos do período arcaico são considerados de difícil leitura devido a três fatores: surgimento da escrita, diferenças de ordem linguística e diferenças de ordem cultural. Podemos inferir a dificuldade de normatizar a escrita naquele período pelo fato de que a ortografia não estava totalmente fixada. Mas, a partir do século XVI, a Língua Portuguesa se uniformiza e adquire as características do Português atual, e isso se deve a algumas modificações ocorridas no léxico e na sintaxe.

Observe abaixo o quadro que exhibe a distribuição dos dados segundo cada período selecionado:

Quadro 7 - Distribuição dos dados obtidos no *corpus* do português

Discurso (formação discursiva/instância discursiva)	Sincronia	Modalidade escrita
Acadêmico Jornalístico Literário	XIV	Portugal
	XVII	Portugal/Brasil
	XX	Portugal/Brasil

Fonte: Mark Davies e Ferreira (2006)

Para observar o *continuum* do processo de gramaticalização, fizemos uma análise pancrônica com os dados dos séculos XIV, XVII e XX. Temos como objetivo investigar se, já na fase arcaica da Língua Portuguesa, essas construções eram frequentes e se apresentavam características semelhantes às aquelas identificadas em textos do português contemporâneo, tais como qualificação do nome predicativo, detransitivização do verbo e uma matriz aspectual do evento. A Língua Portuguesa na fase arcaica, representada pela documentação escrita, apresenta algumas características que fundamentam a oposição entre o Português arcaico e o

atual, como: a ordem dos constituintes (inversão entre verbo-suporte e o sintagma nominal que o complementa) e diferenças no inventário dos verbos.

Outro fator considerado nesta pesquisa é o papel da frequência⁵¹. De acordo com Bybee (2003), a maior frequência de um item faz com que seu uso se torne automático na língua; ou seja, o número de contextos em que ocorre aumenta, fazendo com que sua força semântica seja reduzida e seu significado seja mais geral e abstrato, colaborando com o processo de gramaticalização.

O *corpus* da língua escrita, considerado nesta pesquisa, foi constituído de, mais ou menos 38 mil palavras por período, perfazendo um total de 114.246 palavras. Tivemos o cuidado de equilibrar o tamanho entre os *corpora* representativos de cada um dos três períodos para minimizar a possibilidade de equívoco com relação à produtividade de itens em determinado período.

O quadro a seguir apresenta a caracterização pormenorizada dos textos selecionados para o estudo. Na coluna 1, temos o total de palavras distribuído entre os três períodos referentes à amostra da nossa pesquisa. Em seguida, apresentamos a variedade nacional, o título do texto, o número de palavras em cada texto, o período e o autor.

⁵¹ Para os propósitos desta tese, quantitativamente, o que a frequência tem a dizer é sobre as preferências do falante no uso. Constitui, assim, uma ferramenta para a discussão sobre o fenômeno estudado, e, embora possa não ser algo determinante, não deve ser descartada.

Quadro 8 - Constituição e delimitação do *corpus*

PERÍODO ARCAICO Total: 38.688 palavras	Português Europeu	Título do texto	Número de palavras	Período	Autor	
			Crônica Geral da Espanha de 1344 ⁵²	38.688 ⁵³	1344	Pedro Afonso
PERÍODO MODERNO ⁵⁴ Total: 37.026 palavras	Português Europeu	Título do texto	18.741	Período	Autor	
		Anais de D. João III ⁵⁵		1631	Frei Luis de Sousa	
		Cartas	18.285	1626-1692	Padre Antônio Vieira	
PERÍODO CONTEMPORÂNEO Total: 38.532 palavras	Português Europeu	Título do texto	6.167	Período	Autor	
		Jornal		1993	Diversos	
		Trânsito	10.734	1997	Botelho	
		Português Brasileiro	Judaísmo	6.631	1960	-
			Folha de São Paulo	10.000	1994	Diversos
			Corpo Vivo	2.500	1962	Adonias Aguiar
			Cartilha do Silêncio	2.500	1997	Francisco J. C. Dantas

Fonte: Mark Davies e Ferreira (2006)

4.2 Procedimentos metodológicos

O trabalho foi desenvolvido em duas partes: na primeira parte, foi feita uma revisão bibliográfica, enfocando os pressupostos teóricos funcionalistas, em especial sobre

⁵² A escolha da CGE como *corpus* de estudo se dá devido à riqueza que apresenta. A CGE é um documento histórico compilado por Pedro Afonso, conde de Barcelos e filho natural do rei D. Dinis de Portugal. A crônica foi escrita em 1344 e reelaborada por volta de 1400. Trata-se, portanto, de um texto pertencente ao período do Português Arcaico. É considerada a mais importante das crônicas historiográficas portuguesas anteriores ao século XV e um marco da prosa medieval em língua portuguesa. No que diz respeito às características da CGE, Cintra (1961) considera um dos mais extensos ensaios da prosa portuguesa. Uma das grandes discussões que Cintra aponta em sua análise crítica, ao longo da introdução de seu livro, diz respeito às incertezas que envolvem a origem da Crônica Geral de Espanha, já que encontramos dois principais manuscritos para ela – um pertencente à Biblioteca da Academia de Ciências de Lisboa e o outro à Biblioteca Nacional de Paris.

⁵³ Como se trata de uma obra tão volumosa, propusemo-nos analisar, de um ponto de vista sintático e semântico, apenas um fragmento da *Crônica Geral de Espanha de 1344*. O texto digitalizado no *Corpus do Português* contém, ao todo, 406.064 palavras. O trecho selecionado para o trabalho em questão possui 38.688 palavras.

⁵⁴ Cabe esclarecer e considerar que, no século XVII, muito do que era escrito no Brasil era escrito por portugueses que aqui viviam. Optamos por selecionar como *corpus* do Brasil os textos que tivessem sido escritos por brasileiros ou portugueses aqui residentes.

⁵⁵ Obra que contém importantes informações sobre a partilha dos mares do Moluco, ou ilhas Molucas e Filipinas, entre Portugal e a Espanha.

gramaticalização, e os principais estudos concluídos até o presente momento sobre as construções com verbos-suporte, os quais orientarão a análise a ser empreendida posteriormente.

Na segunda parte, passamos, então, à coleta dos dados, identificação e digitação do *corpus* de ocorrências relativo a três períodos representativos da história da Língua Portuguesa, quais sejam: período arcaico, período moderno e período contemporâneo, da modalidade escrita do português brasileiro e do português europeu. A digitação dos dados foi feita no programa SPSS, o que facilitou a visualização, a análise e a sistematização dos dados⁵⁶. O próximo passo foi a análise das ocorrências do uso do verbo *tomar* com a aplicação das categorias de análise. Durante a seleção dos *corpora*, tomamos o cuidado de verificar o intervalo de tempo entre os textos (por isso a opção pelos três períodos mencionados), já que a pesquisa explorou o fenômeno da gramaticalização do verbo *tomar* em tempo real⁵⁷.

Após a coleta e seleção do *corpus*, os exemplos foram codificados da seguinte maneira:

1. CP-19:Fic:Br:Aguiar

CP representa o *Corpus do Português*. Em seguida, informa-se o ano designado por dois números (19); o nome do gênero pelas abreviações ficção (Fic), acadêmico (Ac) ou notícia (N), e a variedade nacional brasileira (Br) ou portuguesa (Pt), seguida do nome do autor do texto (Aguiar).

Uma análise assistemática do uso da língua em diversos contextos e a observação de pesquisas já realizadas podem indicar a multifuncionalidade do verbo *tomar* no português e o consequente surgimento de novas categorias funcionais às quais o item pode vir a pertencer, ou seja, *tomar* não faz parte apenas da categoria de verbo predicador pleno, como preconiza a maioria dos dicionários e gramáticas da Língua Portuguesa. Pante (2012), ao analisar as ocorrências do verbo *tomar* em apenas duas crônicas pertencentes aos séculos XV e XIX, confirmou a existência de um modelo morfossintático bem definido (Vsup +N), o qual, muitas vezes, está em relação de nominalização com um verbo pleno. Por isso, faz-se necessário, por meio de pesquisas, a observação do comportamento sintático-semântico do verbo *tomar* ao passar pelo processo de gramaticalização de verbo pleno a verbo-suporte.

⁵⁶ A numeração dos exemplos é feita de modo independente, ou seja, em cada capítulo se reinicia uma nova sequência. Além disso, optamos, para melhor visualização do leitor, por utilizar o negrito nos exemplos aqui estudados do *Corpus do português*.

⁵⁷ Um método que consiste em investigar as ocorrências entre períodos distintos. Diante dos dados observados, as diferenças serão consideradas sob a perspectiva de uma mudança em curso.

Inicialmente foram detectados os usos do verbo *tomar*. Foi feito um levantamento do comportamento desses usos desde o português arcaico até o português contemporâneo, admitindo-se que algumas ocorrências possam ter conservado, em alguns contextos, o seu significado básico, presente no português arcaico, ou terem apresentado uma mudança de valor semântico no decorrer do tempo.

A análise dos dados coletados ocorreu com base nas seguintes observações: (i) categorias às quais cada ocorrência de *tomar* pertence, o que permitiu a apreensão de um *continuum* de gramaticalização; (ii) aspectos que influenciam o fenômeno, propriedades relacionadas à sintaxe e à semântica dos usos do verbo *tomar*. A análise das construções com verbos-suporte *tomar* encontradas será de cunho sintático-semântico, no sentido de que será estabelecido seu significado como predicado complexo – significado diferente dos significados de seus constituintes como verbo predicador pleno – e será feita uma comparação com o que é explicitado nas gramáticas tradicionais do português brasileiro e do português lusitano; (iii) grau de integração entre o verbo e o elemento nominal; (iv) análise da frequência do item, já que a literatura prevê que, à medida que o processo de gramaticalização de uma forma se desenvolve, o item torna-se mais frequente (cf. Bybee, 2003); e (v) análise dos contextos sintáticos de ocorrência do item, para verificar o aumento (ou não) de sua fixidez e de sua previsibilidade com o avanço do processo.

A exposição dos resultados encontrados foi feita de maneira sistemática, separando-se as diversas construções e tentando explicitar, entre elas, um *continuum* de gramaticalização, dando uma visão dessas estruturas e de como aparecem e se comportam no registro escrito do período escolhido.

4.3 Definição dos critérios de análise

Para proceder à nossa análise, recorreremos a alguns recursos teórico-metodológicos, que têm sido defendidos por Neves (2002)⁵⁸. Dentre a variedade de critérios e testes possíveis para caracterizar as construções com verbo-suporte, escolhemos aqueles que consideramos mais adequados aos nossos objetivos, sempre conscientes das limitações de qualquer opção. Assim, a análise dos usos de *tomar* foi realizada segundo Neves (2002), no que diz respeito aos critérios sintáticos e testes propostos por Radford (1988) e adaptados pela

⁵⁸ Santos (2011) considera que para identificar e distinguir os verbos-suporte das expressões cristalizadas, “autores como Neves (2002, p.189-206) e El Guédri (2011, p. 48-80), dentre outros, costumam propor uma série de testes sintático-semânticos, às vezes confusos e de pouca eficácia.”

autora para auxiliar na caracterização da natureza das construções com verbo-suporte e expressões cristalizadas. Mediante essa perspectiva, é possível identificar os fatores semânticos e sintáticos responsáveis pela caracterização dos seguintes tipos de usos analisados: verbo pleno, verbo estendido, parte de expressão cristalizada e verbo-suporte. Para a descrição do fenômeno de gramaticalização, o verbo em análise é examinado a partir de parâmetros do processo de gramaticalização descritos em Lehmann (1982), Hopper (1991), como também do papel da frequência (Bybee, 2003).

Com base nas evidências empíricas da gramaticalização (princípios, efeitos, tendências) apresentadas na fundamentação teórica (cf. Capítulo 2) e na revisão da literatura (cf. Capítulo 3) deste estudo, dividimos os critérios de análise. O primeiro deles visa a quantificar os tipos de uso do verbo *tomar*. A opção pela análise quantitativa justifica-se pela necessidade de se confirmar (ou não) a hipótese de que os verbos-suporte são expansões categoriais dos verbos plenos. O segundo grupo de critérios, que também foi analisado quantitativamente, refere-se ao estudo de fatores sintáticos e semânticos envolvidos no processo de gramaticalização das categorias selecionados para estudo.

4.3.1 Tipos de usos de *tomar*

Para observar a mudança categorial do verbo *tomar*, identificamos, com base em Araújo (2010), os seguintes tipos de usos:

1. Verbo pleno: é aquele que funciona como núcleo do predicado da oração, sendo este seu centro de significado; é autônomo, tem comportamento lexical e veicula a noção de transferência. Seu papel é estabelecer uma predicação, definir o número de argumentos/participantes envolvidos nesta, prever a relação sintática entre eles e atribuir-lhes papel temático. Vejamos um exemplo.

(01) “Assim que a **tomou em suas mãos**, Epimeteu retirou sua tampa, abrindo a caixa.” [tomar em suas mãos = segurar] (CP – 19: Ac:Br:Enc)

2. Verbo estendido: diferencia-se do verbo predicador pleno apenas por já apresentar extensão de sentido.

(02) “Nada de **tomar remédios ou fórmulas mágicas** para tentar emagrecer. Eles trazem riscos desnecessários como ansiedade,” [tomar remédios = beber/ingerir] (CP – 19: N: Br: Folha)

3. Parte de expressão cristalizada: entende-se por uma expressão que passou a ter um significado diferente do significado dos seus constituintes e a sua forma linguística foi convencionalizada. A concepção de cristalização ocorre a partir do momento em que os significados das palavras não podem ser entendidos ‘ao pé da letra’ (NEVES, 1999, 2002; VALE, 2001).

(03) “Candidato, não devia ser eleito. Eleito, não devia **tomar posse**. Empossado, devia ser derrubado.” [tomar posse = assumir cargo/função] (CP – 19:N:Br: Folha)

4. Verbo-suporte: é aquele que não constitui sozinho o núcleo do predicado, uma vez que vem seguido de um sintagma nominal e passa a depender desse argumento que o acompanha para ter sentido no contexto.

(04) “O presidente leva em consideração, portanto, uma série de fatores para **tomar decisões**.” [tomar decisões = decidir] (CP – 19:N:Br:Folha)

Os aspectos que nos permitem a identificação de um processo de gramaticalização serão destacados a seguir: (a) aspectos sintáticos; (b) os aspectos semânticos; (c) graus de integração entre o verbo e o elemento nominal.

4.3.2 Aspectos sintáticos e semânticos

As funções gramaticais derivam da organização e estruturação linguística dos elementos: o verbo e seus argumentos. Para avaliar a fixidez de uma construção, faz-se necessário observar as distribuições sintáticas dos seus componentes em uma dada sequência e, a partir daí, analisar se essa distribuição conserva ou não o sentido da construção. A análise das construções envolve aspectos sintáticos dos argumentos como: possibilidade de mobilidade do SN, possibilidade de configuração sintática do elemento não verbal, possibilidade de substituição do verbo, possibilidade de substituição do elemento não verbal por outro semelhante, possibilidade de substituição da construção por uma forma simples

cognata, ausência ou uso de determinante ou quantificador. Tais aspectos estão relacionados ao parâmetro de perda de autonomia (HEINE ET AL, 1991), segundo o qual as formas, no processo de gramaticalização, perdem sua autonomia morfosintática e passam a ficar dependentes de outras vizinhas. Logo, quanto mais fixas as construções *tomar* + SN/SP, maior a possibilidade de esses verbos se encontrarem em um estágio elevado de gramaticalização.

A análise das construções observa os aspectos semânticos dos argumentos, com o objetivo é verificar a possibilidade de os elementos que se encontram entre o verbo e o sintagma nominal favorecerem a produtividade de determinada estrutura ou sua fixidez.

4.3.3 Graus de integração entre o verbo e o elemento nominal

A partir dos aspectos sintáticos (cf. 4.3.2), chegamos a seis graus de integração entre o verbo e o elemento nominal. Esses níveis de integração evidenciam um *continuum* das construções menos integradas às mais integradas. Vejamos a seguir os graus de integração em que se podem categorizar as construções com verbo *tomar*:

Quadro 9 - Descrição das características do Nível de integração 1[-integradas]

1. Mobilidade do elemento não-verbal: posposto ao verbo-suporte com possibilidade de anteposição;
2. Configuração sintática do elemento não-verbal: nome determinado ou com possibilidade de inserção de elementos mais determinados.
3. Possibilidade de substituição do verbo;
4. Possibilidade de substituição do elemento não-verbal por outro semelhante;
5. Possibilidade de substituição da construção por uma forma simples cognata do nome.

(05) “O parlamento pode **tomar a decisão** em a próxima sessão, que acontece hoje ou amanhã.” (CP-19N:Br:Folha)

Quadro 10 - Descrição das características do Nível de integração 2 [- integradas]

1. Mobilidade do elemento não-verbal: posposto ao verbo-suporte e com possibilidade de anteposição;
2. Configuração sintática do elemento não verbal: nome determinado ou com possibilidade de inserção de elementos mais determinados;
3. Possibilidade de substituição do verbo;
4. Impossibilidade de substituição do elemento não-verbal por outro semelhante
5. Possibilidade de substituição da construção por uma forma simples cognata do nome.

(06) “Juntamente se espalharam novas que Lisboa ficava amotinada, e o povo a ponto de tomar as armas em defesa da Fé, e outras cousas ainda maiores a este tom.”

Quadro 11 - Descrição das características do Nível de integração 3 [- integradas]

1. Mobilidade do elemento não-verbal: posposto ao verbo-suporte e com possibilidade de anteposição;
2. Configuração sintática do elemento não-verbal: nome não determinado ou com possibilidade de inserção de elementos mais determinados;
3. Possibilidade de substituição do verbo;
4. Possibilidade de substituição do elemento não-verbal por outro semelhante
5. (Im)possibilidade de substituição da construção por uma forma simples cognata.

(07) “A maioria de os jogadores saiu de o estádio sem **tomar banho**, com o uniforme usado em a partida.” (CP-19N:Br:Folha)

Quadro 12 – Descrição das características do Nível de integração 4 [- integradas]

1. Mobilidade do elemento não-verbal: posposto ao verbo-suporte e com possibilidade de anteposição;
2. Configuração sintática do elemento não verbal: nome não determinado ou determinado com possibilidade de inserção de elementos menos determinados ou sem possibilidade;
3. <u>Im</u> possibilidade de substituição do verbo;
4. <u>Im</u> possibilidade de substituição do elemento não-verbal;
5. Possibilidade de substituição da construção por uma forma simples cognata;

(08) “desregrado e tortuoso não há regente pra abonar ou punir as nossas faltas, ou **tomar nota** das caridades que porventura fizemos.” (CP -19Fic:Br:Dantas:Carilha)

Quadro 13 – Descrição das características do Nível de integração 5 [+ integradas]

1. Mobilidade do elemento não-verbal: posposto ao verbo-suporte e com possibilidade de anteposição;
2. Configuração sintática do elemento não verbal: nome não determinado ou determinado com possibilidade de inserção de elementos menos determinados ou sem possibilidade;
3. Possibilidade de substituição do verbo;
3. Possibilidade de substituição do elemento não-verbal;
4. <u>Im</u> possibilidade de substituição da construção por uma forma simples cognata.

(09) “E o dragon tomou tal amor com elle que, de quãto caçava, de todo lhe ally tragia.” (CP-13:CIPM:CGEsp)

4.4 Síntese conclusiva

Neste capítulo, tratamos de questões metodológicas relativas à nossa pesquisa. Em primeiro lugar, apresentamos as características do *Corpus* do Português, banco de dados de onde advêm as amostras textuais que constituem o *corpus* escrito do Português europeu (séculos XIV, XVII e XX) e Português brasileiro (séculos XVII e XX) no contexto de diferentes instâncias discursivas (acadêmico, jornalístico e literário).

Além da descrição do *corpus* de análise, apresentamos os principais procedimentos metodológicos, dentre os quais, a utilização de uma ferramenta computacional – o Programa *SPSS*, que foi útil para a análise quantitativa dos dados.

Por fim, discorreremos sobre os fatores que serão analisados que orientam a investigação da polifuncionalidade do verbo *tomar* nesta tese, a saber:

i) Categorias de uso do verbo *tomar*: verbo pleno, verbo estendido, parte de expressão cristalizada e verbo-suporte.

ii) Aspectos sintáticos: (possibilidade de mobilidade do SN, configuração sintática do elemento não verbal, possibilidade de substituição do verbo, possibilidade de substituição do elemento não verbal por outro semelhante, possibilidade de substituição da construção por uma forma simples cognata e ausência ou uso de determinante ou quantificador.

iii) Aspectos semânticos dos argumentos.

iv) Graus de integração entre o verbo e o elemento nominal: Nível de integração 1 [-integradas], Nível de integração 2 [- integradas], Nível de integração 3 [- integradas], Nível de integração 4 [- integradas], Nível de integração 5 [+ integradas].

5 USOS DO VERBO *TOMAR*

O verbo *tomar* revela, em muitos contextos linguísticos, comportamento que o vincula, em maior ou menor grau, a diferentes categorias gramaticais. Esses contextos merecem ser funcionalmente descritos com o objetivo de mostrar a gramaticalização desse verbo. A análise das ocorrências de *tomar* possibilitou detectar diferentes categorias às quais *tomar* pode vir a pertencer e que formam quatro diferentes usos do verbo com diferentes níveis de gramaticalidade. São elas: verbo pleno, verbo estendido, verbo-suporte e expressão cristalizada. Essas categorias serão apresentadas, a seguir.

5.1 Verbo pleno

Vimos que o verbo pleno *tomar* é tratado como verbo principal pelos dicionários e gramáticas da Língua Portuguesa. Acreditamos que as abordagens das gramáticas não estabelecem uma definição crítica para o termo “verbo pleno”. Desse modo, selecionamos algumas definições de autores que fazem uma reflexão mais profunda dessa categoria e das estruturas linguísticas.

Borba (1976) considera verbos plenos aqueles que semanticamente⁵⁹ têm significação lexical e sintaticamente representam o núcleo do predicado num sintagma verbal. O autor acrescenta que um estudo mais abrangente sobre os verbos deve considerar os funcionais, os modais e os substitutos.

Ao tratar dos verbos plenos, Duarte et al (2003), denomina-os núcleos semânticos da oração, que, segundo os autores:

Constituem núcleos lexicais plenos, caracterizados por determinadas propriedades de seleção semântica (número de argumentos e respectivo papel temático) e sintática (categoria de cada argumento e relação gramatical que assume na oração) (DUARTE et al, 2003, p.296)

Ao estabelecer esse conceito, Duarte et al (2003) reservaram aos verbos plenos características semânticas (argumentos) e sintáticas (categorias morfossintáticas e função gramatical dos argumentos), que são tratadas na gramática tradicional por “transitividade”.

⁵⁹ Nesse sentido, não há diferença entre verbo pleno e verbo estendido, pois ambos têm essas propriedades.

Quanto à natureza dos verbos, Neves (2000) considera que, em geral, constituem os predicados das orações. Quanto ao predicado, a autora acrescenta que eles têm propriedades sintáticas e semânticas, como a forma lexical, a categoria, o número e a função semântica dos termos, além das restrições de seleção a estes impostas (cf. NEVES, 2000, p.25).

Castilho (2010) define os verbos plenos como aqueles que “funcionam como núcleos sentenciais, selecionando argumentos e atribuindo-lhes papéis temáticos”. Ao tratar do fenômeno da gramaticalização, Castilho (2010) apresenta uma escala que representa uma generalização sobre as alterações sofridas pelos verbos: verbo pleno >verbo funcional>verbo auxiliar. O autor considera a migração de verbo pleno para funcional e deste para auxiliar como o fenômeno mais interessante na gramaticalização.

Notamos que as definições apresentadas consideram verbos plenos aqueles que possuem comportamento lexical, estabelecem uma predicação, são responsáveis pela projeção da predicação (definem o número de argumentos/ participantes envolvidos) e sua configuração semântica e sintática, definem a relação sintática entre os elementos e atribuem-lhes papel temático.

O verbo *tomar* é um elemento que apresenta uma diversidade de significações (cf. seção 5.5). Partimos do pressuposto de que esse verbo atuará como verbo pleno quando apresentar o sentido de “pegar ou segurar”, “agarrar/segurar”. Nessa função, *tomar* apresenta autonomia verbal e comportamento lexical na estruturação semântica e sintática da predicação, ou seja, é o responsável pela definição de uma estrutura argumental e pela atribuição de papel temático, projetando dois argumentos: (i) sujeito-agente e (ii) objeto afetado pela ação do verbo.

A estrutura básica de uma construção com verbo pleno é formada de um verbo e um ou mais sintagmas nominais, cada um deles associado ao verbo por meio de uma determinada relação. A Gramática de Casos (FILLMORE, 1968) representa essas relações denominando-as de relações temáticas, que trata dos casos semânticos que surgem da relação entre predicado e argumento.

A configuração de *tomar* como verbo pleno apresenta-se com a seguinte estrutura: [Arg1verboArg2].

[(Arg1): agente da predicação]

[V: ação-processo – expressa a ação causada pelo sujeito agente]

[(Arg2): objetivo- é o afetado pelo evento, apresenta os traços [+ concreto] e [+ contável], além do traço [- animado]].

O verbo *tomar* apresenta uma noção geral de atividade/ação e é acompanhado de complementos com traço [+concreto]. Esse verbo requer dois argumentos que se apresentam com as funções de sujeito e objeto. Esse uso corresponde à predicação transitiva, bem como corresponde às acepções apresentadas nos dicionários consultados. O exemplo (1) mostra o uso do verbo *tomar* na categoria de verbo pleno.

Em relação às ocorrências do verbo *tomar* no *corpus*, inicialmente, foram identificados usos do verbo em questão com sentido [+] pleno, com o valor de “pegar”, “segurar”. O sentido pleno de *tomar* pode ser atestado nos exemplos (1) a (3), a seguir:

Português Arcaico:

(1) “padre fezera em desterrar os bispos e clerigos de tam sancta entêçõ e de lhes **tomar as rendas** que elles com tanto fervor destrebuyam aos lazerados.” (CP-13:CIPM:CGEsp)

Português Moderno:

(2) “Vi um grão leão correr, E fazer sua viagem, E **tomar o porco selvagem** Na passagem, Sem nada lhe o defender.” (CP-16:Vieira:Cartas)

Português contemporâneo:

(3) “Tem que descer a mão e **tomar a faca.**” [tomar = pegar/segurar](CP - 19:Fic:Br:Aguiar)

Na construção *tomar a faca*, o verbo *tomar* é considerado pleno, tendo em vista que compõe o núcleo semântico da oração e tem o sentido de *pegar* ou *segurar*.

5.2 Verbo estendido

Mais distante do sentido pleno, observamos que o verbo *tomar* apresenta outro uso. O verbo estendido diferencia-se do verbo pleno por apresentar extensão de sentido. Nessa categoria, o verbo *tomar* continua com a função de núcleo predicante da sentença e apresenta comportamento lexical na estruturação semântica e sintática da predicação, no entanto, apresenta um comportamento sintático-semântico diferenciado da categoria anterior e uma

relação de equivalência com outros verbos predicadores. Nessa categoria, *tomar* atua com outro significado, isto é, com sentido diferente de “pegar” ou “segurar”. Os exemplos (4) a (6) mostram o uso do verbo *tomar* na categoria de verbo predicador estendido:

Português Arcaico:

(4) “E, quando viron que nõ podyam **tomar Lixboa**, foron a Cadiz e filharõna.”

(CP-13:CIPM:CGEsp)

Português Moderno:

(5) “como eu também farei, que bastam dois navios e duzentos ou trezentos homens **tomar Buenos Aires**, que é a única povoação que ali há castelhanos, e,” (CP-16:Vieira:Cartas)

Português contemporâneo:

(6) “depois, como faço todos os dias, segui para a lanchonete do Tinôco para **tomar** o meu **café**. Tinôco sempre me arranja um lugarzinho num dos assentos do balcão” [tomar = beber] (CP-19:Fic:Br:Beltrao)

O verbo *tomar* nas construções “tomar Lixboa” e “tomar Buenos Aires” tem o sentido de “ocupar” e na construção “tomar o meu café” significa *beber*. Nessas construções, o verbo *tomar* constitui o núcleo semântico da oração, no entanto, seu significado está distante da ação de *pegar* ou *segurar*.

5.3 Expressões cristalizadas

Verificamos também expressões com o verbo “tomar” com certo grau de cristalização e idiomaticidade, que revelam não só aspectos culturais do léxico da Língua Portuguesa, mas também atestam a dinamicidade da língua. São as expressões cristalizadas. Essas expressões constituem conjuntos fechados, visto que fazem parte do falar globalizado do usuário da língua. Nelas, o verbo “tomar” serve para marcar noções de categorias verbais, como tempo, modo, aspecto, número e pessoa. Quanto ao aspecto sintático, as expressões cristalizadas são frases que apresentam estrutura semelhante a de um verbo predicador pleno. Quanto ao aspecto semântico, elas são, em geral, interpretadas pelos falantes com seu significado idiomático, e não pela soma dos sentidos literais das palavras que as compõem

(cf. VALE, 2001, p. 3-4). Nessas expressões, o verbo é esvaziado semântica e lexicalmente⁶⁰, também são conhecidas como “idiomáticas”, “formas fixas”, “unidades fraseológicas” e “fraseologias”. Ao referir-se a essas expressões, Neves (2002, p.190) chama-as de “expressões verbais” com extrema soldadura e acrescenta que formam um bloco cristalizado com significado único. Neves (2002, p.190) considera, para a possibilidade de comparação, apenas as expressões fixas que têm a mesma organização sintática das construções com verbo-suporte, ou seja, as que tem verbo + SN. No entanto, admite que são inúmeras as expressões fixas com estrutura diferente de verbo + SN. A autora apresenta alguns exemplos, como: *ter em mente*, *dar à luz*, *dar de cara*, *ser de amargar* e um exemplo com o verbo *tomar*, que é *tomar na cabeça*.

Xatara (1998, p. 2) define que a “expressão idiomática é uma lexia complexa indecomponível, conotativa e cristalizada em um idioma pela tradição cultural”. Segundo essa autora, para identificarmos uma expressão idiomática, é necessário considerar três características: a indecomponibilidade da unidade fraseológica (quase não existindo possibilidade de substituição por associações paradigmáticas), a conotação (sua interpretação semântica não pode ser feita com base nos significados individuais de seus elementos) e a cristalização (consagração de um significado estável) (cf. XATARA et al, 2002, p. 184). Essas características estão presentes nas definições apresentadas por Neves (2002) e outros autores, como Langacker (1972, p.90) e Lakoff e Johnson (2002): retomando o teste 2, adaptado por Neves (2002), que serve como parâmetro para a distinção entre as construções com verbo-suporte e as expressões cristalizadas, notamos que, nas expressões cristalizadas, não há possibilidade de substituição do SN (Exemplo: Valéria *tomou partido* [tomou...?...] da tia; são construções de significado unitário, ou seja, seu significado não pode ser inferido através dos significados de suas partes e, em sua maioria, demonstram uma invariabilidade de unidades cristalizadas.

É notável a relação existente entre cultura e expressão idiomática, pois a expressão idiomática revela características da linguagem dos homens nas suas relações. A partir do conceito teórico de Xatara (1998), é possível compreender que as expressões idiomáticas são unidades fraseológicas que os falantes utilizam para se comunicar e revelam significados conotativos, bem como uma subjetividade e abstração da língua.

⁶⁰ O verbo na expressão é esvaziado semântica e lexicalmente, mas a expressão não é esvaziada. Em uma expressão cristalizada, o sentido do verbo não é recuperado pela expressão e vice-versa.

Como as expressões cristalizadas são herança cultural, ocorrem em nosso meio social e não estão inseridas em uma regra linguística. Biderman (2011, p. 756) postula que: “...as expressões idiomáticas são aprendidas de cor como se aprende o vocabulário do idioma e elas fazem parte do acervo da cultura e não do sistema linguístico”. A afirmação de Biderman (2011) nos chamou atenção quando diz “fazem parte do acervo da cultura e não do sistema linguístico”. Consideramos que o sistema linguístico é um conjunto formado pelas unidades da língua em uso e a serem usadas, e que se relacionam segundo regras determinadas. O sistema é uma entidade abstrata, coletiva e geral, memorizada na mente de todos os falantes de um grupo linguístico. Assim, acreditamos que não há como as expressões idiomáticas fazerem parte da cultura e não do sistema linguístico.

Langacker (1972, p.90) assim define: “uma expressão idiomática [unidade lexical complexa] é uma locução cujo significado não pode ser predito a partir dos significados individuais dos morfemas que a compõem”. Lakoff e Johnson (2002, p.119) chamam-nas de “palavras únicas”, pois o verbo, junto com outros itens lexicais ou gramaticais apresenta um grau de fixidez que não permite que a expressão seja entendida isoladamente, mas como um todo. Langacker (1972), assim como Lakoff e Johnson (2002), reconhecem que as características semânticas das expressões cristalizadas estão relacionadas com as características sintáticas das construções.

Para Langacker (1972, p.90-91), as expressões idiomáticas e as metáforas padronizadas apresentam semelhanças e são construções elaboradas pelo uso da língua.

As expressões idiomáticas em muitos casos são semelhantes a metáforas padronizadas como *Stir up trouble*[causar confusão] ou *The heart of the matter*[o coração da matéria]. Na realidade, a origem metafórica de muitas expressões idiomáticas é bastante evidente, e não há motivos para se tentar traçar uma linha divisória. Mas nem todas as expressões começam como metáforas. Se *Kick the bucket*[bater as botas = morrer] teve uma origem metafórica, a natureza dessa metáfora já não é evidente para os falantes do inglês (LANGACKER, 1972, p. 90-91)

Na tentativa de explicar diferenças entre as expressões idiomáticas “Bater as botas”, “Abanar o capacete” em relação à metáfora, consideramos que as expressões idiomáticas normalmente têm um significado preciso, o que não ocorre em geral com as metáforas; além disso, para compreender o significado de uma expressão idiomática, normalmente não se tem em conta o significado literal da frase. De acordo com Basílio (2004), uma expressão cristalizada, não pode ser interpretada por relações de significados, visto que a soma dos elementos que a compõe é constituída por uma combinação lexical metafórica. Assim, concordamos com as definições de Langacker (1972) e Basílio (2004),

para quem muitas expressões idiomáticas apresentam uma origem metafórica como em “botar o pé na estrada”, já que a expressão como um todo equivale a “viajar”. Os exemplos (7) a (9) mostram o uso do verbo *tomar* como parte de expressão cristalizada:

Português Arcaico:

(7) “chegou a essa comarca e leixou passar todo esse tempo e o inverno que não **tomou** com elles **guerra**.” (CP-13:CIPM:CGEsp)

Português Moderno:

(8) “Confesso a V. S. que não sei **tomar pé** nestas implicações.” (CP-16:Vieira:Cartas)

Português contemporâneo:

(9) “Depois de **tomar posse** sozinho com o presidente em o Palácio da Alvorada, o ministro patrocinou uma...” tomar posse = assumir cargo/função] (CP-19:N:Br:Folha)

“Depois de *tomar posse* sozinho com o presidente...” deve ser interpretado como: “Depois de assumir o cargo/função sozinho com o presidente...”. Chegamos a esse entendimento porque o significado da unidade lexical ***tomar posse*** não foi deduzido da soma dos valores das palavras que compõem tal unidade, constituindo, assim, uma expressão cristalizada.

5.4 Verbo-suporte

Na categoria de verbo-suporte, o verbo *tomar* se apresenta esvaziado semanticamente e opera sobre um elemento não-verbal, no sentido de lhe atribuir função predicante. Partilha com o elemento não-verbal a função de atribuir papel temático ao(s) argumento(s) do predicado complexo, porém o elemento verbal, ainda que tenha a função de núcleo sintático do predicado complexo, transfere o núcleo significativo para o sintagma nominal.

As construções com verbo-suporte servem de “suporte” para as categorias gramaticais expressas por um verbo (tempo, modo, aspecto, número e pessoa). Algumas vezes, encontra-se na língua um *verbo* de valor equivalente (*tomar banho* = banhar-se, *tomar impulso* = impulsionar, *tomar decisões* = decidir) pelo qual essas estruturas podem ser substituídas. Mas algumas construções com verbo-suporte não tem um verbo simples de valor

equivalente. Segundo Neves (1996), a relação de paráfrase entre o verbo que forma a construção com verbo-suporte e o verbo pleno não é uma condição imprescindível para a definição desse tipo de construção, visto que há construções desse tipo que não possuem correlatos semânticos com verbos simples. Em vista disso, ela estende essa definição esclarecendo que

esses verbos são bastante esvaziados do ponto de vista semântico e formam com o seu complemento (objeto direto) um significado global, geralmente correspondente ao que tem um outro verbo da língua (NEVES, 2000, p.53).

Isso ocorre porque, embora fazendo parte da expressão predicativa, os verbos-suporte não têm as mesmas características dos verbos plenos – verbos com uma estrutura sintática que lhes permite inserir argumentos. As construções com verbo-suporte podem desempenhar sozinhas a função da predicação.

Machado Vieira (2001) denomina essa categoria de “operandum auxiliar de ‘verbalização’ de elemento não-verbal” e acredita que “um verbo-suporte contribui para a formação semântica do predicado verbo-nominal, apesar de o item nominal ser o principal responsável pelas propriedades semânticas da predicação nuclear”. A autora configura essa categoria com base em Dik (1997):

{verbo-suporte *tomar* [elemento não-verbal]} Predicador Complexo
(Arg1)...(Arg_n) [(Arg_n > 0)]

O verbo-suporte é uma extensão semântico-sintática mais ou menos afastada do verbo predicador pleno, que se caracteriza por seu papel instrumental na formação de predicados complexos (DIK, 1997). Opera sobre um elemento não-verbal, no sentido de lhe atribuir função predicante. Assim, essa configuração mostra que *tomar* compartilha com o elemento não-verbal a função de definir a estrutura argumental. O exemplo (4) mostra o uso do verbo *tomar* na categoria de verbo-suporte:

Português Arcaico:

(10) “contra Carryom, onde o conde era, pera lhe fazer mal enna terra e **tomar penhora** por aquello que lhe o conde roubara ou pera lidar com elle, se” [tomar penhora = penhorar] (CP-13:CIPM:CGEsp)

Português Moderno:

(11) “e segundo esta ordem não só podia mas devia **tomar** logo o dito **cuidado**, conforme o direito e estilo da Companhia, declarado pelo” (CP-16:Vieira:Cartas)

Português contemporâneo:

(12) “O que todos precisam no caso é liberdade para poder **tomar** as suas próprias **decisões**.” [tomar decisões = decidir] (CP-19:N:Br: Cur)

Como se vê, os usos do verbo *tomar* como verbo-suporte foram encontrados em todos os períodos. A pesquisa sobre os usos desse verbo, em três sincronias, forneceu-nos dados significativos para a identificação do processo de gramaticalização desse verbo, e o que nos despertou para as questões que serão apresentadas e analisadas a seguir foram, sem dúvida, as hipóteses de que as construções com verbo-suporte “fazem parte do património sintáctico do português” (RANCHHOD, s/d) e, apesar de, em muitos casos, haver diferenças entre o português arcaico e o atual, principalmente no que se refere à ordem dos constituintes (SN anteposto ao verbo-suporte), essas construções são semelhantes àquelas registradas na fase atual.

5.5 Tratamento/significado do verbo *tomar* em dicionários do português arcaico ao contemporâneo

Pretendemos, nesta seção, apresentar as informações linguísticas dadas por alguns lexicógrafos ao termo *tomar*. A pesquisa mostra que *tomar* é tratado, nos dicionários⁶¹, como verbo da classe transitivo direto e transitivo indireto. Além da questão dos significados do verbo *tomar*, pretendemos verificar as construções com esse verbo que são pouco frequentes ou que já desapareceram, e observar a variação de significado existente entre os períodos distintos. Quando comparamos o período arcaico da língua portuguesa com o período contemporâneo, deparamo-nos com um conjunto de características, como o emprego de formas arcaicas que convivem com formas atuais, o desaparecimento total de uma forma arcaica, que é substituída por outra, a manutenção de uma forma/construção, que apresenta

⁶¹ As obras pesquisadas foram: os dicionários brasileiros Borba (1990), (2002), Michaelis (1998) e Houaiss (2001); e os dicionários portugueses Amaral (2012), Caldas Aulete (1925), Busse (1994), o Dicionário do Português Medieval - DVPM (1999) e o Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa (2001).

um sentido completamente diferente daquele apresentado na fase arcaica da língua, além da questão relativa à ordem dos vocábulos, que se apresenta muito mais flexível na fase arcaica, resquício da flexibilidade típica da língua latina. Na escolha desses dicionários, objeto de pesquisa bibliográfica, procuramos edições do Brasil e de Portugal que defendam o essencial da língua, sem esquecer o acessório, ou seja, defender o que é estável, sem descuidar da flexibilidade da língua, já que sustentamos a ideia de que novas formas expressivas nascem das novas experiências de uso.

O Dicionário de verbos do Português Medieval (DVPM) é um projeto da Universidade Nova de Lisboa, que está sendo desenvolvido por módulos: verbos, nomes próprios e comuns e termos.

O primeiro trabalho consistiu no estudo dos verbos de um *subcorpus* de textos do CIPM- *Corpus* Informatizado do Português Medieval, organizado por M.F. Xavier; G. Vicente e M.L. Crispim (1999). Na fase seguinte, procedeu-se à revisão dos verbos já estudados e à análise de 212 verbos que não se encontravam atestados no *corpus* textual anteriormente estudado: M.F. Xavier; G. Vicente e M.L. Crispim orgs. (2003). Encontramos, na base de dados do DVPM, as conjugações e 361 ocorrências do verbo *tomar* de um *corpus* de textos do CIPM.

Nele, encontramos os usos do verbo *tomar* como verbo pleno, verbo estendido, verbo-suporte e em expressão cristalizada, embora o termo não tenha sido assim identificado no dicionário.

TOMAR. De orig. Obsc. Ocorrências 361. **1 tomar, ingerir:** alguém toma algo [- SN] e aa vesp(er) a da çea santa de Nosso Senhor **toma** o santo corpo E o ssangue de Nosso Ssenhor Jhesu Cristo; E de muita agoa que a noso parecer era esta meesma que vem teêr aa praya em que nos **tomamos** agoa. **2 tomar, receber, apropriar-se:** alguém toma alg de/a alguém. [- SN SP] Quê ouro ou p(r)ta **tomar** doutrĩ e o falsar mize(ra)ndo cū out(ro) metal peyor aya a pãa [...] sub(re)dicta; E esto he mesmo de qual quer que **toma** algũa coussa dos rromeyros e peregrinos que morrem, que o deuem rrestytujr a seus herdeyros, e sse cõ outra entêçon o tomar peca mortalmête; E duas ou tres carapucas vermelhas pera dar la ao Senhor se o hy ouuese ./ nom curaram de lhe **tomar** nada E asy o mandaram com tudo. **3 tomar, aceitar:** alguém *toma* (a/em) alg [- (a/em) SN] e elles deitavõ-lhas e ante que cayssem ã terra **tomavõ**-nas cõ tenazes de ferro acessas.; Mais dá-lo-edes em panos **tomar**, se vo-los derem, e guardar e em vendê-los em aquel mercado.; Quem **toma** peendemça as portas da ygreia e torna mays aquel pecado. Alguém toma alguém por algo [-SN SP] E chegou a hũa prouïcia ã que nõ auia rey, e os homêes daquella terra uirã-no homẽ noble e pera muyto e sabedor e **tomarõ-no** por seu rey. **4 sentir** alguém toma algo [-SN] chorava hũa ssua filha assy come morta nõ ssabendo que era della. e que **tomava** grãde nojo mayormête que nom avia outra filha nẽ filho; E o ãuejosso de ligeiro **toma** sanha⁶²

⁶² *Tomar sanha* é uma expressão cristalizada que corresponde a ficar com raiva.

com' há posta ta fazenda.; E porê sandeu he o homê pilingrim e estranho que fora de sua terra se trabalha e **toma** grande **cuydado** de auer morada sollepe cõ pinturas e con ou[t]ros afeytamêtos notauees. **TOMAR DE ÇAFARA 1 Fazer ou promover a procriação de animais** alguém toma de çafara algo [-SN] E em todo tempo ã seu termho criam muy bõos açores que hy **tomã de çaffara**, que husam mais caça e som melhores que os outros e son muy fremosos. **TOMAR DE TALAM 1 tomar a decisão, fazer a sua vontade** alguém toma de talam de fazer/acontecer [- (de) Vinf] com aguça que **tomou de talam** de casar cedo, nom hou' i contrairo. **TOMAR EXEMPLO 1 adoptar como exemplo** alguém toma exemplo em alguém de fazer [- (SP) de V inf] E esto por **tomarmos** nos outr(os) **exêplo** ((L)) de fazer bem. ã nos guardarmos de mal. **TOMAR HÁBITO 1 Ordenar-se padre ou monge, entrar para o convento** alguém toma hábito [-]E, quando vyo que era acerca da morte, **tomou o avito** de Santiago e morreo en elle. **TOMAR HOSPICIO 1 hospedar-se** alguém toma hospício em lugar [-SP] Junctados asy os ((L)) dictos bispos, o bispo da çidade mandou que **tomassê** ((L)) e ouvessem **hospicio** e pousada na ig(re)ja do bem ((L)) aventurado m(ar)tir Sam Giãão. **TOMAR ORDEM 1 tornar-se um homem do clero** alguém toma ordem [-]Entrando ena ordê algũu homê ou molh(e)r deue estar huũ ano en proua o q(ue) quiser **tomar ordê** de rreligiõ.; E os clerigos que **tomam ordê** de relegion que chaman conuersos cortam os cabelos darredor e non rapan êçima a cabeça por que, como quer que deixem os beês temporaees, nom sse ocupan nos ofiços diuinaees. **TOMAR PELAS MÃOS 1 Dar as mãos** alguém toma as mãos a alguém [-SP] E a alem do Rio amdauam mujtos deles damçando E folgando huũ ante outros sem se **tomarem pelas mãos** E faziam no bem . pasou se emtam aalem do Rio diego dijz almoxarife. **TOMAR PENHOR 1 tomar penhor, dar garantia** alguém toma penhor por algo a alguém Um escudeiro vi hoj' arrufado por **tomar penhor** a Maior Garcia, por dinheiros poucos que lhi devia; Jtem o segundo agrauamento que el tijnha os sseus fferregiees e as ssas vinhas tapadas como conprium e que lhis nom mandara nem mandaua **tomar penhoras** ssen Razom. **TOMAR (POR) MULHER 1 casar-se** alguém toma (por) mulher alguém [-SN] este homê bóo **tomou por molher** hũa qual (con)pria a sseu linhagê; Nam queiras **tomar molher** da geraçã de Canahaã mas vayte a Mesopotanya e toma molher das filhas de Labã teu tio; Quê prometeo simplezmente de entrar em hordê e depois leixou o uoto que fez **tomãdo molher** deue de fazer peendença tres anos. **TOMAR POSSE 1 Empossamento** alguém toma posse de algo [-SP] e Aç(er)ca do logar daRanha p(or)tos o d(i)to Johã vjçent(e) ((L029)) **tomou pose** da d(i)ta vj~nha p(er)a o d(i)to moestey'ro (e) ã nome do d(i)to moesteiro ((L030)) p(er) t(e)rra (e) p(er) Eruas (e) Çepas (e) vides da d(i)ta vj~nha Asj. **TOMAR PRAZER 1 alegrar-se** alguém toma prazer (em lugar) [- (SP)] Alegra-te asaz, filha de Sion, **toma prazer** em no coração, filha d'Israel, ex o teu rey vem a ty sancto e salvador, elle meesmo prove sobinte sobre a sua' etcetera.; Item todo homem que se delecta em o pecado que ia fez e quando lhe uem em mête e **toma hy prazer**. **TOMAR TRABALHO 1 transtornar-se, preocupar-se** alguém toma trabalho [-] ssenhor por que **tomaste** tanto **trabalho** p(er)a ((L)) viir a nós.

Vejamos alguns exemplos extraídos desse dicionário e a identificação da categoria a qual o verbo *tomar* pertence.

Consideramos que o verbo *tomar* tem característica de verbo pleno em abonações dadas pelo dicionário como em (13).

TOMOU O PÃO E O VINHO

(13) “Th(es)u Cr(ist)o Nosso Sen(hor) v(er)dadeiro De(us) e hom(ê) quãdo q(ui)s rreceb(e)r morte por saluar o mũdo estabeleceu p(er) ssy p(ri)meyram(ê)t(e) este sac(ri)fficio

p(er) ssy meesmo aa q(ui)nta feyra da cea q(uan)do comeu cõ sse(us) deçip(o)los **tom(ou) [o] pam e ho vinho nas ssas mãos**” (DVPM, 1999)

No exemplo (13), o verbo *tomar* possui a acepção de *pegar, segurar, agarrar* e a noção de ação; o verbo é o núcleo da predicação e não é esvaziado lexicalmente, pois contribui para o significado da construção.

Entendemos que o verbo *tomar* é um verbo estendido na construção (14).

(14) “mais tu **toma** este trabalho e cava ((L)) a terra p(er)a podermos ssoterrar o santo corpo ((L))” (DVPM, 1999)

O verbo *tomar*, no exemplo (14), distancia-se do significado pleno *pegar* e corresponde ao sentido de *assumir uma função*.

Quando o verbo *tomar* ocorre em frases como (15), classificamos como verbo-suporte.

TOMAVA GRANDE NOJO

(15) “alguém toma algo [-SN] chorava hũa ssua filha assy come morta nõ ssabendo que era della. e que **tomava grãde nojo** mayormête que nom avia outra filha nõ filho” (DVPM, 1999)

Nesse tipo de estrutura, o significado da construção *tomava grande nojo* se desloca para o sintagma nominal *grande nojo*. Nota-se que existe uma correspondência com um verbo pleno *enojar-se* e que o sintagma apresenta um quantificador *grande*, o que não seria possível com um verbo pleno.

Finalmente, temos expressões cristalizadas em *tomar sanha, tomar pé* com o sentido de *ficar com raiva, tomar ciência*, respectivamente.

TOMAR SANHA

(16) “E o ãuejosso de ligeiro **toma sanha** contra aquele que ha enueja.” (DVPM, 1999)

TOMAR PÉ

(17) “E aly se metiam #iij ou #b ou eses que queriam nom se afastando casy nada da terra se nom quanto podiam **tomar pee.**” ((DVPM, 1999)

Nos exemplos (16) e (17), não é possível compreender o sentido das construções observando-se cada elemento individualmente, mas sim o sentido obtido através do conjunto.

Cunha (1997), no Vocabulário Histórico-cronológico do Português Medieval, apresenta os seguintes usos do verbo *tomar*.

Tomar. Verbo. Atual: **tomar.** sec. XV, BERN, 8. **1** [...] de como se deue home aparelhar de tomar as armas da santa obedecia [...]. sec. XV, ZURD, 54.1. **2** [...] de que podessem tomar uinganca. sec. XIV, AVES, VI.17. **3** Cascavees poe aynda ao acor pera amedorentar as aves a que o lanca, que as possa mais agiha tomar. sec. XV, ESOP, 5.6. **4** E veemdo a ssombra, deytou-sse [sc. o cao] na augua, cuydamdo tomar a outra carne. sec. XV, VESP, 1.16. **5** [...] elles os no quiserom tomar [...]. sec. XIV, DICT, 2386. **6** *resumo* / tomar. sec. XV, SOLI, 37.31. **7** Senhor Deus, ex o nosso imiigo stendeo ante nossos pees muitos lacos infiindos e encheo todas as nossas carreiras de cepos e d'armadilhas pera tomar as nossas almas. sec. XV, SBER, 69.31. **8** [...] e elle doestando-a e maldizendo asi como rede do diaboo pera elacar e tomar as almas, nom quis sair pera a veer [...]. sec. XIV, ORTO, 49.28. **9** E o padre foy tomar seu filho antre os bracos [...]. sec. XIV, EGIP, 37. **10** Muitas vezes me queriam dar algo aquelles com que pecava e eu o no queria tomar [...]. sec. XIII, CSM, 46.40. **11** [...] tomar / carn' en moller [...]. sec. XV, CITR1, 54. **12** [...] Sam muyto delicados en sy e muyto referteiros no tomar d'aguoa. sec. XV, COND, 3b9. **13** [...] fallou contra elrey em sabor dizendo que Ella queria tomar Nuno alurez por seu escudeyro [...]. sec. XV, VIRG, I.111. **14** [...] alguus tomam prazer co soberva daquelo de que devia tomar vergonca co humildade. sec. XV, OFIC, 17.11. **15** Mas todo nosso cuidado [...] deve de sser ocupado em tomar conselho das cousas onestas [...]. sec. XIV, EUFR, 20. **16** [...] por em te fige tomar affam de viires aca pera conpires o meu desejo [...]. sec. XV, LOPP, 6.56. **17** E el-rrei sorrindo-sse disse que fezerom bem, que tomar queriam mester de ladrooes e matar homees pello caminhos, de sse ensinarem primeiro nos judeus, e depois viinriam aos christaaos [...]. sec. XIV, TUND, 20. **18** E todo o monte [...] era cheo de diaboos que estava prestes pêra tomar as almas [...]. sec. XV, LOPJ, II.4.33. **19** [...] el queria tomar pera amdarem com el e seer de seu comselho alguuns que eram feitura da Raynha [...]. sec. XIV, GREG, 3.22.6. **20** [...] comecaron as outras menihas [...] tomar havito de religion e prometian a guardar as virgiidade a Nosso Senhor pera todo sempre. ano 1365, CAMP, 79.27. **21** E os dictos priol e convento disseram que non consentiam en El mais tomar que aquello que remeecia [...]. sec. XIV, TEST, 28.24. **22** [...] hia aa caca por tomar prazer [...]. sec. XV, ZURG, 48.14. **23** Hora qual pesaaes que auya de seer o capita do nauyo a que posessem semelhantes duuydas diante e mais per homees a que era razom de dar ffe e autoridade e taaes lugares. que ousasse de tomar tal atreuimento [...]. sec. XV, LOPF, P.120. **24** E sse alguus mercadores quiriam tomar carrego de lhe trager de fora de seus rreinos as cousas que mester avia pera suas taracenas, nom carregava nehuua cousa d'ellas [...]. sec. XV, PEST, 346. **25** [...] em tempo da pestilecia logo depois de comer se alguu teuer desejo de dormir: × tal desejo se deue reuogar e impedir [...] em modo × o sono natural se possa tomar per hua hora depois de comer.

O dicionário português Caldas Aulete (1958) expõe a seguinte observação sobre o comportamento de *tomar*:

F.: De or. obsc. Us. antes de subst., como v. suporte, substituindo v. de sentido específico: *tomar banho* (= banhar-se), *tomar medida* (= medir), *tomar posse* (= empossar-se). Hom./Par.: *toma* (fl.), *toma* (interj.); *toma* (s) (fl.), *toma* (s) (sfl. [pl.]); *tomo* (fl.), *tomo* (sm.).]

O quadro a seguir ilustra construções com verbo-suporte *tomar* encontradas no corpo do verbete em Caldas Aulete (1925).

Quadro 14 - Algumas acepções e construções com o verbo *tomar* encontradas ao longo do verbete de Caldas Aulete (1925).

Acepções	Exemplos
1. Tomar a liberdade, a ousadia, o atrevimento de fazer alguma coisa, não esperar por licença para fazer, fazê-la sem pedir autorização	Agora só <i>tomo a liberdade</i> de lhe lembrar que El-rei a espera.
2. Tomar lugar, tomar assento, tomar posto, colocar-se, estabelecer-se	Fôra <i>tomar assento</i> naquela assembleia.
3. Tomar repouso, descansar.	Em tão ameno, tão fresco lugar, amor nos convida <i>repoiso a tomar</i> .

Fonte: Caldas Aulete (1925).

Busse (1994) apresenta as propriedades sintáticas do verbo *tomar* no português europeu e faz a representação das estruturas sintáticas por abreviações. Assim, os membros da frase, sujeito (N) e complementos verbais (N), são representados por abreviações que precedem ou seguem o predicado representado pela maiúscula “V”. O autor utiliza a abreviatura “N-V-N” para representar um verbo transitivo com sujeito e objeto direto. Quando não há transitividade entre o verbo e um elemento da estrutura sintática, essa particularidade é expressa com o símbolo “+” em lugar de “-” como em “N-V+N”. O verbo *tomar* é representado pelas sequências: (i) N – V – N, que corresponde a um verbo transitivo com sujeito e objeto direto e (ii) N – V + N, quando não há transitividade entre o verbo e o sintagma nominal. A estrutura sintática, também, pode ser representada pela abreviação “N-V+em N”, para marcar a relação entre o verbo e o elemento preposicionado.

O quadro abaixo mostra as sequências e exemplos com o verbo *tomar* encontrados no dicionário sintático de verbos portugueses de Busse (1994).

Quadro 15 - Sequências e exemplos com o verbo *tomar* encontrados ao longo do verbete de BUSSE (1994).

Sequências	Exemplos ⁶⁴
Tomar ¹ : N – V – N	Tomar banho: <i>Toma banho</i> , enquanto eu preparo o jantar. Tomar lugar: Dos 474 acusados, apenas 207 estão detidos e destes só uma centena <i>tomou lugar</i> nas jaulas da imensa sala de audiências. Tomar o poder: O importante é <i>tomar imediatamente o Poder!</i>
Tomar ² : N – V + N N – V + de N N – V + com N N – V + em N	Tomar afeição Tomar conta + de N: A moça <i>toma conta</i> de seus irmãos. Tomar contacto + com N: Também nos locais de trabalho, mais e mais pessoas estão a <i>tomar contacto</i> com os computadores. Tomar parte + em N: O Exército português <i>tomará parte</i> , este ano, no referido exercício.

Fonte: Busse (1994).

Esse dicionário apresenta observações sobre divergências do uso dos verbos no português do Brasil e em alguns casos são apresentadas, também, divergências do português europeu face ao português do Brasil. No entanto, não encontramos, neste dicionário, observações sobre divergências do uso do verbo *tomar* no português do Brasil e divergências do português europeu face ao português do Brasil.

Amaral (2012, p. 971) apresenta alguns usos do verbo *tomar*, como *tomar um eléctrico*, *tomar um táxi* e *tomar um comboio*, e admite que esse verbo além de significar *pegar em*, pode apresentar outros significados como *beber*, *agarrar*, *conseguir*, *entrar para*, *ocupar*, mas não define a quais categorias esse verbo pode vir a pertencer, nem exemplifica o uso de *tomar* com esses sentidos.

Há pessoas cultas que duvidam da propriedade de expressões como *tomar um eléctrico*. Há até quem troce dos que dizem *tomar um eléctrico*, *tomar um táxi*, *tomar um comboio*. Tomar?! Mas tomar não é *pegar em* e muita vez, beber? Não será melhor dizer *apanhar* um eléctrico, ou coisa parecida? (Amaral, 2012, p.971)

E acrescenta que:

⁶⁴ Os exemplos extraídos de Busse (1994) são da linguagem contemporânea e de fontes variadas, como: obras literárias contemporâneas, jornais, entre eles o Primeiro de Janeiro do Porto.

Nem por gracejo se admite a insinuação de ser imprópria a expressão *tomar um eléctrico*, pois o verbo é perfeitamente contenedor dos sentidos: *agarrar, conseguir, entrar para, ocupar*. Aliás, em francês, em inglês, etc., também se fala assim, o que prova que tal semântica é até um holicismo: *prendre le métro, to take the bus*, etc. (Amaral 2012, p. 971)

O autor, também, comenta a extensão de sentido da palavra *medidas* na expressão *tomar medidas* quando diz que “o emprego de *medidas*, tanto no sentido de *precauções*, como na acepção de *providências*, não pode eliminar-se absolutamente da expressão portuguesa”. E apresenta um exemplo extraído de um texto de ficção.

TOMAR MEDIDA

“-...És tu que rejeitas o Sr. António da Silveira, Albertina? - Sou eu que o prezo como irmã, e não posso ser voluntariamente sua esposa. - Bem! **Tomarei as minhas medidas** – redargui Francisco Simões de Alpedrinha.- Muito bem! Eu não sabia quem tu eras, criatura!...Esta filha já diz que rejeita o esposo que seu pai lhe oferece. Muito bem:eu serei de hoje avante o que devia ter sido até aqui...Veremos!...” (A filha do Dr. Negro, cap.II, pág. 27) (Amaral, 2012, p. 972)

O Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa (2001) admite que o verbo *tomar* funciona como verbo-suporte e apresenta o seguinte conceito:

O verbo *tomar* é usado em expressões, onde prevalece, essencialmente, o sentido do nome à sua direita, sendo considerado um verbo suporte de predicação, com a função de apoiar flexionalmente esse nome, que constitui o verdadeiro núcleo semântico e sintático de construções que indicam acção, estado... (Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa (2001, p.3581).

E acrescenta que tais construções podem corresponder a verbos de sentido pleno, como: *tomar banho* – banhar-se, *tomar a direção* – dirigir-se, *tomar emenda* – emendar-se, *tomar uma decisão* – decidir, *tomar um susto* – assustar-se. Os exemplos a seguir extraídos do Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea (DLPC) da Academia das Ciências de Lisboa (2001), mostram o funcionamento do verbo *tomar* como verbo- suporte:

(18) “Não acredito que seja possível levar os portugueses a *tomar uma atitude* mais radical em defesa dos próprios interesses.” (DLPC, 2001).

(19) “O Tribunal de Contas não é detentor da verdade, mas tem maior facilidade em se aproximar dela do que o ministro que *toma a decisão* em análise e que, por isso mesmo, é parte interessada.” (DLPC, 2001)

Em (18), a construção *tomar uma atitude* significa *agir* e, em (19), a construção *tomar a decisão* corresponde a um verbo de sentido pleno, *decidir*.

Houaiss e Villar (2001) fazem as seguintes observações sobre o verbo *tomar*:

a) em acepções, *tomar* funciona como verbo pleno, com seu próprio significado (por exemplo, tomar algo das mãos de alguém = tirá-lo de sua posse); enquanto, em inúmeras outras, faz de verbo-suporte, constituindo, com o substantivo (que na gramática tradicional é seu objeto direto), um todo semântico (por exemplo, tomar parte em = participar; tomar banho = banhar-se; tomar ordens = ordenar-se; tomar uma decisão = decidir; tomar assento = assentar-se etc.) b) neste segundo caso, a função do verbo pendula entre a de um elemento de semântica quase vazia e aquela de um verbo não exatamente pleno, mas ainda portador de certo valor semântico maior ou menor, conforme o caso; o estabelecimento de seu sentido depende dos substantivos que com ele ocorrem na posição de objeto, tornando o número de acepções enorme c) por sua importância, algumas acepções de *tomar*, usado como verbo-suporte, estão registradas no corpo deste verbete; diversas outras devem ser procuradas pelo substantivo que faz parte do objeto direto, como de hábito no restante deste dicionário. (HOUAISS e VILLAR, 2001, p.3537)

Quadro 16 - Algumas acepções e construções do verbo *tomar* encontradas ao longo do verbete de Houaiss et al (2001).

Acepções	Exemplos
1. Tirar algo de alguém e apossar-se desse algo; subtrair, arrebatar, usurpar	Costumava <i>tomar os nossos brinquedos</i> .
2. (s.XIII) realizar apreensão ou a prisão de; apoderar-se de; capturar	A polícia <i>tomou o contrabando</i> de cocaína.; A patrulha rapidamente <i>tomou os presos fugidos</i> .
3. (s.XIII) prender algo, segurando, ger. para utilizá-lo; empunhar, pegar.	<i>Tomar armas</i> em defesa de uma causa. <i>Tomou da bengala</i> e saiu à rua. <i>Tomou da caneta</i> para escrever.
4. decidir-se por, escolher, preferir	<i>Tomar uma resolução</i> = resolver
5. (s.XIV) colocar junto (o que se encontra disperso); recolher, reunir, juntar.	O professor <i>tomou as provas escritas</i> , findo o exame.

Fonte: Houaiss (2001).

Em Houaiss et al (2001), encontramos algumas acepções de *tomar* dos séculos XIII e XIV (cf. acepções 2, 3 e 5). O verbete indica que essas acepções são relativas a esses séculos.

As observações de Borba (2002) são relevantes e acrescentam informações que geralmente não são encontradas na maioria dos dicionários de língua portuguesa. Borba (2002) distribui as acepções de *tomar*, semanticamente, em cinco tipos, apresentando a configuração sintática e semântica (número e tipos de argumentos) correspondente a cada acepção: (i) ação-processo (isolar: Vamos apenas *tomar quatro pensamentos* desta descrição),

(ii) processo (receber: Eu *tomava chuva* na cara), (iii) ação (escolher: *Tomei mais um ajudante* para fazer este serviço), (iv) estado (ocupar: Seus grandes olhos *tomavam-lhe* a cara toda); e (v) verbo-suporte (*anotar*: “e ela odiava os companheiros que *tomavam anotações* minuciosas.”). Logo após a apresentação de todas as acepções de *tomar*, o autor expõe, em uma subentrada, expressões idiomáticas (*tomar a peito* – dedicar-se seriamente, *tomar ares de* – querer parecer). Borba entende que o verbo não possui argumentos ou possui um ou mais argumentos. Define a classificação sintático-semântica dos verbos da seguinte forma: O verbo será de ação se o argumento na função de sujeito for ativo. O verbo será de processo se o verbo afetar o sujeito, que pode ser paciente, afetado, experimentador ou beneficiário. O verbo de ação-processo tem sujeito ativo ou causativo, e o verbo será de estado se tiver um argumento inativo.

Notamos que o autor expõe somente expressões com o verbo-suporte *tomar* que apresentam um predicador cognato equivalente, como “tomar anotações - anotar” e “tomou antipatia – antipatizar-se”, nas subclasses sintático-semânticas de verbos.

Quadro 17 - Algumas acepções e construções do verbo *tomar* encontradas ao longo do verbete de Borba (1990)

Acepções	Exemplos
I. Indica ação-processo: 1. Com sujeito agente. Com dois complementos: um expreso por nome e outro, apagável, da forma de + nome, significa: 1.1 roubar, arrebentar, furtar.	Vieram <i>tomar o menino</i> da senhora. Paizinho <i>tomou-lhe</i> o rifle. O irmão <i>toma-lhe</i> o lugar e leva-a.
2. Com dois complementos: um expreso por nome animado e outro, beneficiário, apagável, da forma para + nome humano, significa: acolher, adotar.	<i>Tomamos uma criancinha</i> para nós, para alegrar nosso lar. <i>Tomamos</i> um gatinho para ficar conosco.
3. Com dois complementos: um expreso por nome animado e outro, locativo, significa suspender.	<i>Tomando-me</i> depois nos braços () Abílio aguardou que ele despertasse.
4. Com complemento expreso por nome	Tenório desejou <i>tomar</i> o tambor e bater

Acepções	Exemplos
concreto, significa: pegar, apanhar, segurar.	com o seu tom. <i>Tomei</i> o livro nas mãos. <i>Tome</i> esse revólver e seja homem.
II. Indica processo: 1. Com sujeito paciente e 1.1 com complemento expresso por nome não-animado, significa: 1.1.1 adquirir, alcançar	A barbicha <i>tomou o ar</i> zombateiro.
III. Indica ação com sujeito agente: 1. Com complemento expresso por nome concreto, significa: 1. 1. Ingerir, sorver	<i>Venha tomar café.</i> Augusto Cardoso teve de <i>tomar calmante</i> para vencer uma crise nervosa. Resolvi <i>tomar um pouco</i> de ar.
IV. Indica estado com sujeito inativo e complemento expresso por nome, significa: ocupar.	A tampa <i>tomava metade</i> da largura do corredor. Seus grandes olhos <i>tomavam-lhe</i> a cara toda.
V. Verbalizador:	Exemplos:
Tomar anotações = anotar	E ela odiava os companheiros que <i>tomavam anotações</i> minuciosas.
Tomar antipatia = antipatizar-se	Orminda <i>tomou</i> uma crescente <i>antipatia</i> pelo tabelião.
Tomar decisão = decidir	<i>Tomava</i> ela própria quase todas as <i>decisões</i> .
Tomar precaução = precaver-se	Começaram logo <i>a tomar precauções</i> .
Tomar uma resolução = resolver	Papai não quer <i>tomar uma resolução</i> sem ouvir a sua palavra.

Acepções	Exemplos
Tomar vergonha=envergonhar-se	Seu pai não <i>toma vergonha</i> , é um cabra safado. (= envergonhar-se)
VI. Expressões:	Exemplos:
Tomar estado = casar-se	Por que não <i>toma</i> o coronel estado comigo?
Tomar o pulso = sondar as disposições ou o estado de alguém	Peres <i>tomou-lhe o pulso</i> .
Tomar-se de amores = apaixonar-se, passar a gostar muito de	<i>Tomara-se de amores</i> por Paul de Kock.
Tomar um porre = beber demasiadamente, em excesso	Martin <i>tomara um porre</i> monumental.
Tomar banho de loja = vestir-se com roupa nova	<i>Tomou um banho</i> de loja.
Tomar a palavra = começar a falar	Aí o furriel <i>tomou a palavra</i> .
Tomar a peito = dedicar-se seriamente a, empenhar-se	O assombrado <i>tomou a peito</i> tirar vingança de mim.
Tomar ares = parecer, querer parecer	Armando silenciava () <i>tomando ares</i> de chefe.
Tomar conta de = cuidar	É Zé Zinho, que <i>tomou conta</i> de Banzinho.
Tomar fôlego = cobrar ânimo, refazer-se	Soprava, <i>tomava fôlego</i> , soprava.
Tomar iniciativa = decidir-se	A gente <i>toma a iniciativa</i> () viola na rua, a cantar.
Tomar medidas=usar meios necessários para corrigir um abuso.	O prefeito Damásio Franca decidiu ontem <i>tomar medidas drásticas</i> .
Tomar partido de= colocar-se ao lado de	Valéria <i>tomou partido</i> da tia.
Tomar pé = enraizar-se, fixar-se	Precisava <i>tomar pé</i> naquela cidade.

Para Michaelis (1998) e Caldas Aulete (1958), *tomar* apresenta origem obscura e deriva de um saxão *tomiam*; f.hist. 1152 *tomem*, sXIII *tomar*, sXIII *tomaron*, sXIII *tomarõ*.⁶⁵

O quadro abaixo ilustra construções com *tomar* encontradas no corpo do verbete em Michaelis (1998).

Quadro 18 - Algumas acepções e construções do verbo *tomar* encontradas ao longo do verbete de Michaelis (1998).

Acepções	Exemplos
1. Pegar em	<i>Tomar armas em defesa da pátria</i>
2. Agarrar, segurar	<i>Tomou-lhe o braço com força.</i>
3. Aguentar, suspender, sustentar	<i>Tomou nos braços o ferido.</i>
4. Seguir	<i>Tomar uma direção, tomar um rumo.</i>
5. Alugar	<i>Tomar um apartamento.</i>
6. Adotar	<i>Tomar uma atitude, tomar um título.</i>

Fonte: Michaelis (1998).

Entendemos que, ao afirmar que o verbo *tomar* funciona como verbo suporte, os autores Houaiss (2001) e Borba (1990) demonstram perceber o esvaziamento semântico de *tomar*, seu caráter instrumental tanto em construções que possuem equivalente cognato ao SN das expressões quanto naquelas que não apresentam equivalente cognato e que são lexicalizadas.

5.6 Testes com as construções com o verbo *tomar*

No capítulo 3, apresentamos os critérios e testes propostos por Radford (1988) e adaptados por Neves (2002) para responder a questão “Como se determina a estrutura de constituinte de uma dada sentença em uma dada língua?”. Os critérios e testes, que postulam o estatuto da unicidade (noção de unidade lexical) e determinam a estrutura dos constituintes de uma construção, serão retomados, a seguir, utilizando-se o verbo *tomar* como referência e serão úteis para distinguirem-se as construções com verbo-suporte das expressões cristalizadas. Mesmo considerando a intuição de analista, concordamos com a autora que esta

⁶⁵ Michaelis e Caldas Aulete indicam a grafia desse verbo no saxão *tomian*, no século XII *tomem* e século XII *tomar*, *tomaron* e *tomarõ*.

pode falhar. Em virtude disso, surge a necessidade de aplicação dos instrumentos linguísticos como: (a) a distribuição para testar se o constituinte de uma sentença pode ser substituído por outro da mesma natureza, (b) a anteposição ou posposição do constituinte na sentença, sem causar perda de sentido; (c) a coordenação por um constituinte do mesmo tipo; (d) intercalação de advérbios e (e) elipse. A seguir, ilustramos a utilização desses testes para o uso do verbo “tomar”.

1º critério: “É impossível juntar-se um complemento do tipo de+nome humano/possessivo ao SN que é objeto do verbo-suporte.” (NEVES, 2002, p.192)

O primeiro critério nos mostra a impossibilidade de acrescentar a estrutura “de + nome humano/possessivo” ao complemento do verbo-suporte.

Construções com verbo-suporte:

(20) “O parlamento pode **tomar a decisão** em a próxima sessão, que acontece hoje ou amanhã.” (CP-19:N;Br:Folha)

(21) “Segundo Gordon, o então presidente brasileiro sempre o recebeu sozinho e jamais **tomou notas** de as conversas que tinham.” (CP- 19 Fic: Br: Dantas: Cartilha)

(22) “A maioria de os jogadores saiu de o estádio sem **tomar banho**, com o uniforme usado em a partida.” (CP-19:N;Br:Folha)

(23) “Vou **tomar as providências**.” (CP-19:Fic:Br:Cabral:Xambioa)

Observe a agramaticalidade dos exemplos de (24) a (27), alterados a partir dos exemplos (20) a (23) pelo acréscimo de um complemento do tipo de + nome humano/possessivo ao sintagma nominal:

(24) * O parlamento pode *tomar a decisão* **do parlamento** na próxima sessão, que acontece hoje ou amanhã.

(25) * Segundo Gordon, o então presidente brasileiro sempre o recebeu sozinho e jamais *tomou notas* **do presidente brasileiro** de as conversas que tinham.

(26) *A maioria dos jogadores saiu do estádio sem tomar banho **da maioria de os jogadores**, com o uniforme usado na partida.

(27) * Vou *tomar as providências* **de**.

O mesmo não ocorre com as construções com o verbo pleno *tomar*. Os exemplos (28) e (29) mostram que esses acréscimos são possíveis ou já constam em alguns exemplos, como em (30).

Construções com verbo pleno:

(28) “coçar a cabeça, sem saber o que faria àquele balão fumegante, começou por **tomar (suas) mãos** do Gonçalves e disse: - Juro que não te vou deixar morrer,” (CP-19:Fic:Pt)

(29) “Bastava ir procurá-lo naquele quarto abafado, cheirando a remédios, sentar-se com ele na cama, **tomar (suas) cartas espalhadas** no chão e durante cinco minutos jogar com o doente o seu jogo predileto.”

(30) “Pode **tomar meu braço**, Roos” (CP - 19:Fic:Br)

Note que, no entanto, é possível acrescentar possessivo, tal como fazemos nas frases de (31) a (34), retomadas a seguir.

(31) “O parlamento pode **tomar a sua decisão** em a próxima sessão, que acontece hoje ou amanhã.” (CP-19:N;Br:Folha)

(32) “Segundo Gordon, o então presidente brasileiro sempre o recebeu sozinho e jamais **tomou suas notas** de as conversas que tinham.” (CP- 19 Fic: Br: Dantas: Cartilha)

(33) “A maioria de os jogadores saiu de o estádio sem **tomar seu banho**, com o uniforme usado em a partida.” (CP-19:N;Br:Folha)

(34) “Vou **tomar minhas providências**.” (CP-19:Fic:Br:Cabral:Xambioa)

2ºcritério: “É possível uma dupla análise do complemento de verbo-suporte que apresenta a estrutura SN + preposição + SN, o que se evidencia pela dupla possibilidade de extração, ou clivagem.” (NEVES, 2001, p.193)

O segundo critério verifica a possibilidade da dupla análise do complemento do verbo-suporte, mediante a aplicação do recurso de “clivagem”.

Construções com verbo-suporte:

(35) “O parlamento pode **tomar a decisão** em a próxima sessão, que acontece hoje ou amanhã.” (CP-19:N:Br:Folha)

(35a) *É a decisão* que o parlamento pode tomar na próxima sessão que acontece hoje ou amanhã. (CP-19:N:Br:Folha)

(36) “Segundo Gordon, o então presidente brasileiro sempre o recebeu sozinho e jamais **tomou notas** de as conversas que tinham.” (CP- 19 Fic: Br: Dantas: Cartilha)

(36a) São as *notas* das conversas que tinham que o então presidente brasileiro que sempre o recebeu sozinho e jamais tomou. (CP- 19 Fic: Br: Dantas: Cartilha)

O segundo critério não se aplica às construções com verbos plenos, visto que os complementos desses verbos não são necessariamente nominalizações, portanto não apresentam uma estrutura argumental.

Construção com verbo-pleno:

(37) “É êsse olhar que reanima o corpo e obriga-o a **tomar os braços da mulher** em suas mãos suadas.” (CP- 19:Fic:Br)

O segundo critério avalia se o complemento do nome constituído com o verbo-suporte também é complemento de todo o conjunto formado pelo verbo-suporte e seu complemento. A dupla clivagem não é possível no exemplo (37), porque o nome que sucede o verbo pleno *tomar* funciona apenas como modificador do nome, e não do predicado formado pelo verbo.

3º critério: “A oração com verbo-suporte reproduz um sintagma nominal por apagamento do verbo-suporte e colocação de seu complemento da forma de +SN.” (NEVES, 2002, p.194)

O terceiro critério verifica a correspondência entre a construção de verbo-suporte e um SN, a que se prende a estrutura *de + SN*’.

Construções com verbo-suporte:

(38) “O parlamento pode **tomar a decisão** em a próxima sessão, que acontece hoje ou amanhã.” (CP-19N:Br:Folha) → decisões **do parlamento**

(39) “Segundo Gordon, o então presidente brasileiro sempre o recebeu sozinho e jamais **tomou notas** de as conversas que tinham.” (CP- 19 Fic: Br: Dantas: Cartilha) → notas **do presidente brasileiro**

(40) “A maioria de os jogadores saiu de o estádio sem **tomar banho**, com o uniforme usado em a partida.” (CP-19N:Br:Folha) → banho **da maioria dos jogadores**

(41) “Vou **tomar as providências**.” (CP-19Fic:Br:Cabral:Xambioa) → providências **de**

Observe que, nos exemplo (38) a (41), as unidades “decisões **do parlamento**”, “notas **do presidente brasileiro**”, “banho **da maioria dos jogadores**” e “providências **de**” resultam do apagamento do verbo-suporte e da reprodução do sujeito do verbo-suporte na forma “de + SN”. De acordo com Neves (2002, p.195), a relevância desse critério refere-se ao fato de as construções com verbo-suporte serem fonte de nominalizações.

Neves (2002) observa que, com a aplicação dos critérios, é possível verificar que as construções com verbo-suporte: a) têm como complemento um nome não-referencial; b) têm coincidência de estrutura argumental entre nome objeto e conjunto de verbo-suporte + nome objeto; c) correspondem, com apagamento do verbo-suporte, a uma nominalização com estrutura argumental preenchida.

A natureza *sui generis* das construções com verbo-suporte pode ser verificada com a aplicação dos testes propostos por Radford (1988) e adaptados por Neves (2002). Esses testes se baseiam em critérios linguísticos de ordem sintático-semântica e determinam a estrutura de constituinte de uma construção. Vejamos como esses testes nos auxiliam na distinção entre verbo-suporte e expressão cristalizada:

1º teste: “O elemento tem a mesma distribuição que (isto é, pode ser substituído por) um elemento de determinado tipo? Se assim é, ele é um sintagma de tipo relevante.” (NEVES, 2002, p.196)

O primeiro teste verifica se o nome-objeto tem a mesma distribuição de outro elemento determinado, então o nome-objeto é um constituinte, e há uma construção com verbo-suporte e não uma expressão cristalizada.

Construções com verbo-suporte:

(42) “Ela precisava tomar **coragem/valentia** e ir mesmo falar com padre Estêvão.” (19:Fic:Br:Callado:Madona)

(43) “No entanto, aproveitou-se disso para **tomar controle/comando** da situação e tratou de mobilizar forças para o aniquilamento do movimento rebelde.” (19:Ac:Br:Enc)

(44) “Principiam humildezinhos, prestativos.. depois acostumam, tocam a **tomar confiança/crença**, embocam casa adentro sem pedir licença, não conhecem mais o seu lugar” (CP-19:Fic:Br:Dantas:Cartilha)

(45) “Nada de se mostrar interessada e **tomar a dianteira/a frente**.” (CP-19:Fic:Br:Dantas:Cartilha)

Expressões cristalizadas:

(46) “preço da sobrevivência eleitoral delas pelo mundo afora tem sido pendurar a ideologia, e **tomar uns ares[tomar clima?]** pacatamente aburguesados” (CP- 19:N:Br: Cur)

(47) “Precisas **tomar tenência [tomar cautela?]**, meu nego - falou Val, dando uma de suas gostosas gargalhadas.(CP- 19Fic:Br:Cabral:Xambioa)

(48) “e viera **tomar pé [tomar parte inferior da perna?]** nos negócios do marido, para mais tarde assuntar que destino mereciam os seus” (CP-19Fic:Br:Dantas:Cartilha)

(49) “conhecer o que foi feito antes de nós em o domínio de as idéias e **tomar parte[tomar porção?]** em a atividade mental de os contemporâneos, além de transmitir a estes e” (CP-19:N:Br:Folha)

Observamos que, para as construções com verbo-suporte, tal substituição foi possível, demonstrando que o valor da construção com verbo-suporte está diretamente relacionado aos substantivos com os quais se combinam. Para as expressões cristalizadas, a possibilidade de substituição do SN não se verificou. Nas construções com verbo-suporte, o SN funciona como constituinte, o que não ocorre com o elemento nominal que forma a expressão cristalizada. Podemos aplicar o mesmo teste para toda a construção, seja verbo-suporte + sintagma nominal ou expressões cristalizadas, e verificar que, em ambos os casos, podemos substituir o conjunto por um verbo pleno de significado equivalente.

(50) “Ela precisava tomar **coragem (encorajar-se)** e ir mesmo falar com padre Estêvão.” (CP-19Fic:Br:Callado:Madona)

(51) “No entanto, aproveitou-se disso para **tomar controle (controlar)** da situação e tratou de mobilizar forças para o aniquilamento do movimento rebelde.” (CP-19Ac:Br:Enc)

(52) “e viera **tomar pé (informar-se)** nos negócios do marido, para mais tarde assuntar que destino mereciam os seus” (CP-19Fic:Br:Dantas:Cartilha)

(53) “conhecer o que foi feito antes de nós em o domínio de as idéias e **tomar parte (participar)** em a atividade mental de os contemporâneos, além de transmitir a estes e”(CP-19N;Br:Folha)

2º teste: “O elemento admite movimento (isto é, ser anteposto ou posposto)? Se assim é, ele é um sintagma de algum tipo.” (NEVES, 2002, p.196)

O segundo teste verifica a mobilidade do elemento candidato a constituinte, ou seja, se esse elemento é passível de deslocamento para outras posições (antepondo-se ou pospondo-se ao verbo). Se isso ocorrer, o elemento será considerado um constituinte (ou sintagma) e estaremos diante de uma construção com verbo-suporte.

Construções com verbo-suporte:

(54) “Ela precisava **coragem tomar** e ir mesmo falar com padre Estêvão.” (CP-19:Fic:Br:Callado:Madona)

(55) “No entanto, aproveitou-se disso para **controle tomar** da situação e tratou de mobilizar forças para o aniquilamento do movimento rebelde.” (CP-19:Ac:Br:Enc)

(56) “Principiam humildesinhos, prestativos.. depois acostumam, tocam a **confiança tomar**, embocam casa adentro sem pedir licença, não conhecem mais o seu lugar” (CP-19:Fic:Br:Dantas:Cartilha)

(57) “Nada de se mostrar interessada e **a dianteira tomar**” (CP-19:Fic:Br:Dantas:Cartilha)

(58) “para poder, de cabeça serenada, melhor acomodar a questão, escolher que **providência tomar.**” (CP-19Fic:Br:Dantas:Cartilha)

Expressões cristalizadas:

(59) “e viera * **pé tomar** nos negócios do marido, para mais tarde assuntar que destino mereciam os seus” (CP-19:Fic:Br:Dantas:Cartilha)

(60) “conhecer o que foi feito antes de nós em o domínio de as idéias e ***parte tomar** em a atividade mental de os contemporâneos, além de transmitir a estes e” (CP-19N;Br:Folha)

(61) “E o senhor deveria * **ao pé da letra tomar** a afirmação bíblica de que nem um fio de cabelo sequer” (CP-19:Fic:Br; Costa)

(62) “pouco, quase nada me preocupava com tais questões; tinha-as por insolúveis, e ***tempo tomar** com o querer resolvê-las era trabalho perdido.”
(19:Fic;Br:Barreto:Cemitério)

Embora não seja usual, as construções com verbo-suporte admitem anteposição, como nos exemplos reformulados em (54) a (57), ou até mesmo já consta em alguns exemplos, como em (58). O mesmo não ocorre com as expressões cristalizadas, visto que a anteposição provoca agramaticalidade. Verificamos que o objeto do verbo-suporte é um constituinte, diferente do “objeto” do verbo da expressão cristalizada. Ao aplicarmos o mesmo teste para o conjunto das construções, observamos que há possibilidade de anteposição de toda a construção, embora possa parecer não usual.

3º teste: “O elemento pode servir como fragmento de oração? Se assim é, ele é um constituinte sintagmático.” (NEVES, 2002, p.199)

O terceiro teste verifica se o elemento pode servir como fragmento de oração. Se for possível, trata-se de um constituinte sintagmático em uma construção com verbo-suporte.

Construções com verbo-suporte:

(63) Tomou **coragem?** Não, **valentia.**

(64) Tomou **controle?** Não, **comando.**

(65) Tomou **confiança?** Não, **crença.**

(66) **Tomou a dianteira?** Não, **a frente.**

Expressões cristalizadas:

(67) Tomar uns ares? Não,....?

(68) Tomar tenência? Não,....?

(69) Tomar pé? Não,....?

(70) Tomar parte? Não,....?

O teste aplicado nas construções com verbo-suporte mostra que nos exemplos (63) a (66), os objetos do verbo comportam-se como fragmentos de sintagma. O mesmo teste aplicado às expressões cristalizadas não é possível.

4° “O elemento admite coordenação com outra cadeia? Se assim é, ele é um constituinte do mesmo tipo daquele com o qual se coordena.” (NEVES, 2002, p.200)

O quarto teste verifica se o elemento admite coordenação com outra unidade. Se for possível, haverá identidade funcional entre ambos.

Construções com verbo-suporte:

(67) “Ela precisava tomar **coragem e valentia** e ir mesmo falar com padre Estêvão.” (CP- 19:Fic:Br:Callado:Madona)

(68) “No entanto, aproveitou-se disso para **tomar controle e comando** da situação e tratou de mobilizar forças para o aniquilamento do movimento rebelde.” (CP- 19:Ac:Br:Enc)

(69) “Principiam humildesinhos, prestativos.. depois acostumam, tocam a **tomar confiança e crença**, embocam casa adentro sem pedir licença, não conhecem mais o seu lugar” (CP-19Fic:Br:Dantas:Cartilha)

(70) “Nada de se mostrar interessada e **tomar a dianteira e a frente**.” (CP- 19Fic:Br:Dantas:Cartilha)

Expressões cristalizadas:

(71) “preço da sobrevivência eleitoral delas pelo mundo afora tem sido pendurar a ideologia, e **tomar uns ares e [...?]** pacatamente aburguesados” (CP- 19NBr: Cur)

(72) “Precisas **tomar tenência e [...?]**, meu nego - falou Val, dando uma de suas gostosas gargalhadas.”

(73) “e viera **tomar pé e [...?]** nos negócios do marido, para mais tarde assuntar que destino mereciam os seus” (CP-19:Fic:Br:Dantas:Cartilha)

(74) “conhecer o que foi feito antes de nós em o domínio de as idéias e **tomar parte e [...?]** em a atividade mental de os contemporâneos, além de transmitir a estes e” (CP- 19:N;Br:Folha)

Observamos que esse teste foi válido para as construções com verbo-suporte nos exemplos (67) a (70). Nas expressões cristalizadas, não há possibilidade de coordenação. Nos exemplos de (71) a (74), só há possibilidade de coordenação se for com uma outra expressão cristalizada, como em (72a):

(72a) “Precisas **tomar tenência e tomar juízo**, meu nego - falou Val, dando uma de suas gostosas gargalhadas.”

5º teste: “O elemento pode servir como “constituente compartilhado”? Se assim é, ele é um constituinte.” (NEVES, 2002, p.201)

O quinto teste verifica se o elemento analisado pode servir como constituinte compartilhado. Se for possível, trata-se de um constituinte.

Construções com verbo-suporte:

(75) **Tomar** – e não **receber coragem**

(76) **Tomar** – e não **desprezar controle**

(77) **Tomar** - e não **despertar confiança**

(78) **Tomar** – e não **passar a dianteira**

Expressões cristalizadas:

(79) “preço da sobrevivência eleitoral delas pelo mundo afora tem sido pendurar a ideologia, e **tomar** - e não[...?] **uns ares** pacatamente aburguesados” (CP- 19:N:Br: Cur)

(80) “Precisas **tomar** - e não [...?] **tenência**, meu nego - falou Val, dando uma de suas gostosas gargalhadas. (CP-19:Fic:Br:Cabral:Xambioa)

(81) “e viera **tomar** – e não [...?]**apé** nos negócios do marido, para mais tarde assuntar que destino mereciam os seus” (CP-19:Fic:Br:Dantas:Cartilha)

(82) “conhecer o que foi feito antes de nós em o domínio de as idéias e **tomar** – e não [...?] **parte** em a atividade mental de os contemporâneos, além de transmitir a estes e” (CP-19:N;Br:Folha)

O teste se aplica aos exemplos (75) a (78) e serve para marcar o caráter de constituinte do verbo-suporte. Para as expressões cristalizadas, o mesmo teste não se aplica.

6º teste: “O elemento pode, apropriadamente, ser substituído por, ou servir como, antecedente de uma proforma? Se assim é, ele é um sintagma do mesmo tipo da proforma.” (NEVES, 2002, p.202)

O sexto teste verifica se o elemento pode ser substituído ou servir como antecedente de uma proforma (pronome). Se for possível, o elemento é um sintagma do mesmo tipo que a proforma.

Construções com verbo-suporte:

(83) “Ela precisava tomar **coragem** e ir mesmo falar com padre Estêvão.” (CP-19Fic:Br:Callado:Madona) - Tomar **coragem** → tomá-la

(84) “No entanto, aproveitou-se disso para **tomar controle (controlar)** da situação e tratou de mobilizar forças para o aniquilamento do movimento rebelde.” (CP-19Ac:Br:Enc) - Tomar **controle** → tomá-lo

(85) “Principiam humildezinhas, prestativos.. depois acostumam, tocam a **tomar confiança**, embocam casa adentro sem pedir licença, não conhecem mais o seu lugar” (CP-19:Fic:Br:Dantas:Cartilha) - Tomar **confiança** → tomá-la

(86) “Nada de se mostrar interessada e **tomar a dianteira.**” (CP-19:Fic:Br:Dantas:Cartilha) - Tomar **a dianteira** → tomá-la

7º teste: “O elemento admite elipse, sob condições discursivas apropriadas? Se assim é, ele é um sintagma do tipo verbal.” (NEVES, 2002, p.203)

O sétimo e último teste verifica se o elemento verbal admite elipse nas condições discursivas apropriadas.

Construções com verbo-suporte:

(87) Ela precisava **tomar coragem** e ele **[tomar] valentia** e ir mesmo falar com padre Estêvão.

(88) No entanto, aproveitou-se disso para **tomar controle** e ele **o [tomar] comando** da situação e tratou de mobilizar forças para o aniquilamento do movimento rebelde.

(89) Principiam humildezinhas, prestativos.. depois acostumam, tocam a **tomar confiança** e ele **[tomar] crença**, embocam casa adentro sem pedir licença, não conhecem mais o seu lugar.

(90) Nada de se mostrar interessada e **tomar a dianteira** e ele **[tomar]a frente.**

Expressões cristalizadas:

(91) “preço da sobrevivência eleitoral delas pelo mundo afora tem sido pendurar a ideologia, e **tomar uns ares** e ela [...?] pacatamente aburguesados” (CP- 19:N:Br: Cur)

(91) “Precisas **tomar tenência** e ela [...?], meu nego - falou Val, dando uma de suas gostosas gargalhadas.” (CP-19:Fic:Br:Cabral:Xambioa)

(93) “e viera **tomar pé** e ela [...?] nos negócios do marido, para mais tarde assuntar que destino mereciam os seus” (CP-19:Fic:Br:Dantas:Cartilha)

(94) “conhecer o que foi feito antes de nós em o domínio de as idéias e **tomar parte** e ela [...?] em a atividade mental de os contemporâneos, além de transmitir a estes e” (CP-19:N;Br:Folha)

O teste se aplica às construções com verbo-suporte, mas não se aplica às expressões cristalizadas. Neves (2002) apresenta as seguintes conclusões: a) O elemento objeto do verbo-suporte comportou-se como constituinte da estrutura, ou seja, um SN. O elemento das expressões cristalizadas não se comportou como constituinte, ou seja, não tem individualidade, já que compõe um todo indissolúvel. b) Os testes aplicados às construções como um todo mostram o mesmo comportamento tanto para as construções com verbo-suporte como para a expressão cristalizada, ou seja, ambas as construções se comportam como constituintes do sintagma verbal.

Quanto à dificuldade de distinção entre construções de verbo-suporte e expressões cristalizadas, Neves (2002) reconhece que elas compartilham a condição de equivalência semântica com um verbo simples, pois têm unicidade semântica corroborada pelo fato de a soma dos significados das partes não ser correspondente ao significado do todo da construção.

5.7 Síntese conclusiva

Para mostrar a mudança categorial do verbo *tomar*, observamos o uso desse verbo. Para isso, dividimos este capítulo em seis seções. Nelas, apresentamos os usos do verbo *tomar* como verbo pleno, verbo estendido, verbo-suporte e expressão cristalizada, as informações linguísticas dadas por alguns lexicógrafos ao verbo *tomar* e os testes com as construções com o verbo *tomar*.

6. ANÁLISE DOS DADOS

6.1 Análise do uso do verbo *tomar* no século XIV

Nesta seção discutiremos as ocorrências do verbo *tomar* no português arcaico, em um texto pertencente ao século XIV, Crônica Geral de Espanha de 1344 (CGE), extraído do *Corpus* do Português. A Crônica Geral de Espanha de 1344 aborda o relato do reinado do rei D. Rodrigo e a conquista da Península pelos mouros. Em geral, o campo semântico relatado compreende diversas áreas como a política, religião (com menção a cardeais, bispos, padres), posse de terras e bens, batalhas, com a utilização de vocábulos como “poder”, “posse”, “mosteiros”, “igrejas” e “herança”.

Escolhemos essa sincronia para verificar a frequência e os usos do verbo *tomar* e compará-la com as do português moderno e do português contemporâneo. Seus resultados contribuem com a ampliação de pesquisas em perspectiva panorâmica, à medida que identificamos diferenças e semelhanças nas construções do período arcaico em comparação com aquelas encontradas na fase moderna e contemporânea da língua portuguesa.

Apontamos algumas características da língua portuguesa nessa fase, as quais apresentam algumas divergências da fase contemporânea, como a ordem dos constituintes (inversão entre verbo-suporte e o sintagma nominal que o complementa) e diferenças no inventário das construções com verbo-suporte, visto que alguns sintagmas nominais estão em desuso na língua portuguesa. Observamos as características apontadas na literatura sobre as construções com verbo-suporte para o português contemporâneo como a inserção de elementos entre o verbo-suporte e o sintagma nominal, a redução da valência verbal e a relativização do sintagma nominal que compõe, com o verbo, um todo significativo, semelhante a um verbo pleno de valor semântico cognato, a fim de averiguar se essas estruturas já estavam presentes na fase arcaica do português. Além disso, retomamos as considerações feitas por Neves (2002) sobre as funções das construções com verbo-suporte nos enunciados, já explicitadas na Fundamentação Teórica (Capítulo 3). Trata-se das razões que levam o escritor a optar pelo uso do verbo-suporte no lugar do verbo simples correspondente, como uma maior versatilidade sintática, à redução da valência do verbo, obtenção de maior adequação comunicativa, obtenção de maior precisão semântica e obtenção de efeitos na configuração textual.

Os resultados obtidos serão comparados com os dados do português arcaico encontrados por Pante e Ortega (2009), no Livro da Ensinança de Bem Cavalgar Toda Sela,

pertencentes ao século XV, e Pante (2012), no texto religioso n'Orto do Esposo, pertencente ao final do século XIV e começo do século XV, e com as acepções de *tomar* no Vocabulário histórico-cronológico do português, de Cunha (1997), e no Dicionário de verbos do português medieval, de Xavier et al (1999).

As construções com verbo-suporte *tomar* são frequentes no português contemporâneo brasileiro. De acordo com Chacoto (1996, p.76) “‘tomar’ ainda hoje ocorre como verbo-suporte em construções como ‘tomar uma bebida’, equivalente de ‘beber’, mas o seu uso parece menos frequente”. Assim, julgamos interessante verificar se essas construções já estão registradas em textos arcaicos.

Chacoto (1996) e Ranchhod (s/d) pesquisaram as construções com verbo-suporte em *corpora* arcaicos da língua portuguesa, buscando objetivos semelhantes. Para Ranchhod (s/d), “as construções com nomes predicativos são abundantemente utilizadas em textos dos séculos XIV e XV, havendo assim boas razões para considerar que elas fazem parte do património sintáctico do português”. Chacoto (1996) comenta que não são muitas as pesquisas realizadas com *corpora* do português arcaico e admite que “até o momento, o estudo deste tipo de construção tem consistido quase sempre na produção linguística dita contemporânea, ou seja, tem-se restringido à língua actual, não considerando usos e estruturas menos modernos”.

Na nossa pesquisa, os usos do verbo *tomar* no português arcaico são produtivos. Algumas características são idênticas às do português contemporâneo, outras não se encontram na atualidade. A seguir, apresentaremos a frequência do verbo *tomar* nesse período e analisaremos os seus usos.

A tabela 2 a seguir permite visualizar os usos do verbo *tomar* no português arcaico.

Tabela 2 - Frequência do verbo *tomar* na amostra do português arcaico

Categorias funcionais de <i>tomar</i>	Ocorrências	%
Verbo pleno	118	34
Verbo estendido	134	39
Verbo-suporte	82	24
Expressão cristalizada	14	4
Total	348	100

A tabela 2 mostra que, de 348 dados, 34% são de uso de “tomar” como verbo pleno; 39% de verbo estendido, 24% de verbo-suporte e 4% de expressão cristalizada. As construções com verbo estendido foram as mais usadas, aparecendo em 39% das ocorrências. A significativa frequência da ocorrência de *tomar* na categoria de verbo estendido (39%) resulta de um processo de extensão semântica que propicia a expansão de uso de *tomar* (BYBEE, 2003). Conforme se pode visualizar na tabela 2, no período arcaico, os usos lexicais (73%) se sobrepõem aos usos gramaticais (24%). Os 73% referentes aos usos lexicais resultam do somatório de verbos plenos e verbos estendidos. A ocorrência de 24% de construções com verbo-suporte demonstra que essa forma verbal já apresentava essa funcionalidade; no entanto, trata-se de um estágio inicial do processo, visto que a ocorrência da forma lexical (73%) é superior à da forma gramatical (24%). Com base em Bybee (2003), acreditamos que a frequência de ocorrência de verbo estendido tende a aumentar no português moderno e no português contemporâneo, resultando em um maior esvaziamento semântico e expansão da forma gramatical, já que, quanto maior o grau de esvaziamento, maior o nível de gramaticalização.

Passaremos à análise das construções com o verbo *tomar* que nos permite mostrar os seus usos e valores. Os exemplos apresentados a seguir visam ilustrar ocorrências das categorias em estudo: verbo pleno, verbo estendido, verbo-suporte e expressão cristalizada.

a) verbo pleno

São exemplos do uso de “tomar” como verbo pleno as seguintes ocorrências:

(01) “como tenerõ regida sua batalha, moverõ logo cõtra o Cide, cuydando de **tomar aas mãos.**” (CP-13:CIPM:CGEsp)

(02) “a sy muy grandes companhas. E, por teer que lhes dar, mandava **tomar todollos ornamentos** dos moesteiros e egrejas, assi como cruces e calezes e todollos ornametos” (CP-13:CIPM:CGEsp)

(03) “se nõ queryam tẽer a sua heresyã, ou os mandava degolar ou lhe **tomar os bẽes** e deitallos da terra. Este foy o primeyro rey que enriqueceo fazendo” (CP-13:CIPM:CGEsp)

Nos exemplos (01) a (03), o verbo *tomar* é considerado pleno, visto que compõe o núcleo semântico das orações e tem significado específico: *pegar, segurar, agarrar*. Podemos

afirmar que, nas construções de (01) a (03), as ocorrências do verbo *tomar* se assemelham pela estrutura (verbo + SN) e pelas características dos argumentos, que apresentam nomes com traços [+ concreto] (*mãos, ornamentos, bens*).

No quadro 19, temos as acepções do verbo pleno presentes na amostra. O verbo ‘tomar’ indica a ação de ‘pegar’, ‘segurar’ e ‘agarrar’ e tem como complemento um objeto concreto. Todas as acepções apresentadas nesse quadro têm o traço de ação concreta.

Quadro 19 – Acepções do verbo pleno *tomar* na amostra do português arcaico

Acepções	Exemplos
1. Pegar	“E, equanto elle allo foy, mādou o Cide tomar duas arcas cubertas de godomicil e bem ferradas e muy fremosas e mandouhas encher d'area” (CP-13:CIPM:CGEsp)
2. Segurar	“Mas dom Mudarra Gonçalvez a tomou pello braço e alevantouha da terra, dizendo: - Nom queira Deus, madre” (CP-13:CIPM:CGEsp)
3. Agarrar	“E os de Julyo Cesar quiseronlho tomar per força e os de Pompeo trabalharonsse de o defender.” (CP-13:CIPM:CGEsp)

b) verbo estendido

Mais distante do sentido pleno, observamos que o verbo *tomar* apresenta outros sentidos como, por exemplo, “ocupar”, “seguir”, “escolher”, “vencer”. Os exemplos mostram que existe uma relação de equivalência entre o verbo *tomar* e outros verbos predicadores (quase) sinônimos.

(04) “E, quando viron que nõ podyam **tomar Lixboa**, foron a Cadiz e filharõna.”
[tomar a cidade =ocupar/invadir] (CP-13:CIPM:CGEsp)

(05) “O Cide, com a grãde voontade que avya de **tomar a cidade**, pos hûu engenho aa porta da villa e fazia grande dampno aos” [tomar a cidade =ocupar/invadir] (CP-13:CIPM:CGEsp)

(06) “en seu poder, tornousse pera sua terra e todallas villas e castellos que pôde **tomar** todallas **tomou**, se nõ algûas poucas que est ava m por o menyno e” [tomar todas as vilas e castelos = ocupar] (CP-13:CIPM:CGEsp)

(07) “E passou o ryo de Hebro e **tomou seu camynho** dereytamente pera Cartagenya onde entendya de achar a frota. E Magon,” [tomou seu caminho = seguir] (CP-13:CIPM:CGEsp)

(08) “E, quando soube como o conde ouvera a guerra con Moluca, **tomou cen cavalleiros** bem armados e veeo servir cõ elles, con esperança que o conde”[tomou cen cavalleiros = escolher] (CP-13:CIPM:CGEsp)

Os exemplos acima mostram a extensão semântica do verbo *tomar* e sua atuação como verbo estendido. Em (06), notamos a omissão do núcleo do argumento *vilas e castelos*, a repetição do verbo *tomar* e a presença do pronome indefinido *todas*; no exemplo (07), notamos que o verbo *tomar* apresenta uma noção de deslocamento. Podemos substituir o verbo *tomar*, sem nenhum prejuízo de sentido, por outros verbos com sentido equivalente, como: *ocupar* (exemplos 4 a 6), *seguir* (exemplo 7), *escolher* (exemplo 8)

Além dos usos apresentados acima, encontramos, nesse período, exemplos em que “tomar” vem acompanhado de SP, como se verifica a seguir.

TOMAR (POR) MULHER⁶⁶

(09) “e o emperyo de Tyberio ã seis - Hermenegildo, filho deste rey Leonagildo, **tomou por molher** hũa filha de Sigiberto, rey de França, que era muy boa” [tomar por mulher =casar-se] (CP-13:CIPM:CGEsp)

(10) “rey Pirus era mancebo, avya grande sabor de andar per os reynos; e **tomou sua molher** e foisse pella ribeyra do mar contra a parte de ouriente.” [verbo pleno = tomou sua mulher = segurar] (CP-13:CIPM:CGEsp)

No exemplo (09), “tomar” em “tomar por mulher” vem acompanhado da preposição *por* e substantivo com traço [+ humano]. Observe que “tomar” perde o sentido pleno de *segurar* como apresentado no exemplo (10). Em (09), o objeto é [+ humano] e o

⁶⁶ “Tomar” pode ocorrer com outros substantivos, como “tomar por filho”, “tomar por esposo” entre outros. Esses usos não foram encontrados na nossa amostra, mas os dados coletados por SILVA (2011) registraram essas construções que nos propusemos analisar, o que demonstra haver nesse uso alguma tradição, como mostram os exemplos (1) e (2). (1) “[E] depouys q(eu) nos fez assy naçer fez nos outra òrra muy grade ca nos tomou por filhos e nos e sseu nome q(eu) he c(ri)stão e nos fez h(er)deiros do seu h(er)dameto sp(ir)ital q(eu) he vida sem fim e parceiros do seu rreyno.” (SILVA, 2011). (2) “Andar!Pêro Marques seja. Quero tomar por ‘poso’” (SILVA, 2011).

sentido do verbo “tomar” pode ser compreendido, como “passar a considerar como”, “considerar”.

No português arcaico, identificamos as seguintes acepções de construções com verbo estendido: ocupar, beber, aceitar, seguir, vencer, escolher, levar e obter. O quadro 20 registra as acepções derivadas de extensões de sentido do verbo “tomar”.

Quadro 20 - Acepções do verbo estendido na amostra do português arcaico

Acepções	Exemplos
1.Ocupar	“que verriam sobre elles e que, achandoos assy departidos, que lhes poderiã tomar a terra , por estas razões acordaron de matar rey Aguylla.” (CP-13:CIPM:CGEsp)
2.Escolher	“E, desque esto ouve feito, tomou doze homêes dos melhores que a essa sazón hi avya e deulhes as chaves da” (CP-13:CIPM:CGEsp)
3.Aceitar	“E el rei nõ quis tomar o cõvyte , temendosse de seer algũa trayçom.” (CP-13:CIPM:CGEsp)
4.Seguir	“E passou o ryo de Hebro e tomou seu camynho dereytamente pera Cartagenya onde entendya de achar a frota. E Magon,” (CP-13:CIPM:CGEsp)
5.Vencer	“despois que se elles assy partirom, vyo que lhe era forçado de tomar a batalha , ca em outra guisa seerlhe ya vergonça.” (CP-13:CIPM:CGEsp)

Na tabela 3, temos as acepções de verbo estendido mais frequentes no português arcaico.

Tabela 3 - Acepções de verbo estendido mais frequentes no português arcaico

Acepções	Ocorrências	%
1. Ocupar	112/134	86
2. Escolher	4/134	3
3. Aceitar	2/134	1
4. Seguir	2/134	1
5. Vencer	2/134	1

c) Expressão cristalizada

Verificamos, também, expressões com certo grau de cristalização e idiomaticidade, reveladoras não só de aspectos culturais da língua, como também do vocabulário dos textos no português arcaico, que envolve temas relacionados à disputa de terras, guerra e poder. Algumas dessas expressões cristalizadas podem ser observadas a seguir.

TOMAR GUERRA

(11) “chegou a essa comarca e leixou passar todo esse tempo e o inverno que não **tomou** com elles **guerra**.” [tomar guerra = discutir] (CP-13:CIPM:CGEsp)

TOMAR A SINA

(12) “homẽ muy avisado, cavalgou en hũu cavalo e levou consigo #X mōjes e mādou **tomar a sina** do Çide que stava sobr'elle e que a levase hũu daquelles mōjes estendida” [tomar a sina = seguir o caminho, seguir o destino] (CP-13:CIPM:CGEsp)

Em (11) e (12), as partes que compõem as expressões cristalizadas já são bastante dessemantizadas e, conseqüentemente, o sentido da expressão não é dado pela soma de seus componentes, mas pela expressão como um todo. No exemplo (11), o significado da expressão é “discutir” e o objeto será sempre um assunto, um tema, ou seja, algo abstrato. Em (12), “tomar a sina” denota a realização de um caminho ou destino, visto que o verbo “tomar” mais o sintagma nominal “a sina” correspondem a uma ação que seria “seguir um caminho”.

No período arcaico, identificamos as seguintes expressões cristalizadas: tomar guerra, tomar pousada, tomar a sina, tomar tenência, tomar ordem e tomar sanha. No quadro 21 a seguir, ilustramos as acepções mais frequentes.

Quadro 21 - Expressões cristalizadas com verbo *tomar* na amostra do português arcaico

Acepções	Exemplos
1. Discutir, brigar	“que rey nã fosse. E, sem razon nẽ hũa ergo per soberva, tomou cõmigo guerra e começou de me fazer tanto mal que eu foi em tempo que” (CP-13:CIPM:CGEsp)
2. Hospedar, abrigar	“aconteceu que, logo que foy sabido em Sevilha ã como viinha Tacim e mandava tomar pousadas pera aquelles que viinhã com elle, os da vylla çarrarom as portas e” (CP-13:CIPM:CGEsp)
3. Ficar com raiva, ficar bravo	“daquy adeante, partete de mal obrar e non façás cousa por que Nosso Senhor tome de ty mayor sanha . E, logo que lhe esto ouve dito, desapareceo” (CP-13:CIPM:CGEsp)
4. Tornar-se um homem do clero	“a clerizia e husou de cavallaria. E despois adoeceu de forte ãfermidade e entom tomou ordẽ de religion de Sam Bëeto. E, estando ã esto, ãvyou por” (CP-13:CIPM:CGEsp)
5. Juízo	“Mais eu te farey tomar pëede n ça deste pecado; e guarda te que te nã pares mays ante” (CP-13:CIPM:CGEsp)

Na tabela 4, temos as expressões cristalizadas mais ferquentes na amostra do português arcaico.

Tabela 4 - Expressões cristalizadas mais frequentes no português arcaico

Acepções	Ocorrências	%
1. Discutir, brigar	4/14	29
2. Hospedar, abrigar	2/14	14
3. Ficar com raiva, ficar bravo	2/14	14
4. Tornar-se um homem do clero	2/14	14

Acepções	Ocorrências	%
5. Juízo	2/14	14

d) verbo-suporte

Desde o período arcaico, encontramos construções com verbo-suporte nos *corpora* analisados. Sabemos que, prototipicamente, elas são compostas de verbo seguido de sintagma nominal. É o caso, por exemplo, de “tomar conselho”, cujo verbo correspondente é “aconselhar-se”. Normalmente, o SN se junta ao verbo a fim de formar o predicado e de conferir carga semântica à perífrase, como se verifica nos dados a seguir.

TOMOU CONSELHO

(13) “onde oje em dia chamam Grades/sic. E, despois que esto ouve feyto, **tomou cõsselho** com suas gentes e foyse con suas naves pello mar ataa que chegou ao” [tomar conselho = aconselhar-se] (CP-13:CIPM:CGEsp)

TOMAR ENTREGA

(14) “tomarya; e, se nã, que o mandava desafiar e que trabalharia de **tomar entrega** pollo seu. E os mãdadeiros, quando a elle chegarom, disseronlhe o” [tomar entrega = entregar] (CP-13:CIPM:CGEsp)

TOMAR PENHORA

(15) “contra Carryom, onde o conde era, pera lhe fazer mal enna terra e **tomar penhora** por aquello que lhe o conde roubara ou pera lidar com elle, se” [tomar penhora = penhorar] (CP-13:CIPM:CGEsp)

Os exemplos em (13), (14) e (15) mostram o esvaziamento semântico do verbo *tomar* e sua atuação como verbo-suporte. O que seria considerado objeto une-se ao verbo *tomar* para criar uma nova estrutura. As construções “tomar conselho”, “tomar entrega” e “tomar penhora”, em (13), (14) e (15), indicam que as construções com *tomar* podem ser substituídas pelos verbos plenos correlatos “aconselhar-se”, “entregar” e “penhorar”, respectivamente, o que permite postular que, no português arcaico, existe entre as construções

uma relação de paralelismo entre nome e verbo cognato. Vejamos alguns exemplos que não apresentam a relação de paralelismo entre nome e verbo cognato.

(16) “E o dragon **tomou tal amor** con elle que, de quãto caçava, de todo lhe ally tragia” (CP-13:CIPM:CGEsp)

(17) “El rey Teuderigo nõ lho quis sofrer e ouvelhe por ello grã desamor e **tomou** logo con elle **grande ãmiizade.**” (CP-13:CIPM:CGEsp)

Em (16) e (17), percebemos que não é possível substituir a construção *V + SN* por um verbo cognato do substantivo e nem sempre há correspondência semântica com outros verbos, contudo, podemos identificar essas orações como construções com verbo-suporte.

No português arcaico, identificamos as seguintes construções com verbo-suporte: tomar armas, tomar vingança/tomar vendita, tomar a lide, tomar quentura, tomar emenda, tomar mesura, tomar honra, tomar esforço, tomar juramento, tomar conselho, tomar trabalho, tomar poder, tomar entrega, tomar penhora, tomar prazer, tomar amor, tomar pesar, tomar amizade, tomar fundamento e tomar parte. No quadro 22, temos as construções com verbo-suporte *tomar* mais frequentes na amostra.

Quadro 22 - Construções com verbo-suporte *tomar* na amostra do português arcaico

Construções com verbo-suporte <i>tomar</i>	Exemplos
1. Tomar armas (armar-se)	“E este Fernã Gonçalvez era ja grande e vallente e mui bõõ pera tomar armas. ” (CP-13:CIPM:CGEsp)
2. Tomar vingança (vingar-se)	“E por esta razon nõ veo Bellasaryo tomar vīgança da morte da raynha, como o emperador mãdara, mas passou ã Africa” (CP-13:CIPM:CGEsp)
3. Tomar honra (honrar-se)	“ella foi entrada, os capitãães da hoste mandaron dizer a el rey que veesse tomar a honrra do castello.” (CP-13:CIPM:CGEsp)
4. Tomar esforço (esforçar-se)	“E enton se lhe mudou o coraçõ do que tiinha ã proposito. E tomou grande esforço e foisse logo pera Baeça e mandou muy grandes gentes que guardassem os” (CP-13:CIPM:CGEsp)

Construções com verbo-suporte <i>tomar</i>	Exemplos
5. Tomar conselho (aconselhar-se)	“E, depois que esto ouve feyto, tomou cõsselho com suas gentes e foyse con suas naves pello mar ataa que chegou ao” (CP-13:CIPM:CGEsp)
6. Tomar poder (apoderar-se)	“E, depois que o ouve soterrado, tomou muy grande poder de gentes e guanhou per força hũa terra e, por amor” (CP-13:CIPM:CGEsp)

Na tabela 5, temos as construções com verbo-suporte *tomar* mais frequentes na amostra.

Tabela 5 – Construções com verbo-suporte *tomar* mais frequentes no português arcaico

Construções com verbo-suporte <i>tomar</i>	Ocorrências	%
1. Tomar armas	22/82	27
2. Tomar vingança	10/82	12
3. Tomar honra	6/82	7
4. Tomar esforço	4/82	5
5. Tomar conselho	4/82	5
6. Tomar poder	4/82	5

Pesquisas podem conscientizar os escritores para características específicas e potencialidades comunicativas especiais das construções com verbo-suporte (cf. NEVES, 2000). Apresentaremos as características que tornam o emprego do verbo-suporte na fase arcaica muito semelhante àquele encontrado nas fases moderna e contemporânea. Consideramos a hipótese básica, que é tradicionalmente sustentada na literatura linguística, a qual defende que o verbo *tomar* e outros verbos já começaram, desde o português arcaico, a serem utilizados como verbo-suporte, iniciando, assim o processo de gramaticalização (CHACOTO, 1996; COELHO, 2006; RANCHHOD, s/d; PANTE e ORTEGA, 2009 e PANTE, 2012). Sustentamos, também, a hipótese de que o verbo *tomar* como verbo-suporte apresenta, desde o português arcaico, características semelhantes às encontradas nas fases moderna e contemporânea da língua portuguesa. Assim, no português arcaico, as construções com verbo-suporte *tomar* são formadas pela estrutura *verbo* + *SN/SP* em que o verbo é o

núcleo sintático do predicado acompanhado de todos os seus argumentos e, muitas vezes, está em relação de paralelismo com o verbo pleno cognato do substantivo; tem valor semântico esvaziado, ou seja, não exprime um sentido de transferência como o verbo pleno; suporta as marcas de tempo, modo e pessoa do substantivo, que concentra o sentido da informação; sofre redução da valência verbal, quando omitimos um ou mais argumentos do verbo e apresentamos apenas o sujeito; há possibilidade de caracterização do SN, já que encontramos construções em que o SN está caracterizado, o que não seria possível com a forma plena do verbo; e aspectos relacionados à relativização.

Demonstramos com os exemplos a seguir as características das construções com verbo-suporte *tomar* no português arcaico.

TOMAR ARMAS

(18) “E, depois que elle foy tal que pode **tomar armas**, nõ sabia dona Juno nem hũu feyto grande nõ perigoso a que o” [tomar armas = armar-se] (CP-13:CIPM:CGEsp)

(19) “E este Fernã Gonçalvez era ja grande e vallente e mui bõõ pera **tomar armas**.” (13:CIPM:CGEsp)

(20) “que nõ era achado em toda a terra nõ hũu homen maaõ nõ que ousasse **tomar armas** sandyamente.” (CP-13:CIPM:CGEsp)

Nos exemplos (18) a (20), as construções com verbo-suporte *tomar* não exigem complemento e equivale a um verbo monovalente, com o sentido de “armar-se”. A diferença entre os exemplos (18), (19) e (20) é que, em (20), o advérbio caracteriza, como modificador, a ação verbal “tomar armas”, o que seria totalmente possível em (18) e (19). Com o emprego do advérbio *sandyamente*, pretende-se obter um efeito que um adjetivo poderia produzir. No entanto, no português contemporâneo, esse emprego não é comum, visto que, com a adjetivação do complemento, obtemos melhor condição de qualificação e classificação.

TOMAR CONSELHO

(21) “E, depois que esto ouve feyto, **tomou cõsselho** com suas gentes e foyssse con suas naves pello mar ataa que chegou ao” (CP-13:CIPM:CGEsp)

(22) “E o filho **tomou seu conselho** do padre e fez muy ben sua fazêda.” (CP-13:CIPM:CGEsp)

Em (21) e (22), a construção *tomou cõsselho* apresenta complemento. Em (21), é desempenhado pelo SN *com suas gentes* e em (22) *do padre*. De acordo com os critérios propostos por Neves (2002), é impossível acrescentar um complemento do tipo de + nome humano/possessivo ao sintagma nominal que acompanha o verbo (*tomou conselho **do padre**). No entanto, note que, em (22), é possível acrescentar o possessivo *seus* entre o verbo e o SN.

TOMAR ESFORÇO

(23) “o sangue, ouve em sy grande spanto..Mas, cõ medo d'Almançor, ouve de **tomar em sy esforço**; e chegousse a Gonçallo Gustiuz e tomouho pellos braços e alçouho” [tomar esforço = esforçar-se] (CP-13:CIPM:CGEsp)

(24) “E enton se lhe mudou o coraçõ do que tiinha ã proposito. E **tomou grande esforço** e foisse logo pera Baeça e mandou muy grandes gentes que guardassem os” [tomar esforço = esforçar-se] (CP-13:CIPM:CGEsp)

Em (23) e (24), ocorre mais um caso de redução de valência verbal, não sendo necessária a presença de complementos à construção *tomou grande esforço*. As construções com verbo-suporte permitem uma caracterização do SN que o sucede, qualificando-o (tomar em sy esforço⁶⁷, tomou grande esforço), o que não seria possível com o verbo pleno correspondente.

TOMAR JURAMENTO

(25) “E a rainha, temendosse do que depois aveo, fezlhe **tomar juramento** que verdadeiramente fosse amigo del rey e lhe fosse leal vassallo e que sempre” [tomar juramento = jurar] (CP-13:CIPM:CGEsp)

⁶⁷ A expressão “em sy” corresponde a: No seu ser; sem ter em conta as circunstância ou o resto; absolutamente, abstratamente. (consultado no Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, <http://www.priberam.pt>)

TOMAR A JURA

(26) “conselheiro na morte el rei dō Sãcho, pero que e hũu nõ lhe quis **tomar a jura** se nõ Roy Diaz, o Cide, que lhe nõ quis beyjar” [tomar a jura = jurar] (CP-13:CIPM:CGEsp)

Em (25), não temos caracterização do SN, embora, seja possível. Basta acrescentar um adjetivo ao SN *juramento*, por exemplo, *tomou sincero juramento*. Em (25), ocorre redução da valência verbal, não sendo necessária a presença de complementos a construção *tomar juramento*. A construção com verbo-suporte *tomar juramento*, em (25) corresponde a “jurar”, o mesmo não ocorre com o exemplo (26), por se tratar de um verbo estendido com sentido de “obter”.

TOMAR HONRA

(27) “ella foi entrada, os capitãães da hoste mandaron dizer a el rey que veesse **tomar a honrra** do castello.” [tomar honra = honrar] (CP-13:CIPM:CGEsp)

(28) “ el foi entrada, os capitãães da hoste mandaron dizer a e el que veesse **tomar a honrra** do el a lo.” (CP-13:CIPM:CGEsp)

(29) “E elle hindo en esto, mandoulhe dom Diego dizer que fosse **tomar a honrra** da batalha que lhe Deus querya dar, ca logo seria vençida como” (CP-13:CIPM:CGEsp)

Alguns exemplos em que *tomar* apresenta a estrutura [tomar + (a) SN] são apresentados em (27) a (29). O SN *honra* apresenta modificador. Em (27) é desempenhado pelo SN *do castello*, em (28), *do el a lo*, e em (29), *da batalha*.

TOMAR VINGANÇA

(30) “E por esta razon nõ veo Bellasaryo **tomar vïgança** da morte da raynha, como o emperador mãdara, mas passou ã Africa” [tomar vingança = vingar-se] (CP-13:CIPM:CGEsp)

(31) “mandou guardar as portas, que nõ sayssem fora. E esto fazia elle por **tomar delles vyngãça**, por que alli fora morto el rei dō Ramiro/sic, seu sogro” (CP-13:CIPM:CGEsp)

(32) “fossem allo e que lhe levassem o Cide bem preso, ca elle queria delle **tomar vyngãça** do grãde mal que avya feito ã sua terra. Os dous reis fizeram” (CP-13:CIPM:CGEsp)

(33) “que o Cide nõ pod er ya saber esta cousa se nõ per elle pera **tomar vingança** delles, como cõpria.” (CP-13:CIPM:CGEsp)

(34) “Outros dizem que quis Deus delle **tomar vingança** por que leixou sua molher soltar a todo mal e que porem foy vencido” (CP-13:CIPM:CGEsp)

Em (30) a (34), o sentido da construção “tomar vingança” corresponde a do verbo pleno “vingar-se”. Em todos os exemplos, a construção “tomar vingança” apresenta complemento. Esses complementos encontram-se posposto ao verbo-suporte (exemplo 30), entre o verbo e o sintagma nominal (exemplo 31) e anteposto a construção com verbo-suporte nos exemplos (32), (33) e (34).

TOMAR PRAZER

(35) “vida fora muito trabalhador ã guerras que ouvera com os mouros, e outrossi por **tomar algũ pouco de prazer**. E, vëedo os cõdes e ricos el a commo El” [tomar algum pouco de prazer = comprazer-se] (CP-13:CIPM:CGEsp)

TOMAR PODER

(36) “que elle ouve o senhorio e lhe todos fezeron menagen, como e dissemos, **tomou grande poder** e foy sobre aquelles que tiinham os filhos el rei Costa e matouhos” [tomou grande poder = apoderar-se] (CP-13:CIPM:CGEsp)

(37) “E, depois que o ouve soterrado, **tomou muy grande poder** de gentes e guaanhou per força hũa terra e, por amor” (CP-13:CIPM:CGEsp)

TOMAR PESAR

(38) “a seu irmão Magom e como avyã mortos e vençudos muytos das suas companhas e **tomou dello muy gram pesar**. E mandou per todas partes juntar muytas companhas de Affryca” [tomou dele muito grande pesar = ficar desolado] (CP-13:CIPM:CGEsp)

Nos exemplos de (35) a (38), vemos que há distintos elementos não-verbais ligados ao verbo *tomar*, como “prazer”, “poder” e “pesar”, acompanhados de elementos intermediários, que qualificam e quantificam a estrutura complexa. A preferência por essa estrutura, como foi citado no capítulo 3, ocorre pela possibilidade de caracterização do nome. As construções com verbo-suporte permitem uma caracterização do nome que o sucede,

qualificando-o (*tomou muy grande poder, tomou dello muy gram pesar*), e quantificando-o (*tomar algũũ pouco de prazer*) fato que não seria possível com o verbo pleno. Nos dois últimos exemplos, o predicador complexo (V + SN) tem complementos “de gentes” e “dello”.

Desde o período arcaico, o emprego do verbo-suporte se justifica por fatores ligados às funções da linguagem e às intenções dos usuários da língua, como maior precisão semântica, adequação comunicativa e efeitos na configuração textual. Vejamos alguns exemplos dessa funcionalidade.

(39) “Quando esto soube Eixacaf, **tomou** todo o **poder** de Sevilha que era muy grande e sayron contra a hoste suas [tomou poder = apoderar-se]” (CP-13:CIPM:CGEsp)

(40) “E enton se lhe mudou o coraçõ do que tiinha ã proposito. E **tomou grande esforço** e foisse logo pera Baeça e mandou muy grandes gentes que guardassem os” ” [tomou esforço = esforçar-se] (CP-13:CIPM:CGEsp)

(41) “virtude ã sua catadura, ca todo o mouro, quãdo o primeiramẽte vee, **toma tal medo** que fica fora de seu acordo.” [Toma medo = amedrontar-se] (CP-13:CIPM:CGEsp)

O verbo nas ocorrências (39) a (41) revelam uma propriedade formal dessas construções, pois existe uma associação entre o verbo-suporte e um elemento de natureza nominal (*poder, esforço e medo*). Com a substituição de *tomar* + *nome* pelo verbo correspondente, nessas construções, teríamos *apoderar-se, esforçar-se e amedrontar-se*. As construções com verbo-suporte no lugar do uso de verbo pleno permitem uma maior versatilidade sintática e semântica através da quantificação, como analisamos em (39) e da qualificação em (40), contribuindo também para uma maior adequação comunicativa como em (41).

Os estudos de Pante e Ortega (2009) e Pante (2012) revelam que o processo de gramaticalização do verbo *tomar* já vem ocorrendo desde o português arcaico, quando *tomar* atua como verbo-suporte. Os dados coletados por Pante (2012) registram as construções com verbo-suporte no período arcaico, o que demonstra haver nesse uso alguma tradição. Apresentaremos esses usos com os exemplos de (42) a (50).

(42) “...que sodes semelhantes a Deus 1/2 na m1/2, **tomades afeytam** 1/2tos das cousas bayxas da natura...”⁶⁸

(43) “Eu uos amoesto que uaades todos três a elle, e **tomade seu conselho** por remiimento de uossos peccados.”

(44) “... e **toma grande cuydado de** auer morada sollepne.”

(45) “...que **toman deleitaçon da** boa andança...”

(46) “...**tomou fiança** 1/2 Jhesu Christo.”

(47) “Mas tanta **gloria tomaron de** que uencerom...”

(48) “...por tal que **tomassen** noio e **pesar con** todos os b1/2 1/2s que vissem aos moradores delas.”

(49) “...quando lhe mor1/2 sseus parantes e seus amigos, **tomam prazer** e fazem grandes convites.”

(50) “Nem curauã **tomar vingança**, como quer que eram gentilis”

Os exemplos (42) a (50) mostram características das construções com verbo-suporte semelhantes às abordadas na nossa pesquisa: complemento do nome *afeytamento* com o SP *das cousas bayxas* (exemplo 42); presença do pronome *seu* antecedendo o nome abstrato *conselho* (exemplo 43); caracterização do nome *cuydado* (exemplo 44); complemento do nome *deleitaçon* com outro SP *da boa andança* (exemplo 45); o nome *fiança* apresenta complemento nominal *Jhesu Christo* (exemplo 46); caracterização do nome por um quantificador *tanta* (exemplo 47) e redução de valência verbal (exemplos 48, 49 e 50).

Confrontamos os usos de “tomar” no português arcaico encontrados na amostra com as acepções apresentadas no Vocabulário histórico-cronológico do português (VHCP) e no Dicionário de verbos do português medieval (DVPM). Para tanto, no quadro a seguir, encontram-se os sinais de “+” para os usos que os dicionaristas citam e “-” quando eles não trazem em sua obra a acepção encontrada no *corpus* estudado.

⁶⁸ Os exemplos de (42) a (50) são de Pante (2012).

Quadro 23 – Confronto dos usos do verbo *tomar* no *corpus* do português arcaico com as acepções do VHCP (1997) e do DVPM (1999)

Acepções	VHCP (1997)	DVPM (1999)	Usos do verbo <i>tomar</i> no <i>corpus</i> português arcaico
Tomar a lide (liderar, disputar)	-	-	“E, por esto, dom Alvaro Fernandez, que era seu primo, tomou a lide em seu logar e mãdou armar hûu seu el a l muy bem.”
Tomar água (beber, abastecer-se)	-	+	“E partio suas cõpanhas pera lhes guardar como nõ podessem tomar augua e que per força ouvessem a fazer o que elle quisesse.”
Tomar conselho (aconselhar-se)	+	-	“E, despois que esto ouve feyto, tomou cõsselho com suas gentes e foyse con suas naves pello mar ataa que chegou ao”
Tomar guerra (discutir, brigar)	-	-	“chegou a essa comarca e leixou passar todo esse tempo e o inverno que nõ tomou com elles guerra. ”
Tomar a sina (seguir um caminho)	-	-	“e mãdou tomar a sina do Çide que stava sobr'elle e que a levase hûu daquelles mõjes estendida”
Tomar mesura (ter cortesia)	-	-	“E, desque vyo que nõ queryã desto em sy tomar mesura e que o faziã a mal fazer, nõ o quis elle mais sofrer”
Tomar (por) mulher (passar a considerar)	-	+	“Hermenegildo, filho deste rey Leonagildo, tomou por molher hûa filha de Sigiberto, rey de França, que era muy boa”
Tomar ordem (tornar-se um homem do clero)	-	+	“E despois adoeceu de forte efermidade e entom tomou ordẽ de religion de Sam Bẽeto.”
Tomar penhor (dar garantia)	-	+	“contra Carryom, onde o conde era, pera lhe fazer mal enna terra e tomar penhora por aquello que lhe o conde roubara ou pera lidar com elle, se”
Tomar por força			“E os de Julyo Cesar quiseronlho tomar per

Acepções	VHCP (1997)	DVPM (1999)	Usos do verbo <i>tomar</i> no <i>corpus</i> português arcaico
(agarrar, segurar)	-	+	força e os de Pompeo trabalharonse de o defender.”
Tomar pousada (hospedar)	-	-	“aconteceu que, logo que foy sabido em Sevilha ã como viinha Tacim e mandava tomar pousadas pera aquelles que viinhã com elle, os da vylla çarrarom as portas e”
Tomar prazer (alegrar-se)	+	+	“vida fora muito trabalhador ã guerras que ouvera com os mouros, e outrossi por tomar algũ pouco de prazer .”
Tomar sanha (ficar com raiva, bravo)	-	+	“daquy adeante, partete de mal obrar e non faças cousa por que Nosso Senhor tome de ty mayor sanha .”
Tomar trabalho (preocupar-se)	-	+	“acharõ outro remedio se nõ que o faziã cada dia cavalgar, e esto por tomar algũ pouco de trabalho segũdo o uso que sempre ouvera, ca en toda sua”
Tomar vendita (vingar-se)	-	-	“querendo Deus tomar vendita dos pecados deste luxurioso Vetiza con todollos d'Espanha que seguiron as maldades suas e”
Tomar vingança (vingar-se)	+	-	“Outros dizem que quis Deus delle tomar vingança por que leixou sua molher soltar a todo mal e que porem foy vencido”

Os usos que estão no quadro 23 referem-se a construções que vão desde a categoria de verbo pleno a de verbo-suporte. Vale ressaltar que nem todos os usos encontrados no *corpus* são descritos nos dicionários. As construções *tomar a lide*, *tomar guerra*, *tomar a sina*, *tomar mesura*, *tomar pousada* e *tomar vendita* não estão listadas nos dicionários. Nenhuma das obras consultadas deixa explícito às categorias as quais *tomar* pode pertencer. Dos dicionários consultados, o que mais apresenta acepções que se identificam com os usos encontrados no *corpus* é o DVPM. A seguir, abordaremos os aspectos relacionados à ordem dos constituintes e a diferenças no inventário dos verbos.

a) Ordem dos constituintes na frase (inversão entre verbo-suporte e o sintagma nominal)

A constituição básica dos constituintes da frase no português contemporâneo é conhecida como SVC (sujeito + verbo + complemento). O português arcaico, como muitos trabalhos já apontaram (PÁDUA, 1960; MATTOS E SILVA, 1989) apresenta uma ordem dos constituintes diferente daquela das construções do período contemporâneo, particularmente no que se refere à disposição interna do complemento e do verbo, que ocupam várias posições. Mattos e Silva (1993, p. 124), discorrendo sobre a ordem dos constituintes em frases com verbos transitivos, mostra que, no período arcaico havia seis possibilidades de ordenação, conforme mostram os seguintes exemplos:

- SVC: [O lobo] *abrio* [a boca].
- SCV: Quando [Eufrosina] [esto] *ouvio*, prougue-lhe muito.
- VSC: E enton *chamou* [o abade] [hũũ monge] .
- VCS: E *cercou* [a cidade] [Nabucodonosor].
- CVS: Quando [o] *viu* [o moço], rogou que veesse .
- CSV: [Todas estas cousas] [as gentes] *demandam* .

Os exemplos acima, extraídos de Mattos e Silva (1993), revelam que a sintaxe das construções no português arcaico tem certas características que já não se observam no português contemporâneo. Uma delas, a que mais nos interessa, é a ordenação SCV em que os nomes predicativos aparecem à esquerda do verbo que os auxilia (verbo-suporte), dando origem a construções arcaizantes.

Na amostra analisada, encontramos construções em que a ordenação dos constituintes é idêntica a do português contemporâneo (sujeito + verbo + complementos), como também, construções em que o complemento sofre alteração de ordem (sujeito + complemento + verbo). Vejamos alguns exemplos:

(51) “e **tomou os escriptos** dos cõgelhos de Tolledo e de dõ Jordam” (CP-13:CIPM:CGEsp)

(52) “E, depois que esto ouve feyto, **tomou cõsselho** com suas gentes e foyssse con suas naves pello mar ataa que chegou ao” (CP-13:CIPM:CGEsp)

(53) “E o dragon **tomou tal amor** con elle que, de quãto caçava, de todo lhe ally tragia” (CP-13:CIPM:CGEsp)

(54) “podiam elles muy ligeiramente fazer, ca nõ era homen ãna villa que **armas podesse tomar**, tanto eram despercebidos e os ãmiigos aguçosos de os matar. E todos fogiam” [tomar armas] (CP-13:CIPM:CGEsp)

(55) “E mandou per toda sua terra que todollos que **armas podessem tomar** que vehessem a elle. E foram ajuntados em esto grandes poderes.” [tomar armas] (CP-13:CIPM:CGEsp)

(56) “ca nõ avya mãtiimento senõ pera poucos dias em tal guisa que o **poder ees tomar** muy ligeiramẽte. E eu, porque o crieu des sua nacença, quando o” [tomar poder] (CP-13:CIPM:CGEsp)

As construções (51) a (53) apresentam a ordem direta *V+N*. Em (51) e (52), os sujeitos estão elípticos e as posições dos complementos estão preenchidas pelos complementos *os escritos* e *conselho*. Em (53) o sujeito *dragon* está exposto e o sintagma *tal amor* tem a função de complemento. As construções (54) a (56) apresentam a ordem inversa, característica comum aos verbos-suporte na fase arcaica. Nesses exemplos, os nomes predicativos que ocupam a posição formal de complemento direto: *armas*, *poder* ocorrem à esquerda do verbo-suporte, posição dificilmente aceitável no português contemporâneo. Além disso, nesses três exemplos, as construções-suporte encontram-se relativizadas.

Nos exemplos (57) a (60) a seguir a inversão está no objeto *delles*, *dellos*, *delle*, *com elle*, que estão no meio das construções-suporte *tomar vnygãça*, *tomou muy gram pesar* e *tomou grande ãmiizade*. Em (60), temos, ainda, a conjunção *logo* inserida no meio da construção-suporte.

(57) “E esto fazia elle por **tomar delles vnygãça**, por que alli fora morto el rei dõ Ramiro/sic, seu sogro” [tomar *delles vnygãça* = tomar *vnygãça delles*] (CP-13:CIPM:CGEsp)

(58) “a seu irmão Magom e como avyã mortos e vençudos muytos das suas companhas e **tomou dello muy gram pesar**” [tomou *dello muy gram pesar* = tomou muito grande pesar dele] (CP-13:CIPM:CGEsp)

(59) “E fez muy grande guerra a Roma e trouxe muy mal o ãperador Agustodulo e **tomou delle per força** toda a terra de Ytallia, segundo adyante ouvyredes, e a” [tomou *delle per força* = tomou por força dele] (CP-13:CIPM:CGEsp)

(60) “El rey Teuderigo nõ lho quis sofrer e ouvelhe por ello grã desamor e **tomou logo con elle grande ãmiizade**” [tomou logo con elle grande ãmiizade = logo tomou grande amizade com ele] (CP-13:CIPM:CGEsp)

Vale ressaltar que, dos 348 dados analisados, apenas doze apresentam a anteposição do sintagma nominal que complementa o verbo, o que nos faz questionar a hipótese de que ocorre produtividade desse tipo de estrutura no português arcaico.

b) diferenças no inventário dos verbos

Entre as construções do português arcaico, algumas formas ainda se mantêm no português contemporâneo, como *tomar conselho*, *tomar vingança*, *tomar parte*, outras estão em desuso, como é o caso de: *tomar vendita*, *tomar mesura*, *tomar a lide* e *tomar emenda*, nos exemplos (61) a (64). Pesquisamos essas construções no Vocabulário histórico-cronológico do português e no DVPM, mas não encontramos as acepções. No Dicionário da Língua Portuguesa, de Raphael Bluteau (1712), encontramos o significado de *mesura*⁶⁹, *lide*⁷⁰ e *emenda*⁷¹ e no dicionário de Silva (1789), encontramos o significado de *vendita*⁷². Vejamos alguns exemplos dessas construções.

TOMAR VENDITA

(61) “ el Vetiza – que foy na era de setecentos e cinquenta annos – querendo Deus **tomar vendita** dos pecados deste luxurioso Vetiza con todollos d’Espanha que seguiron as maldades suas e” [tomar vendita = vingar-se] (CP-13:CIPM:CGEsp)

TOMAR MESURA

(62) “E, desde vyo que nõ queryã desto em sy **tomar mesura** e que o el a a mal fazer, nõ o quis elle mais sofrer” [tomar mesura = ter cortesia] (CP-13:CIPM:CGEsp)

⁶⁹ MESURA. Cortesia. Bluteau (1712).

⁷⁰ LIDE. Peleja. Batalha. Bluteau (1712). Outra construção do português arcaico, não encontrada no nosso *corpus* é *tomar a lida*, que significa *tomar o trabalho*. Lida. Trabalho. Bluteau (1712)

⁷¹ EMENDA. Correção. “Tomou por Emenda deles varejar a Villa com artilharia.” Bluteau (1712)

⁷² VENDITA, s. f. antiq. Vingança, tomar vendita, fazer vendita: em vendita. Silva (1789).

TOMAR A LIDE

(63) “E, por esto, dom Alvaro Fernandez, que era seu primo, **tomou a lide** em seu logar e mãdou armar hûu seu el a l muy bem.” [tomar a lide = tomar a batalha] (CP-13:CIPM:CGEsp)

TOMAR EMENDA

(64) “E mais tragovos aquesta minha molher e estes meus filhos. De todo podees **tomar tal ãemenda** qual for vossa mercee.” [tomar emenda = tomar correção] (CP-13:CIPM:CGEsp)

6.2 Análise dos usos do verbo *tomar* no Século XVII

A tabela 6 permite visualizar a distribuição dos usos de *tomar* no português moderno provenientes do Português Brasileiro e do Português Europeu no século XVII.

Tabela 6 - Frequência do verbo *tomar* no português moderno

Categorias funcionais de <i>tomar</i>	Ocorrências	%
Verbo pleno	38	12
Verbo estendido	112	36
Verbo-suporte	98	32
Expressão cristalizada	62	20
Total	310	100%

A tabela 6 mostra que, de 310 dados, 12% são de uso do verbo pleno; 36% de verbo estendido; 20% de expressão cristalizada. As construções com verbo estendido e com verbo-suporte foram as mais usadas, aparecendo com 36% e 32%, respectivamente. A significativa frequência de *tomar* na categoria de verbo estendido (36%) resulta de um processo de extensão semântica que propicia a expansão de uso de *tomar* (BYBEE, 2003). Conforme se pode visualizar na tabela 6, os usos lexicais (48%) se sobrepõem aos usos gramaticais (32%). Os 48% referentes aos usos lexicais resultam do somatório de verbos plenos e verbos estendidos.

Percebemos que o processo de gramaticalização de *tomar* se expandiu no período moderno da língua em relação ao período arcaico, quando se registrou um percentual de 34% de verbo pleno e 24% de verbo-suporte. Veja que a relação se inverteu. No português arcaico, temos mais verbo pleno do que verbo-suporte e no português moderno, temos mais verbo-suporte do que verbo pleno. Para essa afirmação, temos como base um dos princípios da gramaticalização, segundo o qual o aumento do uso da forma gramatical associado ao decréscimo do uso da forma lexical é um dos efeitos verificados quando um item está em processo de gramaticalização. Mas note que é considerável o uso de “tomar” como verbo com sentido estendido (36%). Somando-se verbo pleno (12%) e verbo estendido (36%), os usos lexicais (38%), o percentual é maior do que de verbo-suporte (32%). Mas se somássemos verbo-suporte + expressão cristalizada, teríamos que o uso idiomático e gramatical do verbo é mais frequente. Apesar da análise quantitativa dos dados mostrar uma expansão do processo de gramaticalização do verbo *tomar* ao longo do período moderno, observamos que esse verbo continua, ao longo desse período, a ser empregado tanto como verbo pleno, quanto como verbo-suporte, de acordo com princípio da estratificação de Hopper (1991).

Passaremos aos exemplos das construções com o verbo *tomar* que nos permitem identificar os seus usos e valores. Os exemplos apresentados a seguir ilustram ocorrências das categorias em estudo: verbo pleno, verbo estendido, expressão cristalizada e verbo-suporte.

a) verbo pleno

São exemplos do uso de *tomar* como verbo pleno as seguintes construções.

(65) “ele há alguma notável mudança, ou os interessados, como tão poderosos, mandaram **tomar as cartas**, que todas vinham debaixo de uma coberta.” (CP-16:Vieira:Cartas)

(66) “outra razão; e, porque não perdêssemos a posse da jornada, mandámos logo **tomar três canoas** e levar para elas as nossas redes e uns paneiros de farinha” (CP-16:Vieira:Cartas)

(67) “remessas que agora se lhe fizeram, está tão acreditado que sobre seu crédito pode **tomar tudo** quanto for necessário.” (CP-16:Vieira:Cartas)

Nos exemplos (65) e (66), o verbo *tomar* acompanha um nome concreto (cartas, canoas) e tem um significado específico: *pegar, segurar*. Em (67), o sintagma nominal é

representado pelo pronome indefinido *tudo*, que também tem significado concreto dentro do contexto.

Observamos exemplos de construções com o verbo *tomar* na categoria de verbo pleno na amostra do português europeu. Os exemplos são:

(68) “altar, onde a pôs Deceu despois el-rei à missa, e sendo acabada, **tomou a rosa** da mao do messageiro e ouviu a oração que, dando-a, rezou” (CP-16:Sousa: Anais)

(69) “Posto o capitao a cavalo e carregando os mouros com nova fúria, **tomou** emfim **as tranqueiras**, fazendo-os afastar a poder de muitas lançadas.” (CP-16:Sousa: Anais)

Semelhante aos exemplos do português brasileiro, o verbo *tomar*, no português europeu, tem o significado de *segurar* e seus complementos são expressos por nome concreto (*rosa, tranqueiras*).

No quadro 24, temos os tipos de acepções do verbo pleno na amostra do português moderno.

Quadro 24 – Acepções do verbo pleno *tomar* na amostra do português moderno

Acepções	Exemplos
1.Segurar	“os inimigos por toda a roda da fortaleza até que teve fim a empresa, tomou entao o governador a mao, e sem mais deixar falar a Jorze de Lima” (CP-16:Sousa: Anais)
2. Pegar	“Pelejou com eles, tomou quatro e fez dar à costa a mór parte dos mais” (CP-16:Sousa: Anais)

b) verbo estendido

São exemplos do uso de “tomar” como verbo estendido as seguintes ocorrências.

(70) “de Arcos: pedi ao Padre Francisco Ribeiro que quisesse ir saber se havia de **tomar a ilha da Madeira**, e se levaria um passageiro; e eu com o” [tomar a ilha da Madeira = ocupar a ilha da Madeira] (CP-16:Vieira:Cartas)

(71) “os outros desvios que nos fizeram tão dilatada a viagem e nos obrigaram a ir **tomar aquela escala**.” [tomar aquela escala = seguir aquela escala] (CP-16:Vieira:Cartas)

(72) “mais Bandarra que esta jornada será por mar, e que o efeito dela será **tomar El-Rei** ao Turco com grande facilidade e quase sem resistência.” [tomar El-Rei ao Turco = entregar El-Rei] (CP-16:Vieira:Cartas)

No exemplo (70), *tomar* corresponde a *ocupar*; no exemplo (71), corresponde a *seguir* e no exemplo (72) corresponde a *entregar*. No português europeu, também encontramos exemplos de construções com verbo *tomar* na categoria de verbo estendido. Os exemplos são:

(73) “miserável como as outras. Mas eu não me contento, já que Vossa Senhoria **tomou** este **caminho**, senão com que emprenda as virtudes heróicas sem imperfeição, e saia” [tomou este caminho = seguir este caminho] (CP-16:Chagas:Cartas)

(74) “E me parece que especialmente deve Vossa Mercê **tomar** um pouco de **tempo**, em que totalmente se esqueça de toda a vida pas” [tomar um pouco de tempo = gastar um pouco de tempo] (CP-16:Chagas:Cartas)

No exemplo (73), *tomar* assume o sentido de *seguir* e no exemplo (74), corresponde a *consumir/gastar*.

No português moderno, identificamos as seguintes acepções de verbo estendido: ocupar, ter, seguir, gastar, dar, cumprir, tirar, aspirar/sentir, alcançar, entregar, beber, assumir, receber, solicitar. No quadro 25 a seguir ilustramos as acepções mais frequentes.

Quadro 25 - Acepções do verbo estendido na amostra do português moderno

Acepções	Exemplos
1. Ocupar	“ver se este comércio pode renovar, uma das ordens que levou Salvador Correia mandar tomar aquele porto .” (CP-16:Vieira:Cartas)
2. Ter	“Pelo assento que tomou o Conselho de Estado , sobre os agradecimentos que se mandaram ao embaixador Francisco de” (CP-16:Vieira:Cartas)
3. Seguir	“No principio desta semana se resolveram os médicos, em claustro pleno, de tomar outro caminho na cura, com que agora vou continuando; mas, para descansar” (CP-16:Vieira:Cartas)
4. Gastar	“também com advertência, e não descuido, me tenho abtido em alguns

Acepções	Exemplos
	correios de tomar o tempo a V. Ex. ^a , que suponho mui ocupado em conselhos, pois” (CP-16:Vieira:Cartas)
5. Beber/ingerir	“pode sem esta demonstração ajudar muito a nossa necessidade, parece que fora couza durissima tomar hum remedio tão violento, havendo outro tão suave, como se verá da repposta” (CP-16:Sande: Cartas)
6. Aspirar/sentir	“o Sr. D. João saiu ao seu costumado passeio do Corso a tomar o fresco da tarde , e com menos estafeiros do que costuma.” (CP-16:Vieira:Cartas)

As acepções desse tipo de uso de “tomar” costumam ser abstratas, mas decidimos colocar algumas ações concretas nessa categoria por se distanciarem do sentido tomado como fonte de “tomar” (*pegar, segurar*).

Na tabela 7, temos as acepções de *tomar* como verbo estendido mais frequentes na amostra do português moderno.

Tabela 7 – Acepções do verbo estendido mais frequentes no português moderno

Acepções	Ocorrências	%
1.Ocupar	40/112	44
2. Ter	14/112	17
3. Seguir	12/112	13
4. Gastar	8/112	9
5. Beber/ingerir	8/112	4
6. Aspirar/sentir	2/112	2

c) Expressão cristalizada

São exemplos do uso de “tomar” como parte de expressão cristalizada as seguintes ocorrências:

TOMAR A PEITO

(75) “o sólido e verdadeiro fundamento de suas felicidades é **tomar** muito a **peito** o serviço de Deus, e empreender obras grandes de Sua glória [tomar a peito = dedicar-se] (CP-16:Vieira:Cartas)

TOMAR ESTADO

(76) “e que o dito senhor não estava satisfeito do casamento, nem ainda inclinado a **tomar estado**, e que era ponto este que dava muito cuidado, e sobre que” [tomar estado = casar-se] (CP-16:Vieira:Cartas)

TOMAR ORDEM

(77) “Se tiver idade para **tomar ordens**, faça V. Rev. muito por que o padre visitador lhe conceda” [tomar ordens = tornar-se homem do clero] (CP-16:Vieira:Cartas)

No exemplo (75), o significado da expressão é “dedicar-se”. Em (76), “tomar estado” denota a ação de “casar”, e no exemplo (77), a expressão como um todo pode ser compreendida como “tornar-se homem do clero”.

Observamos ocorrências de construções com verbo *tomar* na categoria de expressão cristalizada na amostra do português europeu. As expressões são:

TOMAR POSSE

(78) “Tanto que Pero Mascarenhas **tomou posse** da capitania e conhecimento do estado e cousas dela, logo se determinou em” [tomar posse = investir-se num direito] (CP-16:Sousa: Anais)

(79) “Vão-se logo **tomar posse** das casas reais, onde estava o governador, desamparado de todos e acompanhado” (CP-16:Vieira:Cartas)

TOMAR HÁBITO

(80) “Fico para **tomar o hábito** em São Francisco de Évora, donde espero que Deus me guie ao” [tomar hábito = ordenar-se padre ou monge] (CP- 16:Chagas:Cartas)

No exemplo (78), o significado da expressão é “investir-se num direito ou cargo”. Nesse exemplo, o objeto é um cargo ou função, ou seja, algo abstrato. No mesmo exemplo,

temos uma construção com verbo-suporte *tomar conhecimento* e a omissão do verbo *tomar*. Em (78), “tomar conhecimento” denota a realização de conhecimento ou ciência de algo, visto que o verbo “tomar” mais o sintagma nominal “conhecimento” correspondem a “notar”, “perceber”, “saber”. O exemplo (79) mostra outro uso da construção *tomar posse*. Diferente do que ocorre no exemplo (78), em (79), o objeto é uma propriedade, ou seja, algo concreto. Em (80), a expressão cristalizada “tomar o hábito” significa “tornar-se um homem do clero”.

As expressões cristalizadas identificadas no português moderno foram: Tomar pé, tomar posse, tomar estado, tomar terra, tomar ordem, tomar a peito, tomar fala, tomar hábito, tomar língua, tomar vivo. No quadro 26 a seguir ilustramos as acepções mais frequentes.

Quadro 26 - Expressões cristalizadas com verbo *tomar* na amostra do português moderno

Acepções	Exemplos
1. Investir-se num direito	“Sant'Iago, que foi o primeiro de Maio de 1625, entraram os nossos a tomar posse da cidade, e, abatida a bandeira holandesa, se arvorou a de” (CP-16:Vieira:Cartas)
2.Saber	“Nem por mar nem por terra se pode tomar pé em cousa alguma.” (CP-16:Vieira:Cartas)
3. Administrar	“alvedrio natural em que Deus as criou; e que mande V. M. tomar conta de todas as que nesta ocasião se puderam salvar.” (CP-16:Vieira:Cartas)
4. Casar-se	“É o caso que uma irmã, que ainda tinha sem tomar estado , em que outras vezes falei a V. S. ^a , está casada na” (CP-16:Vieira:Cartas)
5. Tornar-se um homem do clero	“Se tiver idade para tomar ordens , faça V. Rev. muito por que o padre visitador lhe conceda” (CP-16:Vieira:Cartas)
6. Levar a sério	“tudo isto são discursos contingentes; o sólido e verdadeiro fundamento de suas felicidades é tomar muito a peito o serviço de Deus, e emprender obras grandes de Sua glória” (CP-16:Vieira:Cartas)

Na tabela 8, temos as acepções das expressões cristalizadas mais frequentes na amostra relativa ao português moderno.

Tabela 8 – Acepções das expressões cristalizadas mais frequentes no português moderno

Acepções	Ocorrências	%
1. Investir-se num direito	18/62	35
2.Saber	12/62	23
3. Administrar	5/62	19
4. Casar-se	4/62	8
5. Tornar-se um homem do clero	2/62	4
6. Levar a sério	2/62	4

d) verbo-suporte

São exemplos do uso de “tomar” como verbo-suporte as seguintes ocorrências.

TOMAR CUIDADO

(81) “e segundo esta ordem não só podia mas devia **tomar** logo o dito **cuidado**, conforme o direito e estilo da Companhia, declarado pelo” [tomar cuidado = ter cautela] (CP-16:Vieira:Cartas)

TOMAR CONSCIÊNCIA

(82) “em que pretende provar que S. A. pode e deve resistir, e **tomar** sobre sua **consciência** os encargos desta que outros doutores de mais própria profissão chamam manifest”a” [tomar consciência = conscientizar-se] (CP-16:Vieira:Cartas)

TOMAR CONFIRMAÇÃO

(83) “traziam a Bragança os mercadores de Castela, de cuja verdade ou engano se pode **tomar** nova **confirmação**, ou para crer o que os outros crêem, ou para suspeitar” [tomar confirmação = confirmar] (CP-16:Vieira:Cartas)

Os exemplos acima mostram o esvaziamento semântico do verbo *tomar* e sua atuação como verbo-suporte. O que seria considerado objeto une-se ao verbo *tomar* para criar uma nova estrutura com nova significação. A construção “tomar confirmação” pode ser

substituída pelo verbo pleno correlato “confirmar”, a construção “tomar consciência” pode ser usada para evitar a utilização do pronome oblíquo *se*, que acompanha alguns verbos, como, por exemplo, *conscientizar-se*. Nem todos os exemplos com verbo-suporte apresentam um verbo pleno correlato. É o caso do exemplo (80) em que “tomar cuidado” significa *precaaver-se, ter cautela*.

As ocorrências de construções com o verbo-suporte *tomar* identificadas foram: tomar conselho, tomar porto, tomar armas, tomar confirmação, tomar resolução, tomar consciência, tomar notícias, tomar assento, tomar forma, tomar lições, tomar benção, tomar trabalho, tomar cuidado, tomar aviso, tomar conhecimento, tomar medidas, tomar entrega, tomar satisfação, tomar repouso, tomar juramento, tomar derrota, tomar poder, tomar fogo, tomar promessa. No quadro 27, temos os tipos de construções com verbo-suporte mais frequentes na amostra do português moderno.

Quadro 27 - Construções com verbo-suporte *tomar* na amostra do português moderno

Construções com verbo-suporte <i>tomar</i>	Exemplos
1. Tomar resolução (resolver)	“Mas nem a política nem a fé romana havia de tomar semelhante resolução .” (CP-16:Vieira:Cartas)
2. Tomar armas (armar-se)	“que o juiz do povo, “ameaçado de lhe queimarem a casa se não fazia tomar as armas , fugira para as Caldas, e que no ponto em que aquela” (CP-16:Vieira:Cartas)
3. Tomar porto (aportar, ancorar num porto)	“depois dela, se gastou todo o dia, de maneira que quando chegámos a tomar porto era quase ar pardo.” (CP-16:Vieira:Cartas)
4. Tomar benção (abençoar)	“tão justificadas como forçosas causas, nem dar conta delas a V. Il.mo nem tomar a dita benção me foi possível, por me certificar o porteiro do palácio de” (CP-16:Vieira:Cartas)
5. Tomar conselho (aconselhar-se)	“Faço conta de tomar o conselho daquela pessoa que Vossa Mercê sabe, e ter algumas horas de oração” (CP-16:Chagas:Cartas)

Na tabela 9, temos as construções com verbo-suporte *tomar* mais frequentes na amostra relativa ao português moderno.

Tabela 9 – Construções com verbo-suporte *tomar* mais frequentes na amostra no português moderno

Construções com verbo-suporte <i>tomar</i>	Ocorrências	%
1. Tomar resolução	24/98	23
2. Tomar armas	24/98	10
3. Tomar porto	8/98	8
4. Tomar benção	6/98	6
5. Tomar conselho	4/98	4

A análise das construções com verbo-suporte no português moderno mostra que esse uso apresenta características próprias, pois foram detectadas ocorrências que assim as comprovam. Conforme já foi mencionado, o verbo-suporte permite redução da valência verbal, há possibilidade de caracterização do SN, apresenta aspectos relacionados à relativização e às vezes a construção pode ser substituída por um verbo pleno correspondente. Essas características foram encontradas nas amostras do século XVII, como ilustram as sentenças abaixo.

Os exemplos a seguir mostram as características das construções no português moderno.

a) Redução da valência verbal

TOMAR ARMAS

(84) “despejado, porque há-de levar consigo tudo o que nele houver de homens que possam **tomar armas**.” [tomar armas = armar-se] (CP-16:Vieira:Cartas)

TOMAR CONSELHO

(85) “elo que, vendo-se em tanto aperto e perplexidade, sem **tomar conselho**, tudo era romper em ais e gemidos, com que feriam o céu” [tomar conselho = aconselhar-se] (CP-16:Vieira:Cartas)

Nos exemplos de (84) e (85), a construção com verbo-suporte *tomar* não exige complemento. Trata-se de construções em que ocorre redução de valência verbal.

b) Caracterização do SN

TOMAR CONFIRMAÇÃO

(86) “traziam a Bragança os mercadores de Castela, de cuja verdade ou engano se pode **tomar nova confirmação**, ou para crer o que os outros crêem, ou para suspeitar” [tomar confirmação = confirmar] (CP-16:Vieira:Cartas)

TOMAR RESOLUÇÃO

(87) “pudera nosso amo mudar e trocar a pena com que escreve, e acabar de **tomar esta tão importante resolução**” [tomar resolução = resolver] (CP-16:Vieira:Cartas)

As construções com verbo-suporte permitem uma caracterização do nome que o sucede, qualificando-o (tomar nova confirmação, tomar esta tão importante resolução). A construção com verbo-suporte *tomar nova confirmação* e *tomar esta tão importante resolução* apresentam correlato semântico constituído pelo verbo simples *confirmar* e *resolver*.

6.3 Análise dos usos do verbo *tomar* no Século XX

Nesta seção, apresentaremos os resultados da análise dos usos do verbo *tomar* no século XX. A tabela 10 a seguir mostra a frequência de todas as ocorrências das construções com o verbo *tomar* nas categorias de verbo pleno, verbo estendido, verbo-suporte e expressão cristalizada, encontradas nas amostras, provenientes do português brasileiro e do português europeu no século XX.

Tabela 10 - Frequência do verbo *tomar* na amostra do português contemporâneo

Categorias funcionais de <i>tomar</i>	Ocorrências	%
Verbo pleno	14	2
Verbo estendido	154	27
Verbo-suporte	334	59
Expressão cristalizada	68	12
Total	570	100

Considerando os usos do verbo *tomar* na leitura da tabela 10, observamos que predominam as construções com verbo-suporte, que corresponde a 59%. O emprego de “tomar” como verbo estendido mostra-se produtivo (27%), seguido das expressões cristalizadas, que totalizam 12%. E o menor uso é o de verbo pleno, que corresponde a 2%. Assim como no português moderno, os dados coletados mostram uma redução da frequência de verbo pleno (2%) e uma consequente ampliação do verbo-suporte (59%), o que denota, mais uma vez, a expansão do processo de gramaticalização.

A proposta de Bybee (2003) tem demonstrado que a frequência é um fator que atua no processo de gramaticalização. De acordo com a autora, a frequência de uso é um aspecto relevante para que certas formas que são repetidas se tornem habituais. Para Bybee (2003), a gramaticalização resulta na criação de novas construções e fixação dos padrões de uso, observando-se que o uso mais frequente é o que se regulariza. A distribuição dos dados está de acordo com a hipótese segundo a qual, quanto mais gramaticalizado for o item, maior será sua frequência de ocorrência, pois, com a gramaticalização, o verbo *tomar* passa a ser usado de forma automatizada ao acompanhar um elemento não-verbal, e sua força semântica é gradualmente esvaziada.

Com base na análise de 570 ocorrências do verbo *tomar* coletadas em textos do português brasileiro e do português europeu do século XX, discutiremos a sua polifuncionalidade para, então, determinar suas características sintáticas e semânticas em cada contexto de uso.

Como podemos observar nos exemplos (88) a (90), o verbo *tomar* é considerado predicador pleno (com acepção de *pegar* ou *segurar*).

(88) “Vê o cinturão e a faca. A mão poderá **tomar a faca.**” (CP-19:Fic:Br)

(89) “É êsse olhar que reanima o corpo e obriga-o a **tomar os braços** da mulher em suas mãos suadas.” (CP-19:Fic:Br)

(90) “Bastava ir procurá-lo naquele quarto abafado, cheirando a remédios, sentar-se com ele na cama, **tomar as cartas** espalhadas no chão e durante cinco minutos jogar com o doente o seu jogo predileto.” (CP-19:Fic:Br)

Nas sentenças acima, o Arg1 é o agente da ação, ou seja, é o argumento da sentença que designa a entidade controladora, tipicamente humana, de um dado evento. O Arg 2 recebe papel temático de objetivo, trata-se de um argumento que é o afetado pelo que o verbo indica. Os exemplos mostram que o verbo *tomar* expressa uma ação causada pelo sujeito agente, afetando o Arg 2, que sofre a ação. Nesses exemplos, o verbo *tomar* indica ação-processo e seus complementos são expressos por nome concreto (*faca, braços e cartas*).

Observamos exemplos de uso do verbo *tomar* na categoria de verbo pleno na amostra do português europeu. Os exemplos são:

(91) “vigário concluía a sua apóstrofe veemente. Foi então, grave e digna, **tomar o braço** de Mário. A escolta ouvira o padre com um certo respeito que” (CP-19:Fic:Pt)

(92) “coçar a cabeça, sem saber o que faria àquele balão fumegante, começou por **tomar as mãos** do Gonçalves e disse: - Juro que não te vou deixar morrer,” (CP-19:Fic:Pt)

Semelhante aos exemplos do português brasileiro, o verbo *tomar*, no português europeu, tem o significado de *segurar*. O verbo indica ação-processo, e seus complementos são expressos por nome concreto (*braço, mãos*).

No quadro 28, temos os tipos de acepções com verbo pleno *tomar* na amostra do português contemporâneo.

Quadro 28 - Acepções com verbo pleno *tomar* na amostra do português contemporâneo

Acepções	Exemplos
1. Pegar	“Tem que descer a mão e tomar a faca. ” (CP-19:Fic:Br)
2. Segurar	“Pode tomar meu braço , Roos.” (CP-19:Fic:Br)

Nos exemplos (93) a (95) a seguir o verbo *tomar* é considerado verbo estendido.

(93) “Imprensa e escritores de aluguel. Desta vez, o resultado pode ser trágico: **tomar uma série de questões** aparentemente insignificantes” [tomar uma série de questões = abordar uma série de questões] (CP-19:N:Br)

(94) “informaram a polícia, o seu estado de saúde era grave. A polícia quer **tomar o depoimento** de ele a fim de que o rapaz identifique ou reconheça os assassinos” (sic)[*tomar o depoimento* = ouvir o depoimento, registrar, anexar ao processo](CP-19:N:Br)

(95) “adversário, Fernando Collor, quando ele saiu dizendo que Lula, eleito, iria **tomar a poupança**. A diferença é que Lula parece estar pensando em si mesmo.” [tomar a poupança = confiscar a poupança] (CP-19:N:Br)

Os exemplos mostram que: (a) o verbo *tomar* admite sujeito de variadas pessoas gramaticais, indica ação e tem complementos expressos por nome abstrato (*depoimento, poupança, aulas e uns dias de férias*); (b) as construções com *tomar* apresentam extensão semântica metafórica. No exemplo (93), *tomar* corresponde a *abordar*; no exemplo (94), a *ouvir*; e, no exemplo (95), a *confiscar*.

Encontramos na amostra construções com o verbo *tomar* seguido da conjunção *como* (*tomar algo ou alguém como*) cujo sentido é *considerar*.

TOMAR COMO

(96) designa a concepção segundo a qual o Eu é a única coisa cuja existência podemos **tomar como certa**. Trata-se de uma forma extrema de cepticismo. Os solipsistas vêm-se a (CP-19:Ac:Pt:Enc)

(97) “Voltando a **tomar como exemplo** a cidade do Porto: estudar o que foi, lembrar-se do que” (CP-19:N:Pt)

(98) “quantidade e qualidade de o leite. Avançando um pouco mais, pode-se **tomar como regra** de o preço-base a planilha de produção de leite de a” (CP-19:N:Br)

(99) “A primeira ideia que houve, e até de certo modo já experimentada - **tomar como base** de estudo a geografia das comissões de coordenação, aliás, ao tempo” (CP-19:N:Pt)

No português europeu também encontramos exemplos de construções com verbo *tomar* na categoria de verbo estendido. Os exemplos são:

(100) “liberdades e garantias não seja tão alargado. Significa isto que, quando a China **tomar o poder**, não terá de cortar tanto - porque se sabe que há coisas” [tomar o poder = assumir o poder] (CP-19:N:Pt)

(101) “Depois de, em muitos casos, essas nomeações se destinarem não só a **tomar os lugares**, como a "fazer curriculum " para os titulares, viciando as” [tomar os lugares = ocupar os lugares] (CP-19:N:Pt)

(102) “Brecht encenada por Leandro Vale, na sala do Clube Fenianos Portuenses, desceu para **tomar café** no Capitólio.” [tomar café = beber] (CP- 19N:Pt:Jornal)

Em (100), o verbo *tomar* indica ação e tem complemento expresso por nome abstrato (*poder*); em (101) e (102), o verbo *tomar* indica ação-processo e tem complemento expresso por nome concreto (*os lugares*, *café*). No exemplo (100), *tomar* corresponde a *assumir*, no exemplo (101), corresponde a *ocupar* e, no exemplo (102), corresponde a *beber*. Note que *beber* pode indicar também ação concreta (no mundo físico), mas consideramos de uso estendido, pois não é o mesmo de “pegar”, “segurar”.

As aceções das construções com verbo estendido identificadas foram: Seguir, beber, ouvir, fazer, decidir, ocupar, ter, dar, assistir, influenciar, sentir, confiscar, assumir, pedir, considerar, resolver, levar, atingir. No quadro 29, temos os tipos de construções com verbo estendido na amostra do português contemporâneo.

Quadro 29 – Aceções com verbo estendido na amostra do português contemporâneo

Aceções	Exemplos
1. Ocupar	“os moradores fugiram de Kigali, segundo a Cruz Vermelha, e os rebeldes podem tomar a capital a qualquer momento.” (CP-19:N:Br)
2. Beber	“Depois de se apresentar, convide para tomar alguma coisa em a praça de alimentação.” (19N;Br:Folha)
3. Ter	“Neste período, além de tomar contato íntimo com o modo de vida do interior, foi autodidata: realizou estudo” (CP-19 Ac:Br:Enc)
4. Seguir	“No entanto, concluíram os cientistas, « o desejo dos peões de tomar o caminho mais curto e as propriedades específicas do terreno são insuficientes para uma explicação” (CP-19:N:Br)

Acepções	Exemplos
5. Ouvir/registrar (colher)	“A presidente de o movimento, Cecília Coimbra, disse que é preciso tomar oficialmente os depoimentos de as pessoas que afirmam terem sido torturadas” (CP-19:N:Br)

Na tabela 11, temos a frequência das acepções com verbo estendido na amostra do português contemporâneo.

Tabela 11 – Acepções do verbo estendido mais frequentes no português contemporâneo

Acepções	Ocorrências	%
1. Ocupar	48/154	30
2. Beber	30/154	19%
3. Ter	28/154	18%
4. Seguir	6/154	4%
5. Ouvir/registrar (colher)	4/154	3%

A seguir, expomos resultados da análise do verbo *tomar* como integrante de uma expressão cristalizada.

TOMAR POSSE

(103) “O ministro Élcio Álvares, que **tomou posse** em janeiro, continua elaborando seu programa de trabalho.” [tomar posse = assumir cargo/função] (CP - 19:N:Br:Folha)

Certas combinações do verbo *tomar* + *SN* se caracterizam como fraseologias próprias do português, como no caso de *tomar posse*. A construção *tomar posse* é empregada quando se deseja expressar a ação de “assumir cargo/função” ou “ter o direito de usar”. Percebemos que o sintagma nominal não se dissocia do verbo. Por se tratar de uma expressão cristalizada, não é possível substituir a construção *tomar* + *SN* por um verbo cognato simples, já que nem sempre há correspondência semântica com os outros verbos. Não se consegue depreender o significado do todo através do significado dos elementos da construção. Em

particular, a expressão *tomar posse* traz consigo uma relação fática da posse, que consiste em um laço jurídico entre a pessoa e a coisa. Também quando falamos em *tomar posse*, queremos dizer que alguém usufrui daquilo que a propriedade lhe dá direito (posse) de usar, como por exemplo, em Maria *tomou posse* do apartamento. Em (104), a expressão *tomar pé* é metafórica, pois se trata de uma expressão para indicar que *alguém passa a ter conhecimento de algo*. O mesmo ocorre com o exemplo (105), em que *tomar ao pé da letra* é uma expressão metafórica que indica *seguir estritamente*.

TOMAR PÉ

(104) “tive o cuidado de dar um pulo a Brasília para **tomar pé** da situação nos bastidores. Um dos assuntos que verifiquei lá foi, justamente...” [tomar pé = ter conhecimento de algo] (CP-19:Fic:Br)

TOMAR AO PÉ DA LETRA⁷³

(105) “melhor, o universo inteiro não passa de uma ficção. E o senhor deveria **tomar ao pé da letra** a afirmação bíblica de que nem um fio de cabelo sequer...” [tomar ao pé da letra = seguir estritamente] (CP-19:Fic:Br)

Também observamos ocorrências de construções com verbo *tomar* na categoria de expressão cristalizada na amostra do português europeu. Os exemplos são:

TOMAR AO PÉ DA LETRA⁷⁴

(106) “a torto e a direito. E nada ha, como a infância, para tomar a sério tudo isso; a sério, e **ao pé da letra**.” [tomar a sério = dedicar-se e tomar ao pé da letra= seguir estritamente] (CP-19:Fic:Pt)

TOMAR A CARGO

(107) “e será obrigado a **tomar a seu cargo** a iluminação provisória de azeite” [Tomar a cargo = responsabilizar-se] (CP-19:N:Pt)

⁷³ **Ao pé da letra** significa dar o **sentido exato, preciso, literal**. O mesmo que literalmente. É uma expressão idiomática usada para fazer referência à interpretação fiel do que foi dito ou lido.

⁷⁴ O Dicionário de Expressões Populares Portuguesas de Guilherme Augusto Simões escreve a expressão “Tomar ao pé da letra”, com o significado de “compreender no sentido literal”.

As acepções de uso do verbo “tomar” em expressão cristalizada foram: Tomar posse, tomar conta, tomar a dianteira, tomar a frente, tomar de assalto, tomar umas, tomar partido, tomar pé, tomar as rédeas, tomar face, tomar a cargo.

Observamos que, no período moderno e no contemporâneo, a expressão “tomar conta” apresenta várias ocorrências com sentidos diferentes, tanto no PE e do PB. No período arcaico, não encontramos essa expressão.

TOMAR CONTA

(108) “Como V. Ex.^a o aprova tanto, verei se quer Jerónimo Nunes **tomar à sua conta** este negócio. Para o da fragata Fortuna não temos aqui a” [Tomar conta = assumir a administração] (CP-16:Vieira:Cartas)

(109) “homens, a Mombaça em Fevereiro de 1916, para reforçar os ingleses e **tomar conta** das operações. Smuts atacou com duas divisões, uma simulação para confundir as” [Tomar conta = assumir a administração, encarregar-se de] (CP-19:Ac:Pt:Enc)

(110) “O talento de Barros continua lá, apesar de Marília Pêra se empenhar em **tomar conta** de o filme com um histrionismo fora de lugar. Mas de alguma forma” [(Tomar conta = atuar, dominar] (CP-19N:Br:Folha)

(111) “de Isabella. Ângelo é ordenado então a casar- se com Mariana e Cláudio a **tomar conta** de sua Juliet. Em a sentença emitida ontem, o juiz de” [Tomar conta = cuidar, vigiar] (CP-19N: Br:Folha)

(112) “mais um taco da Varginha. É o marido ficar viúvo, e eles vão **tomar conta** da sala de visitas. Redobrarão as investidas. E só sossegarão quando arrancarem” [Tomar conta = ocupar] (CP-19Fic:Br:Dantas:Cartilha)

(113) “lamentar a demissão do Vítor Bruno. Fiz alguma pressão para que fosse ele a **tomar conta** da equipa, tal como fiz agora para que ele ficasse.” [Tomar conta = assumir a direção] (CP-19N: Pt:Jornal)

Além desses usos, encontramos no português moderno e no português contemporâneo as expressões “tomar em conta” e “tomar em consideração”.

TOMAR EM CONTA – TOMAR EM CONSIDERAÇÃO

(114) “precedente criminal, ou seja, a história criminosa do arguido, é critério a **tomar em conta** na determinação da medida da pena a aplicar ao mesmo. encpt_25597 ##precessão [tomar em conta = levar em conta] (CP-19:Ac:Pt:Enc)

(115) “Eles foram os primeiros a **tomar em consideração** a forma de um discurso, os meios de produzir, pela palavra” [tomar em consideração = considerar] (CP-19 Ac: Br: Enc)

Quadro 30 – Expressões cristalizadas com verbo *tomar* na amostra do português contemporâneo

Expressões cristalizadas	Exemplos
1. Tomar posse	“no entanto, que é catastrofista a o ponto de afirmar que Lula sequer conseguirá tomar posse .” (19N;Br:Folha)
2. Tomar partido	“dos trabalhos dos juízes. As ameaças podem existir, mas o importante é não tomar partido , ser imparcial e não atender exigências de parentes de réus,” (CP-19:Fic:Br)
3. Tomar de assalto	“dia 26 de julho de 1953, à frente de aproximadamente duzentos homens, tenta tomar de assalto o Quartel de Moncada em Santiago de Cuba, porém a tentativa falha” (CP-19 Ac:Br:Enc)
4. Tomar a cargo	“Contudo, foi ainda nomeado para tomar a seu cargo o grupo H do exército, tendo defendido de forma heróica os” (CP-19:Ac:Pt:Enc)
5. Tomar umas	“Estava nervoso, apostou que saiu para tomar umas e criar coragem, brincou o segurança de o hospital.” (CP-19N:Br:Folha)

Na tabela 12, temos a frequência de uso de expressão cristalizada com verbo *tomar* na amostra.

Tabela 12 – Frequência de expressão cristalizada com verbo *tomar* mais frequentes no português contemporâneo

Acepções	Ocorrências	%
1. Tomar posse	32/68	48
2. Tomar partido	6/68	9
3. Tomar de assalto	6/68	9
4. Tomar a cargo	4/68	6
5. Tomar umas	2/68	3

A seguir, analisaremos as construções com verbo-suporte *tomar* na amostra do século XX. Retomando as características básicas dos verbos-suporte no português contemporâneo, eles não impõem restrições de seleção, têm valor semântico esvaziado, carregam, morfologicamente, as marcas da flexão verbal, permitem maior versatilidade semântica e a redução da valência verbal.

Como podemos observar, nos exemplos a seguir, o verbo *tomar* é considerado verbo-suporte.

TOMAR BANHO

(116) “A maioria de os jogadores saiu de o estádio sem **tomar banho**, com o uniforme em a partida.” [Tomar banho = banhar-se] (CP-19:N:Br:Folha)

TOMAR A DECISÃO

(117) “O parlamento pode **tomar a decisão** em a próxima sessão, que acontece hoje ou amanhã.” [sic] [Tomar a decisão = decidir] (CP-19:N:Br:Folha)

TOMAR PROVIDÊNCIA

(118) “Será que ninguém vai **tomar providência**, pergunta o leitor.” [Tomar providência = providenciar] (CP-19:N:Br:Folha)

Os exemplos mostram que: (a) é possível parafrasear a construção com verbo-suporte *tomar* em um predicado verbal simples. O exemplo (116) pode ser substituído por

“banhar-se”, o exemplo (117), por “decidir” e o exemplo (118) substitui-se por “providenciar”; (b) *tomar* contribui significativamente para a formação sintática do predicado complexo e, ao codificar as categorias gramaticais (tempo, modo, aspecto) da unidade que compõe, dá suporte sintático ao elemento não-verbal ao qual se associa; (c) *tomar* compartilha com o elemento não-verbal a função de definir a estrutura argumental (que pode coincidir ou não com a do verbo predicador correspondente), em relação de paráfrase, de atribuir papel temático ao argumento.

Os exemplos (119) e (120) mostram o uso/emprego da construção com verbo-suporte *tomar emprestado*.

TOMAR EMPRESTADO

(119) “Qualquer banco poderia **tomar emprestado** US\$ 1 no exterior a uma taxa...” (CP-19:N::Folha)

(120) “A estratégia de muitos bancos foi **tomar dinheiro emprestado** no CDI a custo...” (CP-19:N::Folha)

Ao pesquisar o verbo *tomar* no dicionário Aurélio, encontramos a seguinte explicação: *Tomar emprestado* que significa “pegar alguma coisa emprestada com alguém”. Esse significado também corresponde ao significado do verbo *emprestar*. Isso indica que duas construções estão sendo usadas para o mesmo significado. No entanto, percebemos que existe uma diferença semântica nas construções, visto que “Eu *empresto* meu livro a você”, mas “Você não *empresta* meu livro” e, sim, “Você *toma* meu livro *emprestado*”.

A construção *tomar emprestado* tem, em sua estrutura argumental, pelo menos dois participantes: o ‘agente’ e ‘beneficiado’. Os papéis semânticos dos envolvidos na ação de beneficiamento são determinados pela construção da frase que permitirá reconhecer a direção, neste caso particular, de quem toma e de quem recebe o objeto emprestado.

Retomando o exemplo (120), “A *estratégia de muitos bancos foi tomar dinheiro emprestado no CDI a custo*. Uma possível oração com verbo pleno seria “O *CDI emprestou dinheiro ao banco a custo* ”.

TOMAR GOL

(121) “Se a gente treinar bastante, dificilmente o São Paulo vai **tomar gol**, disse.”
[tomar gol = ser goleado] (CP-19:N:Br:Folha)

Percebemos que esse uso pode ser analisado de duas formas distintas: como verbo predicador estendido ou como verbo-suporte. Isso se deve ao fato de certos empregos do item em estudo apresentarem características referentes a mais de uma função exercida por ele. Entendemos que, se o verbo *tomar* atuar como predicador é considerado o núcleo semântico-sintático da predicação sendo passível de substituição por outro verbo predicador (quase) sinônimo e mantendo a responsabilidade de atribuir papel temático na predicação, como, por exemplo, em *levar gol*. Já se atua como verbo-suporte, entende-se que o verbo é esvaziado semanticamente, que se associa a um elemento não verbal, partilhando com este a função de atribuir papel temático. Note que ao contrário de “tomar banho” que corresponde a “banhar-se”, “tomar gol” não corresponde a “golear”, mas a “ser goleado”, “receber gol”. O verbo “tomar” parece reter a noção de quem recebe ou é afetado pela ação na posição de sujeito. Esse verbo tem caráter instrumental porque serve de “suporte” para marcar noções de categorias verbais, tais como tempo, modo, aspecto, número e pessoa. Preferimos situar esse dado dentro da categoria de verbo-suporte, pois o verbo *tomar* se une a um elemento não verbal (gol), formando um predicador complexo, que colabora para a projeção de argumentos na oração.

No português europeu, também encontramos construções com verbo *tomar* na categoria de verbo-suporte. Os exemplos são:

TOMAR NOTA

(122) “pela Fundação Frei Manuel Pinto da Fonseca, da Ordem de Malta, apressome a **tomar nota** do que aprendi e que talvez seja útil a quem, como eu” [Tomar nota = anotar] (CP-19:N:Pt:Jornal)

TOMAR CONTACTO

(123) “EM VISITA a Portugal para **tomar contacto** com a I&D portuguesa na áreas das telecomunicações, BerntEricson, vice-presidente da” [*tomar contato* = contactar] (CP-19:N:Pt:Expr)

Percebemos que existe a possibilidade de substituição do verbo-suporte *tomar* + *elemento não-verbal* por um verbo cognato do substantivo. O exemplo (122) pode ser substituído por “anotar”, e o exemplo (123) substitui-se por “contactar”.

As construções com verbo-suporte *tomar* identificadas na amostra são: tomar cuidado, tomar decisão, tomar conhecimento, tomar banho, tomar gol, tomar providência, tomar emprestado, tomar iniciativa, tomar precaução, tomar medida, tomar financiamento, tomar armas, tomar confiança, tomar choque, tomar nota, tomar impulso, tomar atitude, tomar poder, tomar forma, tomar parte, tomar contato, tomar duche, tomar ação, tomar valor, tomar proporção, tomar âmbito, tomar controle, tomar posição. No quadro 31, temos exemplos das construções como verbo-suporte presentes na amostra.

Quadro 31 - Construções com verbo-suporte *tomar* na amostra do português contemporâneo

Construções com verbo-suporte <i>tomar</i>	Exemplos
1. Tomar decisões	“Os Brandalise detêm o controle acionário de a empresa, mas não podem tomar decisões majoritariamente.” (CP-19N;Br:Folha)
2. Tomar medidas	“Seria de esperar que para tomar tal medida houvesse a concordância de o futuro governador, recém-ungido por as umas e” (CP-19N;Br:Folha)
3. Tomar poder	“aliou-se a Pompeu e a Crasso, fazendo um acordo secreto com a intensão de tomar o poder do Senado romano.” (CP-19 Ac:Br:Enc)
4. Tomar parte	“Além do que o Congresso dos EUA recusaram-se a tomar parte da Sociedade.” (CP-19 Ac:Br:Enc)
5. Tomar forma	“por Sigmund Freud em 1895, a relação de transferência é frequentemente vista como podendo tomar uma forma negativa ou positiva.” (CP-19:Ac:Pt:Enc)
6. Tomar conhecimento	“afirmou o presidente de a Câmara, deputado Inocêncio Oliveira PFL-PE, a o tomar conhecimento de a insatisfação de os donos de escolas.” (CP-19N;Br:Folha)

Na tabela 13, temos a frequência das construções com verbo-suporte *tomar* na amostra relativa ao português contemporâneo.

Tabela 13 – Construções com verbo-suporte *tomar* mais frequentes no português contemporâneo

Acepções	Ocorrências	%
1. Tomar decisões	143/334	43
2. Tomar medidas	126/334	38
3. Tomar poder	73/334	22
4. Tomar parte	60/334	18
5. Tomar forma	50/334	15
6. Tomar conhecimento	50/334	15

6.4 Distribuição dos dados por variedade nacional

Os dados dos séculos XVII e XX foram coletados na modalidade escrita tanto na variedade do português brasileiro quanto na do português europeu. A tabela a seguir apresenta os resultados obtidos com relação ao valor numérico e a frequência do verbo *tomar* em cada categoria nas duas variedades nacionais: Brasil e Portugal.

Tabela 14 – Construções com verbo *tomar* por variedades nacionais

Categorias funcionais de <i>tomar</i>	Português brasileiro (Século XVII) N° de ocorrência/ %	Português europeu (Século XVII) N° de ocorrência/ %	Português brasileiro (Século XX) N° de ocorrência/ %	Português europeu (Século XX) N° de ocorrência/ %
Verbo pleno	22/182 12%	16/128 13%	10/270 4%	4/300 2%
Predicador estendido	68/182 37%	44/128 34%	88/270 33%	66/300 22%
Expressão cristalizada	38/182 21%	24/128 19%	30/270 11%	38/300 13%
Verbo-suporte	54/182 30%	44/128 34%	142/270 53%	192/300 64%
Total	182 100%	128 100%	270 100%	300 100%

A tabela 14 mostra que existe a co-ocorrência das quatro categorias, confirmando o princípio da divergência segundo o qual, no processo de gramaticalização, o surgimento de uma nova função/uso de um item não implica o desaparecimento da função/uso anterior do item.

A análise do período moderno mostra que, no português brasileiro, predominam as construções com predicador estendido, o equivalente a 37%, seguidas de estruturas com *tomar* na categoria de verbo-suporte (30%), as expressões cristalizadas (21%) e as estruturas com verbo pleno (12%). Considerando o uso do verbo *tomar* no português europeu, observamos que predominam as construções com verbo-suporte, o equivalente a 34%, seguidas de estruturas com *tomar* como verbo estendido (34%), as expressões cristalizadas (19%) e as estruturas com verbo pleno (13%). Esses resultados mostram que os usos do verbo *tomar* apresentam frequências muito próximas tanto no português brasileiro quanto no português europeu.

A análise do período contemporâneo mostra que, no português brasileiro, predominam as construções com verbo-suporte, o equivalente a 53%, seguidas de estruturas com *tomar* na categoria de verbo estendido (33%), as expressões cristalizadas (11%) e as estruturas com verbo pleno (4%). Considerando o uso do verbo *tomar* no português europeu, observamos que predominam as construções com verbo-suporte, o equivalente a 64%,

seguidas de estruturas com *tomar* verbo estendido (22%), as expressões cristalizadas (13%) e as estruturas com verbo pleno (2%). Percebemos que o verbo *tomar*, seja no português brasileiro ou no europeu é mais utilizado na categoria de verbo-suporte e menos produtivo na categoria de verbo pleno, confirmando a hipótese de que o item sofreu processo de gramaticalização. Observamos que, tanto nos textos do português do Brasil quanto nos do português de Portugal, os índices de uso das construções com verbo *tomar* são bem próximos. Com relação aos dados do verbo-suporte do português europeu comparados com o português brasileiro, observamos que a escrita, do século XX, do PE apresentou mais expressões com verbo-suporte (64%) do que o PB (53%). O resultado da tabela 14 comprova a hipótese de que esse fenômeno da gramaticalização do verbo *tomar* ocorre de maneira regular no sistema da língua portuguesa, o que pode ser corroborado pela frequência bem próxima como item gramatical no português brasileiro e no português europeu.

Podemos destacar no português moderno e no português contemporâneo algumas construções que co-ocorrem na mesma amostra do português europeu. São as formas alternativas de uma mesma variedade nacional.

TOMAR UMA DUCHE⁷⁵/TOMAR BANHO

(124) “o próprio Peter não deixará de ir ao hotel **tomar uma ducha** e fazer a barba para aparecer no funeral com um aspecto apresentável..” (CP-19:Fic:Pt)

(125) “ribeiro perto da quinta dos avós onde todas as tardes e em coirapato radical vai **tomar o banho** clandestino com outros cachopos.” (CP-19:N:Pt:Beira)

Os exemplos (124) e (125) são do português de Portugal. Nessa amostra, encontramos as duas construções *tomar uma ducha* e *tomar banho*. Não encontramos *tomar ducha* na amostra do português brasileiro. No entanto, uma observação assistemática mostra que a expressão *tomar uma ducha* também ocorre na região Sul do Brasil, como no exemplo (126).

(126) “Ao **tomar uma ducha** antes de entrar na piscina, você evita levar resíduos para água, como protetores e óleos bronzeadores.”⁷⁶

⁷⁵ *Duche* é a forma utilizada em Portugal e *ducha* é a forma utilizada no Brasil. Além disso, em Portugal, é comum o uso da expressão *tomar banho*, quer em relação ao banho propriamente dito, quer ao *duche*. Quando os portugueses dizem *tomar um duche*, referem-se especificamente a uma forma de lavar-se (um banho bem rápido ou então um banho gelado). No entanto, não encontramos em nosso *corpus* a forma *duche*. No português brasileiro contemporâneo, pode-se dizer também “Vou tomar uma chuveirada” em alternância com a forma *tomar banho*.

As construções a seguir constituem variações.

TOMAR A BICA⁷⁷/TOMAR CAFÉ

(127) “A vida nocturna resumia-se a **tomar a bica** no Café Mondego, de preferência na área mais afastada dos urinóis.” (CP-19:N:Pt)

(128) “Brecht encenada por Leandro Vale, na sala do Clube Fenianos Portuenses, desceu para **tomar café** no Capitólio.” (CP-19:N:Pt:Jornal)

Os exemplos (127) e (128) mostram um caso de variação nacional. Ao observarmos os contextos em que não é possível inferir o sentido de uma construção, o falante brasileiro não conseguirá compreender o sentido da estrutura.

Outros exemplos que mostram a variação no *corpus* são: *tomar estado/tomar por mulher, tomar ordem/tomar hábito*. No português arcaico, encontramos a construção *tomar por mulher* e, no português moderno, *tomar estado*. Já as construções *tomar ordem* e *tomar hábito* são exemplos da amostra do período moderno, do português de Portugal e do português do Brasil, respectivamente.

TOMAR ESTADO/TOMAR (POR) MULHER

(129) “Hermenegildo, filho deste rey Leonagildo, **tomou por molher** hũa filha de Sigiberto, rey de França, que era muy boa” [tomar por mulher = considerar por](CP-13:CIPM:CGEsp)

(130) “de que o dito senhor não estava satisfeito do casamento, nem ainda inclinado a **tomar estado**, e que era ponto este que dava muito cuidado, e sobre que” [tomar estado = casar-se] (CP-16:Vieira:Cartas)

TOMAR ORDEM/TOMAR HÁBITO

(131) “Fico para **tomar o hábito** em São Francisco de Évora, donde espero que Deus me guie ao” [tomar hábito = tornar-se homem do clero] (CP-16: Chagas:Cartas)

(132) “Se tiver idade para **tomar ordens**, faça V. Rev. muito por que o padre visitador lhe conceda” [tomar ordem = tornar-se homem do clero] (CP-16:Vieira:Cartas)

⁷⁶ Exemplo do português brasileiro contemporâneo extraído de um anúncio em <http://www.piscinas.com>

⁷⁷ No português de Portugal, café é "bica" Isso porque os primeiros cafés expressos de Lisboa eram vendidos, curiosamente, numa cafeteria chamada A Brasileira. Como o gosto não agradou aos portugueses, a loja criou um slogan para atrair a clientela. Dizia: "Beba Isso Com Açúcar". A frase ficou tão conhecida que as iniciais (bica), passaram a significar cafezinho.

6.5 Tipos de estrutura com verbo-suporte

As estruturas com verbo-suporte *tomar* fazem parte de um grupo heterogêneo, podendo ocorrer com um SN, com ou sem determinante e/ou modificador. Assim, admitimos que as construções com verbo-suporte *tomar* apresentam diversas estruturas, mostrando a versatilidade que pode ser manifestada nessas construções. Há a possibilidade do SN dessas construções serem pluralizados, ou ainda colocados nas formas de diminutivo ou aumentativo. Para analisar os diferentes tipos de SN que se formam com o verbo-suporte *tomar*, distinguimos construções com as seguintes estruturas:

- (i) tomar + [Ø]N
- (ii) tomar + [um/uma]N
- (iii) tomar + [o(s)/a(s)]N
- (iv) tomar + [pronome]N
- (v) tomar + [qualificador/quantificador]N

A análise revelou serem frequentes essas estruturas na forma de manifestação das construções com verbos-suporte, como mostra a tabela a seguir:

Tabela 15 – Estruturas que se formam com o verbo-suporte *tomar* nos períodos selecionados

Estruturas	Séc.	%	Séc.	%	Séc.	%
	XIV		XVII		XX	
Tomar + [Ø]	44	54	48	49	198	59
Tomar + [um/uma]N	0	0	4	4	16	5
Tomar + [o(s)/a(s)]N	12	15	24	24	64	19
Tomar + [pronome]N	2	2	6	6	6	2
Tomar + [qualificador/quantificador] N	24	39	16	16	50	15
Total	82	100	98	100	334	100

Em todo o *corpus*, em termos quantitativos, constatamos a preferência pela estrutura *tomar* + [Ø] em todos os períodos. Os resultados ratificam a assertiva de Neves (2000), de que o complemento típico dos verbos-suporte é um substantivo sem determinante.

A estrutura menos preferida em todos os períodos é *tomar* + [*um/uma*]N. Outras estruturas que ocorrem são *tomar* + [*o(s)/a(s)*] N, *tomar* + [*pronome*]N e *tomar* + [*qualificador/quantificador*]N. Salientamos que a construção com *tomar* + [*pronome*] N, apresenta apenas dois exemplos no português arcaico, um pequeno aumento no português moderno (6 exemplos) e seis exemplos no português contemporâneo.

Ainda que predomine a estrutura *tomar* + [Ø] em todos os períodos, observamos que um grande número de ocorrências do *corpus* apresentou algum tipo de modificação do sintagma nominal, com destaque para os casos em que o nome constituinte da construção foi antecedido por um artigo indefinido ou um qualificador/quantificador, o que indica uma tendência de manifestação dessas expressões. Para comprovação das estruturas que se formam com o verbo *tomar*, apresentamos a seguir os exemplos que as ilustram, levamos em conta a inserção de elementos entre o verbo e o sintagma nominal e alterações no nome que compõe a construção, responsáveis pelos seus efeitos semânticos.

(i) *Tomar* + [Ø] N

Para Neves (2000, p.55), a indicação básica é que “os verbos-suporte têm como complemento um sintagma nominal não-referencial, de modo que o complemento típico de verbos-suporte traz um substantivo sem determinante” como em “O patrão mais a patroa *tomam banho* de banheira.” Vejamos alguns exemplos que mostram o uso da estrutura com um nome imediatamente após o verbo-suporte sem qualquer tipo de determinante ou modificador.

(133) “pela Fundação Frei Manuel Pinto da Fonseca, da Ordem de Malta, apressome a **tomar nota** do que aprendi e que talvez seja útil a quem, como eu,” (CP-19:N:Pt:Jornal)

(134) “Reservei um pouco de água para beber e para **tomar banho**.” (CP-19:N:Br:Folha)

A ausência do artigo marca uma característica de especificação, quando não se quer designar um indivíduo/ação específico (a), mas toda a espécie/conjunto. A outra característica é a generalização, quando não se tem a intenção de especificar a natureza da ação realizada pelo nome.

(ii) *Tomar* + [um/uma] N

Segundo Neves (2000, p.513), os artigos indefinidos são palavras não-fóricas, usadas antes de substantivos quando não se deseja apontar ou indicar a pessoa ou coisa a que se faz referência. No caso das construções com verbo-suporte, os artigos indefinidos têm uso não-referencial, pois corresponde a toda e qualquer classe. Aliás, uma das características mais apontadas das construções com verbo-suporte é a não-referencialidade do SN.

Vejamos alguns exemplos que mostram o uso da estrutura com um artigo indefinido antecedendo o nome.

(135) “Tinha que **tomar uma decisão.**” [*tomar uma decisão* = decidir-se] (CP-19Fic:Br:Cabral:Xambioa)

(136) “Alguém vai ter que **tomar uma providência**, em algum momento, para parar com tudo isso.” [*tomar uma providência* = providenciar] (CP-19:Fic:Br:Carvalho:Bebados)

(iii) *Tomar* + [o (s)/a (s)] N

Segundo Neves (2000, p.396), a função do artigo definido pode ser interpretada sob dois aspectos diferentes, o da determinação e o da substantivação. No primeiro caso, o artigo definido é tido como simples determinante do substantivo. No segundo caso, o artigo definido, precedendo outros elementos que não o substantivo, define-os como substantivos. Nas construções com verbo-suporte, o artigo definido ocorre no complemento do verbo-suporte e marca uma relação de posse com o nome sujeito. De acordo com a autora, o artigo definido pode preceder palavras de outras classes ou, mesmo, sintagmas, enunciados e no complemento de verbos-suporte. Desse modo, ele é usado com verbo-suporte como no exemplo “A Uet *tomou a decisão*, face o problema, de formar uma comissão de representantes e diretores”⁷⁸. Também, há casos em que o complemento do verbo-suporte vem precedido de artigo, mesmo que seja não referencial e não definido como em “Paulo chamava-o sempre, para *dar a opinião final*, depois de prontas as varas de bambu-jardim”.

Selecionamos alguns exemplos que mostram o uso da construção *tomar* + *SN* com um artigo definido antecedendo o nome.

⁷⁸ Exemplo extraído de Neves (2000).

(137) “Mas deve- se **tomar o cuidado** de acabar com infiltrações em a parede para que a tinta possa bem” (CP-19:N:Br:Folha)

(138) “Onde estão os homens que irão **tomar as providências** cabíveis, perguntamos.” (CP-19:N:Br:Cur)

(139) “O parlamento pode **tomar a decisão** em a próxima sessão, que acontece hoje ou amanhã.” [tomar a decisão = decidir](CP-19:N:Br:Folha)

A construção com verbo-suporte pode ser utilizada para evitar o uso do pronome oblíquo *se*, que acompanha alguns verbos, como *banhar-se*, *sentar-se*, *encorajar-se*, *dirigir-se*, *decidir-se*, *controlar-se*, *animar-se*. Os exemplos a seguir apresentam as estruturas *tomar + [Ø]N*, *tomar + [o(s)/a(s)]N* e *tomar + [um/uma]N*, que correspondem a verbos no infinitivo com pronome *se*.

(140) “Justificativa pedagógica: **tomar banho** sem roupa simboliza confiança e importância de se trabalhar em equipe.” [*tomar banho* = banhar-se] (CP-19:N:Br:Cur)

(141) “Ela me mandou esperar e fechou a porta. Não me animei a **tomar assento** nos móveis de vime do alpendre.” [*tomar assento* = sentar-se] (CP-19:Fic:Br:Resende:Branco)

(142) “Ela precisava **tomar coragem** e ir mesmo falar com padre Estêvão.”[tomar coragem = encorajar-se] (CP-19:Fic:Br:Callado:Madona)

(143) “Evangalina entrou pela porta da frente e Rita **tomou a direção** da porta da cozinha. Lá o espanto foi geral.” [*tomou a direção* = dirigir-se] (CP-19:Fic:br:Cavalcante:Inimigos)

(144) “Por isso, é bom que você, ao **tomar uma decisão**, o faça consciente dos efeitos.” [tomar uma decisão = decidir-se] (CP-19:N:Br:PA)

(iv) *Tomar + [pronome]N*

(145) “E o filho **tomou seu conselho** do padre e fez muy ben sua fazêda.” (13:CIPM:CGEsp)

(146) “em que pretende provar que V. S. pode e deve resistir, e **tomar sobre sua consciência** os encargos desta que outros doutores de mais própria profissão chamam manifesta” (CP-16:Vieira:Cartas)

(147) “Entendi que não deveria **tomar essa decisão** sozinho.” (CP-19:Fic:Pt:Carvalho:Deus)

(148) “A seguir define-se que a autarquia popular « deve deixar o povo **tomar mais decisões** por si próprio»” (CP-19:N:Pt:Beira)

(149) “Nesse caso, o proprietário do imóvel deve **tomar algumas providências** para não ter problemas futuramente.” (CP-19:N:Br)

O exemplo (145) mostra que o pronome possessivo “seu” permite enfatizar o autor do conselho. O mesmo ocorre com o exemplo (146), em que o pronome possessivo faz uma referência à pessoa do discurso (V. S.) indicando uma relação de posse. Em (147), temos o pronome demonstrativo “essa”, em (148), o pronome indefinido “mais” e em (149), o pronome indefinido “algumas” que permitem a caracterização dos SNs *essa decisão*, *mais decisões* e *algumas providências*.

(v) *Tomar* + [qualificador/quantificador]N

De acordo com Neves (2000), o uso da construção sintática *verbo-suporte* + *objeto* permite maior versatilidade sintática, já que é possível qualificar e quantificar o sintagma nominal, utilizando alguns termos da gramática, como numerais, adjetivos, advérbios intensificadores e pronomes. A autora mostra um exemplo em que o verbo *tomar* encontra-se qualificado “A piedade litúrgica *tomou novo e vigoroso impulso*”.

Vejamos um exemplo que mostra o uso da estrutura com um qualificador/quantificador antecedendo o nome em construção com verbo-suporte.

(150) “Podemos dizer coisas importantes, **tomar grandes decisões**, mas se não tiver repercussão Tudo depende de a capacidade que o” (CP-19:N:Br:Folha)

No exemplo (150), o emprego do verbo-suporte permite a caracterização dos SN *grandes decisões*. A fim de verificar quais as motivações possíveis para o emprego do verbo-suporte no lugar do verbo pleno, selecionamos a construção com verbo-suporte que têm verbo pleno correspondente e que ocorrem na mesma amostra. A caracterização do SN não é possível com o verbo pleno correspondente, como é o caso do exemplo (151), que não apresentam essa versatilidade semântica.

(151) “Reino Unido Quer Debate Sobre Fertilidade Governo britânico consultará população antes de **decidir** sobre futuro de técnicas de reprodução assistida,” (CP-19:N:Br:Folha)

Ao comparar os usos do verbo *tomar* no português contemporâneo com os propostos pelos dicionários contemporâneos de Língua Portuguesa (MICHAELIS,1998 e BORBA, 1990, 2002) foram encontradas algumas construções com verbo *tomar* comuns na Língua Portuguesa, porém não relacionadas pelo dicionário, como por exemplo, *tomar forma* e *tomar pulso*. A partir dessa consideração, foi feito o quadro 32, que apresenta esse confronto. As acepções foram classificadas de acordo com a entrada lexical no dicionário.

Quadro 32 – Confronto dos usos do verbo *tomar* na amostra do português contemporâneo com as acepções de Michaelis (1998) e Borba (1990)

Acepções	Exemplos
Tomar conta (Michaelis,1998)	“Ângelo é ordenado então a casar- se com Mariana e Cláudio a tomar conta de sua Juliet.” (CP-19N;Br:Folha)
Tomar decisão (Borba, 1990)	“Primeiro vai observar, para tomar decisões . Embora diga que "de momento, não estão previstas mais contratações.” (CP-19N:Pt:Jornal)
Tomar iniciativa (Borba, 1990)	“acerca dos quais o actual governo manifestou, no respectivo programa, clara intenção de tomar iniciativas reformadoras.” (CP-19N:Pt:Jornal)
Tomar medida (Borba, 1990)	“que envolvia também retaliações e em muitos casos ataques a países que se recusassem a tomar medidas contra essas organizações nos seus territórios.” (19:Ac:Pt:Enc)
Tomar partido (Michaelis,1998 e Borba, 1990)	“Não têm como tomar partido naquela guerra mas reconhecem que Cajango está cumprindo um dever.” (CP-19:Fic:Br:Aguiar:Corpo)
Tomar pé (Borba, 1990)	“pai Rodrigo em tremuras abatido, no casarão alpendrado do vasto algodoal, e viera tomar pé nos negócios do marido, para mais tarde assuntar que destino mereciam os seus” (CP-19Fic:Br:Dantas:Cartilha)

Acepções	Exemplos
Tomar posse (Michaelis, 1998)	“Depois de tomar posse sozinho com o presidente em o Palácio da Alvorada, o ministro patrocinou uma” (CP-19:N:Br:Folha)
Tomar precauções (Borba, 1990)	“É que as terras onde trabalhávamos, ameaçavam ceder a qualquer momento e tivemos de tomar precauções adicionais” (CP-19N:Pt:Jornal)

Nas amostras analisadas, foram encontradas ocorrências das expressões *tomar forma* e *tomar pulso*.

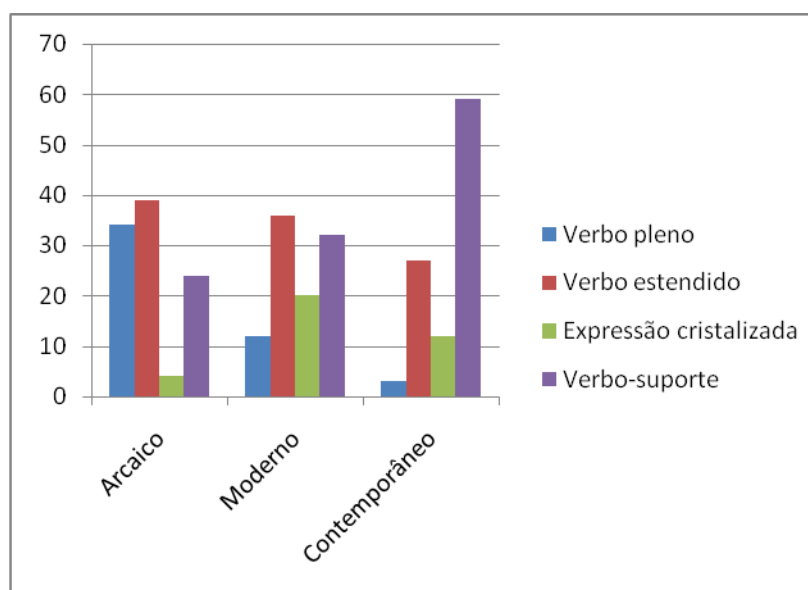
(152) “para eu brincar, ajudando assim a passar o tempo, aquele tempo que parecia **tomar forma**, alguma coisa balofa e preguiçosa que se arrastava pelo dia afora.” (CP-19:N:Br: Cur)

(153) “O projeto da sociedade está em andamento, mas só deverá **tomar pulso** em 1998. A pintura de Romero Britto influenciou ainda a nova coleção esportiva” (CP-19:N:BR:Recif)

A expressão *tomar forma* em (152) evoca o sentido de *delinear*, no entanto não encontramos uma acepção para a expressão apresentada pelos dicionários sob análise. Ao se analisar o exemplo (153), em que aparece a ocorrência de *tomar pulso*, nota-se que tal expressão implica que *algo vai acontecer a partir de um determinado período*.

6.6 Análise comparativa das frequências totais

Para verificar o processo de mudança desenvolvido pelo verbo *tomar*, analisamos comparativamente os dados do português arcaico, moderno e contemporâneo. O gráfico 1 a seguir mostra a análise comparativa da frequência de *tomar* por períodos.

Gráfico 1 - Análise comparativa da frequência de *tomar* por período

Os dados computados apontam:

- (a) No período arcaico, a ocorrência de 71% de formas lexicais⁷⁹ em oposição à ocorrência de 24% de formas gramaticais;
- (b) No período moderno, a realização de 48% de formas lexicais em oposição à ocorrência de 32% de formas gramaticais;
- (c) No período contemporâneo, a realização de 29% de formas lexicais em oposição à ocorrência de 59% de formas gramaticais.

Comparando os índices de uso desse item nos séculos XIV, XVII e XX, verificamos, no século XIV, 34% de verbo pleno e 24% de verbo-suporte; no século XVII, 12% de uso do verbo pleno e 32% de verbo-suporte e, no século XX, 2% de uso do verbo pleno e 59% de verbo-suporte, o que revela um decréscimo no uso de verbo pleno e um acréscimo no uso de verbo-suporte, como pode ser observado no gráfico 01. Apesar da análise quantitativa dos dados acusar uma expansão do processo de gramaticalização do verbo *tomar* ao longo dos períodos, há de se considerar que esta foi, de certa forma, modesta e que o verbo ainda continua, ao longo desse período, a ser empregado tanto como verbo pleno, quanto como verbo-suporte, conforme ilustra o gráfico 1. Esses resultados evidenciam as mudanças

⁷⁹ Consideramos que as formas lexicais resultam no somatório de verbos plenos e verbos estendidos.

semânticas e sintáticas sofridas pelo verbo e revelam que o verbo *tomar* apresenta uma trajetória de gramaticalização e o aumento da frequência de uso gramatical, já identificado na língua portuguesa desde o período arcaico, atestando a expansão gramatical desse item verbal.

Comparando a sintaxe das construções com verbo-suporte no português arcaico, português moderno e contemporâneo, podemos concluir que essas construções têm características idênticas. O SN constitui, com o verbo-suporte, o núcleo da estrutura e os argumentos do SN apresentam diversidade.

Mediante os resultados obtidos na análise qualitativa e quantitativa da nossa pesquisa, interessa-nos submeter o verbo *tomar* aos princípios gerais de gramaticalização. Elegemos a proposta de Hopper (1991), para detectar a incipiência de um processo de gramaticalização. A aplicação dessa proposta será apresentada na próxima seção.

6.7 Analisando os usos de *tomar* com base nos princípios de Hopper (1991)

A aplicação dos princípios de gramaticalização propostos por Hopper (1991) nos permite desenvolver uma análise mais profunda das ocorrências depreendidas do *corpus*. Esses parâmetros acentuam o caráter gradual da gramaticalização e conferem aos usos do verbo *tomar* nas construções analisadas o grau de “mais” ou “menos” gramaticalizados. A proposta de Hopper (1991) nos interessa por ser consistente segundo a perspectiva diacrônica e sincrônica, e também por poder ser aplicada em estágios iniciais de gramaticalização. Temos o objetivo de buscar evidências mais consistentes que revelem se o verbo *tomar* apresenta essa funcionalidade ou se já se encontra em algum estágio inicial de gramaticalização.

Diferentemente de Lehmann (1995 [1982]), Hopper (1991), ao postular princípios para testar o grau de gramaticalização, não tinha como intenção verificar se eles pertenciam ou não à gramática, não fazendo distinção entre os princípios que discriminam os processos de mudança que resultam em gramaticalização dos que não resultam. Hopper (1991) postula cinco princípios: estratificação (*layering*), divergência (*divergence*), especialização (*specialization*), persistência (*persistence*) e descategorização (*decategorization*). Comentaremos cada um deles, na análise do verbo *tomar*.

A estratificação é o princípio que afirma a possibilidade de coexistência de novas e antigas formas em um mesmo domínio funcional (função). Percebemos que o verbo-suporte *tomar* e morfemas formadores de verbo (“-ar”, “-ear”, “-ejar”, “-ficar”; sem ou com sufixo

derivacional) são recursos do sistema para se constituírem “unidades verbais” a partir de nomes (anotações – tomar anotações/anotar, vergonha – tomar vergonha/envergonhar-se).

Algumas ocorrências identificadas no nosso *corpus* são as construções *tomar a honra*, *tomar providência* e *tomar conselho*, para as quais também identificamos, respectivamente, os verbos plenos correspondentes *honrar*, *providenciar* e *aconselhar*:

Português arcaico – (Honra – Tomar honra/honrar)

(154) “E elle hindo en esto, mandoulhe dom Diego dizer que fosse **tomar a honrra** da batalha que lhe Deus querya dar, ca logo seria vençida como” (CP-13:CIPM:CGEsp)

(155) “quando foy o dya do domÿgo, os Godos, por guardar a ley e **honrrar** a festa, desarmaronse e deronse a folgar.” (CP-13:CIPM:CGEsp)

Português moderno – (Conselho – Tomar conselho/aconselhar)

(156) “Pelo que, vendo-se em tanto aperto e perplexidade, sem **tomar conselho**, tudo era romper em ais e gemidos, com que feriam o céu” (CP-16:Vieira:Cartas)

(157) “Espero que V. Ex.^a há-de aprovar a verdade destas razões e **aconselhar** ao Sr. Embaixador que em nenhum caso despida, até resposta de S.” (CP-16:Vieira:Cartas)

Português contemporâneo – (**Providência - Tomar providência/providenciar**)

(158) “Será que ninguém vai **tomar providência**, pergunta o leitor.” (CP-19:N:Br).

(159) “A agência disse também que oficiais de o Banco Central foram contactados para **providenciar** o dinheiro.” (CP-19:N:Br).

A divergência é o segundo princípio de Hopper (1991), que tenta explicar a existência de formas etimologicamente iguais, porém funcionalmente divergentes. Esse é o caso do uso de *tomar* em diferentes categorias. Uma mesma forma, de acordo com o contexto, pertence à categoria mais lexical (de verbo pleno ou estendido) e à categoria gramatical (de verbo-suporte), como mostram os exemplos (160) a (165), em cada período. Tal princípio aplica-se perfeitamente ao verbo-suporte *tomar*, já que, nos períodos analisados, a construção com verbo-suporte coocorre com o verbo pleno correspondente. Essa ocorrência pode permanecer, mesmo que o processo de gramaticalização já esteja concluído. Logo, é possível afirmar que a forma lexical (verbo pleno), que corresponde à construção V_{sup} +SN, não necessariamente desaparece quando se gramaticaliza.

Português arcaico

TOMAR O CORPO (Verbo pleno)

(160) “mais delles foron mortos e os outros cativos. E el rei dom Fernando mādou **tomar o corpo** de seu irmão muyto hōrradamente e fez sobre elle grande doo.” (CP-13:CIPM:CGEsp)

TOMAR MESURA (Verbos-suporte)

(161) “E, desde vyo que nō queryã desto em sy **tomar mesura** e que o faziã a mal fazer, nō o quis elle mais sofrer” (CP-13:CIPM:CGEsp)

Português moderno

TOMOU A MÃO (verbo pleno)

(162) “os inimigos por toda a roda da fortaleza até que teve fim a empresa, **tomou** entao o governador **a mao**, e sem mais deixar falar a Jorze de Lima” (CP-16:Sousa: Anais)

TOMAR RESOLUÇÃO (verbo-suporte)

(163) “mais que aquelle grande sentimento em El Rey, e no Infante de sua May **tomar esta resolução.**” (CP-16:Sande: Cartas)

Português contemporâneo

TOMAR AS CARTAS (verbo pleno)

(164) “Bastava ir procurá-lo naquele quarto abafado, cheirando a remédios, sentar-se com ele na cama, **tomar as cartas** espalhadas no chão e durante cinco minutos jogar com o doente o seu jogo predileto.” (CP-19:Fic:Br)

TOMAR CONFIANÇA (verbo-suporte)

(165) “Principiam humildezinhas, prestativos.. depois acostumam, tocam a **tomar confiança**, embocam casa adentro sem pedir licença, não conhecem mais o seu lugar (CP – 19:Fic:Br:DantasCartilha)

O terceiro princípio é o da especialização, que postula a concorrência entre as variantes de uma variável linguística com o predomínio da mais gramaticalizada. A categoria de verbo-suporte *tomar* especializou-se nas funções de verbalizar nomes e de focalizar a noção geral de atividade. A análise dos dados demonstra ser esse o caso no qual a forma linguística inovadora gramaticalizada *tomar vingança*, *tomar derrota* e *tomar banho* vem

predominando entre os falantes e ocupando a posição da forma com verbo pleno *vingar*, *derrotar* e *banhar-se*, como mostram os exemplos (166) a (171).

Português arcaico – Tomar vingança

(166) “E esto fazia elle por **tomar** delles **vyngãça**, por que alli fora morto el rei dõ Ramiro/sic, seu sogro” (CP-13:CIPM:CGEsp)

(167) “Como el rey Teuderigo evyou hûu seu filho e hûu caudel cõ elle pera **vingar** a morte del rey Allarigo O primeiro ãno do reynado de Aguysalaito, cõta a” (CP-13:CIPM:CGEsp)

Português moderno – Tomar conselho

(168) “Pelo que, vendo-se em tanto aperto e perplexidade, sem **tomar conselho**, tudo era romper em ais e gemidos, com que feriam o céu” (CP-16:Vieira:Cartas)

(169) “notícias do mundo, com que no particular pudera pregar desenganos, e no comum **aconselhar** conveniências.” (CP-16:Vieira:Cartas)

Português contemporâneo - Tomar banho

(170) “Todo mundo evitava **tomar banho** ao cair da tarde.” (CP-19:Fic:Br)

(171) “Os cabelos oleados, brilhantes, e o cheiro de quem tinha acabado de se **banhar**. Teve vontade. Já andava de olho nela fazia tempo.” (CP-19:Fic:Br)

O quarto princípio é o da persistência, que consiste na manutenção, por parte da forma em processo de gramaticalização, de alguns traços semânticos da forma fonte. O verbo *tomar*, ao pertencer à categoria de verbo-suporte, mantém características da sua forma fonte (verbo predicador pleno) sendo ainda interpretado como núcleo sintático da predicação. Como verbo ainda recebe as categorias de número, pessoa, tempo e modo verbais. Dessa maneira, vemos que o verbo-suporte, apesar de se diferenciar semanticamente da categoria de verbo pleno, conserva a propriedade de interferir na seleção de argumentos (ainda que partilhe essa função com o SN, e este seja o principal responsável por esse papel). É o que observamos nos exemplos (172) a (177).

Português arcaico

(172) “o bispo de Galiza, e de Sylpicio, o bispo de Gasconha; e **tomou os escriptos** dos cõçelhos de Tolledo e de dõ Jordam, chãceler do Santo Paaço” (CP-13:CIPM:CGEsp)

(173) “contra Carryom, onde o conde era, pera lhe fazer mal enna terra e **tomar penhora** por aquello que lhe o conde roubara ou pera lidar com elle, se” (CP-13:CIPM:CGEsp)

Português moderno

(174) “Pelejou com eles, **tomou quatro** e fez dar à costa a mór parte dos mais; e as bandeiras” (CP-16:Sousa: Anais)

(175) “Fernando de Vasconcelos, bispo que entao era de Lamego e capelao-mór del-rei, **tomou juramento** à ifante que cumpriria tudo o que à sua conta estava fazer pera bem” (CP-16:Sousa: Anais)

Português contemporâneo

(176) “Foi então, grave e digna, **tomar o braço de Mário.**” (CP-19Fic:Pt:Mário)

(177) “Vou **tomar as providências.**” (CP- 19:Fic:Br:Cabral:Xambioa)

O quinto princípio de Hopper é o da descategorização – por outros autores também chamado de “recategorização”. Podemos conceituá-lo como a passagem do item lexical para o estatuto de item gramatical, através da modificação de alguns processos morfossintáticos da passagem de uma para outra categoria, como a perda da tematização (seleção temática dos argumentos).

Com base na aplicação dos cinco princípios de Hopper (1991), parece haver forte evidência de que o verbo *tomar* encontra-se em percurso de gramaticalização. Partindo das análises de aplicação dos princípios de Hopper aos usos do verbo *tomar*, concluímos que a aplicabilidade desses princípios, que identifica processos de gramaticalização em estágios iniciais, mostrou-se consistente, evidenciando a realidade do processo de gramaticalização do verbo *tomar* na Língua Portuguesa nos períodos arcaico, moderno e contemporâneo.

6.8 Aspectos que podem interferir nos níveis de integração entre verbo-suporte e sintagma nominal

Comentamos, na seção 5.1, que a estrutura das construções com verbo-suporte consiste na presença de um verbo seguido de + SN/SP. Apresentaremos o modo como esses elementos se relacionam e o que pode interferir nos níveis de integração entre o verbo e o SN/SP. Analisamos os aspectos sintáticos dos argumentos para observar sua influência sob o processo de gramaticalização do verbo *tomar*. Os aspectos analisados são: possibilidade de mobilidade do SN, configuração sintática do elemento não-verbal, possibilidade de substituição do verbo, possibilidade de substituição do elemento não-verbal por outro semelhante e possibilidade de substituição da construção por uma forma simples cognata do nome.

A partir do levantamento das ocorrências e com base nos aspectos analisados e nos usos de *tomar* como verbo-suporte, elaboramos um roteiro para apresentação: 1) Mobilidade do elemento não-verbal (SN anteposto, SN posposto com possibilidade de anteposição, SN posposto sem possibilidade de anteposição); 2) Configuração sintática do elemento não-verbal (com inserção de elementos entre o verbo e o nome, sem inserção de elementos entre o verbo e o nome); 3) Substituição do verbo por outro de sentido equivalente (possibilidade de substituição do verbo por outro de sentido equivalente, impossibilidade de substituição do verbo por outro de sentido equivalente); 4) Substituição do elemento não-verbal por outro semelhante (possibilidade de substituição do elemento não-verbal, impossibilidade de substituição do elemento não-verbal); 5) Possibilidade de substituição da construção por uma forma simples cognata do nome (possibilidade de substituição da construção por uma forma simples cognata do nome, impossibilidade de substituição da construção por uma forma simples cognata do nome). Para melhor visualização dos aspectos investigados, apresentaremos os quadros com as frequências em cada período e, em seguida, exemplos de cada período.

1. Mobilidade do elemento não-verbal

A análise da mobilidade do elemento não-verbal tem por objetivo testar se é possível a mudança de posição do elemento não-verbal, sem que haja prejuízo quanto ao sentido da construção e se a posição do SN que se vincula ao verbo *tomar* é mais ou menos

fixa. O SN poderá ser encontrado anteposto ou posposto ao verbo e ainda posposto com a possibilidade de anteposição em algumas construções. Partimos das seguintes hipóteses: a) quanto mais lexical for a categoria do verbo (verbo pleno e verbo estendido), o SN estará sujeito a maior mobilidade, e quanto mais fixa, ou seja, com SN posposto e sem possibilidade de anteposição, mais o SN está vinculado a um verbo de categoria gramatical (particularmente, à categoria verbo-suporte); b) quando há a possibilidade de mobilidade do elemento não-verbal, a construção encontra-se num grau menor de integralização e, quando a mobilidade não é possível, a construção se enquadra num nível maior de integração.

Dentre as ocorrências analisadas em nosso *corpus*, verificamos que, na maioria das construções com verbo-suporte, o elemento não-verbal se posiciona à direita do verbo, mas com possibilidade de anteposição. Quanto à anteposição do SN, encontramos oito ocorrências em que o elemento não-verbal se posiciona à esquerda do verbo-suporte (doze ocorrências no período arcaico e duas ocorrências no período contemporâneo). Na tabela 16, constam os dados referentes à mobilidade do elemento não-verbal, que foram identificados em cada período considerado.

Tabela 16 - Mobilidade do elemento não-verbal

Aspectos sintáticos	Português arcaico		Português moderno		Português contemporâneo	
	Ocorrências	%	Ocorrências	%	Ocorrências	%
SN anteposto	1282	15	-	-	2/334	1
SN posposto com possibilidade de anteposição	6882	83	8498	86	280/334	83
SN posposto sem possibilidade de anteposição	282	2	1498	14	54/334	16

Vejamos alguns exemplos que mostram a mobilidade do elemento não-verbal.

a) SN anteposto

(178) “podiam elles muy ligeiramente fazer, ca nõ era homen ãna villa que **armas** podesse **tomar**, tanto eram despercebidos e os ãmiigos aguçosos de os matar” (CP-13:CIPM:CGEsp)

(179) “para poder, de cabeça serenada, melhor acomodar a questão, escolher que **providência tomar**.” (CP-19:Fic:Br:Dantas:Cartilha)

b) SN posposto com possibilidade de anteposição

(180) “ella foi entrada, os capitãães da hoste mandaron dizer a el rey que veesse **tomar a honrra** do castello.” (CP-13:CIPM:CGEsp)

(180a) ella foi entrada, os capitãães da hoste mandaron dizer a el rey que veesse **a honrra tomar** do castello.

(181) “despejado, porque há-de levar consigo tudo o que nele houver de homens que possam **tomar armas**.” (CP-16:Vieira:Cartas)

(181a) despejado, porque há-de levar consigo tudo o que nele houver de homens que possam **armas tomar**.

(182) “Tinha que **tomar uma decisão**.” (CP-19:Fic:Br:Cabral:Xambioa)

(182a) Tinha que **uma decisão tomar**.

c) SN posposto sem possibilidade de anteposição

(183) “E este mandou a todollos mouros **tomar parte** de quanto avyã e disselhes que o queria dar por amor de Deus aos” (CP-13:CIPM:CGEsp)

(183a) E este mandou a todollos mouros ***parte tomar** de quanto avyã e disselhes que o queria dar por amor de Deus aos

(184) “depois dela, se gastou todo o dia, de maneira que quando chegámos a **tomar porto** era quase ar pardo.” (16:Vieira:Cartas)

(184a) depois dela, se gastou todo o dia, de maneira que quando chegámos a ***porto tomar** era quase ar pardo.

(185) “porém, conquanto tenha pequenas mesas, meia dúzia, próprias para ler e **tomar notas**, duas cadeiras de balanço e duas espécies de divãs (CP – 19:Fic; Br: Barreto)

(185a) porém, conquanto tenha pequenas mesas, meia dúzia, próprias para ler e ***notas tomar**, duas cadeiras de balanço e duas espécies de divãs

Observe que a anteposição dos sintagmas nominais, em (183a), (184a) e (185a) altera o significado da construção.

2. Configuração sintática do elemento não-verbal

Esse critério verifica a presença ou ausência de elementos entre o verbo e o N, nas construções *tomar* + *SN* e se a natureza destes interfere no grau de integração entre V e N e na gramaticalização de *tomar*⁸⁰. A hipótese indica que, quanto mais determinado esse elemento for, menor será o grau de integração. Dentre as ocorrências analisadas em nosso *corpus*, verificamos que a maioria das construções com verbo-suporte admitem inserção de elementos. Na tabela 17, constam os dados referentes à presença de elemento entre verbo-suporte e N, que foram identificados em cada período considerado.

Tabela 17 – Presença de elemento entre verbo-suporte e N

Aspectos sintáticos	Português arcaico		Português moderno		Português contemporâneo	
	Ocorrências	%	Ocorrências	%	Ocorrências	%
Com inserção de elementos entre Vsup e N	3682	44%	4998	50%	136334	41%
Sem inserção de elementos entre Vsup e N	4682	56%	4998	50%	198334	59%

Vejamos alguns exemplos que mostram a configuração sintática do elemento não-verbal (a presença e a ausência de elemento entre verbo-suporte e nome).

a) Com inserção de elemento entre Vsup e N

⁸⁰ Na seção 6.4, identificamos as estruturas que se formam com o verbo-suporte *tomar* nos períodos selecionados.

(186) “E, depois que o ouve soterrado, **tomou muy grande poder** de gentes e guaanhou per força hũa terra e, por amor” (CP-13:CIPM:CGEsp)

(187) “Mas nem a política nem a fé romana havia de **tomar semelhante resolução**.” (CP-6:Vieira:Cartas)

(188) “A camuflagem pode **tomar várias formas**: imitação da cor de fundo (a maioria dos animais que habita)” (CP-19:Ac:Pt:Enc)

b) Sem inserção de elemento entre Vsup e N

(189) “fossem allo e que lhe levassem o Cide bem preso, ca elle queria delle **tomar vyngãça** do grãde mal que avya feito ã sua terra. Os dous reis fizeram” (CP-13:CIPM:CGEsp)

(189a) fossem allo e que lhe levassem o Cide bem preso, ca elle queria delle **tomar grande vyngãça** do grãde mal que avya feito ã sua terra. Os dous reis fizeram

(190) “os demais mui corruptos e viciados, delatando os mesmos erros para que se pudesse **tomar conhecimento** da causa.” (CP-16:Vieira:Cartas)

(190a) os demais mui corruptos e viciados, delatando os mesmos erros para que se pudesse **tomar algum conhecimento** da causa.

(191) “imperioso criar um sistema de informações que permita a sociedade **tomar decisões** sobre rumos e políticas para o novo mundo do trabalho.” (CP-19:N:Br: Cur)

(191a) “imperioso criar um sistema de informações que permita a sociedade **tomar (muitas + várias + tantas) decisões** sobre rumos e políticas para o novo mundo do trabalho.” (CP-19:N:Br: Cur)

Os dados expostos nos exemplo (186) a (188) mostram uma construção com inserção de elemento e, nos exemplos (189), (190) e (191), mostram uma construção sem inserção de elemento. No entanto, a possibilidade de inserção de elemento lexical entre *tomar* e o nome é possível, fazendo com que o componente não-verbal sofra modificação, tal como em (189a), (190a) e (191a).

As expressões cristalizadas tendem a não aceitar a inserção de elementos em sua construção. Se isso ocorrer, temos o comprometimento do significado da expressão.

(192) “no entanto, que é catastrofista a o ponto de afirmar que Lula sequer conseguirá **tomar posse**” (19N;Br:Folha)

(192a) “no entanto, que é catastrofista a o ponto de afirmar que Lula sequer conseguirá **tomar** (*bastante + *muita) **posse**”

Notamos que é perfeitamente possível inserir os itens lexicais *logo* e *de imediato* em determinadas expressões, sem causar nenhuma perda para o significado da expressão cristalizada.

(193) “As ameaças podem existir, mas o importante é não **tomar partido**, ser imparcial e não atender exigências de parentes de réus,” [*tomar partido* = colocar-se ao lado de] (CP-19:N:Br).

(193a) “As ameaças podem existir, mas o importante é não **tomar (logo + de imediato) partido**, ser imparcial e não atender exigências de parentes de réus,

Portanto, dependendo da natureza do material inserido, essa inserção é perfeitamente possível e não causa nenhuma perda para o significado da expressão cristalizada. A ocorrência do advérbio *logo* não desfez a fixidez da expressão *tomar partido*. Note que a inserção de um elemento que determine ou modifique o nome provoca mudança agramatical, já a inserção do advérbio ou locução adverbial, estes se ligam à expressão como um todo e não à parte dela.

3. Substituição do verbo por outro com sentido próximo

Esse critério verifica a possibilidade de substituição do verbo *tomar* por outro de sentido equivalente. Partimos da hipótese de que as construções com verbo-suporte apresentam alto índice de substituição e quando há a possibilidade de substituição do verbo por outro de sentido próximo, a construção encontra-se num grau menor de integralização e, quando não é possível nenhuma substituição, a construção se enquadra num nível maior de integração. Dentre as ocorrências analisadas em nosso *corpus*, verificamos que a maioria das construções com verbo-suporte nos períodos arcaico (65%) e contemporâneo (65%) admitem a substituição do verbo por outro de sentido equivalente. No período moderno, apenas 37% das construções com verbo-suporte admitem substituição do verbo. Logo, percebemos que as construções dos períodos arcaico e contemporâneo encontram-se em menor grau de gramaticalização em relação às construções do período moderno. Na tabela 18, constam os

dados referentes à substituição do verbo por outro com sentido próximo, que foram identificados em cada período considerado.

Tabela 18 - Substituição do verbo por outro com sentido próximo

Aspectos sintáticos	Português arcaico		Português moderno		Português contemporâneo	
	Ocorrências	%	Ocorrências	%	Ocorrências	%
Possibilidade de substituição do verbo por outro de sentido equivalente	52/82	65%	32/98	37%	218/334	65%
Impossibilidade de substituição do verbo por outro de sentido equivalente	28/82	35%	66/98	63%	116/334	35%

Vejamos alguns exemplos que mostram a possibilidade e a impossibilidade de substituição do verbo por outro de sentido próximo.

a) Possibilidade de substituição do verbo por outro de sentido próximo

(194) “E o filho **tomou seu conselho** do padre e fez muy ben sua fazêda.” (CP-13:CIPM:CGEsp)

(194a) E o filho **recebeu/ouviu seu conselho** do padre e fez muy ben sua fazêda.

(195) “os demais mui corruptos e viciados, delatando os mesmos erros para que se pudesse **tomar conhecimento** da causa.” (CP-16:Vieira:Cartas)

(195a) os demais mui corruptos e viciados, delatando os mesmos erros para que se pudesse **ter conhecimento** da causa.

(196) “a quota de a CGD, pouco evoluiu desde então, se se **tomar em consideração** os valores acumulados com o Banco de Investimento Imobiliário BII, participado por o BCP” (CP-19:N:Pt:Público)

(196a) a quota de a CGD, pouco evoluiu desde então, se se **ter em consideração** os valores acumulados com o Banco de Investimento Imobiliário BII, participado por o BCP

Os exemplos (194a), (195a) e (196a) mostram que as construções “tomar conselho”, “tomar conhecimento” e “tomar em consideração” podem ser alteradas, respectivamente por “ouvir conselho”, “ter conhecimento” e “ter em consideração”

b) Impossibilidade de substituição do verbo por outro de sentido próximo

(197) “E, depois que elle foy tal que pode **tomar armas**, nõ sabia dona Juno nem hũu feyto grande nõ perigoso a que o “

(197a) E, depois que elle foy tal que pode ? **armas**, nõ sabia dona Juno nem hũu feyto grande nõ perigoso a que o

(198) “e que mande V. M. **tomar conta** de todas as que nesta ocasião se puderam salvar. e se queriam converter” (CP-6:Vieira:Cartas)

(198a) e que mande V. M. ? **conta** de todas as que nesta ocasião se puderam salvar. e se queriam converter

(199) “desregrado e tortuoso nõ há regente pra abonar ou punir as nossas faltas, ou **tomar nota** das caridades que porventura fizemos.” (CP-19Fic:Br:Dantas:Cartilha)

(199a) “desregrado e tortuoso nõ há regente pra abonar ou punir as nossas faltas, ou ? **nota** das caridades que porventura fizemos.” (CP-19Fic:Br:Dantas:Cartilha)

Nos exemplos (197a), (198a) e (199a), parece não ser possível substituir o verbo *tomar* por outro de sentido próximo.

Nas expressões cristalizadas, a fixidez impede que se faça uma substituição do verbo por outro verbo sem desfazer o sentido da expressão, como ilustram as ocorrências a seguir:

(200) “As ameaças podem existir, mas o importante é não **tomar partido**, ser imparcial e não atender exigências de parentes de réus ”, (CP- 19NBR:Recf)

(200a) As ameaças podem existir, mas o importante é não (***ter** + ***levar**) **partido**, ser imparcial e não atender exigências de parentes de réus

(201) “Eleito, não devia **tomar posse**.” (CP -19N;Br:Folha)

(201a) Eleito, não devia (***ter** + ***assumir**) **posse**.

Tanto a expressão *tomar partido* como *tomar posse* não aceitam a substituição do verbo “tomar”. Isso acontece porque, em (200), o verbo *tomar* junta-se ao substantivo *partido*

para formar uma expressão com um novo sentido, que é “ser a favor de algo ou alguém”. Da mesma forma, se substituirmos o verbo *tomar*, na construção *tomar posse*, como na frase (201a), tem-se a perda de seu sentido, que é *assumir cargo ou função*. A impossibilidade de substituição dos verbos, em (200a) e (201a), confirma que essas construções são expressões cristalizadas.

4. Substituição do elemento não-verbal por outro semelhante

Esse critério verifica a possibilidade de substituição do elemento não-verbal por um elemento sinônimo, sem que haja perda do significado e tem como objetivo identificar as construções mais integradas. A hipótese é que, quando há a possibilidade de substituição do elemento não-verbal por outro semelhante, a construção encontra-se num grau menor de integração e, quando não é possível nenhuma substituição, a construção se enquadra num nível maior de integração. Dentre as ocorrências analisadas em nosso *corpus*, verificamos que a maioria das construções com verbo-suporte no período arcaico (68%) admitem a substituição do elemento não-verbal por outro semelhante. No período moderno e contemporâneo, apenas 43% e 36%, respectivamente, das construções com verbo-suporte admitem substituição do elemento não-verbal. Logo, percebemos que as construções do período arcaico se encontram em menor grau de gramaticalização em relação às construções do período moderno e contemporâneo. Na tabela 19, constam os dados referentes à substituição do elemento não-verbal por outro semelhante, que foram identificados em cada período considerado.

Tabela 19 - Substituição do elemento não-verbal por outro semelhante

Aspectos sintáticos	Português arcaico		Português moderno		Português contemporâneo	
	Ocorrência	%	Ocorrências	%	Ocorrência	%
Possibilidade de substituição do elemento não-verbal por outro semelhante	5482	68%	4298	43%	120334	36%
Impossibilidade de substituição do elemento não-verbal por outro semelhante	2682	32%	5698	57%	214334	64%

Vejamos alguns exemplos que mostram a possibilidade e a impossibilidade de substituição do elemento não-verbal por outro semelhante.

a) Possibilidade de substituição do elemento não-verbal por outro semelhante

(202) “Mas, cõ medo d'Almançor, ouve de **tomar** em sy **esforço**”
(13:CIPM:CGEsp)

(202a) Mas, cõ medo d'Almançor, ouve de **tomar** em sy **empenho/vigor**.

(203) “Pelo que, vendo-se em tanto aperto e perplexidade, sem **tomar conselho**, tudo era romper em ais e gemidos, com que feriam o céu” (CP-16:Vieira:Cartas)

(203a) Pelo que, vendo-se em tanto aperto e perplexidade, sem **tomar opinião**, tudo era romper em ais e gemidos, com que feriam o céu

(204) “Havia quem garantisse que estava prestes a ser nomeado um procurador imperial para **tomar o comando** da ofensiva.” (CP- 19Fic:Pt:Carvalho:Deus)

(204a) Havia quem garantisse que estava prestes a ser nomeado um procurador imperial para **tomar a liderança** da ofensiva.

b) Impossibilidade de substituição do elemento não-verbal por outro semelhante

(205) “querendo Deus **tomar vendita** dos pecados deste luxurioso Vetiza con todollos d'Espanha que seguiron as maldades suas e” (CP-13:CIPM:CGEsp)

(205a) querendo Deus **tomar ?** dos pecados deste luxurioso Vetiza con todollos d'Espanha que seguiron as maldades suas e

(206) “despejado, porque há-de levar consigo tudo o que nele houver de homens que possam **tomar armas**.” (CP- 16:Vieira:Cartas)

(206a) despejado, porque há-de levar consigo tudo o que nele houver de homens que possam **tomar ?**

(207) “de que o átomo seria a menor unidade de uma espécie de elemento que poderia **tomar parte** numa reacção química.” (CP-19:Fic:Pt:Redol:Fanga)

(207a) de que o átomo seria a menor unidade de uma espécie de elemento que poderia **tomar ?** numa reacção química.

Nos exemplos (202) e (204), existe a possibilidade de substituição do elemento não-verbal *esforço* por *empenho*, *conselho* por *opinião*. Em (204), o termo *comando* pode ser trocado pelo SN *liderança* ou algo que signifique controle, sem que a construção sofra alteração de sentido. O mesmo não ocorre com os exemplos (205) a (207). As construções *tomar vendita*, *tomar armas*, *tomar parte* não admitem substituição do elemento não-verbal sem que haja prejuízo do significado.

5. Possibilidade de substituição da construção por uma forma simples cognata

Esse critério verifica a possibilidade de substituição da construção por uma forma simples cognata do nome e correspondência semântica com outros verbos. Adotamos esse critério como determinante para avaliar o grau de integração entre os elementos da construção. A hipótese é que, quando há a possibilidade de substituição da construção por uma forma simples cognata do nome, a construção encontra-se num grau menor de integralização e, quando não é possível nenhuma substituição ou quando não existe uma correspondência por uma forma cognata, a construção se enquadra num nível maior de integração.

Dentre as ocorrências analisadas em nosso *corpus*, verificamos que a maioria das construções com verbo-suporte no período arcaico (82%) admitem a substituição da construção por uma forma simples cognata do nome. No período moderno e contemporâneo, 63% e 50%, respectivamente, das construções com verbo-suporte admitem substituição da construção. Logo, percebemos que as construções do período arcaico se encontram em menor grau de gramaticalização em relação às construções do período moderno e contemporâneo. Na tabela 20, constam os dados referentes à possibilidade de substituição da construção com verbo-suporte por uma forma simples cognata do nome, que foram identificados em cada período considerado.

Tabela 20 - Possibilidade de substituição da construção com verbo-suporte por uma forma simples cognata do nome

Aspectos sintáticos	Português arcaico		Português moderno		Português contemporâneo	
	Ocorrência	%	Ocorrência	%	Ocorrência	%
Possibilidade de substituição da construção por uma forma simples cognata do nome	66/82	82%	62/98	63%	168/334	50%
Impossibilidade de substituição da construção por uma forma simples cognata do nome	14/82	18%	36/98	37%	166/334	50%

Vejamos alguns exemplos que mostram a possibilidade e a impossibilidade de substituição da construção com verbo-suporte por uma forma simples cognata do nome.

a) Possibilidade de substituição da construção por uma forma simples cognata do nome

(208) “E a rainha, temendosse do que depois aveo, fezlhe **tomar juramento** que verdadeiramente fosse amigo del rey e lhe fosse leal vassallo e que sempre” (CP-13:CIPM:CGEsp)

(208a) E a rainha, temendosse do que depois aveo, fezlhe **jurar** que verdadeiramente fosse amigo del rey e lhe fosse leal vassallo e que sempre”

(209) “traziam a Bragança os mercadores de Castela, de cuja verdade ou engano se pode **tomar nova confirmação**, ou para crer o que os outros crêem, ou para suspeitar” (CP-16:Vieira:Cartas)

(209a) traziam a Bragança os mercadores de Castela, de cuja verdade ou engano se pode **confirmar**, ou para crer o que os outros crêem, ou para suspeitar

(210) “tem sido uma surpresa permanente reconhecer e **tomar contacto** com as potencialidades que existem nos portugueses e luso-descendentes espalhados pelo Mundo” (CP-19:N:Pt:Jornal)

(210a) tem sido uma surpresa permanente reconhecer e **contactar** com as potencialidades que existem nos portugueses e luso-descendentes espalhados pelo Mundo

b) Impossibilidade de substituição da construção por uma forma simples cognata do nome

(211) “El rey Teuderigo ño lho quis sofrer e ouvelhe por ello grã desamor e **tomou** logo con elle **grande ãmiizade**.” (CP-13:CIPM:CGEsp)

(211a) El rey Teuderigo ño lho quis sofrer e ouvelhe por ello grã desamor e ? logo con elle.

(212) “que V. S.^a breve e efectivamente se sirva responder-me, para que eu possa **tomar as medidas** à minha vida. Se S. A, ou no Reino ou” (CP- 16:Vieira:Cartas)

(212a) “que V. S.^a breve e efectivamente se sirva responder-me, para que eu possa ? à minha vida. Se S. A, ou no Reino ou”

(213) “que se viram envolvidas em algum tipo de situação violenta sempre estarão mais propensas a **tomar a iniciativa** de responder a um estímulo de esses.” (CP-19N;Br:Folha)

(213a) que se viram envolvidas em algum tipo de situação violenta sempre estarão mais propensas a ? de responder a um estímulo de esses.

Nos exemplos (208) a (210), as construções com verbo-suporte “tomar juramento”, “tomar confirmação” e “tomar contacto” podem ser alteradas por “jurar”, “confirmar” e “contactar”, mostrando a possibilidade de substituição da construção por uma forma verbal cognata do nome. Nos exemplos (211a), (212a) e (213a), não é possível substituir a construção V + SN por um verbo cognato simples.

A seguir, veremos os seis graus de integração entre os elementos da construção com verbo *tomar*.

6.9 Graus de integração

Uma análise qualitativa do *corpus* mostra que as estruturas com o verbo *tomar* reúnem construções cujos componentes (verbo-suporte + elemento não-verbal) apresentam diferentes graus de integração. Muitos pesquisadores utilizaram estratégias para medir a integração entre o verbo e o elemento não-verbal, tais como Machado Vieira (2001), Esteves (2008), Paz e Silva (2009) e Araújo (2010). Nossa pesquisa considera válida essa estratégia, visto que a descrição de cada um dos níveis mostrará que o verbo *tomar*, na categoria de verbo-suporte, faz parte tanto de estruturas menos integradas quanto de estruturas mais

integradas, descartando-se a hipótese de que o verbo-suporte somente aparece em construções prototípicas, com altos níveis de integração.

A partir dos aspectos analisados na seção anterior e em Araújo (2010), elaboramos cinco níveis de integração, evidenciados num *continuum* dos menos aos mais integrados, de acordo com o quadro abaixo.

Quadro 33 - Graus de integração que envolvem as construções com verbo-suporte *tomar*

Graus de integração que envolvem as construções com verbo-suporte <i>tomar</i>				
Construções menos integradas				Construções mais integradas
1	2	3	4	5

a) Nível de integração 1

Quadro 34 - Descrição das características do Nível de integração 1[-integradas]

1. Mobilidade do elemento não-verbal: posposto ao verbo-suporte com possibilidade de anteposição;
2. Configuração sintática do elemento não-verbal: nome determinado ou com possibilidade de inserção de elementos mais determinados.
3. Possibilidade de substituição do verbo;
4. Possibilidade de substituição do elemento não-verbal por outro semelhante;
5. Possibilidade de substituição da construção por uma forma simples cognata do nome.

TOMAR A DECISÃO

(214) “O parlamento pode **tomar a decisão** em a próxima sessão, que acontece hoje ou amanhã.” (CP-19N:Br:Folha)

TOMAR O CONSELHO

(215) “Faço conta de **tomar o conselho** daquela pessoa que Vossa Mercê sabe, e ter algumas horas de oração” (CP-16:Chagas:Cartas)

Observamos que o primeiro nível de integração reúne casos em que há possibilidade do elemento não-verbal ser determinado (**a** decisão, **o** conselho) ou é possível a inserção de elementos mais determinados (**toda a** decisão, **bons** conselhos); há ainda a possibilidade de substituição do verbo (**buscar** a decisão, **ouvir** o conselho); o SN pode ser substituído por outro elemento não-verbal (tomar **a resolução**, tomar a **opinião**) e é possível substituir a construção por uma forma simples cognata do nome (**decidir**, **aconselhar**). Quanto à mobilidade do elemento não-verbal, embora seja gramaticalmente possível, não é comum a mobilidade desse item à direita do verbo (**a decisão** tomar, **o conselho** tomar).

b) Nível de integração 2

Quadro 35 - Descrição das características do Nível de integração 2 [- integradas]

1. Mobilidade do elemento não-verbal: posposto ao verbo-suporte e com possibilidade de anteposição;
2. Configuração sintática do elemento não verbal: nome determinado ou com possibilidade de inserção de elementos mais determinados;
3. Possibilidade de substituição do verbo;
4. <u>Impossibilidade de substituição do elemento não-verbal por outro semelhante</u>
5. Possibilidade substituição da construção por uma forma simples cognata do nome.

A diferença entre o nível de integração 2 em relação ao nível anterior é a impossibilidade de substituição do elemento não-verbal por outro semelhante. Nesse nível, há possibilidade de inserção de intensificadores (muito/bastante), possibilidade de substituição do verbo e possibilidade de substituição da construção por uma forma simples cognata do nome.

TOMAR AS ARMAS

(216) “Juntamente se espalharam novas que Lisboa ficava amotinada, e o povo a ponto de **tomar as armas** em defesa da Fé, e outras cousas ainda maiores a este tom”

TOMAR CONSCIÊNCIA

(217) “em que pretende provar que S. A. pode e deve resistir, e **tomar sobre sua consciência** os encargos desta que outros doutores de mais própria profissão chamam manifesta” (CP-16:Vieira:Cartas)

A partir dos exemplos (216) e (217), é possível observar que o segundo nível de integração reúne casos em que há possibilidade do elemento não-verbal ser determinado (**as** armas) ou é possível a inserção de elementos mais determinados (tomar **várias** armas, tomar **sua** consciência); há ainda a possibilidade de substituição do verbo (**ter** as armas, **ter** sua consciência) e é possível substituir a construção por uma forma simples cognata (**armar-se**, **conscientizar-se**); diferentemente do grau 1, não é possível substituir o elemento não verbal por outro item semelhante (tomar armas = tomar ?; tomar consciência = tomar ?. Quanto à mobilidade do elemento não-verbal, embora seja gramaticalmente possível, também não é comum a mobilidade desse item à direita do verbo (**armas** tomou, **consciência** tomou).

c) Nível de integração 3

Quadro 36 - Descrição das características do Nível de integração 3 [- integradas]

1. Mobilidade do elemento não-verbal: posposto ao verbo-suporte e com possibilidade de anteposição;
2. Configuração sintática do elemento não-verbal: nome não determinado ou com possibilidade de inserção de elementos mais determinados;
3. Possibilidade de substituição do verbo;
4. Possibilidade de substituição do elemento não-verbal por outro semelhante
5. (Im)possibilidade substituição da construção por uma forma simples cognata.

A diferença entre o nível de integração 3 em relação ao nível anterior é a configuração sintática do elemento não-verbal. Nesse nível, há possibilidade de inserção de intensificadores (muito/bastante), possibilidade de substituição do verbo, possibilidade de substituição do elemento não-verbal por outro semelhante e possibilidade de substituição da construção por uma forma simples cognata.

TOMAR BANHO

(218) “A maioria de os jogadores saiu de o estádio sem **tomar banho**, com o uniforme usado em a partida.” (CP-19N: Br:Folha)

A partir do exemplo (218), é possível observar que o terceiro nível de integração reúne casos em que há possibilidade do elemento não-verbal ser determinado (**o** banho) ou ser possível a inserção de elementos mais determinados (tomar **demorado** banho); há ainda a possibilidade de substituição do verbo (**sofrer** um banho, **levar** um banho) e é possível

substituir a construção por uma forma simples cognata (**banhar-se**); diferentemente do grau 1, não é possível substituir o elemento-não verbal por outro item semelhante (tomar banho = tomar ?). Quanto à mobilidade do elemento não verbal, embora seja gramaticalmente possível, também não é comum a mobilidade desse item à direita do verbo (**banho** tomou).

e) Nível de integração 4

Quadro 37 – Descrição das características do Nível de integração 4 [- integradas]

1. Mobilidade do elemento não-verbal: posposto ao verbo-suporte e com possibilidade de anteposição;
2. Configuração sintática do elemento não verbal: nome não determinado ou determinado com possibilidade de inserção de elementos menos determinados ou sem possibilidade;
3. <u>Impossibilidade</u> de substituição do verbo;
4. <u>Impossibilidade</u> de substituição do elemento não-verbal;
5. Possibilidade de substituição da construção por uma forma simples cognata;

A diferença entre o nível de integração 4 em relação ao nível anterior é a impossibilidade de substituição do verbo por outro de sentido semelhante. Nesse nível, há possibilidade de inserção de intensificadores (muito/bastante) e possibilidade de substituição da construção por uma forma simples cognata.

TOMAR NOTA

(219) “desregrado e tortuoso não há regente pra abonar ou punir as nossas faltas, ou **tomar nota** das caridades que porventura fizemos.” (CP-19Fic:Br:Dantas:Cartilha)

A partir do exemplo (219), é possível observar que o quarto nível de integração reúne casos em que há possibilidade de o elemento não-verbal ser determinado (tomar **as** notas) ou é possível a inserção de elementos menos determinados (tomar **muitas** notas), não é possível substituir o elemento não-verbal por outro item semelhante (tomar ?) e é possível substituir a construção por uma forma simples cognata (**tomar notas = anotar**); diferentemente do grau 2, não há a possibilidade de substituição do verbo (? notas). Quanto à mobilidade do elemento não-verbal, não é possível a mobilidade desse item à esquerda do verbo (***notas tomar**).

e) Nível de integração 5

Quadro 38 – Descrição das características do Nível de integração 5 [+ integradas]

1. Mobilidade do elemento não-verbal: posposto ao verbo-suporte e com possibilidade de anteposição;
2. Configuração sintática do elemento não verbal: nome não determinado ou determinado com possibilidade de inserção de elementos menos determinados ou sem possibilidade;
3. Possibilidade de substituição do verbo;
3. Possibilidade de substituição do elemento não-verbal;
4. <u>Im</u> possibilidade de substituição da construção por uma forma simples cognata.

As diferenças entre o nível de integração 5 em relação ao nível anterior são: (a) a possibilidade de substituição do elemento não-verbal por outro semelhante e (b) impossibilidade de substituição da construção por uma forma simples cognata. Nesse nível há possibilidade de inserção de intensificadores (muito/bastante), possibilidade de substituição do verbo, possibilidade de substituição do elemento não-verbal. Esse nível reúne construções com o maior grau de integração entre os elementos e apresenta maior rigidez formal.

TOMAR AMOR

(220) “E o dragon **tomou tal amor** con elle que, de quãto caçava, de todo lhe ally tragia” (CP-13:CIPM:CGEsp)

TOMAR LIÇÕES

(221) “Sotomaior, como antigo discípulo de V. R. ma, de quem pude **tomar lições**, e me aproveitou muito com seu fervor e exemplo.” (CP-16:Vieira:Cartas)

TOMAR GOL

(222) “As lojas de sobremesas vieram fazer este trabalho. nbr-fol-6252## Preocupado em não **tomar gols**, o técnico de Camarões pôs o lateral Tataw em a marcação de Bebeto” (19N;Br:Folha)

TOMAR AMIZADE

(223) “El rey Teuderigo ñ lho quis sofrer e ouvelhe por ello grã desamor e **tomou** logo con elle **grande ãmiizade**.” (CP-13:CIPM:CGEsp)

Observamos que o quinto nível de integração reúne casos em que há possibilidade de o elemento não-verbal ser determinado (**as** lições, **os** gols,) e é possível a inserção de elementos modificadores ou quantificadores (**tal** amor, **muitas** lições, **belos** gols, **grande** amizade); há possibilidade de substituição do verbo (**sentir** amor, **ter** lições, **sofrer/levar** gols, **sentir** grande amizade); diferentemente do grau 4, o SN pode ser substituído por outro elemento não verbal (tomar amor = tomar **afeto**, tomar lições = tomar **ensinamentos**, tomar gols = tomar **goleada**, tomar amizade = tomar **afeto**) e não é possível a substituição da construção por uma forma simples cognata . Quanto à mobilidade do elemento não-verbal, observamos que a estrutura tem SN após *tomar*, não permitindo a mobilidade desse item à esquerda do verbo (**afeto** tomar, **lições**, tomar, **gols** tomar, **amizade** tomar).

Nesta pesquisa, vimos que as construções com verbos-suporte envolvem elementos que se combinam e resultam na construção de um significado novo, visto que os papéis semântico e sintático dos constituintes *verbo* e *sintagma nominal* são alterados em um fenômeno de gramaticalização. Essas construções são uma alternativa ao emprego de um verbo pleno correspondente, por exemplo, *tomar decisão* no lugar de *decidir*, e revelam-se versáteis morfossintaticamente, podendo apresentar modificações variadas, a exemplo de *tomou gol / tomou um golaço / tomou um golzinho* ou *tomar benção / tomar uma benção especial*. As construções com *verbo-suporte* + *substantivo* podem garantir a melhor adequação comunicativa, como por exemplo, a escolha pela ocorrência *tomar o poder*, em detrimento de *apoderar-se*. Esses exemplos mostram o uso de construções que atendem melhor às necessidades da comunicação. Outro ganho comunicativo seria o alcance de maior precisão semântica, por exemplo *tomar conhecimento* – processo dinâmico, em oposição a *conhecer* – estado).

Considerando que as funções do emprego de uma construção com verbo-suporte podem estar relacionadas a uma necessidade de informação, de adequação sócio-comunicativa e de versatilidade sintática, ou discursivo-textual (cf. NEVES, 1996), analisamos o *corpus* e observamos que tais construções podem possibilitar:

a) a intensificação ou qualificação de um nome em vez da intensificação/qualificação da ação;

(224) “traziam a Bragança os mercadores de Castela, de cuja verdade ou engano se pode **tomar nova confirmação**, ou para crer o que os outros crêm, ou para suspeitar” (CP-16:Vieira:Cartas)

(225) “Endividado, também não tem capacidade de **tomar novos financiamentos** junto a as instituições internacionais.” (CP-19N: Br:Folha)

b) a restrição do nome e relativização do próprio SN por uma oração que contém o verbo funcional;

(226) “Cordeiro relaciona ainda **alguns cuidados** que o candidato deve **tomar**, como dar um telefone com o nome de alguém que possa receber recados,”

b) a pluralização do nome que se associa ao verbo-suporte atribuindo ao predicado um valor reiterativo do evento;

(227) “Segundo Gordon, o então presidente brasileiro sempre o recebeu sozinho e jamais **tomou notas** de as conversas que tinham. Nunca achei que ele fosse comunista nem que” (CP-19 N: Br: Folha)

6.10 Síntese conclusiva

Neste capítulo, procedemos à análise do verbo *tomar* no português escrito, nos séculos XIV, XVII e XX do português europeu, e nos séculos XVII e XX, do português brasileiro, retirados do *Corpus do Português*, de Davies e Ferreira (2006). Para isso, dividimos este capítulo em nove seções: (i) análise dos usos do verbo *tomar* no século XIV, (ii) análise dos usos do verbo *tomar* no século XVII, (iii) análise dos usos do verbo *tomar* no século XX, (iv) distribuição dos dados por variedade nacional, (v) tipos de estrutura com verbo-suporte, (vi) análise comparativa das frequências totais, (vii) analisando os usos de *tomar* com base nos princípios de Hopper (1991) e (viii) aspectos que podem interferir os níveis de integração entre verbo-suporte e sintagma nominal e (ix) graus de integração.

A análise dos usos do verbo *tomar* no século XIV mostra que, de 348 dados, 34% são de uso de “tomar” como verbo pleno; 39% de verbo estendido, 24% de verbo-suporte e 4% de expressão cristalizada. Nesse período, os usos lexicais (73%) se sobrepõem aos usos gramaticais (24%). Os 73% referentes aos usos lexicais resultam do somatório de verbos plenos e verbos estendidos. A ocorrência de 24% de construções com verbo-suporte demonstra que essa forma verbal já apresentava essa funcionalidade; no entanto, trata-se de

um estágio inicial do processo, visto que a ocorrência da forma lexical (73%) é superior à da forma gramatical (24%).

A análise dos usos do verbo *tomar* no século XVII mostra que, de 310 dados, 12% são de uso do verbo pleno; 36% de verbo estendido; 32% de verbo-suporte e 20% de expressão cristalizada. Nesse período, os usos lexicais (48%) se sobrepõem aos usos gramaticais (32%). Os 48% referentes aos usos lexicais resultam do somatório de verbos plenos e verbos estendidos. Comparando a análise dos séculos XIV e XVII, percebemos que o processo de gramaticalização de *tomar* se expandiu no período moderno da língua em relação ao período arcaico, quando se registrou um percentual de 34% de verbo pleno e 24% de verbo-suporte.

A análise dos usos do verbo *tomar* no século XX mostra que, de 570 dados, 2% são de uso o verbo pleno; 27% de verbo estendido; 59% de verbo-suporte e 12% de expressão cristalizada. Nesse período, os usos lexicais (29%) se sobrepõem aos usos gramaticais (59%). Os 29% referentes aos usos lexicais resultam do somatório de verbos plenos e verbos estendidos. Comparando a análise dos séculos XVII e XX, percebemos que o processo de gramaticalização de *tomar* se expandiu no período contemporâneo da língua em relação ao período moderno, quando se registrou um percentual de 12% de verbo pleno e 32% de verbo-suporte.

A distribuição dos dados por variedade nacional mostra que, tanto nos textos do português do Brasil quanto nos do português de Portugal, os índices de uso das construções com verbo *tomar* são bem próximos. Quanto aos tipos de estruturas com verbo-suporte distinguimos construções com as seguintes estruturas: (i) *tomar* + [Ø]N, (ii) *tomar* + [um/uma]N, (iii) *tomar* + [o(s)/a(s)]N, (iv) *tomar* + [pronome]N, (v) *tomar* + [qualificador/quantificador]N. A análise comparativa das frequências totais mostra uma expansão do processo de gramaticalização do verbo *tomar* ao longo dos períodos. Mediante os resultados obtidos nessa análise submetemos o verbo *tomar* aos princípios de Hopper (1991). Nas duas últimas seções, analisamos os aspectos que podem interferir nos níveis de integração entre verbo-suporte e sintagma nominal e uma análise dos graus de integração.

7. CONCLUSÃO

Desenvolvemos esta pesquisa com os objetivos gerais de descrever e analisar os usos do verbo *tomar* nos séculos XIV (português arcaico), XVII (português moderno) e XX (português contemporâneo) e verificar o percurso de gramaticalização desse verbo. Esta investigação nos permitiu chegar a resultados interessantes, que estão relacionados com os pressupostos teóricos do Funcionalismo, visto que essa teoria contribui para uma percepção mais ampla acerca do fenômeno linguístico, ao privilegiar a atividade linguística real e autêntica, com textos produzidos em situações cotidianas em que surgem novas alternativas para as demandas comunicativas. As necessidades de expressão refletem positivamente na língua, já que motivam o surgimento de estruturas que se adequam à comunicação.

A partir da análise do comportamento dos usos de *tomar* nos *corpora* constituídos, podemos delinear uma cadeia de gramaticalização que tem em um de seus extremos a categoria de verbo pleno e no outro extremo, a de verbo suporte. Como verbo pleno, “tomar” registra a acepção de “pegar”, “segurar”, por exemplo: *tomar as rendas*. Como verbo estendido, apresenta expansão de sentido e registra diversas acepções, a saber: seguir, beber, ouvir, fazer, decidir, ocupar, ter, dar, assistir, influenciar, sentir, confiscar, assumir, pedir, considerar, resolver, levar, atingir. Como expressão cristalizada, “tomar” registra sentidos que não é o literal, visto que todos os elementos da predicação funcionam como um todo e não é possível ocorrer qualquer fragmentação, por exemplo: *tomar pé*. Como verbo-suporte, a força semântica da predicação concentra-se no substantivo do SN, por exemplo, *tomar conhecimento* (= conhecer). O verbo-suporte, *tomar* sofre um esvaziamento semântico e compõe um significado global junto com o seu complemento direto, nem sempre correspondente ao significado que tem um outro verbo da língua. Na medida em que é vazio de sentido, o verbo-suporte veicula valores de natureza gramatical, contribui com pouca ou nenhuma informação para a frase, porque pode reduzir-se sem que o conteúdo global da frase se altere, já que o sentido da informação veiculada se concentra no nome.

Para a determinação das construções com verbo-suporte e diferenciação das construções com verbo-suporte das expressões cristalizadas, aplicamos os testes propostos por Radford (1988) e adaptados por Neves (2002). Esses testes revelam que o elemento nominal que forma a construção com verbo-suporte é um SN, que concentra o sentido da informação veiculada, enquanto o elemento nominal da expressão cristalizada forma um todo indissolúvel. Além disso, levamos em consideração a proposta de Hopper (1991) dos

princípios de gramaticalização que dizem respeito a estágios iniciais do processo, úteis para flagrar estágios ainda não consolidados desse processo (estratificação, divergência, especialização, persistência e decategorização). Observamos que todos os princípios de Hopper (1991) podem ser aplicados aos casos de *tomar* em construção com verbo-suporte. Destacamos os seguintes resultados em relação ao uso do verbo *tomar*, tendo em vista as hipóteses propostas.

Os dados computados nos três períodos linguísticos revelam que a frequência da forma plena sofreu redução, de 34% no período arcaico passou para 12% no período moderno e 3% no período contemporâneo e aumento da frequência da forma gramatical, que teve seus usos ampliados de 24% no período arcaico, para 35% no período moderno e 59% no período contemporâneo. Assim, considerando-se o critério da frequência das formas lexicais e gramaticais, é lícito afirmar que o verbo *tomar* passou por um processo de gramaticalização, por meio do qual itens e construções lexicais tornam-se gramaticais. Os dados indicam que esse processo ocorreu desde o período arcaico e se difundiu ao longo dos períodos moderno e contemporâneo.

O estudo das construções com verbos-suporte e nomes predicativos representa um fenômeno linguístico de grande importância e de alta produtividade. Ao retomarmos as diversas definições e características apontadas para as construções com verbo-suporte, foi-nos possível, conforme alega Ranchhod (s/d), comprovar que, de fato, as construções com verbo-suporte são um patrimônio da língua portuguesa, pois seu emprego já era bastante frequente no português arcaico.

Por meio de uma análise qualitativa do *corpus*, vimos que as estruturas com *tomar* reúnem construções cujos componentes (verbo-suporte + elemento não-verbal) apresentam seis graus de integração. A descrição de cada um desses níveis (com os parâmetros definidos na análise e os exemplos extraídos dos *corpora*) explicitou que o verbo *tomar*, na categoria de verbo-suporte, pode fazer parte tanto de estruturas mais integradas quanto de estruturas menos integradas, conforme essas construções se aproximam ou se distanciam do protótipo de uma construção com verbo-suporte.

Recorremos aos princípios apontados por Hopper (1991), que propôs cinco princípios que auxiliam o pesquisador a reconhecer o processo de gramaticalização, mesmo que em estágios iniciais de mudança. Esses princípios se manifestam nos dados do verbo *tomar* e confirmam a hipótese de que ocorre um processo de gramaticalização. A estratificação permitiu reconhecer que os dois usos do verbo *tomar*, o verbo pleno e o verbo-suporte, competiam em um mesmo *corpus*.

O uso de determinantes (artigos indefinido/ definido) ou a ausência deles evidencia sua relevância para a organização da estrutura, contribuindo, para a semântica como um todo. Analisamos algumas construções de acordo o contexto, observando que são distintas do ponto de vista semântico.

Os resultados, em geral, revelam a opção preferencial pelo uso de *tomar* como verbo-suporte em vez de verbo pleno. Podemos admitir uma mudança em curso: o verbo-suporte substituindo o verbo pleno. A mudança parece ser determinada por fatores que impulsionam a escolha de construções com verbo-suporte, tendo em vista uma comunicação mais eficiente. Acreditamos que a formação e escolha, no discurso, das construções com verbo-suporte correlacionam-se às necessidades comunicativas. Além de possibilitar a codificação de um significado particular, que não é alcançada com uma forma verbal simples, a opção por uma construção com verbo-suporte permite, entre outras coisas, variar a forma textual, prescindir-se do complemento do verbo e obter efeitos discursivos ou pragmáticos particulares.

Os resultados aqui apontados se baseiam unicamente no *corpus* de Davies e Ferreira (2006). Acreditamos, entretanto, que essa pesquisa contribuiu para ampliar o estudo das construções com verbo-suporte *tomar* através dos séculos XIV, XVII e XX.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Juliana Georgia Gonçalves de. *As construções com o verbo botar: aspectos relativos à gramaticalização*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010.

ADAM, Jean-Michel. *Les textes: typeset prototypes. Récit, description, argumentation, explication et dialogue*. Paris: Nathan Université, Série Linguistique, 1992.

AMARAL, Botelho Vasco. *Glossário crítico de dificuldades do idioma português*. Porto: Simões Lopes, 1947.

_____. *Grande dicionário de dificuldades e sutilezas do idioma português*. Lisboa, 2012.

ARRUDA, Lígia Maria de Melo. *Contribuição para o estudo das nominalizações com o verbo suporte ter*. Dissertação (Mestrado em Linguística Portuguesa). Universidade de Lisboa, 1987.

ASSIS, K. L. P. de. *Dar/Fazer/Ter queixa: queixar-se? A alternância entre construções perifrásticas e verbos plenos correspondentes*. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

BAKHTIN, Michael. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992 [1953].

BAPTISTA, Jorge. *Sintaxe dos nomes predicativos construídos com o verbo-suporte SER DE*. Tese (Doutorado). Universidade do Algarve, 2001.

BASILIO, Margarida. *Teoria lexical*. 7ª. ed. São Paulo: Ática, 2004.

BATES, E. & MACWHINNEY, B. A Functionalist Approach to the Acquisition of Grammar. In: R. DIRVEN & V. FRIED (eds.). *Functionalism in Linguistics*. Amsterdam/Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 1987, p. 209-263).

BATORÉO, Hanna Jakubowicz. *Deslexicalização no esquema imagético da deslocação: exemplo da construção “TOMAR e V”*. In: *Contribuição para caracterização da interface Expressão Linguística-Cognição Espacial no Português Europeu*. Abordagem Psicolinguística

da Expressão do Espaço em Narrativas Provocadas, Dissertação de Doutorado, FLUL, Lisboa, 1996.

BECHARA, Evanildo. Gramática Funcional: natureza, funções e tarefas. In: M. H. M. N.(org.). Descrição do Português II. Publicação do Curso de Pós-Graduação e Língua Portuguesa, Ano V, n.1, UNESP-Campus Araraquara, 1991.

_____. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.

BIDERMAN, Maria Tereza. *Unidades Complexas do Léxico*. p. 747-757. Disponível em: [http:// ler.letras.up.pt](http://ler.letras.up.pt) Acesso em: 15 jul.2013.

BLUTEAU, Raphael. *Vocabulário português & latino*. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 1712.

BORBA, Francisco da Silva. *Dicionário Gramatical de verbos do português contemporâneo do Brasil*. São Paulo: UNESP, 1990.

_____. *Uma gramática de valências para o português*. São Paulo: Ática, 1996.

_____. *Dicionário de usos do Português do Brasil*. São Paulo: Ática, 2002.

BRINTON, L. J e TRAUGOTT, E. *Lexicalization and Language Change*. Cambridge: Cambridge University Press. 2005. 207 pp. Paperback.

BRITO, A. M. e OLIVEIRA, F. 1997. Nominalization, aspect and argument structure. In: G. Matos (Ed.). *Interfaces in linguistic theory*. Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística, Edições Colibri, 57-80.

BUSSE, Winfried. *Dicionário sintático de verbos portugueses*. Coimbra: Almedina, 1994.

BUTLER, C. S. *Functionalist approaches to language*. In: _____ Structure and function: a guide to three major structural - functional theories. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2003, p. 01-31.

BYBEE, J. *Mechanisms of Change in Grammaticalization: the Role of Frequency*. In: JANDA, R.; BRIAN, J. (orgs.) *Handbook of Historical Linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003.

BYBEE, Joan & HOPPER, Paul. *Introduction to frequency and the emergence of linguistic structure*. In: BYBEE, Joan & HOPPER, Paul (eds). *Frequency and the emergence of linguistic structure*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2001.

CALDAS AULETE. *Dicionário contemporâneo da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Delta, 1958.

CASTILHO, Ataliba de. *A gramaticalização*. Estudos Linguísticos e Literários 19: p. 25-63, 1997.

_____. *Nova gramática do português brasileiro*. 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2010.

CHACOTO, Lucilia. *Predicados nominais com fazer no português medieval*. In: Actas do XII Encontro da Associação Portuguesa de Linguística. Colibri: Lisboa, 1997.

_____. *O verbo fazer em construções nominais predicativas*. Tese (Doutorado). Universidade do Algarve, 2005.

COSTA, Sérgio Roberto. *Dicionário de gêneros textuais*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

COUTINHO, I. L. *Gramática Histórica*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 2005.

CUNHA, A. G. *Vocabulário Histórico-cronológico do Português Medieval*. Casa Rui Barbosa, 1997.

CUNHA, C. e CINTRA, L. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

DALADIER, A. *Problèmes d'analyse d'un type de nominalization em français et de certains groupes nominaux complexes*. Paris: LADL. Thèse de 3ème cycle.

DAVIES, Mark e FERREIRA, Michael J.. *Corpus do português*. 2006. Disponível em <http://www.corpusdoportuguês.org>.

DIAS, Augusto Epiphano da Silva. *Syntaxe histórica portuguesa*. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1970.

DILLINGER, M. *Forma e função na linguística*. DELTA, v.7, n.1, 1991, p. 395-407.

DUARTE, I. *Verbos leves*. In: M. H. Mateus et al. Gramática da Língua Portuguesa. Lisboa: Caminho, 2003.

DUARTE, Inês, Anabela Gonçalves e Matilde Miguel. *Verbos leves com nomes deverbais em português europeu*. In: *Textos seleccionados do XXI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa: APL, 2006, p. 315 – 328

_____. *Propriedades predicativas dos verbos leves dar, ter e fazer: estrutura argumental e eventiva*. Centro de Linguística da Universidade de Lisboa (CLUL), 2006. Disponível em: [Http://www.clul.ul.pt](http://www.clul.ul.pt). Acesso em: 15 de outubro de 2012.

DIK, Simon C.. *Functional grammar*. Cinnaminson. USA: Foris, 1978.

_____. *Some Principles of Functional Grammar*. In: R. DIRVEN & V. FRIED (eds.). *Functionalism in Linguistics*. Amsterdam/Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 1987, p.81-100.

DUBOIS, Jean et al. *Dicionário de Linguística*. São Paulo: Cultrix, 1973.

_____. *The Discourse Basis of Ergativity*. *Language*, v. 63, p. 805-855, 1987.

ESTEVES, G. A. T. *Construções com DAR + Sintagma Nominal: a gramaticalização desse verbo e a alternância entre perífrases verbo-nominais e predicadores simples*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2008.

FERREIRA, Ediene Pena. *Gramaticalização e auxiliaridade: um estudo pancrônico do verbo chegar*. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007.

FORTUNATO, I. V. *Análise da estrutura argumental do verbo “chegar” em construções com verbo-suporte*. *Domínio de Linguagem*, Ano 3, n° 1 – 1° Semestre 2009.

FOX, B. *Figure-ground in language: a study of several topic continuity devices in Chamorro*. *Glossa*, p. 149-180, 1982.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; OLIVEIRA, M.R.; MARTELOTTA, M. (org.). *Linguística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

FURTADO DA CUNHA, M. A. Funcionalismo. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (Org.). *Manual de linguística*. São Paulo, Contexto, 2009, p. 157-176.

GIVON, Talmy. *Functionalism and grammar*. Amsterdam /Philadelphia, John Benja inmis Punblishing Company, 1995.

GROSS, M. *Les verbs supports d' adjectifs et le passif*. Langages 121, 1996, p.8-18.

HALLIDAY, M. A. K. *An introduction to functional grammar* Baltimore Edward Arnold,1985.

HEINE, Bernd; CLAUDI, Ulrike. e HÜNNEMEYER, Friederike. *Grammaticalization: a conceptual framework*.Chicago: University of Chicago Press, 1991.

HOPPER, Paul. J. *Emergent Grammar*. Berkely Linguistic Society, v.13, 1987.p.139-157.

_____. *On Some Principles of Grammaticization*. In: TRAUGOTT, E. C. e HEINE, B. (eds.) *Approaches to grammaticalization*, vol 1. Amsterdam: Jhn Benjamins Publishing Company, 1991.

_____.; e TRAUGOTT, E. C. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

ILARI, R. e BASSO, R. *O português da gente: a língua que estudamos a língua que falamos*. Contexto: São Paulo, 2009.

KOCH, Ingedore G. Villaça. *Gramática do Português Falado*. Campinas: Editora Unicamp, 2002.

LAKOFF, G. e JOHNSON, M.. *Metáforas da vida cotidiana*. Campinas: Mercado das Letras, 2002.

LANGACKER, Ronald W. *A linguagem e a sua estrutura*. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1972.

LEHMANN, Christian. *Trougths on grammaticalizantion: a programmatic sketch*. Colônia: Arbeiten des Kölner Universalien Projetics 48, 1982.

MACHADO VIEIRA, S. M. *Sintaxe e semântica de predicacões com verbo fazer*. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001.

MARTELOTTA, Mário. *Mudança Linguística*. Uma abordagem baseada no uso. São Paulo: Cortez, 2011.

MARTINET, A. *Qu'est-ce que La linguistique fonctionnelle?* ALFA, v.38, 1994, p.11-18.

_____; VOTRE, S.; CEZARIO, M. M. (orgs.). *Gramaticalização no Português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

_____; AREAS, E. K. A visão funcionalista da linguagem no século XX. In: CUNHA, M. OLIVEIRA, M.; MARTELOTTA, M. (org.) *Linguística Funcional: teoria e pratica*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p.29-56.

MATEUS, Maria Helena Mira et al. *Gramática da Língua Portuguesa*. 7ª ed. Editorial Caminho: Lisboa, 2003.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *O português arcaico: morfologia e sintaxe*. São Paulo: Contexto, 1993.

_____. *Estruturas trecentistas: elementos para uma gramática do português arcaico*. Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1989. (Estudos Gerais Série Universitária).

MEILLET, Antoine. *Linguistique historique et linguistique générale*. Paris: Champion, 1912.

MICHAELLIS. *Moderno dicionário da língua portuguesa*. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1998.

NASCIMENTO, M. do. *Teoria gramatical e mecanismos funcionais do uso da língua*. Revista DELTA, 6, 1, p.83-98.

NEVES, M. H. M. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. *Gramática de usos do português*. São Paulo: UNESP, 2000.

_____. A delimitação das unidades lexicais: o caso das construções com verbos-suporte. In: *A gramática: história, teoria e análise, ensino*. UNESP. São Paulo, 2002.

_____. *Texto e gramática*. São Paulo: Contexto, 2006.

NICHOLS, J. *Functional theories of Grammar*. *Annual Review of Anthropology*. v.13, 1984, p. 97-117.

ORTEGA, Fernanda Érica. *A estrutura argumental preferida (EAP) em diversas sincronias do português: um exercício de análise do verbo-suporte tomar no português arcaico*. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Estadual de Maringá, 2010.

PANTE, M. R. *O verbo tomar como suporte no português arcaico*. *Revista estudos da Linguagem*, v.13, n° 24, p.161-175, 2012.

PAZ e SILVA, Leila Vasti. *Predicações com o verbo levar: aspectos relativos à multifuncionalidade e gramaticalização*. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

RANCHHOD, Elisabete Marques. *Construções nominais com verbo-suporte estar: nominalizações e nomes autônomos*. Tese (Doutorado) - Universidade de Lisboa, 1998.

_____. *Construções com nomes predicativos da Crônica Geral de Espanha de 1344*. In: *Homenagem ao homem, ao mestre e ao cidadão*. Org. Isabel Hub Faria. Edições Cosmos: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1999.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática normativa da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.

SAID ALI. *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. 7a ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1971.

_____(s/d). *Gramática Secundária da Língua Portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos.

SCHER, A. P. *As construções com o verbo Leve Dar e Nominalizações em –ada no Português do Brasil*. Tese (Doutorado em Letras). UNICAMP, Campinas, São Paulo, 2004.

SANTOS, Elisângela Santana. *A polissemia do verbo “tomar” ao longo da história da língua portuguesa: um estudo à luz da lingüística cognitiva*. Tese (Doutorado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011.

SILVA, Antonio Moraes. *Diccionario da lingua portuguesa*. Lisboa: Typographia Lacerdina, 1789.

SILVA, Hilda Monetto Flores da. Verbo-suporte ou expressões lexicalizadas? *Revista Soletras*, UERJ, Ano IX, nº 17, 2009.

TAYLOR, J. R. *Linguistic categorization: prototypes in linguistic theory*. 2.d. Oxford: Calderon Press, 1995.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. A gramaticalização de verbos. In: HENRIQUES, Cláudio Cezar (Org.). *Linguagem, conhecimento e aplicação – Estudos de língua e lingüística*. Rio de Janeiro: Editora Europa, 2003a: 306-321.

VALE, O. A. *Expressões cristalizadas do português do Brasil: uma proposta de tipologia*. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2001.

VAZA, Aldina Carço. *Estruturas com nomes predicativos e o verbo suporte dar*. Tese (Doutorado) – Universidade de Lisboa, 1988.

VILELA, Mário. *Gramática da língua portuguesa*. 2ª ed. Livraria Almedina – Coimbra, 1999.

_____ e BUSSE, Winfried. *Gramática de Valências*. Coimbra: Livraria Almedina, 1986.

VOTRE, S. & NARO, A. *Mecanismos funcionais do uso da língua*. *Revista DELTA*, 5, 2, p.169-184.

XATARA, C. M. *A tradução para o português das expressões idiomáticas em francês*. Araraquara. Tese (Doutorado). Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, 1998.

_____; RIVA, H. C.; RIOS, T. H. C. *As dificuldades na tradução de idiomatismos*. Cadernos de Tradução, Florianópolis, NUT, 2002 v. 8, p. 183-194.